MARIE LU

AUTORA DA TRILOGIA LEGEND

BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*



# ESTRELA DA MEIA-NOITE

SÉRIE JOVENS DE ELITE

ROCCO
JOVENS LEITORES

MARIE LU



# ESTRELA DA MEIA-NOITE

TRADUÇÃO
RACHEL AGAVINO

ROCCO
JOVENS LEITORES

*Para aqueles que, apesar de tudo,*
*ainda escolhem o bem*

"Eu a vi uma vez.

Ela passou por nossa aldeia, por campos cheios de soldados mortos após suas forças derrotarem a nação de Dumor. Seus outros Jovens de Elite vieram em seguida e depois fileiras de Inquisidores vestidos de branco, empunhando as bandeiras brancas e prateadas da Loba Branca. Aonde quer que fossem, o céu escurecia e o chão rachava – as nuvens se agrupavam atrás do exército como uma criatura viva, preta e trovejando com fúria. Como se a própria deusa da Morte tivesse vindo.

Ela parou e olhou para um de nossos soldados agonizantes. Ele tremeu no chão, mas seu olhar se manteve nela. Ele cuspiu alguma coisa nela. Ela apenas o encarou de volta. Não sei o que ele viu em sua expressão, mas seus músculos enrijeceram, as pernas se debateram contra a terra enquanto tentava, em vão, se afastar. Então o homem começou a gritar. Um som de que nunca me esquecerei enquanto viver. Ela acenou para o Criador da Chuva, e ele desceu do cavalo para cravar uma espada no soldado agonizante. O rosto dela em nada mudou. Ela simplesmente seguiu em frente.

Nunca mais a vi. Mas, mesmo agora, que estou velho, eu ainda me lembro dela, claramente, como se estivesse aqui de pé na minha frente. Ela era a personificação da frieza. Houve uma época em que a escuridão cobriu o mundo, e a escuridão tinha uma rainha."

*– Relato de uma testemunha sobre o cerco da Rainha Adelina à nação de Dumor Aldeia de Pon-de-Terre*
*28 Marzien*, 1402

Tarannen, Dumor

# As Terras do Mar

Moritas foi presa no Submundo pelos outros deuses. Mas Amare, o deus do Amor, mostrou compaixão pela jovem deusa de coração sombrio. Ele lhe trouxe presentes do mundo dos vivos, raios de sol guardados em cestas, chuva fresca em jarras de vidro. Amare se apaixonou – como fazia com frequência – por Moritas, e suas visitas resultaram no nascimento de Formidite e Caldora.

- Uma Exploração de Mitos Antigos e Modernos, *por Mordove Senia*

# Adelina Amouteru

Eu tive o mesmo pesadelo o mês inteiro. Toda noite, sem falhas.

Estou dormindo em meus aposentos reais no palácio de Estenzian quando um rangido me acorda. Sento na cama e olho ao redor. Chuva bate nos vidros das janelas. Violetta dorme ao meu lado – ela foi, silenciosamente, aos meus aposentos para fugir dos trovões e, sob os cobertores, seu corpo está enrolado ao meu lado. De novo, ouço o rangido. A porta do meu quarto está encostada, mas começa a se abrir devagar. Do outro lado da porta surge algo horrível, uma escuridão cheia de presas e garras, algo que nunca vejo, mas sei que está sempre ali. As sedas que uso se tornam frias, insuportáveis, parece que estou mergulhada até o pescoço no mar de inverno, e não consigo parar de tremer. Sacudo Violetta, mas ela não se mexe.

Então pulo da cama e corro para fechar a porta, e não consigo – o que quer que esteja do outro lado é muito forte. Viro-me para minha irmã.

– Me ajude! – chamo desesperadamente. Ela ainda não se mexe, e percebo que não está dormindo. Está morta.

Acordo assustada, na mesma cama e nos mesmos aposentos, com Violetta dormindo ao meu lado. *Foi só um pesadelo*, digo a mim mesma. Deito ali por um momento, tremendo. Então ouço aquele rangido, e vejo que a porta está começando a se abrir mais uma vez. Novamente, pulo da cama e corro para fechá-la, gritando por Violetta. Mais uma vez, percebo que minha irmã está morta. Mais uma vez, acordo com um pulo na cama e vejo a porta se abrindo.

Vou acordar cem vezes, perdida na loucura desse pesadelo, até que a luz do sol que atravessa minhas janelas finalmente queime a cena. Mesmo assim, horas depois, ainda não consigo ter certeza de que não estou mais no sonho.

Tenho medo de que, certa noite, eu não acorde mais. Serei condenada a correr para aquela porta repetidamente, fugindo de um pesadelo em que estou sempre, para sempre, perdida.

Um ano atrás, teria sido minha irmã, Violetta, cavalgando ao meu lado. Hoje, é Sergio e minha Inquisição. Eles são o mesmo exército implacável, de túnica branca, que Kenettra sempre conheceu – exceto, é claro, que agora servem a mim. Quando olho para trás, tudo o que vejo é um rio branco, seus mantos imaculados contrastando com o céu sombrio. Eu me viro na sela e volto a olhar para as casas queimadas pelas quais passamos.

Estou diferente de quando assumi o trono. Meu cabelo está comprido outra vez, prateado como uma folha ondulante de metal, e já não uso máscaras ou ilusões para esconder o lado marcado do meu rosto. Em vez disso, meu cabelo está preso em um coque trançado com joias. Minha capa longa e escura ondula atrás de mim e desce pelas ancas de meu cavalo. Meu rosto está completamente exposto.

Quero que as pessoas de Dumor vejam sua nova rainha.

Finalmente, quando passamos por uma praça do templo abandonada, encontro quem estou procurando. Magiano tinha me deixado com o restante das minhas tropas de Kenettra logo depois de entrarmos na cidade de Tarannen, sem dúvida para vagar por aí em busca de tesouros largados em casas abandonadas pelos cidadãos que fugiram. É um hábito que ele adquiriu pouco depois de eu me tornar rainha, quando voltei pela primeira vez minha atenção para os estados e nações ao redor de Kenettra.

À medida que nos aproximamos, ele cavalga pela praça vazia e diminui o passo do seu cavalo até trotar ao meu lado. Sergio lhe lança um olhar aborrecido, embora não diga nada. Magiano apenas pisca de volta. Suas tranças compridas hoje estão amarradas no alto de sua cabeça, sua confusão de roupas descombinadas substituídas por um peitoral de ouro e uma capa pesada. Sua armadura é ornamentada, salpicada de pedras preciosas, e algum desavisado poderia supor, à primeira vista, que *ele* era o governante aqui. As pupilas de seus olhos parecem fendas, e sua expressão é preguiçosa sob o sol do meio-dia. Carrega um sortido de instrumentos musicais pendurado em seus ombros. Alforjes se sacodem nos flancos do seu cavalo.

– Vocês estão todos magníficos esta manhã! – grita ele alegremente para meus Inquisidores. Eles apenas inclinam a cabeça à sua chegada. Todo mundo sabe que mostrar abertamente qualquer desrespeito por Magiano significa morte

instantânea em minhas mãos.

Levanto uma sobrancelha.

– Caça ao tesouro?

Ele dá um aceno provocativo.

– Levei toda a manhã para cobrir um distrito desta cidade – responde, a voz indiferente, os dedos deslizando distraidamente pelas cordas de um alaúde amarrado na sua frente. Mesmo este pequeno gesto soa como um acorde perfeito. – Teríamos que passar semanas aqui para eu poder coletar todos os objetos de valor deixados para trás. Olhe para isto. Nunca vi um trabalho tão fino em Merroutas. Você já?

Ele aproxima seu cavalo. Agora vejo, envolto em um pano na frente de sua sela, cachos de plantas. Cardo amarelo. Margaridas azuis. Uma raiz negra pequena e retorcida. Reconheço as plantas imediatamente e contenho um pequeno sorriso. Sem dizer uma palavra, solto o cantil do lado da minha sela e o entrego a Magiano, para que os outros não vejam. Apenas Sergio percebe, mas ele desvia o olhar e bebe avidamente a água de sua própria garrafa. Sergio tem se queixado de sede há semanas.

– Você dormiu mal ontem à noite – murmura Magiano enquanto começa a trabalhar, esmagando as plantas e as misturando em minha água.

Essa manhã tive o cuidado de tecer uma ilusão sobre minhas olheiras. Mas Magiano sempre sabe quando tenho pesadelos.

– Vou dormir melhor hoje à noite, depois disso. – Indico a bebida que ele está preparando para mim.

– Encontrei um pouco de raiz negra – diz ele, me entregando de volta o cantil. – Ela cresce como erva daninha aqui em Dumor. Você deve tomar outra esta noite, se quiser manter as… Bem, *elas* afastadas.

As vozes. Eu as ouço constantemente agora. Sua tagarelice soa como uma nuvem de ruído bem atrás das minhas orelhas, sempre presente, nunca em silêncio. Elas sussurram para mim quando acordo pela manhã e quando vou para a cama. Às vezes, o que falam não faz sentido. Outras vezes, me contam histórias violentas. Neste momento, estão zombando de mim.

*Que bonitinho*, elas zombam enquanto Magiano puxa o cavalo um pouco para

longe e volta a tocar seu alaúde. *Ele não gosta muito de nós, não é? Sempre tentando nos manter longe de você. Mas você não quer que nos afastemos, não é, Adelina? Somos parte de você, nascemos em sua mente. E por que um rapaz tão doce amaria você, afinal de contas? Você não vê? Ele está tentando mudar quem você é. Exatamente como sua irmã.*

*Você ao menos se lembra dela?*

Trinco os dentes e tomo um pouco do meu tônico. As ervas são amargas em minha língua, mas recebo bem o gosto. Eu devo parecer uma rainha invasora hoje. Não posso me dar ao luxo de perder o controle das minhas ilusões na frente de meus novos súditos. Imediatamente, sinto as ervas entrando em ação – as vozes são abafadas, como se fossem empurradas bem para trás – e o resto do mundo entra em foco.

Magiano toca outro acorde.

– Tenho pensado, mi Adelinetta – continua ele, de seu modo usual, alegre –, que coletei muitos alaúdes, bugigangas e essas deliciosas moedinhas de safira. – Ele faz uma pausa para se virar na sela e pegar um pouco de ouro de um de seus pesados farnéis novos. Ele segura algumas moedas com pequenas joias azuis incrustadas no centro, cada uma equivalente a dez talentos de ouro kenettranos.

Eu rio dele e, atrás de nós, vários Inquisidores se surpreendem com o som. Só Magiano consegue me deixar alegre assim tão facilmente.

– O que foi? O grande príncipe dos ladrões de repente está sobrecarregado por riquezas *demais*?

Ele dá de ombros.

– O que vou fazer com cinquenta alaúdes e dez mil moedas de safira? Se eu usar mais ouro, vou cair do cavalo. – Então baixa um pouco a voz: – Eu estava pensando que você poderia usá-las para fazer caridade com seus novos cidadãos. Não precisa ser muito. Algumas moedas de safira para cada, alguns punhados de ouro de seus cofres. Eles estão transbordando, especialmente depois de Merroutas se render a você.

Meu bom humor instantaneamente azeda, e as vozes em minha cabeça começam. *Ele está dizendo para você comprar a lealdade de seus novos cidadãos. O amor pode ser comprado, você não sabia disso? Afinal, você comprou o amor de Magiano. Essa é a única razão pela qual ele ainda está aqui com você. Não é?*

Tomo outro gole do meu cantil e as vozes desaparecem um pouco outra vez.

– Você quer que eu demonstre gentileza a esses dumorianos.

– Acho que isso poderia reduzir a frequência dos ataques contra você, sim. – Magiano para de tocar o alaúde. – Houve o assassino em Merroutas. Então, quando suas forças puseram os pés em Domacca, vimos a formação daquele grupo rebelde… os Saccoristas, não é?

– Eles nunca chegaram a uma légua de mim.

– Mesmo assim, mataram vários de seus Inquisidores no meio da noite, incendiaram suas tendas, roubaram suas armas. E você não os encontrou. E o incidente no norte de Tamoura, depois de você ter conquistado aquele território?

– A qual incidente você está se referindo? – pergunto, minha voz ficando cortante e fria. – O intruso esperando na minha tenda? A explosão a bordo do meu navio? O menino marcado morto deixado na beira dos nossos acampamentos?

– Esses também – responde Magiano, acenando com a mão no ar. – Mas eu estava pensando em quando você ignorou as cartas da realeza tamourana, a Tríade de Ouro. Eles lhe ofereceram uma trégua, mi Adelinetta. A faixa norte do território deles em troca da libertação de seus prisioneiros e a devolução das terras agrícolas perto do rio principal. Eles propuseram um negócio muito generoso. E você enviou o embaixador deles de volta com sua insígnia encharcada do sangue dos soldados mortos deles. – Ele me lançou um olhar aguçado. – Eu me lembro de ter sugerido algo mais sutil.

Balanço a cabeça. Nós já discutimos isso, quando cheguei a Tamoura, e não vou debater o assunto outra vez.

– Eu não estou aqui para fazer amigos. Nossas forças conquistaram seus territórios do norte, independentemente de suas propostas. E agora vou tomar o restante de Tamoura.

– Sim, à custa de um terço do seu exército. O que acontecerá quando você tentar dominar o que restar de Tamoura? Quando os beldaínos a atacarem de novo? A rainha Maeve está de olho em você, tenho certeza. – Ele respira fundo. – Adelina, você é a rainha das Terras do Mar agora. Você anexou Domacca e o norte de Tamoura às Terras do Sol. Em algum momento, seu objetivo terá que ser

manter a ordem nos territórios que *tem*, não conquistar mais territórios. E você não vai conseguir isso mandando seus Inquisidores arrastarem civis sem marcas para as ruas e os marcarem com um ferro quente.

– Você me acha cruel.

– Não. – Magiano hesita por um longo momento. – Talvez um pouco.

– Não estou os marcando porque sou *cruel* – digo calmamente. – Estou fazendo isso como um lembrete do que eles fizeram *conosco*. Com os marcados. Você se esquece muito rápido.

– Eu nunca me esqueço – responde Magiano. Desta vez, seu tom está ligeiramente ríspido. Sua mão paira ao lado de seu corpo onde sua ferida de infância ainda o atormenta. – Mas marcar os não marcados com seu emblema não os fará mais leais a você.

– Faz com que tenham medo de mim.

– O medo funciona melhor com um pouco de amor – diz Magiano. – Mostre a eles que você pode ser aterrorizante, mas generosa. – As faixas de ouro em suas tranças tilintam. – Deixe as pessoas a amarem um pouco, mi Adelinetta.

Minha primeira reação é amargura. Sempre o *amor* com este ladrão insuportável. Devo parecer forte para controlar meu exército, e a ideia de distribuir ouro às pessoas que antes queimaram os marcados na fogueira me enoja.

Mas o argumento de Magiano faz sentido.

Do meu outro lado, Sergio, meu Criador da Chuva, cavalga sem fazer comentários. Sua pele está pálida e parece que ele ainda não se recuperou completamente do resfriado que pegou há várias semanas. Mas, apesar de seu silêncio e do modo como enrola o manto em seus ombros mesmo neste clima ameno, ele tenta não mostrar.

Eu desvio o olhar de Magiano sem dizer nada. Ele olha para frente também, mas um sorriso brinca nos cantos de seus lábios. Ele sabe que estou considerando sua sugestão. Como ele lê meus pensamentos tão bem? Isso me irrita ainda mais. Pelo menos estou grata por ele não mencionar Violetta, por não confirmar em voz alta por que estou fazendo meus Inquisidores arrastarem os não marcados para as ruas. Ele sabe que é porque estou procurando. Procurando por *ela*.

*Por que você ainda quer encontrá-la?* Os sussurros me provocam. *Por quê? Por quê?*

É uma pergunta que eles repetem sem parar. E minha resposta é sempre a mesma. *Porque sou eu que decido quando ela pode ir embora. Não ela.*

Mas não importa quantas vezes eu responda aos sussurros, eles continuam perguntando, porque não acreditam em mim.

Chegamos aos distritos internos de Tarannen agora e, embora pareça deserto, os olhos de Sergio se focam nos edifícios que cercam a praça principal. Ultimamente, os insurgentes conhecidos como Saccoristas – derivado da palavra domaccana para anarquia – têm atacado nossas tropas em várias ocasiões. Isso o levou a uma busca constante pelos rebeldes escondidos.

Um alto arco conduz à praça principal, com suas pedras gravadas com uma elaborada cadeia de luas e suas diversas formas, crescentes e minguantes. Passo debaixo do arco com Sergio e Magiano, então paro diante de um mar de prisioneiros dumorianos. Meu cavalo pisoteia o chão, impaciente. Sento-me mais reta e levanto o queixo, me recusando a mostrar minha exaustão.

Nenhum desses dumorianos aqui é marcado, é claro. Os que estão acorrentados são os que não têm marca nenhuma, o tipo de pessoa que costumava jogar comida podre em mim e entoar o coro pedindo minha morte. Levanto uma das mãos para Sergio e Magiano; eles guiam seus garanhões para longe de mim, posicionando-se nas extremidades da praça, de frente para o povo.

Meus Inquisidores também se espalham. Nossos prisioneiros recuam ao nos ver, seus olhares hesitantes fixos em mim. Está tão silencioso que, se eu fechasse os olhos, poderia fingir que estou sozinha nesta praça. Ainda assim, posso sentir a nuvem de terror que os cobre, ondas de sua relutância e incerteza batendo contra meus ossos. Os sussurros em minha cabeça se agitam como cobras famintas diante de ratinhos correndo, ansiosos para se alimentar do medo.

Incito meu garanhão a dar vários passos à frente. Meu olhar se desloca do povo para os telhados da praça. Mesmo agora, eu me pego procurando instintivamente por um sinal de Enzo, agachado lá em cima como costumava ficar. A ligação entre nós, a amarra que o liga a mim e eu a ele, se tensiona, como se de algum lugar nos mares ele soubesse que Dumor se curvou ao meu exército. Bom. Espero que sinta meu triunfo.

Minha atenção se volta para os prisioneiros.

– Povo de Dumor – minha voz soa através da praça –, eu sou a rainha Adelina Amouteru. Eu sou a *sua* rainha agora. – Meu olhar vai de uma pessoa para outra. – Vocês todos são parte de Kenettra e podem se considerar cidadãos kenettranos. Orgulhem-se, pois pertencem a uma nação que em breve governará todas as outras. Nosso império continua a crescer, e vocês podem crescer com ele. Deste dia em diante, vocês devem obedecer a todas as leis de Kenettra. Chamar uma pessoa marcada de *malfetto* é punível com a morte. Qualquer abuso, assédio ou maus-tratos a uma pessoa marcada, por qualquer motivo, trará não apenas a sua própria execução, mas a de toda a sua família. Saibam disto: os marcados foram marcados pelas mãos dos deuses. Eles são seus mestres e são intocáveis. Em troca de sua lealdade, cada um de vocês receberá um presente de cinco safftons dumorianos e cinquenta talentos de ouro kenettranos.

As pessoas murmuram, ligeiramente surpresas, e, quando olho para o lado, vejo Magiano me olhar com apreciação.

Sergio salta do cavalo e avança com uma pequena equipe de seus ex-mercenários. Eles atravessam a multidão, pegando uma pessoa aqui e outra ali, e as arrastam para a frente, onde ele as obriga a se ajoelharem diante de mim. O medo se derrama sobre os escolhidos. Como deve ser.

Baixo o olho para eles. Como é de se esperar, todos os escolhidos por Sergio e sua equipe são fortes, homens e mulheres musculosos. Eles tremem, as cabeças baixas.

– Vocês têm a chance de se juntar ao meu exército – digo a eles. – Se o fizerem, vão treinar com meus capitães. Viajarão comigo para as Terras do Sol e as Terras do Céu. Receberão armas, alimentos e roupas, e cuidaremos de suas famílias.

Para confirmar o que digo, Magiano desce de seu garanhão e se aproxima deles. Diante de cada um, faz uma cena, enfiando a mão em sua bolsa e deixando cair sacos pesados de talentos de ouro kenettranos na frente deles. As pessoas apenas olham. Um deles pega seu saco tão freneticamente que as moedas caem, brilhando na luz.

– Se recusarem minha oferta, vocês e suas famílias serão presos. – Meu tom se torna mais grave. – Não tolerarei possíveis rebeldes entre nós. Jurem lealdade, e vou garantir que essa promessa valha a pena.

Pelo canto do olho, vejo Sergio se remexer, inquieto. Seus olhos se voltam para o contorno da praça. Enrijeço. Fiquei muito boa em saber quando ele pressente perigo. Ele murmura para vários de seus homens, e eles se dirigem para as sombras, desaparecendo atrás de uma porta.

– Vocês juram? – pergunta Magiano.

Um por um, eles respondem sem hesitar. Peço que se levantem, e uma patrulha de Inquisidores vem para levá-los embora. Mais homens e mulheres fisicamente aptos são trazidos a mim. Repetimos o mesmo ritual com eles. E então com outro grupo. Uma hora se passa.

Alguém em um dos grupos se recusa a jurar. Ela cospe em mim, então me chama de alguma coisa em dumoriano que não entendo. Volto meu olhar para ela, mas ela não recua. Em vez disso, curva os lábios. *Uma desafiante*.

– Você quer que tenhamos medo de você – rosna ela para mim, falando um kenettrano com sotaque. – Acha que pode vir aqui e destruir nossas casas, matar nossos entes queridos… e depois nos fazer rastejar a seus pés. Você acha que vamos vender nossa alma por algumas moedas. – Ela levanta o queixo. – Mas não tenho medo de você.

– É mesmo? – Inclino a cabeça para ela, com curiosidade. – Você deveria ter.

Ela me desafia com um sorriso.

– Você não consegue nem derramar nosso sangue com as *próprias mãos*. – Ela acena na direção de Sergio, que já começou a desembainhar sua espada. – Manda um de seus lacaios fazer isso. Você é uma *rainha covarde*, escondida atrás de seu exército. Mas você não pode esmagar nosso espírito sob os saltos de suas Rosas… você não pode vencer.

Houve um tempo em que eu poderia ter me deixado intimidar por palavras como essas. Mas agora apenas suspiro. *Está vendo, Magiano? Isso é o que acontece quando mostro generosidade*. Assim, enquanto a mulher continua seu discurso, desmonto do meu garanhão. Sergio e Magiano me observam em silêncio.

A mulher ainda está falando, mesmo quando paro diante dela.

– Chegará o dia em que a derrubaremos – diz. – Escreva minhas palavras. Vamos assombrar seus pesadelos.

Cerro os punhos e lanço uma ilusão da dor através de seu corpo.

– Eu *sou* o pesadelo.

Os olhos da mulher se arregalam. Ela solta um grito sufocado ao cair no chão e arranha a terra. Atrás dela, toda a multidão se encolhe em sincronia, olhos e cabeças se desviando daquela visão. O terror que flui deles corre diretamente para mim, e as vozes em minha cabeça explodem em gritos, enchendo meus ouvidos com seu deleite. *Perfeito. Continue. Deixe a dor obrigar o coração dela a bater cada vez mais depressa, até explodir*. Então eu escuto. Aperto mais os punhos – eu me lembro da noite em que tirei a primeira vida, quando pairei sobre o corpo de Dante. A mulher tem convulsões, seus olhos piscando descontroladamente, vendo monstros que não estão lá. Gotas escarlates pingam de seus lábios. Dou um passo para trás, de modo que seu sangue não atinja a bainha do meu vestido.

Por fim, a mulher congela, caindo inconsciente.

Viro-me calmamente para o restante de nossos prisioneiros, que estão imóveis como estátuas. Eu poderia cortar seu medo com minha faca.

– Mais alguém? – Minha voz ecoa na praça. – Não? – O silêncio persiste.

Eu me abaixo. O saco de moedas que Magiano tinha jogado aos pés da mulher está intocado ao lado de seu corpo. Pego o saco delicadamente, com dois dedos. Então caminho de volta para o garanhão e pulo para a sela.

– Como podem ver, eu mantenho minha palavra – grito para o resto da multidão. – Não abusem da minha generosidade, e não abusarei da sua fraqueza. – Jogo o saco de moedas da mulher para o Inquisidor mais próximo. – Acorrente-a. E encontre sua família.

Meus soldados arrastam a mulher para longe, e um novo grupo é trazido a mim. Desta vez, cada um deles aceita seu ouro em silêncio e inclina a cabeça para mim, e eu aceno minha aceitação em troca. O procedimento continua sem incidentes. Se aprendi alguma coisa com meu passado e com meu presente, foi o poder do medo. Você pode dar a seus súditos toda a generosidade do mundo e eles ainda vão exigir mais. Mas aqueles que têm medo não reagem. Sei muito bem disso.

O sol se eleva, e mais dois grupos juram lealdade ao meu exército.

De repente, um objeto afiado cintila na luz. Meu olhar se move. *Uma lâmina, uma arma parecida com uma agulha, atirada dos telhados.* Por instinto, puxo minha

energia e teço uma ilusão de invisibilidade ao meu redor. Mas não reajo depressa o bastante. Um punhal passa voando pelo meu braço, cortando profundamente minha carne. Meu corpo se inclina para trás com o impacto, e minha invisibilidade oscila.

Gritos dos prisioneiros, então o som de cem espadas raspando contra suas bainhas quando meus Inquisidores sacam suas armas. Magiano está ao meu lado antes mesmo que eu possa sentir sua presença. Ele estende a mão para mim enquanto eu balanço em minha sela, mas aceno para afastá-lo.

– Não – consigo dizer, engasgada. Não posso permitir que esses dumorianos me vejam sangrar. É tudo o que eles precisam para se insurgir.

Espero mais flechas e punhais voarem dos telhados, mas isso não acontece. Em vez disso, no canto mais distante da praça, Sergio e seus homens reaparecem. Arrastam quatro, cinco pessoas. Saccoristas. Estão vestidos com roupas cor de areia para se camuflarem nas paredes.

Minha raiva ressurge, e a dor em meu braço sangrando só alimenta minha energia. Não espero Sergio trazê-los a mim. Simplesmente ataco. Estendo a mão para o céu, tecendo, usando o medo na multidão e a força dentro de mim. O céu se transforma em um azul estranho, profundo, depois vermelho. As pessoas se afastam, gritando. Então estendo a mão para os rebeldes e lanço uma ilusão de sufocamento ao redor deles. Eles se inclinam para frente nas garras dos homens de Sergio, então arqueiam as costas enquanto sentem o ar sendo puxado para fora de seus pulmões. Trinco os dentes e reforço a ilusão.

*O ar não é ar, mas água. Vocês estão se afogando no meio desta praça, e não há nenhuma superfície para alcançarem.*

Sergio os liberta. Eles caem de joelhos, lutando para respirar, e se sacodem no chão. Amplio minha ilusão, estendendo a mão para o restante dos prisioneiros na praça. Então ataco com todo o meu poder.

Uma rede de dor cobre os prisioneiros ainda sentados no chão. Eles gritam ao mesmo tempo, agarram a pele como se atiçadores de brasa os estivessem queimando, puxam seus cabelos como se formigas rastejassem pelos fios, picando a cabeça. Eu os vejo sofrer, deixando minha própria dor virar deles, até que finalmente desfaço a ilusão.

Soluços ecoam na multidão. Não me atrevo a segurar meu braço sangrando –

em vez disso, foco o olhar duro no povo.

– Aí está – digo. – Vocês viram pessoalmente. Não aceitarei nada menos que sua lealdade. – Meu coração bate em meu peito. – Traiam-me, ou a qualquer dos meus, e vou me certificar que vocês implorem por sua morte.

Aceno com a cabeça para que minhas tropas se aproximem e rodeiem os rebeldes que choram. Só então, com as vestes brancas dos Inquisidores girando ao meu redor, viro meu cavalo e saio da praça. Minhas Rosas me seguem. Quando finalmente estou fora de vista, deixo meus ombros caírem e desço do cavalo.

Magiano me alcança e me recosto em seu peito.

– De volta às barracas – murmura ele enquanto passa o braço em volta de mim. Sua expressão é tensa, cheia de uma compreensão silenciosa. – Você precisa costurar esse corte.

Eu me apoio nele, exaurida depois da súbita perda de sangue e do turbilhão de ilusões. Outra tentativa de assassinato. Algum dia, talvez eu não tenha tanta sorte. Da próxima vez que entrarmos em uma cidade conquistada, eles podem me pegar numa emboscada antes que qualquer uma de minhas Rosas possa reagir com rapidez suficiente. Eu não sou Teren – minhas ilusões não podem me proteger do corte de uma lâmina.

Precisarei extirpar esses insurgentes antes que eles se tornem uma ameaça real. Precisarei fazer da morte deles um exemplo mais duro. Precisarei ser mais implacável.

Esta é a minha vida agora.

# Raffaele Laurent Bessette

O som das ondas lá fora faz Raffaele se lembrar de noites tempestuosas no porto de Estenzian. Aqui na nação de Tamoura, nas Terras do Sol, porém, não há canais nem gôndolas que se soltam de suas amarras e oscilam ao lado das paredes de pedra. Há apenas uma praia de areia vermelha e dourada, e terra pontilhada de arbustos baixos e árvores esparsas. No alto de uma colina, um palácio largo tem vista para o mar, sua silhueta negra na noite, sua famosa entrada iluminada pelo brilho das lanternas.

Esta noite, uma brisa morna do início da primavera sopra pelas janelas de um dos apartamentos do palácio, e as velas queimam, fracas. Enzo Valenciano senta-se em uma cadeira dourada, sua figura curvada, os braços descansando em seus joelhos. Ondas de cabelo escuro caem sobre seu rosto e seu queixo está trincado. Seus olhos permanecem fechados com a dor, suas bochechas úmidas de lágrimas.

Raffaele se ajoelha diante dele, desatando cuidadosamente as bandagens de pano branco que sobem até os cotovelos do príncipe. O cheiro de carne queimada e o odor forte, doce e ruim de pomada enchem a sala. A cada vez que Raffaele tira o curativo de uma parte do braço, puxando a pele ferida, a mandíbula de Enzo se contrai. Sua camisa está solta, ensopada de suor. Raffaele enrola as bandagens. Ele pode sentir a agonia pairando sobre o príncipe, e a sensação inunda seu coração como se ele próprio estivesse ferido.

Sob as bandagens, os braços de Enzo são uma massa de queimaduras que parecem nunca se curar. As cicatrizes e as feridas originais que sempre cobriram as mãos do príncipe se espalharam para cima, agravadas pela sua exibição espetacular durante a batalha contra Adelina no porto de Estenzian. Incendiar quase toda a marinha Beldaína da rainha Maeve cobrou seu preço.

Um pedaço de pele rasga com as bandagens. Enzo solta um gemido suave.

Raffaele se encolhe ao ver a carne carbonizada.

– Você quer descansar um pouco? – pergunta.

– Não – responde Enzo com os dentes cerrados.

Raffaele obedece. Lenta e meticulosamente, remove a última bandagem do braço direito de Enzo. Os dois braços do príncipe estão expostos agora.

Raffaele solta um suspiro, depois pega a tigela de água fresca e limpa pousada ao seu lado. Põe a tigela no colo de Enzo.

– Aqui – diz ele. – Molhe.

Enzo enfia os braços na água fria e exala lentamente. Eles ficam em silêncio por um tempo, deixando que os minutos se arrastem. Raffaele observa Enzo com atenção. Dia a dia, o príncipe tem se afastado mais; com frequência seus olhos se voltavam para o mar, desejosos. Há uma nova energia no ar, que Raffaele não consegue identificar.

– Você ainda sente a atração dela? – pergunta Raffaele por fim.

Enzo assente. Ele se volta instintivamente para a janela mais uma vez, na direção do oceano. Outro longo momento se passa antes de ele responder:

– Alguns dias a atração fica quieta. Não hoje.

Raffaele espera que ele continue, mas Enzo cai de novo em seu profundo silêncio, sua atenção ainda no oceano lá fora. Raffaele se pergunta em quem Enzo está pensando. Não é em Adelina, mas em uma menina morta há muito tempo, de uma época mais feliz de seu passado.

Depois de um tempo, Raffaele recolhe a tigela de água e limpa suavemente os braços de Enzo, depois aplica uma camada de unguento na pele queimada. É um antigo bálsamo que Raffaele costumava solicitar na Corte Fortunata, quando Enzo o visitava à noite para que enfaixasse suas mãos. Agora a Corte acabou. A rainha Maeve voltou a Beldain para lamber suas feridas e refazer sua marinha. E os Punhais vieram para cá, para Tamoura – o que resta de Tamoura, pelo menos. Os Inquisidores de Adelina pontilham as colinas no norte de Tamoura, guardando o território.

– Alguma notícia de Adelina? – pergunta Enzo enquanto Raffaele procura novas ataduras.

– A capital de Dumor caiu diante de seu exército – responde Raffaele. – Ela governa todas as Terras do Mar agora.

Enzo olha de volta para o mar, como se procurasse novamente a eterna ligação entre ele e a Loba Branca, e seu olhar parece muito distante.

– Não vai demorar muito até que a atenção dela se volte para cá, para o restante de Tamoura – diz ele por fim.

– Eu não ficaria surpreso se seus navios aparecessem em nossas fronteiras – concorda Raffaele.

– A Tríade Dourada vai nos encontrar amanhã?

– Sim. – Raffaele olha para o príncipe. – A família real tamourana diz que seu exército ainda está enfraquecido pelo último ataque de Adelina. Eles querem tentar negociar com ela novamente.

Enzo move cautelosamente os dedos de sua mão esquerda, depois geme.

– E o que você acha disso?

– Vai ser uma perda de tempo. – Raffaele balança a cabeça. – Adelina recusou sua última tentativa sem hesitação. Não há nada a negociar. O que a realeza pode lhe oferecer que ela não possa simplesmente tomar à força?

O silêncio cai sobre eles de novo, talvez a única resposta à pergunta de Raffaele. Enquanto ele continua enfaixando os braços de Enzo em bandagens novas, tenta ignorar as ondas lá fora. *O som do mar além da janela. Um par de velas brilhando na escuridão. Uma batida na porta.*

A lembrança surge, espontânea e implacável, quebrando os muros que Raffaele construiu ao redor de seu coração desde a morte e ressurreição de Enzo. Ele não está mais cuidando das feridas do príncipe, mas de pé, esperando assustado em seu quarto na Corte Fortunata anos antes, olhando para um mar de pessoas mascaradas.

Parecia que toda a cidade tinha vindo para a apresentação de Raffaele. Homens e mulheres nobres, suas vestes de seda tamourana e renda kenettrana, se espalhavam pela sala, os rostos parcialmente escondidos atrás de máscaras coloridas, o riso se misturando aos sons de vidro tinindo e sapatos se arrastando. Outros consortes moviam-se entre eles, silenciosos e graciosos, servindo bebidas e pratos de uvas geladas.

Raffaele estava no centro da sala – um jovem recatado vestido e preparado para o auge da perfeição, os cabelos uma cortina de cetim escuro, as vestes leves

douradas e brancas, o pó preto contornando os cantos de seus olhos com cor de pedras preciosas –, olhando para o mar de pretendentes curiosos. Ele se lembra de como suas mãos tremiam, de como ele pressionava uma contra a outra para estabilizá-las. Ele tinha sido treinado para permitir certas expressões em seu rosto, mil sutilezas dos lábios, sobrancelhas, bochechas e olhos, independente de refletir suas verdadeiras emoções. Então, nesse momento, sua expressão tinha sido de calma e serenidade, tímido fascínio e alegria suave, silenciosa como a neve, seu medo ausente.

De vez em quando, a energia parecia mudar na sala. Raffaele virava a cabeça mecanicamente nessa direção, incerto do que estava sentindo. De início achou que talvez sua mente estivesse lhe pregando peças – até que percebeu que a energia se concentrava em um jovem desconhecido que deslizava entre a multidão. Os olhos de Raffaele o seguiram, hipnotizados pelo poder que parecia correr em seu rastro.

O leilão começou alto e o preço subia cada vez mais. Elevou-se até que Raffaele não conseguia mais distinguir os números; as imagens e os sons que o rodeavam começaram a embaçar. Outros acompanhantes sussurravam uns para os outros na plateia. Ele nunca tinha ouvido valores tão altos aos berros em um leilão, e a estranheza de tudo isso fez seu coração bater mais rápido, suas mãos tremerem mais. Nesse ritmo, ele jamais conseguiria estar à altura do pagamento do vencedor.

E então, quando o leilão começou a se reduzir a poucas pessoas, um jovem criado escondido na multidão dobrou a oferta mais alta.

A expressão calma de Raffaele vacilou pela primeira vez enquanto os murmúrios se espalharam como ondas pelo cômodo. A alcoviteira perguntou mais uma vez se alguém cobria a oferta, mas ninguém o fez. Raffaele continuou de pé, em silêncio, obrigando-se a permanecer imóvel quando o criado venceu o leilão.

Naquela noite, Raffaele acendeu algumas velas com as mãos trêmulas e depois se sentou sozinho na beira da cama. Os lençóis eram de seda, adornados com fios de ouro e rendas, e o aroma de lírios noturnos perfumava o ar. Os minutos se arrastaram. Ele ouviu o som de passos se aproximando de seus aposentos e repetiu para si mesmo as lições que outros acompanhantes mais experientes tinham lhe dado ao longo dos anos.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, ele ouviu no hall do lado de fora o som pelo qual estava esperando. Momentos depois, houve uma batida suave na porta.

*Vai ficar tudo bem*, sussurrou Raffaele, sem ter certeza se era verdade. Levantou-se e ergueu a voz:

– Entre, por favor.

Uma criada abriu a porta. Atrás dela, um jovem mascarado entrou em seus aposentos com a graça de um predador experiente. A porta se fechou atrás dele, bem no momento em que ele ergueu a mão para tirar a máscara do rosto.

Os olhos de Raffaele se arregalaram de surpresa. Era o mesmo desconhecido que ele havia notado na multidão. Ele percebeu, envergonhado, que o desconhecido era bem bonito – cachos escuros presos num rabo de cavalo baixo, longos cílios pretos emoldurando os olhos, traços escarlate nas íris. Ele era confiante, e não sorria. A energia que Raffaele sentira durante o leilão agora envolvia o desconhecido em camadas. *Fogo. Chamas. Ambição.* Raffaele corou. Ele sabia que devia convidar o visitante a se aproximar, a sentar-se na cama. Mas, nesse momento, não conseguia pensar.

O jovem deu um passo à frente. Quando parou diante de Raffaele, cruzou as mãos atrás das costas e assentiu uma vez. Raffaele sentiu a energia mudar novamente, o chamando, e não pôde deixar de retribuir o olhar do jovem. Obrigou-se a dar um sorriso, um que tinha sido treinado para dar durante anos.

Foi o desconhecido que falou primeiro.

– Você me notou na multidão – disse ele. – Vi seu olhar me seguindo pela sala. Por quê?

– Suponho que fui atraído por você – respondeu Raffaele, baixando os olhos e deixando o calor subir às bochechas outra vez. – Qual é o seu nome, senhor?

– Enzo Valenciano. – A voz do jovem era suave e profunda, seda escondendo aço.

Os olhos de Raffaele se voltaram para ele. *Enzo Valenciano.* Não era esse o nome do príncipe deserdado de Kenettra? Somente agora, à luz fraca da câmara, Raffaele percebeu que o cabelo do rapaz brilhava com um toque vermelho-escuro, tão profundo que parecia preto. Uma marca.

O antigo príncipe herdeiro.

– Vossa Alteza? – sussurrou Raffaele, tão assustado que ele pensou em se curvar.

O jovem assentiu.

– E temo que não tenha intenção de consumar sua estreia.

A cena se evapora quando soa uma batida na porta. Raffaele e Enzo olham para ela ao mesmo tempo e Raffaele solta um longo suspiro, empurrando a lembrança para o fundo de sua mente enquanto pousa as ataduras.

– Pois não? – grita.

– Raffaele? – diz uma voz tímida. – Sou eu.

Ele esconde as mãos nas mangas.

– Entre.

A porta se abre e Violetta entra, hesitante. Seus olhos primeiro encontram os de Raffaele, então correm para onde Enzo está sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Lamento interromper – diz ela. – Raffaele, algo estranho está acontecendo na praia. Achei que você poderia querer dar uma olhada.

Raffaele ouve com o cenho franzido. Então Violetta também sentira algo estranho. Ela está pálida esta noite; a pele morena, acinzentada, os lábios cheios, cerrados em uma linha apertada, os cabelos presos em um lenço tamourano. Usando o próprio poder, ela encontrara os Punhais havia quase um ano. Tinha levado uma semana para escolher as palavras certas para contar a Raffaele o que havia acontecido entre ela e sua irmã, e então mais uma semana antes de implorar, entre lágrimas, que eles encontrassem uma forma de ajudar Adelina. Desde então, ela permaneceu ao lado de Raffaele, trabalhando com ele, testando seus alinhamentos e aprendendo a concentrar sua capacidade de sentir a energia dos outros. Ela era uma boa aluna. Uma aluna *fantástica*.

Ela o lembrava muito de Adelina. Se ele se permitisse, Raffaele podia imaginar que estava olhando para uma versão mais jovem da Rainha das Terras do Mar, antes de ela lhe virar as costas. Antes que fosse impossível ajudá-la. Esse pensamento sempre o deixava triste. *É minha culpa Adelina ter se tornado o que se*

*tornou. Minha culpa que seja tarde demais.*

Raffaele assente para Violetta.

– Vou em um instante. Espere por mim lá fora.

Enquanto Violetta se retira para o corredor, ele termina de enfaixar os braços de Enzo, depois esfrega seu próprio pescoço em exaustão. Passou muitas noites seguidas assim, semanas que se prolongaram em meses, tentando em vão curar as feridas de Enzo. Mas a cada vez que começavam a se curar, elas pioravam outra vez.

– Tente dormir – diz Raffaele.

Enzo não responde. Seu rosto está repuxado, pálido por causa da dor. Ele está aqui e ao mesmo tempo não está.

Há quanto tempo eles o perderam na arena pela primeira vez? Dois anos? Parece ter sido há uma vida, uma era, desde que Raffaele vira pela última vez seu príncipe vivo de verdade, o fogo nele brilhando escarlate. Ele não quer dar a Enzo mais motivos para sofrer agora, deixá-lo saber quanto sua presença – metade no mundo dos vivos, metade no Mundo Inferior – machuca aqueles que o amam. Em vez disso, Raffaele caminha até a porta e sai silenciosamente.

A noite é quente, um prelúdio para verões da Terra do Sol, e o calor do dia ainda persiste nos corredores. Raffaele e Violetta caminham em silêncio sob as lanternas, passando pela luz e pelas sombras. A cada porta, ele pode sentir a energia de cada um de seus Punhais dentro dos apartamentos. Michel, que, depois da morte de Gemma, se trancou por dias seguidos, perdendo-se em suas pinturas. Lucent, cujos aposentos têm um ar de perturbação. Raffaele pode sentir que ela ainda está acordada, talvez olhando pela janela para a praia lá embaixo. Os ossos de Lucent continuaram a enfraquecer, e agora ela sente dores constantemente, um fenômeno que a tornou amarga e mal-humorada. Maeve tinha ficado no início, implorando a Lucent que voltasse a Beldain com ela, tentou até suborná-la e dar ordens, mas Lucent se recusara. Ela ficaria com os Punhais e lutaria ao lado deles até seu último suspiro. Depois de um tempo, Maeve foi obrigada a levar seus soldados para casa. Mas as cartas da rainha beldaína ainda chegam semanalmente, perguntando sobre a saúde de Lucent, às vezes enviando ervas e remédios. Nada ajudou. Raffaele sabe que *nunca* ajudará, pois a doença de Lucent é causada por algo profundamente inerente à sua energia.

A última câmara tinha pertencido a Leo, o rapaz careca que Raffaele recrutara recentemente para os Punhais e que tinha o poder de envenenar. Agora a câmara está vazia. Leo morreu há um mês. O médico disse a Raffaele que foi por causa de uma persistente infecção pulmonar. Mas Raffaele considerava outro possível motivo – porque o corpo de Leo tinha se voltado contra ele próprio, envenenando-o por dentro.

Que fraqueza em breve se manifestará nele?

– Ouvi falar da última conquista de Adelina – diz Violetta quando finalmente chegam à escada que leva para fora do palácio.

Raffaele apenas assente.

Violetta olha para ele furtivamente.

– Você acha que…?

Como ela tenta! Raffaele pode sentir seu coração tentando alcançar o dela, desejando confortá-la, mas tudo o que pode fazer é pegar sua mão e acalmá-la temporariamente, puxando os fios de seu coração. Ele balança a cabeça.

– Mas… ouvi dizer que ela está oferecendo generosos pagamentos aos cidadãos de Dumor – responde Violetta. – Ela tem sido mais generosa do que poderia. Talvez se pudéssemos encontrar uma forma de…

– Ela não pode ser ajudada – Raffaele fala baixinho. Uma resposta que já deu muitas vezes. Ele não tem certeza se acredita nisso, não inteiramente, mas não consegue suportar alimentar as esperanças de Violetta apenas para vê-las esmagadas. – Sinto muito. Precisamos nos concentrar em defender Tamoura do próximo passo de Adelina. Devemos nos posicionar em algum lugar.

Violetta olha de volta para a costa e assente.

– Claro – diz ela, como se tentasse convencer a si mesma.

Ela não é como os outros. Ela se alinha com as pedras, é claro – com medo, empatia e alegria –, mas não tem marcas aparentes. Sua capacidade de tirar os poderes dos outros o deixa desconfortável. E ainda assim, Raffaele não pode deixar de sentir um vínculo com ela, um conforto em saber que ela, também, pode *sentir* o mundo ao seu redor.

Nenhuma das três luas nem estrelas estão visíveis hoje à noite; apenas nuvens

cobrem o céu. Raffaele oferece seu braço à Violetta enquanto eles escolhem cuidadosamente que caminho seguir entre as pedras. Uma pontada de energia resiste nos ventos quentes, arrepiando sua pele. À medida que eles fazem seu caminho ao redor da propriedade, a costa aparece, uma linha de espuma branca caindo no espaço negro.

Agora ele sente o que incomodou Violetta. Bem ao lado da costa onde a areia se torna fria e úmida, a sensação é incrivelmente forte, como se todos os fios do mundo estivessem puxados com força. As ondas salpicam água salgada nele. A noite é tão escura que eles não conseguem distinguir nenhum outro detalhe em torno deles. Há uma enorme massa de pedras ali perto, nada mais que silhuetas negras. Raffaele olha para elas, sentindo uma sensação de pavor. Há um perfume pungente no ar.

*Algo está errado.*

– Há morte aqui – sussurra Violetta, com a mão trêmula no braço de Raffaele. Quando ele olha para ela, percebe que seus olhos parecem assombrados, o mesmo olhar que tem sempre que fala de Adelina.

Raffaele perscruta o horizonte. Sim, há algo muito errado, uma energia antinatural permeia o ar. Ela é tão intensa que ele não pode dizer de onde vem. Seus olhos caem em uma área escura ao longe. Olha para lá por um tempo.

Uma série de relâmpagos corta o céu, abrindo trilhas das nuvens para o mar. Violetta se encolhe, esperando que o trovão venha em seguida, mas não há nenhum barulho, e o silêncio arrepia os cabelos na nuca de Raffaele. Finalmente, depois de uma eternidade, um barulho baixo sacode o chão. Seu olhar viaja pelas ondas quebrando ao longo da costa e para novamente sobre as silhuetas negras de pedra.

O relâmpago brilha novamente. Desta vez, o brilho ilumina a costa por um breve momento. Raffaele dá um passo para trás, absorvendo a vista.

As silhuetas negras não são pedras. São baliras, pelo menos uma dúzia delas, atoladas e mortas.

As mãos de Violetta correm para sua boca. Por um momento, tudo o que Raffaele pode fazer é ficar onde está. Muitos marinheiros contaram histórias sobre aonde iam as baliras quando morriam – alguns disseram que iam muito longe no mar aberto, onde nadavam mais e mais para baixo até caírem nas profundezas do

Submundo. Outros diziam que saltavam da água e voavam cada vez mais alto, até serem engolidas pelas nuvens. Uma costela levada para a margem de vez em quando, gasta e branca. Mas nunca tinha visto uma balira morta antes. Certamente não assim.

– Não se aproxime – sussurra Raffaele para Violetta. O cheiro no ar torna-se mais pungente à medida que ele chega mais perto, agora inconfundivelmente cheiro de carne podre. Quando chega à primeira balira, estende a mão para ela. Ele hesita, então põe os dedos gentilmente contra seu corpo.

O animal se contorce uma vez. É apenas um bebê, e ainda não está morta.

A garganta de Raffaele se aperta e as lágrimas enchem seus olhos. Algo terrível matou essas criaturas. Ele ainda pode sentir a energia venenosa percorrendo suas veias, pode sentir sua fraqueza, enquanto ela mais uma vez suspira, tomando uma lufada ríspida de ar.

– Raffaele – grita Violetta.

Quando ele olha por cima do ombro, a vê entrando nas ondas que quebram na praia. A bainha de seu vestido está encharcada, e ela treme como uma folha. *Saia daí*, Raffaele quer avisá-la.

– Parece a energia de Adelina – diz Violetta por fim.

Raffaele dá um passo hesitante em direção ao oceano, depois outro. Ele anda até que seus chinelos afundam na areia molhada. Inspira bruscamente.

A água está fria de um modo que ele nunca sentiu, fria como a *morte*. Mil fios de energia puxam seus pés quando a água retrocede, como se cada um tivesse um pequeno gancho, procurando um ser vivo. Faz sua pele se arrepiar do mesmo modo como uma fruta podre repleta de larvas faria. O oceano está cheio de veneno, profundo, escuro e vil. Sob ele agita-se uma camada de energia furiosa e assustadora, algo que ele só tinha sentido uma vez em Adelina. Ele pensa na estranha distração de Enzo esta noite, o olhar distante em seus olhos meio vivos. A maneira como ele parecia atraído para o oceano. Raffaele se lembra da tempestade que assolou a noite quando trouxeram Enzo de volta das profundezas do mar, onde o mundo dos vivos acaba e começa o mundo dos mortos.

Ao lado dele, Violetta permanece imóvel enquanto a água bate contra suas pernas.

Raffaele dá mais alguns passos no oceano, até que as ondas chegam a sua cintura. A água gelada o entorpece. Ele olha para cima novamente, para a tempestade silenciosa e furiosa, e as lágrimas começam a escorrer.

*De fato, parece a energia de Adelina*. *Medo e fúria*. Trata-se de energia proveniente de outro reino, fios sob a superfície, de um lugar imortal que nunca teve a intenção de ser perturbado. Raffaele treme.

Algo está envenenando o mundo.

Mesmo agora, décadas depois, meu maior medo é o mar aberto à noite, com a escuridão se estendendo em todas as direções à minha volta.

– Os Diários de Reda Harrakan, *traduzido por Bianca Bercetto*

# Adelina Amouteru

Uma semana inteira depois, a ferida no meu braço ainda lateja quando me mexo rápido demais. Uma grossa camada de bandagens a cobre. Estremeço enquanto caminho pela rampa até o porto de Estenzian, esperando não ter aberto o corte outra vez.

O porto hoje está impregnado com o fedor de peixe apodrecendo. Torço o nariz enquanto soldados nos levam a uma série de carruagens aguardando nossa chegada. Ao meu lado, Sergio anda com uma das mãos descansando permanentemente no cabo da espada. Ele se inclina para mim.

– Vossa Majestade – diz. O título flui tão naturalmente dele que é como se eu tivesse nascido no trono. – Meus homens capturaram vários cidadãos acusados de tentar invadir os portões do palácio. Eles estão na Torre da Inquisição agora, mas prefiro não correr riscos.

Olho para ele.

– Por que eles estão tão infelizes?

– Por terem que ceder suas terras para os marcados. Seu novo decreto.

– E o que você pretende fazer com esses prisioneiros?

Sergio dá de ombros. Ele ajusta seu manto para que fique mais confortável nos ombros, em seguida, toma um longo gole de água de seu cantil.

– O que você quiser. Você é a rainha.

Eu me pergunto se sua ideia a meu respeito é diferente da que ele tinha a respeito do Rei da Noite de Merroutas. Gostaria de acreditar que Sergio me considera melhor do que isso. O Rei da Noite era fraco, um inimigo dos marcados, bêbado e tolo. Pago a Sergio muito mais do que ele jamais pagou. A armadura de Sergio é revestida com fios de ouro, o manto tecido com as sedas mais finas e pesadas do mundo, com as iniciais de seus criadores bordadas.

Os sussurros riem de mim. *Tome cuidado, lobinha,* dizem. *Inimigos surgem de onde*

*menos se espera*.

Tento obstinadamente, porém em vão, afastar suas palavras. Sergio continuará leal a mim, assim como Magiano. Dei-lhes tudo o que poderiam querer.

*Mas você não pode dar-lhes tudo o que eles querem – eles sempre vão querer mais do que têm.*

Lembro-me de preparar outra bebida de ervas quando voltar ao palácio. Minha cabeça começou a vibrar com seu ruído incessante, tagarelando, ecoando em minha mente durante todo o caminho de volta para casa.

– Faça com que sejam executados publicamente – respondo, tentando abafar os sussurros com a minha voz. – Enforcados, por favor. Você sabe como me sinto sobre fogueiras.

Sergio, como de costume, nem pisca. O Rei da Noite lhe ordenara que fizesse coisas muito piores.

– Considere feito, Vossa Majestade. – Ele me espera entrar na carruagem e então aproxima o rosto do meu. – Passe nas masmorras quando chegar ao palácio – diz.

– Por quê?

Um traço de dúvida cruza o rosto de Sergio.

– Recebi uma mensagem do carcereiro dizendo que tem algo errado com Teren.

Uma sensação de arrepio desce pela minha espinha. Sergio nunca gostou da ideia de eu ir visitar Teren nas masmorras – então ele dizer que eu deveria ir lá agora é surpreendente. Os sussurros instantaneamente desenterram um pensamento irracional. *Ele quer que você visite Teren porque a quer morta. Todo mundo quer você morta, Adelina, até mesmo um amigo como Sergio. Ele está atraindo você para lá para que Teren possa cortar sua garganta.* Eles gargalham e, por um momento, acredito genuinamente neles. Prendo a respiração e me obrigo a pensar em outra coisa.

O que quer que tenha acontecido com Teren deve ter sido muito sério para que Sergio queira que eu o veja. Só isso.

– Vou mandar as carruagens darem a volta pelo portão dos fundos – digo.

– E você deve seguir um caminho diferente para o palácio. Um mais discreto.

Eu faço uma careta. Não vou me acovardar em meus próprios becos só porque algumas pessoas tomaram a decisão idiota de atacar meus portões.

– Não – respondo. – Já conversamos sobre isso. Seguirei meu caminho público, e as pessoas me *verão* na carruagem. Elas não são governadas por uma rainha covarde.

Sergio solta um grunhido irritado, mas não discute comigo. Ele apenas se curva novamente.

– Como desejar.

Então ele segue para a frente da nossa procissão.

Olho pela janela, na esperança de ver Magiano. Ele devia estar andando atrás de mim, mas não está. Continuo olhando enquanto minha carruagem avança e gradualmente deixamos o píer para trás.

Meses se passaram desde a última vez que pisei em Estenzian. É o início da primavera e, enquanto seguimos, noto primeiro o que me é familiar – as flores brotando em grupos nos peitoris das janelas, as videiras espessas penduradas ao longo de estreitas ruas laterais, pontes arqueadas sobre canais, cheias de pessoas.

Depois, há as mudanças. *Minhas* mudanças. Os marcados, já não chamados de *malfettos*, são proprietários de terras e lojas. Outros abrem caminho enquanto passam pelas multidões. Vejo dois Inquisidores arrastando uma pessoa não marcada através de uma praça, mesmo com ele lutando e gritando. Em outra rua, um grupo de crianças marcadas cerca um não marcado, jogando pedras, empurrando-o com força para o chão enquanto ele grita. Os Inquisidores parados ali perto não os detêm, e também desvio o olhar com desinteresse. Quantas pedras foram jogadas em mim quando criança? Quantas crianças marcadas foram queimadas vivas nas ruas? Como é irônico ver esses soldados vestidos de branco que tanto temi agora obedecendo a todas as minhas ordens.

Viramos numa rua pequena, e então paramos. À frente, ouço um grupo de pessoas gritando, suas vozes se aproximando da minha carruagem. Manifestantes. Minha energia se agita.

Uma voz familiar vinda de fora chega até nós. Um instante depois, algo cai com um baque no teto da carruagem. Eu me inclino para fora da janela e olho

para cima – bem na hora em que um manifestante atravessa a rua estreita na minha direção.

Logo, a cabeça de Magiano aparece no teto da carruagem. Não tenho ideia de onde ele veio, mas percebo que foi ele quem caiu no teto. Ele me lança um rápido olhar antes de voltar sua atenção para a multidão. Em seguida, segura uma faca em uma das mãos e salta da carruagem bem na frente do primeiro manifestante, colocando-se entre mim e a multidão.

– Acho que você está indo na direção errada – diz Magiano para ele, dando-lhe um sorriso ameaçador.

O manifestante hesita por um instante ao ver a adaga de Magiano. Então estreita os olhos e aponta para mim.

– Ela está nos matando de fome! – grita. – Esse *demônio*, *malfetto*, falsa rainha!

Eu mudo o foco para o manifestante e suas palavras vacilam ao ver meu rosto. Então sorrio para ele, puxo seus fios de energia e teço.

*Uma sensação de queimação ao longo dos braços e pernas, um sentimento que se transforma em fogo. Você olha para baixo e o que vê? Aranhas, escorpiões, monstros de pernas espinhosas, agitados e rastejando por todo o seu corpo. Há tantos que você não consegue mais ver sua pele.*

O homem baixa os olhos para si mesmo. Abre a boca em um grito silencioso e cambaleia para trás.

*Estão entrando em sua boca e saindo pelos seus olhos. Vão comê-lo vivo, de fora para dentro.*

– Agora, diga-me outra vez – falo, quando ele finalmente encontra sua voz e berra. – O que foi que você falou?

O homem cai no chão. Seus gritos enchem o ar. Outros manifestantes atrás dele param ao ver sua figura contorcida. Continuo a tecer, fortalecendo cada vez mais a ilusão, até que o homem desmaia de agonia. Então meus Inquisidores – mantos brancos voando, lâminas empunhadas – descem sobre o restante deles, empurrando para o chão os que conseguem pegar. Diante de nós, vislumbro o pesado manto de Sergio e o rosto sombrio, gritando ordens para sua patrulha, furioso.

*Você pode acabar com ele agora*, rugem os sussurros, me incitando a olhar para o

homem que eu tinha atacado. *Vamos lá, faça isso, você quer tanto*. Eles dançam com alegria no ar ao meu redor, suas vozes se misturam num turbilhão. Fecho os olhos, subitamente tonta por causa do barulho deles, e minha repentina fraqueza só fortalece seus gritos. *Você quer, você sabe que quer.* Um suor frio explode em meus braços. Não, faz pouco tempo desde que matei em Dumor. Desde que tirei a vida de Dante naquele beco estreito, não muito longe daqui, aprendi que quanto mais eu mato, mais minhas ilusões crescem e mais fogem ao meu controle enquanto se alimentam da força do pavor de uma pessoa agonizante. Se eu acabar com outra vida agora, sei que vou passar a noite afogada em meus pesadelos, agarrando-me, impotente, a uma parede de minhas próprias ilusões.

Eu deveria ter ouvido o aviso de Sergio.

– Adelina. – Magiano está chamando meu nome. Ele está de pé sobre o homem inconsciente, punhal ainda desembainhado, me lançando um olhar interrogativo.

– Tire-o da rua – ordeno. Minha voz soa fraca e rouca. – E mande-o para a Torre da Inquisição.

Magiano não hesita. Ele arrasta o manifestante para o lado da rua, fora do caminho da carruagem, e depois levanta a mão para os dois Inquisidores mais próximos.

– Vocês ouviram a rainha – grita. Quando passa pela minha janela, eu o ouço murmurar algo a um dos soldados da Inquisição atrás de minha carruagem. – Tenha mais atenção ao caminho – diz – ou vou garantir que todos vocês sejam julgados por traição.

E se alguns dos meus próprios homens estiverem começando a afrouxar em suas responsabilidades? E se eles me quiserem morta? Volto à cena do lado de fora, recusando-me a mostrar insegurança, ousando-os a me desafiarem.

– Melhor assim. – A voz de Magiano volta a soar do lado de fora e, um instante depois, ele pula pela janela e se senta ao meu lado na carruagem, trazendo consigo o cheiro do vento. – Eu não me lembro de protestos acontecendo com tanta frequência – acrescenta. Seu tom é alegre, mas reconheço que é o tom que assume quando está preocupado.

A lateral do meu corpo está pressionada contra o dele, e eu me pego esperando que ele fique aqui comigo pelo o resto da viagem.

– Quando chegarmos ao palácio – digo baixinho –, mande os Inquisidores para a torre para interrogatório. Não quero um rato entre nós, conspirando pelas minhas costas.

Magiano me observa com atenção.

– Vai ser impossível pegar todos os ratos, meu amor – diz. Sua mão roça na minha. – Mais cedo ou mais tarde, um vai se esgueirar pelas rachaduras. Você precisa ter mais cuidado.

*Que coisa engraçada de dizer. Talvez* ele *seja o rato*. Os sussurros se desfazem em risos.

– Em pouco tempo – respondo –, não teremos que usar violência para que as coisas sejam do nosso jeito. As pessoas finalmente perceberão que os marcados estão aqui agora, que permaneceremos no poder. Então poderemos viver em paz.

– Paz – diz Magiano, ainda alegre. Ele dá um pulo e se agacha no assento. – Claro.

Arqueio uma sobrancelha para ele.

– Ninguém o está obrigando a ficar aqui a meu serviço, é claro. Você é livre para ir e vir quando quiser. Afinal, é um Jovem de Elite. O maior da humanidade.

Magiano franze a testa.

– Não. Ninguém está me obrigando a ficar – concorda ele.

Há outra emoção enterrada em suas palavras. Eu coro. Estou prestes a acrescentar alguma coisa, mas então ele acena com a cabeça educadamente e salta pela janela novamente.

– Boa viagem, Majestade – grita. – Estarei nas termas, limpando a sujeira desta viagem.

Fico tentada a sair da carruagem com ele e permitir que me leve junto para as termas, mas em vez disso eu me afundo em meu assento. Há agora um aperto no meu peito que luto para desfazer. Vou encontrar Magiano mais tarde, pedir desculpas a ele por desprezar sua companhia tão descuidadamente, agradecer-lhe por sempre me observar de longe.

*Talvez não seja você quem ele está protegendo*, provocam os sussurros, *mas sua própria fortuna*. *Por que ferir a rainha que segura as cordas de sua bolsa? Por que outro*

*motivo ele fica?*

Talvez eles estejam certos. Os sussurros penetram em minha mente, cravando suas pequenas garras mais profundamente, e o resto da viagem passa em silêncio. Finalmente, chegamos ao portão dos fundos do palácio, e as carruagens entram no terreno real.

Sou rainha de Kenettra há um ano. No entanto, entrar no palácio ainda me parece estranho e surreal. Foi aqui que Enzo, quando criança, duelara com um jovem Teren nos pátios, onde Teren observara a princesa Giulietta de seu esconderijo nas árvores. Os passos de Enzo agraciavam esses caminhos, apontavam para a sala do trono onde ele deveria estar sentado, o que eu tinha querido ajudá-lo a alcançar. Agora ele se foi, uma aberração em algum lugar do outro lado do oceano. Até sua irmã já foi para o Submundo há muito tempo, e Teren é meu prisioneiro.

Sou eu que estou sentada na sala do trono.

*Sozinha. Do jeito que você gosta.* Tenho de afastar a imagem do rosto de minha irmã, as lágrimas que eu tinha visto em suas faces enquanto me virava as costas pela última vez. Afasto a visão de Enzo e seu olhar de puro ódio quando nos enfrentamos no convés do navio da rainha Maeve. Como se respondesse a isso, a ligação entre nós se retesa por um momento, fazendo-me ofegar.

Às vezes me pergunto se é Enzo tentando me alcançar através das milhas que nos separam, tentando me controlar. Eu reajo da mesma forma. Mas ele está muito longe.

Sergio abre a porta da minha carruagem, oferecendo-me seu braço enquanto eu desço. Vários Inquisidores estão esperando para nos receber e, quando me veem, abaixam a cabeça. Antes de entrar no palácio, paro por um momento e olho para cada um deles.

– Tivemos uma vitória impressionante. Vão se lavar, beber e descansar. Vou dizer a seus capitães que cancelem seus horários de treinamento para hoje. Lembrem-se, vocês são parte da minha guarda pessoal agora, e receberão todo luxo. Se alguém não atender às suas expectativas, me digam, e eu cuidarei para que essa pessoa seja removida imediatamente.

Seus olhos se iluminam. Deixo-os antes que possam responder. Que eles me conheçam como sua benfeitora, aquela que lhes deu tudo o que poderiam desejar.

Isso deve mantê-los leais.

Enquanto os Inquisidores se dispersam, caminho com Sergio em direção a uma pequena entrada lateral. Ele acena para dois de seus ex-mercenários me seguirem. Passamos pela frente da procissão e, quando avançamos, vejo Magiano descansando perto da entrada dos fundos do palácio, vestido como se estivesse pronto para ir para as termas, enquanto uma das empregadas reais lhe entrega o manto. É uma garota que já vi falar com ele em várias ocasiões. Hoje, algo que ela diz o faz rir. Magiano sorri e balança a cabeça para ela antes de ir em direção às termas.

*Eles estão zombando de você pelas suas costas*, dizem os sussurros. *Você os ouviu rir, não ouviu? O que a faz pensar que seu precioso ladrão ficará ao seu lado?* Enquanto eles falam, a cena a que acabei de assistir se transforma em minha memória, de modo que imagino ter visto a criada passando a mão pelas tranças de Magiano, beijando-lhe os lábios e ele respondendo com um aperto no braço dela, murmurando um segredo em seu ouvido. Meu peito queima, enchendo-se de fogo e dor.

*Talvez você deva mostrar a eles do que é capaz. Eles não vão fazê-la de tola outra vez.*

– Isso não é real – digo em voz baixa. – Não é real.

Aos poucos, a ilusão desaparece e a verdadeira cena a substitui. Meu coração martela no peito enquanto os sussurros recuam, rindo de mim.

– O carcereiro me disse que eles prepararam Teren para sua visita hoje – conta Sergio, arrancando-me de meus pensamentos. Eu me viro para ele, aliviada. Com base em sua expressão, é a segunda vez que diz isso. – Ele foi limpo, a barba raspada, e também recebeu um novo conjunto de roupas.

– Que bom – respondo. Teren matou vários guardas da Inquisição nos últimos meses, aqueles que não tinham sido cuidadosos em sua presença. Agora é muito raro que se aproximem dele, deixando-o desleixado. – Como ele está agora?

– Calmo – diz Sergio. Ele bate o punho da espada ao seu lado. – Fraco.

Fraco? Ficamos em silêncio novamente quando entramos no palácio e seguimos nosso caminho por um corredor mal iluminado. O terreno se inclina ligeiramente até chegar a uma escada que serpenteia na escuridão, e aqui Sergio assume a liderança. Eu o sigo, enquanto outros soldados caminham atrás de mim.

Nossos passos ecoam nas profundezas.

– Há boatos de que os Punhais podem estar escondidos nas Terras do Céu – diz Sergio depois de algum tempo.

Olho para ele, mas seus olhos evitam os meus.

– Beldain? – pergunto. – A rainha Maeve está planejando nos atacar de novo?

– Não ouvi nada. – Sergio permanece em silêncio por um instante e seu rosto fica grave, com expressão estranha. – Embora alguns digam que sua irmã pode estar com eles também.

Violetta. Aperto com mais força as bordas do meu vestido. Claro que Sergio sente falta dela – há meses ele vem fazendo comentários sutis sobre onde ela poderia estar. Minha rota de conquistas – Merroutas, Domacca, norte de Tamoura, Dumor – não é coincidência. É a sequência dos países onde Sergio ouviu falar que Violetta poderia estar.

– Mande um batedor e uma balira na direção de Beldain – digo por fim.

– Sim, Majestade – responde Sergio.

A Torre da Inquisição original ainda está de pé, exatamente a mesma que Teren usou uma vez para prender minha irmã, aonde eu tinha ido em várias ocasiões para vê-lo em meu desespero. Fiquei tentada a mantê-lo na mesma cela, mas o palácio tem um nível inferior de masmorras destinadas aos mais importantes prisioneiros, os que devem ser mantidos próximos.

E eu quero Teren muito, muito perto.

As masmorras são um cilindro que desce em espiral para a escuridão, mal iluminadas por raios de luz que entram pela grade no alto. Quanto mais descemos, mais úmidas se tornam as pedras e as paredes. Enrolo meu manto com força em volta de mim enquanto o ar frio pinica minha pele. Os degraus tornam-se mais estreitos e entre suas rachaduras crescem estranhos musgos e ervas daninhas, plantas que se alimentam de alguma forma da luz fraca e da água que goteja. Sobreviventes. Lembro-me de meus primeiros dias com a Sociedade dos Punhais, da velha caverna onde todos nós costumávamos treinar. *Nós*, como se isso ainda existisse. Afasto a lembrança da suave orientação de Raffaele, de seu sorriso. A lembrança de Michel me ensinando a criar uma rosa do nada, de Gemma me mostrando seu poder com os animais. De Enzo, secando uma lágrima

em meu rosto. *Não chore. Você é mais forte do que isso.*

*Ele está a atraindo para lá para que Teren possa cortar sua garganta.*

A lembrança de Enzo se desfaz, reivindicada pelos sussurros, e se transforma na imagem dele me enfrentando no navio de Maeve, a espada apontada para a frente, desejando-me morta. Meu coração gela. *Você é apenas um fantasma*, eu me lembro, puxando o familiar laço entre nós com uma ilusão de gelo, neve, frio. Espero que ele sinta, onde quer que esteja. *Você já está morto para mim*.

Um homem está nos esperando no nível mais baixo, um soldado marcado com uma mecha pálida no cabelo louro escuro, um brilho de suor no rosto, o uniforme da Inquisição manchado e sujo de cinzas. Ele acena para Sergio e depois se inclina para mim.

– Vossa Majestade – diz. Então estende um braço em direção às masmorras e nos incita à frente.

As celas do palácio são cômodos separados, sem grades nem janelas. Ele nos conduz por um amplo corredor com portas de ferro alinhadas dos dois lados, cada uma guardada por dois Inquisidores. Algumas das portas são mais afastadas que outras. Quando nos aproximamos do final, chegamos a várias, tão distantes umas das outras que não consigo ver a porta ao lado da que acabamos de passar. Finalmente, o carcereiro para na última porta à nossa direita.

Do lado de fora desta cela, há seis inquisidores em vez de dois. Eles se alinham em formação quando me aproximo, me curvo e faço um gesto para o carcereiro. Ele pega uma chave enquanto o Inquisidor sênior pega uma segunda. Para abrir essa fechadura é preciso inserir duas chaves ao mesmo tempo.

Sergio e eu trocamos um breve olhar. A última vez que vi Teren foi há vários meses, antes da nossa expedição para conquistar Dumor. Gostaria de saber como ele está agora.

A fechadura range, depois faz um clique – e a porta se abre. Eu entro atrás dos Inquisidores.

A câmara é grande e circular, com o teto alto, iluminado por oito tochas ao longo das paredes. Há um fosso, com água suja vinda das termas. Os soldados se enfileiram nas paredes. O fosso envolve uma ilha de pedra, e sobre esta ilha encontra-se uma figura, acorrentada por uma dúzia de pesados elos ancorados

nas extremidades e guardada por dois soldados que se revezam a cada hora, designados para subir e baixar uma ponte de corda entre a ilha e o resto da câmara. A figura se agita quando nos ouve nos reunirmos no lado mais distante do fosso. À luz das tochas, seus cabelos brilham dourados, e, quando ele levanta o rosto em nossa direção, seus olhos reluzem uma loucura familiar. Pálido, pulsante, incolor. Mesmo agora, com nossos papéis invertidos, seu olhar fixo envia uma onda de energia através de mim, uma mistura de medo, ódio e emoção.

Teren sorri para mim. Sua voz ecoa na câmara, baixa e rouca.

– Mi Adelinetta.

# Maeve Jacqueline Kelly Corrigan

Uma carta de Raffaele deveria ter chegado pela pomba hoje, mas não chegou. Maeve se pergunta se o pássaro foi morto em voo ou atrasado por tempestades. Os mares *têm* estado estranhos ultimamente. Seja qual for a razão, ela ainda não recebeu resposta sobre a condição atual de Lucent – então permanece no campo de treinamento muito depois da meia-noite, balançando, inquieta, sua espada de madeira.

Alguns de seus guardas estão espalhados ao redor do campo. Seu irmão Augustine está aqui também, ajudando-a a treinar. Ele lhe dá um olhar simpático enquanto balança lentamente sua espada e tropeça na terra.

– Você deve estar cansada o suficiente agora para dormir – diz Augustine enquanto empurra gentilmente Maeve um passo para trás e espera que ela mude de posição. Ele usa sua espada para gesticular para os apartamentos. – Vá, Majestade. Você não faz bem a ninguém ficando aqui fora desse jeito.

Maeve balança a cabeça e franze o cenho. Ela levanta a espada outra vez.

– Eu vou ficar – responde.

Augustine avança para ela. Ela bloqueia o ataque, se esquiva e balança a arma acima de sua cabeça. Ela abaixa na direção dele, que a apara com sua lâmina de madeira. Enquanto Maeve aperta os dentes, Augustine se inclina mais para ela e franze a testa.

– Você precisa ir até Lucent – diz ele. – Estou cansado de ver você assim.

Os olhos de Maeve piscam, irritados.

– Não vou deixar o meu país só para visitar uma velha companheira de equitação.

Os lábios de Augustine se apertam em uma linha.

– Oh, pelo amor dos deuses, pequena Jac – diz ele. – Sabemos que Lucent não era apenas sua companheira de equitação. – Com sua expressão aturdida,

Augustine ri. – Você é boa em muitas coisas, mas você é horrível em manter seus interesses amorosos em segredo.

O temperamento de Maeve brilha. Ela empurra Augustine e balança a espada para ele novamente. A lâmina de madeira o atinge na lateral do corpo antes que ele possa bloquear o ataque. Ele geme com o golpe e se dobra. Maeve aproveita a oportunidade, o empurra de costas e põe o joelho contra seu peito. Aperta a espada contra seu pescoço e Augustine ergue as mãos, derrotado.

– Não vou deixar meu país – repete Maeve com os dentes cerrados – para visitar *uma velha companheira de equitação*. Não depois da nossa última batalha. Adelina está em movimento. Ela *virá* para o norte.

Augustine empurra a espada dela para longe.

– Então você vai apenas esperar que ela chegue à nossa costa? – retruca. – Dizem que ela conquistou Dumor. Deve estar de olho em Tamoura agora, mas em breve *vai* voltar sua atenção para as Terras do Céu.

Maeve suspira, baixando a espada. Ela salta para trás e observa enquanto Augustine se levanta.

– Não posso ir – repete, mais calma dessa vez. – Tristan.

Ao mencionar o nome de seu irmão mais novo, o humor de Augustine se suaviza.

– Eu sei.

– Você o viu ontem?

– Está na mesma, dizem os médicos. Nenhuma mudança.

Maeve se força a erguer a espada e se concentrar em Augustine novamente. Ela precisa dessa distração. Tristan não diz uma palavra há semanas – o período mais longo até hoje – e seu olhar está sempre fixo na direção do mar, voltado para o sul. A pequena centelha de luz que lhe restava nos olhos desapareceu por completo, deixando apenas piscinas planas e um olhar vazio e sem vida. Uma vez, quando ela o trouxera para os festivais de inverno com ela, ele a atacara, em um estado de confusão. Ele tinha feito isso de forma meio indiferente, como se uma parte dele soubesse que não queria, mas mesmo assim foi preciso que Augustine e outro homem o dominassem. Desde então, não dormia mais. Em vez disso, ficava perto da janela, os olhos virados para o mar.

Os rumores sobre ele rodam em Hadenbury. *O príncipe Tristan está louco. Ele atacou a rainha, sua própria irmã.*

Maeve ataca Augustine outra vez com sua espada de madeira, e os choques das armas soam pelo jardim. Ela tentou chegar ao Submundo ontem à noite, procurando pistas. Mas a energia lá era muito forte, mesmo para ela, a escuridão escaldando seus dedos, deixando uma camada de gelo em seu coração. Ela sabe, por algum instinto de sobrevivência, que, se tentasse usar seu poder, isso a mataria.

– Teremos mais quatro navios prontos em apenas algumas semanas – diz Maeve, mudando de assunto enquanto se afasta do golpe de Augustine. – Nossa marinha vai se recuperar completamente até o final do ano. Então podemos voltar a pensar em Adelina.

– Ela não tem mais Enzo à sua disposição – lembra Augustine a ela. – Ele está com os Punhais em Tamoura. Ela estará mais fraca.

Há um intervalo entre suas palavras, no qual nenhum deles quer mencionar os rumores da descida de Adelina à loucura.

– Ela pode ser assassinada antes mesmo de chegarmos até ela – diz Maeve por fim. – Podemos ter esperança.

Ambos erguem o olhar ao som de um portão se abrindo. A princípio, Maeve acha que é um mensageiro que vem trazer-lhe um pergaminho de Raffaele – e seu humor melhora imediatamente. Ela começa a caminhar em direção à figura.

– Augustine – chama por cima do ombro. – Pegue a tocha na cerca. Recebemos uma mensagem.

Então a figura dá um passo, ficando iluminada pelo luar, e ela hesita. Vários dos guardas ao longo da parede se movem em direção a ela também, embora nenhum tenha desembainhado suas espadas. Maeve estreita os olhos, tentando reconhecer quem é.

– Tristan? – sussurra ela.

*Parece* Tristan. Ela pode sentir a ligação entre eles, o elo fraco que liga suas energias. Maeve franze o cenho. *Alguma coisa não está certa.* Ele caminha de um jeito estranho e desarticulado, e uma sensação de repugnância surge no estômago dela. Tristan tem sua própria patrulha de uma dúzia de homens que rondam sua

cela, assegurando que ele fique em segurança onde possa ser observado. *Como saiu?*

Quando um guarda chega até ele, Tristan se vira enquanto um braço dispara e agarra o pescoço do homem, apertando-o. O guarda enrijece, chocado com o ataque. Engasgando, procura a espada ao lado do corpo, mas Tristan está apertando seu pescoço com muita força. O guarda luta desesperadamente para se soltar. Maeve mal percebe que ela deixou cair sua espada de madeira e sacou a de verdade.

Atrás de Tristan aparecem dois guardas, correndo sem fôlego para o campo de treinamento. Maeve sabe o que aconteceu antes mesmo de eles gritarem. *Tristan matou seus guardas.* Ela aponta a espada para seu irmão mais novo.

– Pare! – grita.

Ao lado dela, Augustine se levanta e também saca sua espada de verdade. Tristan não faz um som – em vez disso, joga de lado o homem que segurava pela garganta e, em seguida, avança para o próximo guarda mais perto dele. Torce o braço do homem para trás das suas costas com tanta força que ele quebra.

– Tristan! – grita Maeve, correndo para ele. – Pare!

Ela estende o braço, tentando controlá-lo. Mas de alguma forma, dessa vez, ele resiste a ela. Seus olhos giram para a irmã de uma forma que lhe provoca um arrepio na espinha. A escuridão que se agita nele explode, empurrando o poder dela para longe, e Maeve sente o familiar toque de frio e morte em seu coração. O efeito é tão poderoso que o entorpecimento a faz congelar no lugar por um instante. *Isso não está certo.*

Maeve salta para frente e chega a Tristan antes que ele possa atacar outro guarda. Ela ergue a espada, mas o que vê nos olhos dele a assusta. Não há nenhuma parte branca. Em vez disso, seus olhos são poças de escuridão, completamente desprovidos de vida. Ela hesita por uma fração de segundo – e nesse momento Tristan mostra os dentes como se fossem presas e avança para ela com as mãos estendidas.

Maeve consegue erguer sua espada a tempo – a lâmina corta profundamente uma das mãos dele. Tristan grunhe e a ataca de novo e de novo. Ele é incrivelmente forte. É como se toda a força do Submundo agora rastejasse sob sua pele, ansiosa para se atirar contra ela. A ligação entre eles puxa com tanta força

que dói, e Maeve estremece.

Quando Tristan ataca de novo, Augustine surge entre eles e levanta a espada para proteger a irmã. Tristan rosna – seu braço se move em um borrão, agarrando a adaga no cinto de Augustine – e se vira para o irmão mais velho. Apesar de sua estrutura menor, seu ataque faz Augustine perder o equilíbrio. Ambos caem no chão em uma nuvem de terra.

Maeve se encolhe quando os fios entre ela e Tristan se esticam novamente. A dor a deixa tonta. Com a visão embaçada, vê Augustine lutando desesperadamente para manter o punhal de Tristan afastado. Ela busca dentro de si os fios que a ligam a Tristan, presos dentro de seu coração, e que o mantêm vivo e sob seu controle. Hesita novamente. Uma lembrança de Tristan, antes do acidente, antes de ela trazê-lo de volta, brilha em sua mente – um garoto sorridente e risonho, o irmão que não conseguia parar de falar mesmo quando ela o empurrava amorosamente, o irmão que gostava de surpreendê-la nos arbustos altos e de sair em longas caçadas com ela e Lucent.

*Este não é Tristan*, ela de repente se permite pensar enquanto olha para a criatura que ataca Augustine.

Por fim, Augustine consegue virar Tristan para o chão. Ele pega sua espada e a aponta para o coração do irmão. Tristan cospe nele, mas mesmo assim Augustine hesita. Sua espada treme no ar.

Aproveitando o momento, Tristan o apunhala com a espada.

*Não*. Maeve se move antes mesmo de pensar. Ela avança, empurrando Augustine para longe do perigo, e enterra sua própria espada no peito de Tristan.

Ele solta um suspiro terrível. As poças escuras de seus olhos se encolhem por um instante, deixando aparecer um garoto de olhos arregalados e confuso. Ele pisca duas vezes, olha para a lâmina enterrada em seu peito e depois para Maeve acima dele, o olhar fixo nela pela primeira vez.

Maeve busca instintivamente o fio que os liga, mas agora ela o sente desaparecer. Tristan continua a olhar para ela pelo que parece uma eternidade. Ela sente que pode ler seu olhar. Seus lábios se abrem em um soluço silencioso.

Então, com um suspiro, Tristan fecha os olhos – o brilho de luz que restava em sua alma, a imitação de uma vida que uma vez existira, finalmente se apaga – e

cai morto no chão.

Quando os clarins soaram através do mar, ainda assim, ele os ignorou. Quando a cavalaria chegou às portas, ainda assim, ele dormiu. Quando seu povo gritou, ainda assim, ele pediu calma. Mesmo quando o inimigo varreu seu reino com fogo e se reuniu às portas de seu castelo, ele andou de um lado para outro em seu quarto, recusando-se a acreditar.

- A Segunda Queda de Persenople, *por Scholar Natanaele*

# Adelina Amouteru

A memória é uma coisa engraçada. Minha primeira lembrança de Teren permanece cristalina até hoje – aquele manto branco cintilante, a silhueta iluminada pela luz do sol em um dia azul brilhante, o perfil de um rosto esculpido, um rabo de cavalo cor de trigo enrolado em ouro caindo abaixo dos ombros, as mãos cruzadas atrás das costas. Como ele parecia intimidador. Mesmo agora, quando olho para esta figura acorrentada, vestida como prisioneiro, feixes de luz contornando seus músculos, não posso deixar de ver, em vez disso, aquela primeira imagem dele.

Sergio nos conduz para frente, até o fosso. Quando chega a ele, se inclina para a água e puxa uma ponte de corda ancorada ao chão. Ele a arremessa para os dois guardas na ilha. Um deles engancha a outra extremidade da ponte em duas alças no chão da ilha, e Sergio pisa na ponte. Eu o sigo.

Quando chegamos à ilha, Sergio e os outros guardas se espalham para os lados, abrindo caminho para mim. Sigo em frente e paro a vários passos de onde Teren está acorrentado.

– Olá – digo.

Teren permanece agachado no chão, o olhar fixo em mim. Ele não pisca. Em vez disso, ao me ver, parece estar desfrutando a visão. Suas roupas de fato foram trocadas por um conjunto limpo de vestes, e seu cabelo está amarrado para trás, o rosto liso. Ele está mais magro agora, mesmo que o tempo não tenha desgastado a aparência cinzelada de seu rosto ou as linhas duras de seus músculos. Ele não diz nada. *Há algo de errado com Teren*. Eu o olho, intrigada.

– Você parece bastante bem – afirmo. Inclino a cabeça ligeiramente para ele. – Menos sujo do que quando o visitei pela última vez. Andou comendo e bebendo. – Houve várias semanas em que ele recusou toda comida, e achei que ele poderia se matar de fome. Mas ele ainda está aqui.

Ele não diz nada.

– Ouvi dizer que você não estava bem – continuo. – Será que o grande Teren alguma vez fica doente? Não achei que isso fosse possível, então vim ver com meus próprios o…

Sem aviso, Teren avança para mim. As correntes pesadas não diminuem sua velocidade. Elas se retesam pouco antes de onde estou e, por um instante, ficamos face a face, separados apenas pela respiração. Minhas visitas anteriores me ensinaram onde ficar em segurança, mas mesmo assim meu coração parece pular na garganta. Atrás de mim, ouço Sergio e os outros soldados sacarem suas espadas.

– Então dê uma boa e longa olhada, pequena *malfetto* – grunhe Teren. – Você gosta do que vê? – Ele balança a cabeça em um gesto sarcástico. – O que é hoje em dia, Adelina? Rainha das Terras do Mar?

Digo a mim mesma para ficar calma, para encontrar os olhos de Teren com firmeza.

– *Sua* rainha – respondo.

Nesse momento, a dor atravessa seu rosto. Ele procura meu olhar, então dá um passo para trás. As correntes ficam frouxas.

– Você não é minha rainha – resmunga ele entre os dentes.

Sergio guarda a espada novamente e se inclina para mim.

– Olhe – sussurra, acenando para os braços de Teren.

Meu foco oscila dos olhos de Teren para seus pulsos. Algo chama minha atenção, algo profundo e vermelho. Gotejando de seus pulsos e escorrendo por seus dedos há um rastro de sangue que deixa um pontilhado na pedra logo abaixo.

Sangue? Olho para ele, tentando seguir a trilha. Parece sangue fresco, escarlate e molhado.

– Sergio, ele atacou um guarda? Por que há sangue em seu braço?

Sergio me lança um olhar sombrio.

– Ele está sangrando por causa do roçar das correntes em seu pulso. São as feridas *dele*.

As feridas dele? Não. Balanço a cabeça. Teren é quase invencível; seu poder

garante que seja assim. Qualquer ferida que ele sofresse se fecharia antes que o sangue pudesse escorrer. Cruzo os braços e olho para ele.

– Então é verdade. Algo *está* errado com você. – Eu aceno para o pulso sangrando de Teren. – Quando isso começou?

Teren estuda meu rosto novamente, como se tentasse ver quão sério estou falando. Então começa a rir. É um barulho baixo em sua garganta, que cresce até sacudir seus ombros.

– Claro que alguma coisa está errada comigo. Algo está errado com *todos nós*. – Seus lábios formam um sorriso largo que me arrepia até os ossos. – Você sabe disso há muito tempo, não sabe, lobinha?

Faz mais de um ano que a rainha Giulietta morreu, mas ainda me lembro bem do rosto dela. Invoco essa memória agora. Aos poucos, teço a ilusão de seus olhos profundos e escuros, a boca pequena e rosada sobre a minha, sua pele lisa sobre meu rosto marcado, suas ondas de cabelo fartas e escuras sobre o meu, liso e prateado. A expressão de Teren endurece quando vê minha ilusão tomar forma, seu corpo congelado no lugar.

– Sim – respondo. – Eu sempre soube.

Teren caminha em minha direção até que não possa ir mais longe. Posso sentir sua respiração na minha pele.

– Você não merece usar o rosto dela – sussurra.

Eu sorrio amargamente.

– Não vamos esquecer quem a matou. Você destrói tudo o que toca.

– Bem – ele sussurra de novo, retribuindo meu sorriso. – Então temos muito em comum.

Ele observa o rosto de Giulietta. É incrível ver sua transformação. Seus olhos se suavizam, ficando úmidos, e é como se eu pudesse ver as lembranças passando por sua mente, seus dias com a falecida rainha, curvando-se aos seus comandos, passando noites em seus aposentos, de pé ao lado de seu trono, defendendo-a. Até se voltarem um contra o outro.

– Por que você está aqui? – pergunta Teren. Ele se endireita e se afasta de mim novamente.

Olho para Sergio, depois aceno com a cabeça.

– Sua espada – digo.

Sergio dá um passo à frente. Ele saca a espada, o som do metal ecoa na câmara, e então se dirige para Teren, que não tenta resistir, mas vejo seus músculos tensos. Ele costumava lutar durante os primeiros meses de prisão, seus gritos furiosos soando pela masmorra, as correntes chacoalhando. Sergio teve que bater em Teren várias vezes, com todas as armas, de hastes a espadas e chicotes, até que Teren começou a recuar quando ouvia seus passos se aproximando. É cruel, pensariam alguns. Mas são os pensamentos de alguém que nunca conheceu as más ações de Teren.

Agora ele apenas espera enquanto Sergio se aproxima dele, agarra seu braço, e faz um corte rápido no antebraço. O sangue jorra, e eu assisto, esperando a visão familiar de sua carne se fechando.

Mas… isso não acontece. Não imediatamente. Em vez disso, Teren continua sangrando como qualquer homem, o sangue escorrendo pelo braço até encontrar as feridas dos grilhões em seus pulsos. Teren olha para o sangue com admiração, virando o braço de um lado para outro. Enquanto observamos, a carne aos poucos, bem lentamente, começa a se curar, a ferida se tornando menor, o fluxo mais leve, até que o corte se fecha.

Não admira que seus pulsos ainda estejam sangrando. O atrito abre as feridas constantemente. Franzo o cenho para Teren, recusando-me a acreditar nisso. As palavras de Raffaele – as palavras de Violetta – me vêm correndo à mente, como quando as ouvi pela primeira vez há meses, uma das últimas coisas que minha irmã me disse. *Todos nós, todos os Jovens de Elite, estamos em perigo*. Nossos poderes estão lentamente dilacerando nosso corpo mortal.

*Não. É tudo mentira.* Os sussurros estão irritados agora, sibilando para mim. Transfiro essa raiva para o carcereiro quando disparo para ele:

– Achei que tivesse lhe dito para mantê-lo saudável. Quando isso começou?

O carcereiro abaixa a cabeça. Seu medo de mim o faz tremer.

– Há algumas semanas, Majestade. Pensei que ele tivesse atacado alguém também, mas nenhum dos guardas parecia estar ferido nem se queixou de nada.

– Isso é um erro – digo. – Impossível.

Mas o que Violetta me dissera há tanto tempo continua voltando: *Estamos condenados a ser sempre jovens*.

Enquanto Teren olha para mim e ri, eu me viro. Atravesso o fosso de volta para o outro lado da cela e saio tempestuosamente, com meus homens atrás de mim.

# Raffaele Laurent Bessette

Alguns dias depois da tempestade, quando Violetta alertou Raffaele pela primeira vez sobre a estranha energia do oceano, os outros Punhais o seguiram até a costa. Uma pequena multidão se reuniu perto dos cadáveres de balira, sussurrando e murmurando. Algumas crianças brincam perto dos corpos, se desafiando a tocar a pele apodrecida, gritando diante do tamanho das criaturas. O oceano continua a bater contra os corpos, tentando em vão arrastá-los de volta para a água.

– É incomum – diz Lucent a Raffaele enquanto seguem seu caminho pelas rochas em direção à areia. – Mas não *inédito*. Beldain já viu encalhes em massa antes. Pode ter sido causado por qualquer coisa, aquecimento ou resfriamento da água, um ano com pouca migração de peixes, uma tempestade. Talvez seja o mesmo aqui. Apenas uma mudança temporária nas marés.

Raffaele dobra os braços nas mangas e olha as crianças correrem em torno dos corpos. Uma simples tempestade ou mudança de maré não poderia explicar a energia que sentira no oceano ontem à noite, que tirou Violetta da cama e o fez ofegar. Não, isso não foi causado por nenhum fenômeno natural. Há veneno penetrando no mundo. Em algum lugar, há uma fenda, uma ruptura na ordem das coisas.

A energia misteriosa permanece, mas Raffaele não tem como explicá-la àqueles que não conseguem senti-la. Seu olhar se mantém fixo na água. Ele não dormiu, tendo passado a noite em sua escrivaninha, estudando os papéis que ainda restam de seus registros, tentando solucionar o enigma.

Lucent parece estar se esforçando para não demonstrar a dor que sente nos ossos.

– Bem, alguns dos aldeões estão dizendo que há relatos de um evento semelhante na costa de Domacca. – Ela encontra um lugar confortável entre as rochas e se senta. – Parece que não está concentrado só aqui.

Raffaele sai do lado de Lucent e se dirige para a beira da água. Ele puxa a

manga e mergulha um cantil na onda, deixando-o encher. O toque do oceano faz seu estômago se embrulhar tanto quanto na noite da tempestade. Quando o cantil está cheio, Raffaele sai depressa da água para afastar seu toque venenoso.

– Você está pálido como um menino beldaíno – exclama Michel quando Raffaele passa por ele.

Raffaele segura o cantil com as duas mãos e começa a voltar para o palácio.

– Estarei no meu quarto – responde.

Quando ele volta a seus aposentos, despeja o conteúdo do cantil em um copo claro. Em seguida, o coloca em sua mesa de modo que seja inundado pela luz da janela. Ele abre as gavetas da mesa e pega uma série de pedras preciosas. São as mesmas que usava para testar os outros Punhais, as que tinha usado em Enzo e Lucent, Michel e Gemma. Em Violetta. Em Adelina.

Raffaele cuidadosamente forma um círculo com as pedras ao redor do copo de água do mar. Então se afasta e observa a cena. Estende a mão com fios de sua energia, procurando uma pista, persuadindo as pedras.

No início, nada acontece.

Então, lentamente, *muito* lentamente, várias das pedras começam a brilhar de dentro pra fora, iluminadas por algo diferente da luz solar. Raffaele puxa os fios de energia como faria ao testar um novo Jovem de Elite, sua testa franzida de concentração. As cores piscam, acendendo e apagando. O ar brilha.

Pedra da noite. Âmbar. Pedra da lua.

Raffaele olha fixamente as três pedras brilhantes. Pedra da noite, para o anjo do Medo. Âmbar, para o anjo da Fúria. Pedra da Lua, para a própria Moritas.

Qualquer que seja a presença que Raffaele sentiu no oceano, é isso. O toque do Submundo, a energia imortal da deusa da Morte e suas filhas. Raffaele franze a testa enquanto se aproxima da mesa e olha a água no vidro. Ela é transparente e brilha com a luz, mas, por trás disso, está o fantasma da própria morte. Não é de admirar que a energia pareça tão *errada*, tão fora de lugar.

*O Submundo está se infiltrando no mundo dos vivos.*

Raffaele balança a cabeça. Como pode ser? O reino dos deuses não toca o mundo da humanidade – a imortalidade não tem lugar no reino mortal. A única

ligação que a magia dos deuses tem com o mundo dos vivos é por meio de pedras preciosas, os únicos resquícios de onde as mãos dos deuses tocaram o mundo tal como o criaram.

*E os Jovens de Elite,* Raffaele acrescenta para si mesmo, fazendo seu coração disparar. *E nossos próprios poderes divinos.*

Mesmo lá, passando e repassando o mistério em sua mente, ele se pega olhando na direção dos aposentos de Enzo, onde o fantasma de seu príncipe ainda persiste depois de ter sido puxado do Submundo. *Depois de ter sido arrancado do Submundo.*

*Um Jovem de Elite, arrancado do reino imortal e arrastado para o mortal.*

Os olhos de Raffaele se arregalam. O dom da rainha Maeve, a ressurreição de Tristan, a de Enzo… Poderia ter causado tudo isso?

Ele vai até seus baús e pega vários livros, empilhando-os de forma precária em sua mesa. Sua respiração se torna superficial. Em sua mente, repete a ressurreição de Enzo – a noite tempestuosa na arena de Estenzian, a aparição de Adelina disfarçada de Maeve, envolta por um manto e capuz, a explosão de energia sombria que ele sentiu nas águas da arena que vinha de algum lugar além dali. Ele pensa na ausência de luz nos olhos de Enzo.

A deusa da Morte tinha castigado exércitos antes, tinha se vingado de príncipes e reis que se tornaram arrogantes demais diante da morte certa. Mas o que aconteceria se um Jovem de Elite, um corpo mortal condenado a exercer poderes imortais, um dos Jovens de Elite mais *poderosos* que Raffaele já havia encontrado, fosse tirado de seu domínio? Isso arrancaria o tecido que separava os vivos e os mortos?

Raffaele lê até tarde da noite. Ignorou as batidas dos outros em sua porta o dia todo, mas agora está em silêncio. Livros espalhados ao seu redor, volumes e volumes de mitos e histórias, matemática e ciências. Toda vez que ele vira uma página, a vela em sua mesa oscila como se pudesse se apagar. Ele está procurando por um mito específico – a única referência que já ouvira de um tempo em que o reino imortal tocou o mortal.

Finalmente, encontra. Laetes. O anjo da Alegria. Raffaele desacelera e lê em voz alta, sussurrando as palavras:

– Laetes, o anjo da Alegria, era o filho mais precioso e amado dos deuses. Era tão amado que se tornou arrogante, pensando que só ele próprio era digno de louvor. Seu irmão Denarius, o anjo da Ganância, fervia de amargura. Certa noite, Denarius expulsou Laetes do céu, condenando-o a andar pelo mundo como um homem por cem anos. O anjo da Alegria caiu da luz dos céus pela escuridão da noite no mundo mortal. O estremecimento de seu impacto enviou ondulações por toda a terra, contudo demoraria mais de cem anos para as consequências disso se manifestarem. Há um desequilíbrio no mundo, o veneno do imortal tocando o mortal.

A voz de Raffaele falha. Ele lê novamente. *Há um desequilíbrio no mundo. O veneno do imortal tocando o mortal.* Seu dedo se move para baixo da página, lendo por alto o resto da história.

– … até que Laetes pudesse olhar para os céus do lugar onde eles tocavam a terra, e adentrá-lo novamente, com a bênção de cada um dos deuses.

Ele pensa na febre do sangue, nas ondas de praga que deram origem aos Jovens de Elite. *A febre do sangue.* Ondulações por toda a terra. Essas pragas foram consequências da imortalidade que encontrou a mortalidade – foram causadas pela queda de Laetes. Ele pensa nos poderes dos Jovens de Elite. Então pensa em Enzo, voltando ao mundo mortal depois de ter visitado o imortal.

Como não tinha visto isso antes? Como não tinha feito essa conexão até agora? Até que o veneno no oceano lhe desse essa pista?

– Violetta – murmura Raffaele, levantando-se da cadeira.

*Ela vai entender – ela sentiu o veneno no oceano primeiro.* Ele veste sua túnica, então se apressa para a porta. À medida que caminha, ele pensa em quando testou os poderes de Adelina, como seu alinhamento com o Submundo quebrou o vidro de sua lanterna e fez voar os papéis em sua mesa.

*Essa energia parece com a de Adelina*, disse Violetta quando seus pés tocaram a água do oceano.

Se o que ele pensa é verdade, então não teriam que enfrentar Adelina outra vez… Iam precisar de sua ajuda.

Quando Raffaele vira no corredor onde fica o quarto de Violetta, ele para. Lucent e Michel já estão do lado de fora da porta dela. Raffaele diminui o passo.

Mesmo de longe, pode sentir uma perturbação atrás da porta de Violetta.

– O que foi? – Raffaele pergunta aos outros.

– Ouvimos um choro – diz Lucent. – Não parecia um choro humano normal… Raffaele, foi o som mais assustador que eu já ouvi.

Raffaele volta a atenção para a porta de Violetta. Agora também pode ouvir, um gemido baixo que faz seu coração apertar. Definitivamente, não parece Violetta. Ele olha para Michel, que balança cabeça.

– Eu não quero ver – murmura, a voz suave. Raffaele reconhece o medo em seus olhos, o desejo de evitar a imagem do que está ouvindo.

– Fique aqui – diz Raffaele delicadamente, colocando uma das mãos no ombro de Michel. Então ele acena para Lucent e entra no quarto.

Violetta está acordada – ou parece estar, à primeira vista. Seu cabelo ondulado e escuro está encharcado de suor, fios colados na testa, e seus braços estão nus e pálidos em contraste com a camisola, as mãos agarrando seus lençóis desesperadamente. Seus olhos estão abertos, observa Raffaele, mas ela não percebe que ele e Lucent agora estão ao seu lado no quarto.

Mas o que mais lhe interessa são as marcas que cobrem seus braços.

Esta menina, uma Jovem de Elite que antes não tinha marcas, agora as tem, e elas se estendem por toda a sua pele. Parecem hematomas, pretos, azuis e vermelhos, mapas irregulares que atravessam seus braços e se sobrepõem uns aos outros. Elas se estendem até seu pescoço e desaparecem sob a camisola. Raffaele reprime o gemido em sua garganta.

– Ela não parece totalmente consciente – diz Lucent. – Ela estava bem ontem, andando, falando, sorrindo.

– Ela estava cansada – responde ele, correndo a mão no ar sobre seu corpo, pensando em seu sorriso cansado. Os fios de sua energia estão emaranhados, tecendo e desmanchando. – Eu devia ter sentido isso ontem à noite.

Mas nem mesmo ele poderia ter adivinhado quão drasticamente isso poderia acontecer, como Violetta poderia ir para a cama uma Jovem de Elite sem marcas e acordar esta manhã como se tivesse sido espancada. Isso tinha sido provocado por ela ter entrado no oceano envenenado? *Está acontecendo*. O pensamento inunda sua mente, mesmo quando ele tenta ignorá-lo. *É o mesmo fenômeno que está*

*esvaziando os ossos de Lucent, que matou Leo voltando seu poder venenoso contra ele próprio, e que vai acabar acontecendo com o restante de nós. Um efeito colateral diretamente relacionado ao seu poder*. Pois Violetta, cuja habilidade certa vez a protegera de ter marcas como as dos outros, agora está enfrentando o oposto – seu poder se virou cruelmente contra ela.

Raffaele balança a cabeça enquanto estuda a energia de Violetta. *Ela vai morrer. E vai ser antes de qualquer um de nós.*

*Tenho que contar para a Adelina. Não há outra escolha.*

Ele se endireita e respira fundo. Quando fala, sua voz é calma e inabalável:

– Traga-me uma pena e um pergaminho. Preciso enviar uma pomba.

E dizem que ela detestava a todos no mundo inteiro, exceto o menino do campanário.

- Dias da Senhora da Escuridão, *de Dahntel*

# Adelina Amouteru

É só o início da tarde, mas uma chuva fria se instalou sobre a cidade, trazendo consigo uma camada de névoa que obstrui a luz. Sergio se retirou para seu quarto, queixando-se de tonturas e sede, com os lábios ressecados. Saio sozinha para as ruas da cidade, vestida com uma capa branca com capuz protegendo meu cabelo da umidade. Estou completamente escondida por uma ilusão de invisibilidade. A chuva pontilha meu rosto com pedaços minúsculos de gelo e fecho meu olho, saboreando a sensação.

Adquiri o hábito de visitar as termas depois de minhas visitas a Teren, para lavar as manchas de seu sangue em minha pele e me limpar da lembrança de sua presença. Mesmo assim, a imagem de seus olhos pálidos persiste muito depois de eu deixar sua cela. Agora sigo na direção das termas do palácio. Eu poderia chegar lá pelos corredores de dentro do palácio – mas aqui fora o terreno é tranquilo, e posso ficar sozinha com meus pensamentos sob o céu cinzento.

Dois homens estão de pé em frente à ponte que conduz à entrada do palácio, o olhar fixo nos portões principais. Estão conversando em sussurros. Diminuo o passo e me viro para vê-los. Um é alto e louro, talvez muito louro para ser kenettrano, ao passo que o outro é baixo e de cabelos escuros, com pele morena e queixo fraco. Suas roupas estão úmidas da chuva, como se houvesse muito tempo que estavam ali fora.

*O que eles estão sussurrando?* As palavras saem das sombras da minha mente, suas garras estalando. *Talvez estejam sussurrando sobre você. Sobre como matá-la. Até mesmo seu doce ladrão avisou sobre ratos que poderiam escapar através das rachaduras.*

Eu me desvio do caminho que leva às termas e decido seguir os homens. Enquanto atravesso a ponte, ainda escondida atrás da invisibilidade, eles terminam a conversa e seguem seu caminho. Minhas bandeiras da Loba Branca, as novas bandeiras do país, pendem das janelas e varandas, o pano branco e prateado manchado e encharcado. Apenas um punhado de pessoas andam pelas ruas hoje, todas curvadas sob capas e chapéus de abas largas, chutando lama ao

passar. Eu as observo com desconfiança, até mesmo quando me aproximo dos dois homens.

Enquanto caminho, o mundo à minha volta se torna brilhante. Meus sussurros ficam mais altos e, quando isso acontece, o rosto das pessoas por quem eu passo começa a parecer distorcido, como se a chuva tivesse borrado minha visão e manchado traços molhados em suas feições. Pisco, tentando focalizar. A energia em mim avança e por um momento me pergunto se Enzo está puxando nossa ligação através dos mares. Os dois homens que sigo agora estão perto o suficiente para que trechos de sua conversa cheguem a mim, e eu acelero o passo, curiosa para ouvir o que eles têm a dizer.

– … para enviar suas tropas de volta a Tamoura, mas…

– … difícil assim? Eu acho que ela nem se importaria se…

Eles *estão* falando de mim.

O homem louro balança a cabeça, uma das mãos estendida enquanto explica algo, obviamente frustrado:

– … e é isso, não é? A Loba não se importa nem um pouco que os mercados nos vendam verduras e legumes podres. Não me lembro do sabor de um figo fresco. Você lembra?

O outro homem assente com simpatia.

– Ontem, minha filha mais nova me perguntou por que os comerciantes de frutas agora têm duas pilhas de produtos. E por que entregam a comida fresca a compradores *malfetto*, e a podre para nós.

Um sorriso frio e amargo torce meus lábios. Claro que eu tinha criado essa lei precisamente para me certificar de que os não marcados sofressem. Depois que a ordem entrou em vigor, passei um tempo andando pelos mercados, me deleitando com a visão de pessoas não marcadas fazendo caretas para o alimento podre que levavam para casa, empurrando-o em sua boca por causa da fome e do desespero. Quantos anos esperamos ser tratados com justiça? Quantos de nós foram atacados nas ruas com repolho podre e carne cheia de larvas? A lembrança da minha própria fogueira há tanto tempo volta e, junto com ela, o cheiro do alimento estragado que me era comum. *Recolham suas armas podres,* juro em silêncio, *e encham sua boca com elas. Comam isso até gostarem*.

Os homens continuam, sem saber que estou ouvindo cada palavra. Se eu me revelasse para eles agora, cairiam de joelhos e pediriam perdão? Eu poderia executá-los aqui, derramar seu sangue direto nas ruas, por ousarem pronunciar a palavra *malfetto*. Deixei-me desfrutar dessa ideia quando dobramos uma esquina e entramos na praça de Estenzian onde acontecem as corridas de cavalo anuais do Torneio das Tempestades. A praça está quase vazia esta manhã, pintada de cinza pelas nuvens e pela chuva.

– Se eu a visse agora – diz um dos homens, sacudindo a água do seu capuz –, eu enfiaria essa comida podre de volta em sua boca. Deixe que ela mesma prove isso e veja se vale a pena comer.

Seu companheiro solta uma risada.

Tão corajosos quando acham que ninguém mais está ouvindo. Paro na praça, mas, antes de deixá-los continuar seu dia, abro a boca e falo:

– Cuidado. Ela está sempre olhando.

Ambos me escutam. Eles param e giram ao redor, os rostos tensos de medo. Procuram quem poderia ter dito isso. Permaneço invisível no centro da praça, sorrindo. Seu medo cresce, e quando isso acontece eu inalo profundamente, saboreando a faísca de poder por trás de sua energia. Estou tentada a estender a mão e agarrá-la. Em vez disso, apenas olho enquanto os homens ficam pálidos como fantasmas.

– Vamos – sussurra o homem louro, sua voz sufocada de terror. Ele começou a tremer, embora eu duvide que seja de frio, e há uma sugestão de lágrimas nos seus olhos. A cara dele fica borrada em minha visão, manchada como o resto do mundo, e por um instante tudo que posso ver são listras de preto onde seus olhos devem estar, um traço do rosa no lugar de sua boca. Os dois correm pela praça.

Olho ao redor, divertindo-me com meu pequeno jogo. Espalharam-se pela cidade rumores de como a Loba Branca assombra o ar, que ela pode ver dentro da casa e da alma deles. Isso plantou uma permanente sensação de inquietude na energia da cidade, uma constante corrente de medo que mantém minha barriga cheia. Bom. Quero que os não marcados sintam este perpétuo mal-estar sob o meu governo, para saber que estou sempre os observando. Isso tornará mais difícil organizar qualquer rebelião contra mim. E fará com que eles compreendam o medo que os marcados tiveram por tanto tempo.

Outras pessoas passam por mim, sem saber da minha presença. Os rostos parecem pinturas destruídas. Tento superar a falta de foco, mas surge uma dor de cabeça fraca e, de repente, me sinto exausta. Uma patrulha de meus Inquisidores de manto branco passa marchando, seus olhos procurando pessoas sem marcas que poderiam estar quebrando minhas novas leis. Sua armadura parece uma onda em minha visão. Faço uma careta, apertando a cabeça, e decido voltar ao palácio. A chuva encharcou meu próprio manto, e um banho morno parece sedutor.

Quando chego aos degraus que levam às termas, a garoa se transformou em uma chuva constante. Meus pés descalços fazem um barulho fraco contra o chão de mármore enquanto entro. Lá, finalmente desfaço minha invisibilidade. Normalmente, há duas criadas atrás de mim quando venho aqui, mas só quero afundar nas águas mornas e deixar minha mente vagar.

À medida que me aproximo da sala de banho, ouço um par de vozes vindo lá de dentro. Diminuo o passo por um momento. As termas não estão vazias como imaginei. Eu deveria ter enviado um criado na minha frente para esvaziar as salas. Hesito um pouco mais, depois decido continuar. Afinal, eu sou rainha – sempre posso mandar quem quer que seja sair.

A piscina se estende em um retângulo longo, de onde estou até o outro lado da sala. O vapor quente paira no ar, e posso sentir a umidade. Da outra extremidade da piscina vêm as vozes que eu tinha ouvido um momento antes. Quando deixo cair minhas vestes úmidas e mergulho meus dedos dos pés na água quente, ouço um barulho baixo de riso que me faz parar. De repente, reconheço quem é – Magiano. Ele *disse* que estaria nas termas.

Ele está de costas para mim, e é difícil vê-lo claramente através do vapor quente no ar. Mas sem dúvida é ele. Suas costas morenas estão nuas e lisas, seus músculos brilham, e suas tranças estão amarradas com um nó no alto de sua cabeça. Ele se inclina casualmente sobre a borda da piscina, e nas pedras está a mesma criada que eu tinha visto com ele pelo palácio. Ela está ajoelhada, o cabelo caindo sobre um ombro, um sorriso tímido em seu rosto enquanto lhe entrega um copo de vinho temperado.

*Ah*, dizem os sussurros, se agitando. *E nós achamos que ele era o* seu *brinquedinho*.

Novamente, a amargura cresce em meu peito – e minhas ilusões mais uma vez

tecem uma imagem diante de mim. A donzela, já sem roupa, banhando-se com Magiano, a água brilhando em sua pele, ele estendendo a mão para ela, correndo suas mãos pelo contorno de seu corpo. *Ilusão*. Fecho meu olho, respiro fundo, e conto mentalmente, tentando conter meus pensamentos. É preciso muito mais esforço do que antes. Sinto um desejo violento de sair da piscina, vestir minhas roupas de volta, e correr para o meu quarto, para deixá-los aqui para fazer o que quiserem. Mas também sinto uma necessidade esmagadora de machucar a criada. Meu orgulho reage. *Você é a rainha de Kenettra. Ninguém deveria forçá-la a sair*. Então, em vez disso, levanto meu queixo e entro na água, deixando o calor envolver meu corpo.

Ao som de minha aproximação, a criada olha em minha direção. Então congela ao me reconhecer. Reparo que seu olhar vai imediatamente para o lado do meu rosto com a cicatriz. Uma onda de medo emana dela, e tenho que controlar meu desejo de assustá-la ainda mais, de provocá-la com meu poder. Em vez disso, apenas sorrio. Ela pula de pé e se curva numa reverência.

– Vossa Majestade – diz.

Com isso, Magiano se vira ligeiramente em minha direção. Ele deve ter percebido minha energia no instante em que entrei no salão, me dou conta – ele devia saber que eu estava aqui. Mas finge estar surpreso.

– Vossa Majestade – diz ele, imitando a criada. – Desculpe, não ouvi você entrar.

Faço um gesto de mão para a criada. Ela não precisa de um segundo comando. Corre para a porta mais próxima, sem se atrever a se despedir de Magiano.

Ele a observa e depois se vira para mim. Seu olhar vai do meu rosto para a água que bate em meus ombros nus.

– Quer tomar banho sozinha, Majestade? – pergunta. Ele faz um movimento para sair e, ao fazer isso, tira metade do corpo da piscina. A água escorre por sua barriga rígida.

Nunca vi Magiano sem roupa. Minhas bochechas ficam quentes. Percebo também, pela primeira vez, sua marca totalmente exposta. É uma cicatriz vermelho-escura que corre pela lateral de seu corpo, onde os padres das Terras do Sol, tanto tempo atrás, tentaram tirar sua marca, numa tentativa de consertá-lo. A primeira vez que tive um vislumbre dessa antiga cicatriz, foi na noite em que nos

sentamos junto à fogueira, quando Violetta ainda estava comigo. Lembro-me dos lábios de Magiano nos meus, o silêncio que cercava o crepitar do fogo.

– Fique – respondo. – Eu gostaria de companhia.

Magiano sorri, mas há uma certa desconfiança em seus olhos.

– Apenas de *companhia*? – provoca. – Ou da minha?

Balanço a cabeça uma vez, tentando manter o sorriso longe do meu rosto enquanto nos movemos para a borda da piscina.

– Bem – digo. – Você certamente é uma companhia melhor que Teren.

– E como está nosso louco favorito?

– Ele… não está se curando como costumava fazer. Há feridas em seus pulsos que estão sangrando constantemente.

Com isso, a atitude despreocupada de Magiano muda.

– Você tem certeza?

– Eu mesma vi.

Magiano fica em silêncio, mesmo sabendo que ele está pensando a mesma coisa que eu. A previsão de Raffaele para todos nós.

– E como você tem se sentido ultimamente? – pergunta com calma. – Suas ilusões?

Os sussurros em minha mente murmuram entre si. *Não somos uma fraqueza, Adelina. Somos sua força. Você não devia resistir tanto a nós.* Eu desvio o olhar e me concentro na água que nos rodeia.

– Estou bem – respondo. – Navegaremos para Tamoura em algumas semanas e, como sempre, quero você ao meu lado.

– Já invadindo o grande império de Tamoura – diz Magiano. – Inquieta tão rápido? Eu mal tive oportunidade de desempacotar todos os meus pertences.

Percebo imediatamente que a leveza em sua voz não é real.

– Você não está animado. Pensei que o grande Magiano ficaria fascinado com todo o ouro que as Terras do Sol guardam.

– *Estou* fascinado – diz ele. – E, aparentemente, você também. Só hesito, meu

amor, por causa do pouco tempo desde que chegamos em Dumor. Tamoura não é uma nação fraca, mesmo depois de perder o território do norte para você. Eles são um império, com três reis e uma marinha forte. Seus homens já descansaram o suficiente para outra invasão?

– Tamoura será minha joia da coroa – explico. Então olho para ele. – Você ainda tem pena de Dumor, pelo que fiz com eles.

O sorriso de Magiano finalmente some, e ele me lança um olhar sereno.

– Tenho pena deles por terem perdido seu país. Mas não tenho pena deles por inferiorizarem os marcados. O fogo em você arde tão ferozmente quanto quando eu a conheci. Você fará de Dumor um lugar melhor.

– Quando o seu coração se tornou tão doce? – pergunto-lhe enquanto deslizo os dedos pela superfície da água, criando minúsculas ondas. – Quando o conheci, você era um ladrão endurecido que gostava de tomar os pertences dos outros.

– Eu roubava de nobres vaidosos e rainhas arrogantes. Bêbados e tolos.

– E sente falta daquela vida?

Magiano fica em silêncio. Eu posso sentir sua proximidade, o calor de sua pele quase roçando contra a minha.

– Tenho tudo o que eu poderia querer aqui, Adelina – diz finalmente. – Você me entregou o que parecem ser as maiores riquezas do mundo, um palácio, uma vida de luxo. – Ele se aproxima. – Posso ficar ao seu lado. Do que mais preciso?

Mas eu *tirei* algo dele. Está na ponta de sua língua, e posso ouvi-lo com tanta clareza quanto se ele tivesse dito em voz alta. *Todo mundo precisa de um propósito, e eu tirei o dele. O que ele pode fazer, agora que tudo lhe foi dado?* Não há mais a emoção da caça, a excitação da perseguição.

Magiano levanta uma das mãos da água e toca meu queixo por um momento, inclinando-o, deixando uma gota de água correr ao longo da minha pele.

– Estou ansioso para ver você se tornar rainha das Terras do Sol – diz ele, o olhar vagando em meu rosto.

*O que você vê agora, Magiano?* Eu me pergunto. Quando ele me conheceu, eu era uma menina abandonada por seus amigos, aliada com sua irmã, com a intenção de se vingar da Inquisição. Agora eu *controlo* a Inquisição. *O que você vê quando*

*olha para mim? É a mesma garota que você beijou diante da fogueira crepitante?*

Pouco a pouco, um brilho antigo, travesso, aparece em seus olhos. Tremo quando seus lábios roçam minha orelha, e não posso deixar de pensar na metade submersa dele, corando ao saber que eu também estou nua abaixo dos ombros.

– Encontrei um lugar secreto – sussurra. Sua mão encontra a minha na água, puxando meu pulso. – Venha comigo.

Sou incapaz de reprimir uma risada.

– Aonde você está me levando? – pergunto numa voz de falsa repreensão.

– Eu imploro seu perdão mais tarde, Vossa Majestade – brinca de volta, abrindo um sorriso enquanto nos puxa para a extremidade da piscina.

Aqui, a água se ramifica em duas bifurcações mais estreitas, cada uma conduzindo a uma câmara mais privada. Uma das câmaras esteve fechada nos últimos meses, porque parte do arco desmoronou na água e a deixou intransitável. Quando nos aproximamos da curva, acho que Magiano vai nos levar para a câmara privada ainda aberta à direita. Mas não. Em vez disso, ele nos guia para a esquerda, em direção ao arco desmoronado. Paramos diante dele, um rastro de água mexida atrás de nós.

– Observe. – Magiano estende os braços num gesto de pretenso triunfo. – Deleite-se em sua majestade.

Franzo o nariz.

– Você está tentando me impressionar com um arco desmoronado?

– Sem fé. Absolutamente nenhuma fé. – Ele está de volta ao seu antigo eu, e isso manda um raro fio de alegria para meu coração. – Siga-me – murmura. Então ele respira fundo e mergulha, agarrando minha mão enquanto desce.

No início, hesito. Ainda há algumas coisas de que tenho medo na vida. Fogo. Morte. E da última vez em que mergulhei, em um canal em Merroutas quando minhas ilusões me traíram pela primeira vez, não fiquei bem. Quando resisto, Magiano ressurge.

– Não tenha medo – diz com um meio sorriso. – Você está comigo. – Sua mão aperta meu pulso, novamente me puxando para baixo, brincalhão. Desta vez, sinto-me segura o suficiente para respirar fundo e fazer o que ele diz.

A água quente acaricia meu rosto, e, conforme vou mais fundo, o mundo desaparece em tons de luz e som abafado. Através da água, vislumbro o corpo nu de Magiano, deslizando como uma balira em direção ao arco quebrado. Então vejo o que ele quer que eu veja. No fundo, o arco não bloqueou por completo a câmara privada atrás dele. Há ainda uma estreita entrada sob a água, que parece apenas grande o suficiente para uma pessoa nadar.

Magiano vai primeiro. Seus movimentos enviam uma nuvem de bolhas. Eu o sigo. A luz na água escurece, ficando negra, e, por um momento, tenho uma sensação sufocante de medo. *E se eu tiver entrado no Submundo? E se eu nunca mais emergir?* Os sussurros na minha cabeça se agitam, tagarelando. *E se ele estiver trazendo você aqui para que possa afogá-la?*

Então sinto a mão familiar de Magiano se fechar em meu pulso outra vez, me puxando para cima. Subo à superfície, com um engasgo. Enquanto tiro o cabelo molhado e a água do meu rosto, olho para cima e vejo uma câmara iluminada apenas pelo leve brilho azul do musgo nas paredes.

Magiano me observa enquanto olho ao redor. Ele se vira na pequena câmara secreta, gesticulando para as paredes onde plantas começaram a crescer.

– Não é incrível como a vida logo encontra um lugar para si quando ninguém está por perto para mantê-la afastada? – diz ele.

Olho admirada para o brilho fraco do musgo.

– O que é isso? – pergunto, estendendo a mão para a vegetação azul-esverdeada. Parece felpuda como a melhor das peles.

– Musgo de fadas – responde Magiano, admirando a vista comigo. – Também floresce em cavernas úmidas em Merroutas. Uma vez que encontra uma boa fenda na parede onde possa semear, se espalha por toda parte. Eles terão seu trabalho destruído quando consertarem o arco e reabrirem esta câmara. – Ele sorri. – Vamos torcer para que demore muito.

Eu sorrio. O brilho acrescenta uma tonalidade azul à borda da pele de Magiano, suavizando suas feições. Ele pinga água. Eu me aproximo dele, de repente mais ousada.

– Imagino que você venha aqui muitas vezes, então – digo, meio provocando. – Trazendo suas criadas e admiradoras?

Magiano franze o cenho. Balança a cabeça.

– Você acha que eu vou para a cama com cada criada com quem converso? – Ele dá de ombros. – Fico lisonjeado, Majestade. Mas você está muito enganada.

– Então, o que está me dizendo é que veio a este lugar secreto sozinho?

Ele inclina a cabeça de um jeito galante.

– O que há de errado com um ladrão querendo um pouco de tempo sozinho de vez em quando? – Ele se aproxima. Sua respiração aquece minha pele como o vapor que paira sobre a água. – Claro, aqui está você. Suponho que eu não esteja sozinho, no fim das contas.

Um rubor sobe em minhas bochechas quando tomo consciência de minha pele nua, tanto acima como embaixo da água. Minha energia congela, como tende a fazer perto dele, e eu me pego ansiando por seu toque. Ele se inclina para que seus lábios fiquem apenas a uma respiração dos meus, e assim ficamos, suspensos no tempo.

– Você ainda se lembra da fogueira? Sob as estrelas? – pergunta ele, de repente tímido, e eu me sinto inocente pela primeira vez em um longo tempo.

– Eu me lembro do que estávamos fazendo – respondo com um pequeno sorriso.

Um riso escapa de seus lábios. Então sua expressão se torna séria.

– Você me perguntou se sinto falta da minha antiga vida – sussurra ele, sua voz agora rouca. – Você sabe do que mais sinto saudades? Daquela noite.

Meu coração para por um instante, doendo com uma súbita tristeza.

– E a garota ao lado de quem você se sentou naquela noite? Sente falta dela também?

– Ela ainda está aqui – responde ele. – É por isso que eu fico.

Então ele cobre a distância entre nós, e seus lábios tocam os meus. Em torno de nós, não há nada além do som da água batendo suavemente contra a pedra e o brilho suave do musgo. Suas mãos deslizam pelas minhas costas nuas, desenhando a curva da minha coluna. Ele me puxa para que nossos peitos fiquem colados. Seu beijo passa dos meus lábios para meu queixo, dali cada vez mais para baixo, criando um caminho suave ao longo do meu pescoço. Eu suspiro, sem

querer neste momento nada além de nós, satisfeita em ficar aqui para sempre. A ligação que me conecta a Enzo some da minha mente e por um instante posso esquecer completamente que estamos ligados. As mãos de Magiano correm pelas minhas costas, sem querer me soltar. Minha respiração está entrecortada. Pouco a pouco, percebo que nos dirigimos para a beira da piscina, onde ele me aperta firmemente contra a pedra. Uma de suas mãos se enterra no meu cabelo, puxando-me para a frente, para ele. Seus beijos voltam aos meus lábios, mais urgentes agora, e mergulho neles, ansiosa. Um gemido baixo ressoa em sua garganta. Pergunto-me, por um segundo selvagem, se ele vai nos levar mais longe, e meu coração dispara no meu peito.

– Vossa Majestade – sussurra ele, sem fôlego. Uma nota de diversão brinca em sua voz. – Você vai acabar comigo. – Então ele me puxa para si, de modo que cada centímetro de nossos corpos fiquem colados. Eu me inclino contra ele, mergulhando no prazer da água morna. Não quero perguntar o que ele está pensando.

Uma voz fraca soa, abafada, do outro lado do nosso espaço secreto. Eu a ignoro enquanto Magiano me afoga em outro beijo. Através da névoa de meus pensamentos, a voz vem flutuando novamente.

– Vossa Majestade? Vossa Majestade!

A água ondula contra nosso corpo.

– Vossa Majestade – continua a voz, se aproximando. Agora a reconheço como um dos criados que entregam minhas mensagens. – Chegou uma carta urgente para você.

– Ela não está aqui – reclama outra voz. – As termas estão vazias. – A voz suspira. – Ela provavelmente está cortando a garganta de um pobre tolo.

As palavras me trazem de volta da minha névoa. Afasto-me de Magiano quando seus olhos tornam a se abrir. Ele também olha para a entrada desmoronada, então me lança um olhar interrogativo.

Eu me endireito e lhe dou um sorriso, sem querer lhe mostrar que a observação do criado me incomodou. Em vez disso, exalo e tento conter o rubor em minhas bochechas.

– É melhor você ir – sussurra Magiano, suas palavras ecoando no espaço. Ele

acena com a cabeça em direção ao arco desmoronado. – Longe de mim interromper algo urgente.

– Magiano, eu… – começo a dizer. Mas o restante das palavras não quer sair, e paro de tentar forçá-las. Respiro fundo antes de me esquivar sob a água morna e nadar pelo espaço que leva de volta à sala de banho principal.

Rompo a superfície jogando água para o alto. Um grito de surpresa vem de algum lugar da câmara. Enquanto afasto a água do meu rosto, vejo dois mensageiros à beira da piscina, os olhos arregalados, o medo pairando sobre eles.

– Pois não? – digo friamente, erguendo a cabeça para eles.

Isso tira os homens de seu estupor aterrorizado. Saltam para trás ao mesmo tempo e se curvam em reverências.

– Majestade, eu… – diz um deles com a voz trêmula. Foi o que falou de mim com sarcasmo. – Eu-eu-eu-espero que você tenha tido um bom banho. Eu…

Suas palavras se desfazem em uma confusão incoerente quando Magiano surge atrás de mim, sacudindo a água de seu cabelo. Se ele não estivesse aqui, eu poderia me entregar ao desejo de punir esse mensageiro por falar de mim tão descuidadamente. Os sussurros se agitam, encantados com o medo que emana do homem. Mas eu os afasto. Ele tem sorte desta vez.

– Você mencionou uma carta urgente – digo por fim, interrompendo o fluxo disperso do pensamento do mensageiro. – O que é?

O segundo homem, menor e mais magro, se aproxima da água. Ele me estende um pergaminho enrolado. Caminho na direção dele e levanto uma das mãos para pegá-lo.

O selo de cera carmesim tem o emblema real de Tamoura. Eu o rompo, abro o pergaminho… e congelo.

Conheço essa letra. Ninguém mais sabe escrever de forma tão elegante, com floreios tão cuidadosos. Atrás de mim, Magiano se aproxima e olha por cima do meu ombro para a mensagem. Ele sussurra o primeiro pensamento em minha mente:

– É uma armadilha.

Mas não consigo falar. Apenas leio a mensagem repetidamente, me

perguntando o que ela realmente significa.

A Vossa Majestade de Kenettra,

Sua irmã está morrendo. Você deve vir a Tamoura imediatamente.

Raffaele Laurent Bessette

Aonde você irá, quando o relógio bater às doze? O que você fará, quando enfrentar a si mesmo? Como vai viver, sabendo o que você fez? Como vai morrer, se sua alma já se foi?

- Trecho do monólogo de Compasia & Eratosthenes, *interpretado por Willem Denbury*

# Adelina Amouteru

Amanhã, partimos para a costa de Tamoura. Por isso, esta noite, todo o palácio está vibrando com as festas em comemoração a nossa próxima invasão.

Há longas mesas cheias de comida em todos os corredores do palácio, enquanto os pátios brilham à luz das lanternas, repletos de danças. Eu me sento com Sergio em um dos jardins. Em minhas mãos está o pergaminho de Raffaele, no qual já mexi tanto, que agora mal consigo ler as letras. Meu estômago está vazio e doendo. Não consegui nem terminar minha bebida de ervas, e agora, sem nada para mantê-los afastados, os sussurros começaram a murmurar incessantemente no fundo da minha mente.

*Violetta está com os Punhais, no fim das contas. Seus inimigos. Que traidora!*

*Por que você ainda se importa com ela? Esqueceu como ela a abandonou?*

*Sim, ela tentou nos arrancar de você.*

*É melhor que ela morra.*

Ao meu lado, a cadeira de Magiano está vazia. Ele pegou seu alaúde e agora está sentado na entrada arqueada do jardim, tocando uma canção que compôs hoje. Abaixo dele, uma multidão se reuniu. Todo mundo já está bêbado – eles se balançam em suas danças, tropeçando por toda a parte, rindo alto. Pelo canto do olho, surge uma ilusão de Violetta. Eu a vejo morrendo no chão, o sangue se derramando em uma poça ao seu redor, enquanto as outras pessoas da festa passam por cima de seu corpo. Forço minha atenção de volta para Magiano, esperando que ele possa me distrair.

Ele está espetacular esta noite, vestindo sedas douradas e brancas e com adornos brilhando entre suas longas tranças, todas puxadas por cima de um ombro. Ele se inclina para frente e abre um sorriso brilhante ao ver as pessoas ouvindo sua música; de vez em quando, para de tocar para convidar as pessoas para desafios. Elas gritam nomes de velhas canções folclóricas para ele, depois aplaudem e vibram quando as toca. Coro ao me lembrar das gotas de água em

suas tranças, sua pele nua contra a minha em nossa piscina secreta, iluminada pelo fraco brilho azul do musgo de fadas. Talvez ele esteja pensando nisso também.

*Ignorar-nos não vai mudar nada, Adelina. Sua irmã ainda vai morrer. E você vai ficar feliz com isso, não vai?*

Os sussurros insistem em minha mente até eu fazer uma careta, segurando a cabeça.

– Vossa Majestade?

A voz de Sergio ao meu lado empurra os sussurros, agitados, para os recessos da minha mente outra vez. Eu relaxo um pouco em meu assento e olho para ele, que retribui meu olhar com evidente preocupação.

– Não é nada – digo. – Estou pensando na carta de Raffaele. – Eu a levanto para mostrar a Sergio.

Ele solta um grunhido de aprovação quando morde uma perna de lebre assada.

– Talvez ele tenha ouvido rumores de que você e ela se separaram e queira usar isso contra você. Violetta pode nem estar com ele.

Uma parte de mim ainda se agita ao pensar em Raffaele – e, imediatamente, eu o imagino no convés do navio da rainha Maeve, cercado por chamas, com a testa pressionada contra a de Enzo, acalmando o príncipe, olhando para mim com os olhos trágicos e cheios de lágrimas, balançando a cabeça em desespero. *Se a justiça é o que você procura, Adelina… Não vai encontrá-la assim.*

– Eles estão em Tamoura – digo um pouco alto demais, em uma tentativa de silenciar os sussurros. – Sem dúvida trabalhando com a Tríade de Ouro. Seus governantes devem pensar que usar minha irmã contra mim me fará agir de forma descuidada.

– Eles estão tentando enredá-la para um encontro – responde Sergio e, embora ele me lance um olhar cuidadoso, isso não combina com suas palavras ousadas. – Para pegá-la sozinha em um quarto. Mas o que vão encontrar em vez disso é um exército.

Ele vira o resto da bebida em sua caneca, visivelmente reagindo a quão forte ela é, e então abre espaço na mesa diante de nós. Pega um pergaminho enrugado

e o desenrola. Tem carregado isso consigo para todos os lugares ultimamente, então já estou familiarizada com ele. É seu plano de batalha para Tamoura.

– Estive pesquisando todos os mapas que pude encontrar da área ao redor de Alamour. A cidade está cercada por muros altos, mas, se conseguirmos chegar aqui – ele aponta um estranho afloramento de falésias que serpenteiam pelo lado leste da cidade –, podemos encontrar uma maneira de passar por cima das muralhas.

– E como faremos isso? – pergunto, cruzando os braços. – Baliras não podem voar toda essa distância para longe da costa, não em um deserto das Terras do Sol. Elas vão sufocar no ar seco.

No instante em que digo isso, sei a resposta. Olho para Sergio, que me dá um sorriso malicioso enquanto se serve de um copo de água em vez de vinho.

– Acho que conheço alguém que pode nos trazer uma boa tempestade – responde ele.

Retribuo seu sorriso.

– Deve funcionar – digo, inclinando-me para a frente em meu assento para observar mais de perto os cálculos de Sergio. Estou impressionada com a forma como ele dividiu o restante dos nossos homens. – Vamos surpreender os tamouranos em sua própria casa.

Por hábito, o olhar de Sergio varre uma vez as festividades. Sigo seu olhar. No canto, um caminho está sendo aberto através da multidão, provocando aplausos e vaias. A diversão chegou.

– Faremos mais do que surpreendê-los – responde Sergio. – Vamos derrotá-los tão completamente que em breve a Tríade de Ouro estará esfregando seus pisos de mármore.

Nossa conversa para enquanto a procissão segue para a clareira principal. É liderada por dois jovens Inquisidores que agora empurram alegremente várias pessoas de braços dados. Eles tropeçam e caem, então se curvam na minha direção, no que parece uma reverência. Ao redor deles, a multidão aplaude. O vinho se derrama das taças.

– Vossa Majestade! – chama um dos Inquisidores. Seu cabelo brilha na luz, revelando um vislumbre de vermelho escarlate contra o preto. – Encontrei esses

quatro nas ruas e os trouxe para você. Ouvi um deles usando a palavra *malfetto*. Outro estava tentando se passar por um de nós com marcas falsas.

Com isso, a multidão – todos marcados – começa a gritar xingamentos contra as pessoas amarradas no chão. Eu os observo mais atentamente. Um deles é um homem idoso, enquanto outra é uma mulher começando a envelhecer. O terceiro é um menino, mal saído da infância, enquanto o quarto é uma moça recém-casada, ainda usando faixas duplas em torno de um de seus dedos. Sei que a menina é quem estava tentando usar marcas falsas – a cor de seus cabelos e uma mancha em sua pele parecem falhadas, onde um Inquisidor deve ter passado a mão.

– Queime todos eles! – alguém grita, e recebe em resposta um incentivo barulhento.

– Vamos nos divertir! – grita outro.

Por cima do arco, o olhar de Magiano encontra o meu. Ele não está mais sorrindo. *O medo e o ódio deles enchem este lugar.* Os sussurros tagarelam de novo, completamente acordados agora, e o terror que emana dos quatro prisioneiros enche os meus sentidos, me alimentando. Eu os observo e sinto pouca piedade. Afinal de contas, não se passou muito tempo desde quando eles ficavam parados vendo os marcados serem arrastados pelas ruas e queimados, nossas famílias serem apedrejadas até a morte por multidões de espectadores entusiastas. Costumávamos ser os únicos a contrabandear pós e poções de boticários, desesperados para esconder nossas marcas. Como nossos antigos inimigos logo tentaram adotar nossa aparência! Como se mancham, ansiosos, com cores, numa tentativa de ser mais parecidos conosco.

Por que não devemos comemorar sua punição agora?

Ao meu lado, Sergio também ficou em silêncio. Observo enquanto um Inquisidor acende uma tocha de uma das lanternas, então olha para mim com expectativa – assim como todos os outros. O barulho silencia enquanto aguardam meu comando.

Eu sou a rainha deles. Dos *malfettos*, dos deformados, dos marcados. Eu lhes dou o que querem, e eles me dão sua lealdade. É o que quero também. Meu olhar se volta para os prisioneiros trêmulos no chão. Foco no mais novo, o menino. Ele me fita com olhos vazios. Ao lado dele, o velho levanta o rosto manchado de

lágrimas o suficiente para que eu veja o ódio cego nele. *Rainha demônio*, sei que ele está pensando.

Os sussurros em minha mente aumentam até um estrondo entorpecente. Inclino a cabeça e fecho o olho, tentando em vão silenciá-los. Em outra noite, eu seria mais cruel – no ano passado, ordenei que prisioneiros fossem executados na minha frente, então isso não seria novidade. Mas esta noite meu coração está pesado por conta da mensagem de Raffaele. Visões de Violetta continuam a encher meus pensamentos.

Um olhar na direção de Magiano é suficiente. Ele balança a cabeça para mim de forma muito sutil, e suas palavras retornam à minha mente, como se sussurradas em meu ouvido. Talvez ele esteja usando meu poder. *Deixe as pessoas a amarem um pouco, mi Adelinetta*.

– Solte-os – ouço-me dizendo enquanto esfrego as têmporas. – E que continuem os festejos.

Os aplausos raivosos da multidão silenciam quando eles compreendem o que eu disse. Os prisioneiros olham para mim num silêncio atordoado, assim como meus Inquisidores.

– Eu não fui clara? – grito, minha voz ecoando na câmara.

Os cantos do espaço escurecem e um lamento assustador ecoa pelo ar. A multidão solta uma série de suspiros assustados enquanto se afasta da escuridão que avança. Meus soldados entram em ação, desatando as cordas que prendem os braços dos prisioneiros, e os forçam a ficar de joelhos para me agradecer. Eles balançam, piscando, confusos, e eu observo, me perguntando como minha irmã tem o poder de influenciar minhas decisões, mesmo quando não está aqui.

– Saiam da minha frente – ordeno aos prisioneiros ajoelhados. – Antes que eu mude de ideia.

Eles não precisam que eu fale duas vezes. A moça se levanta primeiro, então corre para o velho e o ajuda a ficar de pé. A mulher o segue. O garoto é quem demora mais, perplexo com minha expressão, antes de também se apressar atrás dos outros. Os olhos da multidão se voltam de mim para eles e, enquanto os músicos tentam atacar as canções de novo, o canto disperso começa a romper o silêncio constrangido.

Meu foco se volta para o arco, mas Magiano não está mais lá.

Sua ausência rasga a crescente maré de escuridão em meu peito, deixando-me exausta – neste momento, tudo que quero é fugir daqui e encontrá-lo. Teço uma ilusão de invisibilidade ao meu redor enquanto a multidão tenta voltar a comemorar. Apenas Sergio percebe que me fui, embora ele não tente me impedir.

Balanço a cabeça com desgosto enquanto caminho. Toda essa questão em torno de Violetta me deixou mole hoje à noite.

Sigo meu caminho para fora dos jardins e entro em um corredor escuro. Também há multidões de novos nobres aqui, pessoas marcadas a quem concedi títulos aristocráticos depois de tê-los tomado de seus mestres não marcados. Sigo por entre eles. Um dos nobres derrama seu vinho quando passo. Desço depressa o corredor até chegar a uma escada caracol guardada por inquisidores, e então subo a um andar vazio. Finalmente, paz.

Paro e apoio a cabeça contra a parede. Os sussurros giram em uma nuvem em volta de mim, e sua fúria aumenta minha tontura. Tento me equilibrar.

– Magiano – chamo, imaginando se ele poderia estar por perto, mas minha voz ecoa pelo corredor.

*Você não deveria tê-los deixado ir*, dizem os sussurros. Eles sempre respondem quando ninguém mais o faz.

– Por que não? – rebato, entre os dentes cerrados.

*Os inofensivos crescem e se tornam os portadores da ira. Você sabe disso melhor do que ninguém, sua idiota.*

– Um casal de idosos e um par de crianças – murmuro com um sorriso sarcástico. – Eles não podem me machucar. – Fecho meu olho e, na escuridão, os sussurros avançam, mostrando suas presas para mim.

*Oh! Como você se tornou arrogante, lobinha.* Minha raiva se acende quando eles usam meu velho apelido e, em resposta, os sussurros aplaudem, deleitados. *Sim. Isso a deixa furiosa, não é? Você é arrogante, minha rainha. Ora, veja. O garoto já voltou para você.*

Abro o olho novamente e olho ao redor. Lá, de pé no corredor bem na minha frente, está o menino com seus olhos graves. Ele olha para mim sem dizer nada.

Minha raiva se acende novamente, e os fantasmas das ilusões piscam no canto da minha consciência.

– Achei que tivesse mandado você ir embora.

O menino não responde. Em vez disso, dá um passo à frente. São lágrimas de sangue saindo de seus olhos? *A febre do sangue*. Minha raiva se transforma em incerteza. Então o menino dá um grito e me ataca com uma faca.

Grito, cambaleio para trás e instintivamente cubro o rosto com os braços. Através da névoa de meus pensamentos, vejo o menino desaparecer. Ele é substituído por um monstro arrogante. Bolhas negras cobrem suas costas encurvadas, e suas longas garras batem no chão. Ele avança para mim, os dentes se estendendo por toda a sua cabeça. A personificação dos meus sussurros.

*Qual é o problema, Majestade? Está com medo de seus próprios corredores?*

Ele avança para mim de braços estendidos, a boca aberta. É uma ilusão, apenas uma ilusão. Não está aqui de verdade. A carta de Raffaele me distraiu, perturbando minha energia, então perdi o controle novamente. É só isso. Se eu ficar parada, ele desaparecerá numa nuvem de poeira quando chegar perto de mim. Ele não pode me machucar.

Contudo não consigo me fazer parar. Estou em perigo. Preciso *correr*. Então faço isso. Corro enquanto o monstro me persegue, suas garras rasgando as pedras do chão. Posso sentir sua respiração quente em minhas costas. O corredor se estende infinitamente diante de mim, como uma boca aberta, e quando pisco braços saem das paredes do corredor, tentando me pegar.

*Acorde*, grito para mim mesma enquanto corro. *Acorde. Acorde!*

Eu tropeço. Tento me amparar, mas caio sobre as mãos e os joelhos. O monstro me alcança e olho para ele, horrorizada.

Porém, não é mais uma fera. Vejo o rosto de meu pai, contorcido em uma imagem de raiva. Ele pega meu pulso e me puxa para a frente, arrastando-me pelo chão.

– Onde você pôs sua irmã, mi Adelinetta? – pergunta ele com sua voz misteriosa e tranquila enquanto tento me libertar. – O que você fez com ela?

*Ela me deixou. Não foi minha culpa. Ela me deixou para trás, de livre e espontânea vontade.*

– O que eu fiz para ter uma filha como você? – Meu pai balança a cabeça. Nós fazemos uma curva e entramos no espaço cavernoso da cozinha da antiga casa de nossa família. Aqui, meu pai pega uma faca de açougueiro no balcão. *Não, não, por favor.* – Você abre a boca e derrama mentiras. Com quem você aprendeu isso, hein, Adelina? Foi com um de nossos cavalariços? Ou você nasceu assim?

– Desculpe. – Lágrimas escorrem pelo meu rosto. – Eu sinto muito. Não estou mentindo. Não sei onde Violetta está…

*Sei que eu não sou uma criança presa em minha antiga casa. Estou no palácio de Estenzian e sou a rainha. Quero voltar para as festividades. Por que não consigo acordar?*

Meu pai baixa os olhos para mim. Ele estica meu braço e bate com minha mão no chão. Estou chorando tanto que quase engasgo. Ele posiciona a faca de açougueiro em cima do meu pulso, depois a eleva até o alto de sua cabeça. Fecho bem o olho e espero o golpe.

*Por favor, deixe-me acordar agora,* imploro.

Os sussurros riem de minha súplica. *Como quiser, Majestade.*

– Vossa Majestade? *Adelina.*

A mão segurando meu braço de repente afrouxa o aperto. Olho para cima para ver que pertence a Magiano. A cozinha desapareceu, e estou outra vez deitada no chão do salão do palácio. Magiano me puxa para ele enquanto continuo soluçando. Apesar de sua expressão preocupada, ele parece aliviado por finalmente fazer contato visual comigo. Eu o abraço e o seguro com força. Meu corpo treme contra o dele.

– Como você sempre consegue achar o pior corredor para se deitar? – pergunta, sua brincadeira soando desanimada. Ele traz o rosto para junto do meu ouvido e murmura repetidamente algo que mal posso entender, até que os sussurros na minha cabeça somem para as sombras.

– Eu estou bem – digo por fim, balançando a cabeça contra seu ombro.

Ele se afasta o suficiente para me lançar um olhar cético.

– Você não estava bem agora há pouco.

Respiro fundo, trêmula, e passo a mão pelo meu rosto.

– Por que você veio aqui? Você me ouviu chamá-lo? Foi por causa do que

aconteceu lá fora?

Magiano pisca.

– Você estava me chamando? – pergunta, e então balança a cabeça. Sua boca se aperta em uma linha fina. – Eu tinha a esperança de que você viesse me procurar.

Estudo seu rosto, me perguntando se ele ainda está zombando de mim, mas parece sério agora. Pela primeira vez, percebo que há Inquisidores atrás dele. Há uma patrulha inteira com ele, procurando por mim.

De repente, sinto-me exausta. Magiano me vê cair e passa um braço pelas minhas costas quando isso acontece, me levantando sem esforço. Eu deixo. Ele murmura alguma coisa aos Inquisidores, e eles começam a sair. Fecho os olhos depois disso, contente em deixar que Magiano me leve de volta ao meu quarto.

Estoque -

pão preto para 2 dias

carne seca para 2 dias

água para 6 dias

Lixo -

pão para 12 dias, bichado

água para 12 dias, imprópria para beber

- Do diário de um soldado desconhecido durante a Batalha da Ilha Cordonna

# Adelina Amouteru

Embarcamos para Tamoura no dia seguinte, sob um céu azul brilhante, melhor assim.

As semanas no mar me obrigarão a me concentrar em nossa nova missão, a esquecer a perda de controle sobre minhas ilusões no corredor ontem à noite. Magiano também não menciona o ocorrido. Tratamos de nossos assuntos no navio, agindo como se tudo estivesse bem. Temos reuniões de estratégia com Sergio como se ninguém se lembrasse do meu incidente. Mas sei que os rumores se espalharam entre meus Inquisidores. De vez em quando, vejo-os murmurando nas sombras, me olhando com cautela.

*Nossa rainha está ficando louca*, devem estar dizendo.

Às vezes não sei se é minha loucura que está conjurando essas imagens, abalando minha confiança. Então tento ignorá-las, como sempre. Que importa se sou louca? Tenho cem navios. Vinte mil soldados. Minhas Rosas ao meu lado. Eu sou *rainha*.

Minha nova bandeira é branca e prateada, é claro. No centro dela, há um símbolo preto, estilizado, de um lobo, cercado por chamas. Sou uma criatura que devia ter morrido na fogueira – mas não morri, e quero ser lembrada disso toda vez que olho para esta imagem. A cada dia no mar, as bandeiras brancas e prateadas se destacam mais contra o cinza profundo e estranho do oceano, como um bando de pássaros voando em direção a novos ninhos. Uma semana se funde com a seguinte, e depois com uma terceira, com ventos solitários nos retardando e nos obrigando a contornar as Cataratas de Laetes.

Ao final da terceira semana, fico de pé no convés e olho para o mar de navios atrás de nós. Em cada um deles tremula minha bandeira. Sorrio diante dessa imagem. O pesadelo dentro do pesadelo me visitou novamente ontem à noite, dessa vez mudando para que eu acordasse repetidamente na minha cama a bordo do navio. É um alívio que meu exército me distraia dessa lembrança.

– Estamos nos aproximando da costa de Tamoura – avisa Sergio, andando em

minha direção.

Ele está vestido com armadura completa esta manhã, com facas amarradas ao peito e punhais cruzados em suas costas, punhos despontando de suas duas botas. Seu cabelo está penteado para trás, fora do rosto, e ele parece inquieto, ansioso para entrar em ação.

– Você quer que eu dê a ordem de mudar bandeiras?

Assinto.

– Sim, faça isso.

Também estou vestida para a guerra. Minhas vestes foram substituídas por armadura, e meu cabelo está amarrado para trás em uma série de tranças apertadas, um penteado kenettrano. Deixei meus lenços tamouranos para trás. Era uma ideia tentadora, voar sobre Alamour parecendo uma garota tamourana, mas quero que eles saibam que nação os está atacando.

– Como quiser, Majestade – responde Sergio.

Olho para ele. Um vinco profundo se formou entre suas sobrancelhas. *Ele está pensando em Violetta também?*

– Desta vez, conseguiremos – digo. *Conquistaremos Tamoura. Encontraremos minha irmã.*

– Conseguiremos – repete ele. Faz um aceno contido, o rosto inexpressivo.

O céu acima de nós, surpreendentemente azul quando saímos de Kenettra, agora é de um cinza ameaçador. Nuvens negras cortam o horizonte na nossa frente. Sergio aperta mais o manto em volta do corpo, seus olhos treinados concentrados na tempestade que se aproxima. Ele vem trabalhando nessa tempestade desde que partimos, e agora ela está forte o suficiente para que eu sinta as faíscas no ar, os braços formigando.

– Mares negros – murmura Sergio, apontando para as águas escuras. – Um mau presságio.

– Vossa Majestade! – A voz de Magiano grita da gávea. Nós dois olhamos para o alto. – Terra à vista! – Seu braço surge na lateral da gávea para apontar para o horizonte e, quando o sigo, vejo uma faixa de terra cinza aparecendo sob o céu escuro. Mesmo desta distância, a silhueta vaga de um muro alto pode ser

vislumbrada, fortificada por uma lateral que não passa de um penhasco íngreme.

Um instante depois, Magiano pula do nosso lado. Eu nem percebi que ele estava descendo do mastro principal.

– É Alamour, meu amor – diz ele, apontando para o penhasco e para a muralha.

A última vez que minhas forças puseram os olhos em Tamoura foi quando conquistamos seus territórios do noroeste. Agora vou entrar em sua capital. O trovão percorre o oceano, e relâmpagos fazem as nuvens brilharem. Passo os braços em volta do meu corpo e estremeço. Minha mãe me contou histórias deste lugar, de onde vieram meus antepassados, e quantas vezes os exércitos não conseguiram penetrar em suas muralhas.

No entanto, comigo vai ser diferente.

Se Violetta estivesse aqui, ela estaria tremendo por causa do trovão. Será que está fazendo isso agora, em algum lugar de Tamoura?

Sergio pousa a mão no punho da espada.

– Não ouvi o soar dos clarins deles. Mas, se ainda não nos viram, em breve verão. Metade da nossa frota vai navegar para a baía ocidental. – Ele desenha uma imagem invisível no ar, gesticulando para as duas baías da cidade e para os penhascos que correm ao longo da costa norte. – O oeste é o seu porto principal, difícil de entrar por causa da passagem estreita. O leste é uma baía de mais fácil acesso, mas cheia de pedras afiadas. Este é o lugar por onde a outra metade da nossa frota, inclusive nós mesmos, entrará. Podemos entrar, mas não podemos atracar. Então, em vez disso, vamos chamar nossas baliras. – Sergio faz uma pausa e olha para mim. – Espero que você se sinta descansada, porque vamos precisar que conjure uma enorme ilusão de invisibilidade para nós.

Eu concordo. Mesmo se os tamouranos puderem vislumbrar nossos navios agora, não esperarão que todos desapareçam no ar. A invisibilidade, apesar de todo o meu domínio, ainda é a mais difícil das minhas ilusões – tornar-me invisível numa cidade geralmente requer muita concentração, pintando sobre minha aparência qualquer coisa que esteja ao meu redor, constantemente, enquanto me movo. Mas aqui, em mar aberto, tudo que preciso fazer é tecer uma ilusão de ondas repetidas e céu sobre nossos navios. Ainda que eu cometa alguns erros, os tamouranos estarão observando de longe. Deve ser fácil enganá-los. Se

eu puder tecer a invisibilidade sobre toda a frota, eles não nos localizarão até que estejamos sobre eles.

– E as baliras estão prontas? – pergunto, aproximando-me da grade para olhar para o oceano.

Sergio assente.

– Estão prontas. – Todavia sinto um desconforto imediato nele e olho para cima. Quando ele vê minha expressão, suspira e balança a cabeça. – As baliras passaram a noite toda inquietas. Não sou especialista em seu comportamento, mas alguns dos outros membros da tripulação me dizem que elas parecem estar doentes. Alguma coisa na água, talvez.

– Sempre soube que o peixe deste estreito tinha um sabor estranho – diz Magiano, mas quase não parece uma piada. Eu estudo as baliras que deslizam pela superfície da água enquanto nadam. Não sei dizer quão saudável estão, mas as palavras de Sergio me assustam.

– Será que elas estão fortes o bastante para atravessarmos a baía do leste? – pergunto quando uma delas explode através das ondas com um grito assustador.

Sergio cruza os braços.

– Dizem que as baliras voam alto para nos levar acima da muralha. No entanto, não sei se vão sobreviver a uma longa batalha.

– Então precisamos fazer com que seja rápida – emenda Magiano.

– Basicamente, sim.

Magiano ergue uma sobrancelha para mim. Ele não diz nada, mas sei que gostaria que tivéssemos alguém como Gemma conosco. Talvez tenhamos tido, uma vez. Mas Gemma está morta. *De qualquer forma, ela odiava você*, acrescentam os sussurros e eu endureço meu coração antes de me permitir pensar nela por muito mais tempo. Os Punhais estarão à nossa espera, junto com o exército tamourano. A ideia de forçá-los a se render me dá uma sensação da satisfação. *Até que enfim*, suspiram os sussurros.

Ao mesmo tempo, todas as nossas bandeiras brancas e prateadas se transformam em pretas e se misturam ao céu escurecido. Nossos tambores de guerra ecoam profunda e ritmadamente pelo do mar. A costa de Tamoura se aproxima, e eu posso ver as torres da capital. Navios se reuniram no porto, alguns

aglomerados na entrada estreita, prontos para nos deter. Mas a tempestade de Sergio já está fazendo seu trabalho. O oceano bate forte contra as rochas do porto, enviando uma pulverização branca no ar e balançando a frota de Tamoura.

As ondas também atingem nossos próprios navios e, quando uma quebra na nossa lateral, eu me inclino em direção ao peitoril. Minhas mãos o encontram e o agarram, em busca de segurança. Atrás de mim, Magiano dá um salto para a ponta da vela e sobe por ela num piscar de olhos. Ele gira pelos degraus da escada, que levam ao alto do mastro principal.

– Você vai precisar de uma visão melhor – grita ele. – Quer se juntar a mim?

Ele tem razão. Pego sua mão e ele me puxa para o primeiro degrau. Lentamente, subo enquanto o navio avança. A escuridão cobre quase todo o céu, deixando apenas uma faixa de azul sobre a capital, cercada por nuvens de tempestade que se agitam. Grandes gotas de chuva começaram a cair sobre nós. Um estrondo de trovão nos sacode. Daqui de cima, posso ver toda a extensão do litoral de Tamoura – a baía menor de um lado da cidade, e a baía mais ampla, de onde navegamos perigosamente perto. A boca da baía se abre à nossa frente, e as rochas que a cercam são afiadas e irregulares, como as presas de um monstro emergindo do oceano. Logo atrás delas, há uma fileira de navios de guerra tamouranos, todos de frente para nossa frota e prontos para a batalha. Enquanto olhamos, uma explosão de tiro de canhão dispara de um dos navios. Um tiro de alerta.

Observo o oceano atrás de nós. Meus navios de guerra kenettranos esperam nosso comando.

Magiano me dá um sorriso perfeito.

– Vamos, Loba Branca?

Viro-me para a vasta baía e para os navios tamouranos, levanto as mãos e concentro minha energia. Os sussurros na minha cabeça acordam, animados com sua liberdade, e a energia ao meu redor brilha em uma teia de fios. Por dentro, sou escuridão, e minha escuridão se estende, procurando o medo no coração de nossos soldados inimigos, a ansiedade no coração daqueles em minha própria frota. Ela cresce no meu peito até que eu não possa mais contê-la.

Então eu a solto – e teço.

As nuvens sobre nossa frota brilham um azul fraco. Então, uma criatura fantasmagórica sai da água, uma figura de fumaça negra que se transforma no fantasma de um lobo branco, cada um de seus dentes tão grandes quanto um de nossos navios, seus olhos vermelhos brilhantes contra a tempestade. Ela paira sobre nossa frota com seu brilho voltado para os navios tamouranos. Deixa escapar um rugido exatamente quando outro trovão ecoa pelo céu.

A frota tamourana dispara uma grande quantidade de tiros de canhões para nós, mas eu sorrio, porque posso sentir o súbito pico de terror no coração de seus soldados. Para eles, estão olhando o rosto de um demônio.

Olho para Magiano e pergunto:

– Pronto?

Ele pisca. A chuva nos encharcou, caindo em cascatas, e a água escorre do nó alto de suas tranças.

– Estou sempre pronto para você, meu amor.

Coro um pouco, sem conseguir controlar, e me viro rapidamente antes que ele perceba. Então volto a concentração para minha ilusão. Magiano junta sua energia à minha agora – ele assume a ilusão do lobo branco e, enquanto a mantém no lugar, eu teço um enorme cobertor de invisibilidade sobre todos os nossos navios, transformando-os na imagem de oceano negro e do céu tempestuoso. Desaparecemos de vista nas ondas agitadas.

Os navios tamouranos continuam a atirar, mas agora noto que eles estão agindo cegamente, mirando apenas na direção de seu último ataque. Estamos bem perto da entrada da baía, e posso ver os soldados tamouranos correndo de um lado para outro no convés dos navios, seus turbantes encharcados de chuva. As batidas de meu coração se agitam de empolgação ao vê-los. *Venho por todos vocês. Venho pela minha irmã.*

Lá embaixo, a voz de Sergio soa:

– *Fogo!*

Nossos canhões explodem em uníssono. Eles rasgam os lados dos navios tamouranos, e fumaça e gritos distantes enchem o ar. Eles atiram de volta, mas eles ainda não podem nos ver. Nosso navio chega à boca da baía, ainda protegido pela invisibilidade, e Sergio nos guia, evitando as pedras irregulares de cada lado.

Magiano de repente pega meu pulso e me puxa para baixo na gávea. Eu me agacho instintivamente com ele. Um instante depois, vejo o que chamou sua atenção – baliras, vestidas com armaduras de prata, voando em nossa direção. Levo um momento para reconhecer um de seus condutores. E o reconhecimento só acontece por causa das chamas que disparam em nossa direção.

Enzo.

*Os Punhais estão aqui.*

Nossa bandeira pega fogo por um instante, antes que uma enorme onda caia sobre nós de novo e apague o fogo. Mas o vislumbre de chamas expõe momentaneamente onde está nosso navio, e os canhões dos tamouranos apontam em nossa direção. Eles explodem, lançando balas de canhão em nós.

Estou apoiada em Magiano quando um de seus canhões rasga a lateral do nosso navio. Minha concentração vacila, e minha ilusão oscila o suficiente para mostrar outra vez nossos navios, fantasmas se movendo contra a tempestade, antes de eu rapidamente encobri-los. Lá de cima, Enzo envia outra explosão de fogo. Dessa vez, atinge um dos navios atrás de nós, e suas velas dianteiras ficam em chamas.

Outras baliras inimigas começam a disparar flechas contra nós. Trinco os dentes e me aconchego contra Magiano para me aquecer na gávea, ouvindo o som das flechas cortando o ar. Nosso navio, assim como dois outros, conseguiu entrar na baía, mas não estamos nos movendo rápido o suficiente para repelir a frota tamourana que nos aguarda. A ligação com Enzo aperta forte no meu coração, e posso senti-lo me procurando enquanto o chamo instintivamente. Ele sabe exatamente onde estou. Mesmo agora, posso vê-lo dando voltas, um cavaleiro separado dos outros, me caçando.

*Príncipe bastardo.*

– Preciso voar – murmuro para Magiano enquanto cambaleio e fico de pé. – Precisamos estar no ar.

Assim que as palavras saem de minha boca, uma explosão de vento nos atinge. Sua resposta fica perdida enquanto agarra minha cintura e nos aperta contra a gávea, protegendo nosso rosto do impacto. É um vendaval tão forte que ameaça nos tirar do chão. Somente Magiano, que se segura à gávea, nos impede de sermos soprados direto para o oceano. Ao mesmo tempo, uma onda bate contra o

navio atrás de nós com uma força muito maior do que as ondas da tempestade.

– Estou vendo a Caminhante do Vento! – grita Magiano para mim.

Quando levanto a cabeça para olhar, ele aponta para uma balira que passa correndo, aproximando-se o suficiente para que eu possa ver os cachos louro-acobreados voando atrás de sua cavaleira. Lucent tem outra pessoa com ela, e sua postura está curvada, como se estivesse exausta. Mas isso não a impede de olhar em nossa direção e, quando o faz, outra explosão de vento nos atinge.

O impacto arranca meus pés do chão. Eu desmorono enquanto outra onda atinge a lateral do nosso navio, então me esforço para ficar de pé, piscando para tirar a água do olho. Magiano agarra meu braço novamente e o mundo fica um pouco mais nítido. A ação de Lucent dispersou toda a minha concentração e agora meu manto de invisibilidade desapareceu por completo, deixando meus navios expostos. Afasto minha frustração, puxo os fios novamente e teço.

Pouco a pouco, os navios voltam a desaparecer na tempestade. Ao longe, os pilotos de Tamoura se dirigem para nossa segunda frota, à medida que ela se aproxima da fronteira ocidental da capital. Minha invisibilidade derrotou a fileira de navios tamouranos que defendia a baía principal e, quando olhamos, vários de nossos navios contornam essa fileira, disparando seus canhões nos lados vulneráveis dos navios inimigos mais próximos.

Magiano nos guia para a lateral do navio. Ele acena furiosamente para uma de nossas baliras.

– Nossa! – grita para o soldado montado nela.

A balira gira em nossa direção. Voa mais baixo à medida que se aproxima do navio, então mergulha até a superfície da água com um enorme respingo. A onda nos faz balançar. Magiano sobe no parapeito do ninho, se equilibra e eu o sigo. Enquanto a balira nada bem ao lado do navio, saltamos da borda para suas costas. O cavaleiro original sai, mergulhando na água e subindo pela lateral do casco.

Magiano me puxa para perto nas costas da balira. O animal está escorregadio por causa da chuva, e fico grata pelas correias que nos dão apoios seguros para os pés. A balira se agita, inquieta na água. Ela vira bruscamente e avança, se preparando para voar.

Quando decola, uma onda da água do oceano molha minhas pernas. Respiro

fundo.

Sergio tinha mencionado anteriormente que alguma coisa na água parecia estar deixando as baliras doentes. Agora sei o que ele quis dizer. O oceano parece estar *errado*. Há uma presença venenosa aqui, uma escuridão que parece ao mesmo tempo familiar e doentia. Tremo com a sensação e franzo as sobrancelhas, tentando identificar o que é. Já senti essa escuridão antes em meus pesadelos. Eu a conheço. Os sussurros em minha cabeça se agitam, empolgados.

Meus pensamentos se dispersam quando o elo entre mim e Enzo se retesa de repente. Suspiro. Ao mesmo tempo, Magiano puxa os arreios da balira e nos lança para o céu. Ele nos vira bruscamente para a direita, um de seus braços firmes em volta da minha cintura. Estou prestes a gritar quando uma explosão de fogo atinge o espaço onde tínhamos estado um momento antes.

Enzo aparece no céu a uma curta distância de nós. Seus cabelos escuros chicoteiam para trás, ao vento e na chuva, encharcados, e eu me lembro instantaneamente da última batalha entre nós, quando encarei o vazio de seus olhos. Meu coração dói, mesmo quando o odeio. Engasgo novamente enquanto seu poder pressiona contra o meu, cravando suas garras. Os sussurros estalam os fios enquanto eles ameaçam me transformar em uma marionete.

Então Magiano reage ao ataque de Enzo. Ele imita a energia do Ceifador, e vejo fios de faíscas saírem das mãos de Magiano e chicotearem em direção a Enzo, estourando em linhas de fogo com o impacto. A balira de Enzo vira a cabeça para longe das chamas, levando-o para mais longe de nós, e a pressão contra a minha energia diminui. Respiro outra vez. Então o ataco.

*Enzo não pode matar você sem matar a si mesmo. Ele só quer derrotá-la.* Mantenho esse pensamento por perto, e isso me dá força.

Eu nos viro bruscamente para encará-lo. Ao mesmo tempo, puxo nossa ligação e a inundo com minha escuridão, meus fios se ancorando em seu coração, afogando sua energia. Ele estremece visivelmente, apertando os olhos – puxa com força as rédeas de sua própria balira, e a criatura se afasta de mim. Ele começa a mergulhar. Sua energia empurra a minha, quente e abrasadora, o fogo queimando minha escuridão. Eu me encolho. Nós voamos cada vez mais baixo, até Enzo deslizar pela água. A chuva bate no meu rosto e eu limpo desesperadamente meu olho para recuperar a visão.

Através da corrente, a energia de Enzo corre para mim. As bordas da minha visão ficam turvas, escurecendo por um momento, e um vislumbre de silhuetas sombrias avança. *Não.* Não posso me dar ao luxo de sucumbir às minhas ilusões agora. Em meio ao caos, posso sentir a voz de Enzo como se ele estivesse falando comigo.

*Você não pertence a este lugar, Adelina. Recue.*

Suas palavras enviam uma onda de raiva através de mim, e nos faço ir mais rápido. Estamos muito perto da costa agora, e muitos de nossos navios quebraram as defesas tamouranas. A imagem da vitória dança em minha mente. *Eu pertenço ao lugar que eu quiser. E tomarei Tamoura, assim como tomei Kenettra de você.*

Mas o fogo de Enzo queima minhas entranhas, envolvendo meu coração, fechando-o em um punho de seus fios. Outra camada de suor explode por todo o meu corpo e minha visão fica ainda mais borrada. Posso me ver estendendo a mão e começando a tecer algo no ar. *Não. Não posso permitir que ele me controle.*

*Você é minha, Adelina,* Enzo rosna. *Use seus poderes contra sua própria frota*.

Não consigo detê-lo. Minhas mãos se levantam, prontas para cumprir suas ordens. Então sinto o mundo me rasgar e jogo a cabeça para trás, em agonia. Um manto de invisibilidade se estende sobre a frota de Tamoura, escondendo-os dos meus soldados. Ao mesmo tempo, crio um véu de dor imaginária e o atiro sobre meus cavaleiros no ar.

Eles gritam. Olho, impotente, incapaz de respirar através de minha onda de poder, enquanto meus cavaleiros caem de suas baliras. Luto, buscando ar. O mundo torna-se nebuloso. Eu me obrigo a me concentrar na ligação. É como se as mãos de Enzo estivessem fechadas ao redor do meu coração, apertando e espremendo até que eu estivesse prestes a explodir. *Preciso me libertar de seu aperto.*

Uma voz clara chama acima de nós.

– Adelina! Pare! – Mesmo antes que eu possa levantar a cabeça e vê-lo, sei que é Raffaele.

Mas ele não está sozinho. À sua frente, nas costas da balira, está uma figura pequena e delicada, deitada de costas contra a pele da criatura gigante. É Violetta, seus cabelos uma faixa escura de seda ao vento. Os braços de Raffaele estão em volta dela, para mantê-la segura.

*Ela* está *aqui. Com eles.*

Por um momento, tudo ao meu redor desaparece. Tudo o que posso fazer é olhar enquanto Raffaele se vira em minha direção e abre a boca para dizer alguma coisa.

Algo atravessa minha visão. Uma capa branca. *Um dos meus Inquisidores.* Só tenho tempo de olhar para o lado antes de ver um dos meus soldados numa balira, que se aproxima de nós com um taco erguido. Não tenho tempo para pensar – nem mesmo para levantar os braços em defesa. Ninguém tem. O Inquisidor balança seu taco e me atinge com força no ombro, o golpe me arrancando da minha balira. Os sussurros na minha cabeça gritam. O mundo se fecha, ficando cada vez mais escuro, até eu não ver nada e apenas ouvir os gritos de Magiano vindo de algum lugar distante.

Então, tudo fica preto.

Assim, concordamos que, se o dia chegar, minhas tropas, os aristanos, tomarão posse da Amadera oriental até a foz do rio, e as suas tropas, os salanos, tomarão posse da Amadera ocidental até o mesmo ponto. Nenhum sangue será derramado.

- Acordo entre os aristanos e os salanos antes da Segunda Guerra Civil de Amadera, 770-776

# Adelina Amouteru

Acordo ao som de correntes tilintantes. Levo um momento para perceber que as correntes estão em meus pulsos. O mundo entra e sai de foco repetidamente, então só posso dizer que tudo ao meu redor é cinza-escuro e prateado, que a pedra embaixo de mim é fria e úmida. Por um instante, estou de volta às masmorras da Torre da Inquisição; meu pai acaba de morrer, e estou destinada a ser queimada na fogueira. Eu posso até ouvir sua risada no canto da sala, ver uma miragem nebulosa dele apoiado contra a parede, o corte em seu peito aberto e sangrando, sua boca retorcida em um sorriso.

Tento me afastar dele, mas minhas correntes me impedem de ir muito longe. Alguns murmúrios ecoam a uma distância acima de mim.

– Ela está acordando.

– Leve-a para a Tríade. Tenha cuidado… essas correntes. Onde está o Mensageiro? Precisamos de sua ajuda…

Eles estão falando em tamourano. Não consigo entender o restante do que dizem. As vozes desaparecem e, um momento depois, tenho a sensação de ser levantada. O mundo gira. Tento me concentrar em alguma coisa, qualquer coisa, mas minha mente está muito nebulosa. Os sussurros enchem a minha cabeça de bobagens, depois se dispersam.

Há um corredor, escada e a brisa fresca da noite. Ali perto, uma voz que conheço muito bem. Magiano. Eu me viro, ansiando por ele, mas não consigo identificar onde ele está. Ele parece zangado. Sua voz flutua perto e depois longe, até que eu não o ouço mais. *Eles vão machucá-lo*. O pensamento envia cada grama da minha energia para a superfície, rugindo, e eu rosno, atacando às cegas. *Vou matá-los se o machucarem*. Mas meu ataque parece fraco e descoordenado. Os gritos soam ao meu redor, e os laços nos meus braços apertam dolorosamente. Minha força se dissolve novamente.

*Onde estão todos os outros?* O pensamento me ocorre e eu tento me agarrar a ele. Onde está Sergio? Minha frota? Onde estou? *Estou perdida em outro dos meus*

*pesadelos?*

A lembrança da batalha vem rastejando de volta, pedaço por pedaço. O poder de Enzo tinha dominado o meu. Fui atacada por um dos meus Inquisidores. Disso eu me lembro. O pensamento parece confuso, mas permanece por tempo suficiente para que eu o processe. *Os Saccoristas, a rebelião contra mim.*

*Um rato*, dizem os sussurros. *Eles sempre se esgueiram por entre as rachaduras.*

A noite vira escada novamente. Estamos do lado de fora, e os soldados – *inimigos* – estão me conduzindo degraus acima. Levanto a cabeça, fraca. A escada se estende infinitamente para cada lado e parece levar ao céu. Torres se erguem, velas queimando, douradas, nos peitoris, e diante de nós, uma série de arcos enormes se elevam. Eu olho para o alto, para onde a escada dá lugar a uma entrada grandiosa, elaboradamente esculpida, emoldurada por pilares e coberta com milhares de círculos e quadrados repetidos. Há palavras esculpidas em seis dos pilares mais altos.

FIDELIDADE. AMOR. CONHECIMENTO. DILIGÊNCIA. SACRIFÍCIO. PIEDADE.

As palavras estão em tamourano, mas eu as reconheço. São os famosos seis pilares de Tamoura.

Então tropeço nos degraus, e alguém me ergue. Minha cabeça pende.

Quando acordo de novo, estou deitada no centro de uma vasta câmara circular. Um burburinho de vozes ecoa ao meu redor. Fileiras de velas delineiam o perímetro da sala, e a luz vem de algum lugar acima de mim, o suficiente para iluminar todo o espaço. Uma pressão terrível empurra meu peito – o elo familiar entre mim e Enzo se retesa, a energia nele pulsando e tremendo. Ele deve estar na sala. Minhas mãos ainda estão algemadas e minha cabeça lateja, mas desta vez o mundo entra em foco o suficiente para eu pensar direito. Ergo-me até ficar sentada.

Estou no meio de um círculo desenhado no chão, as bordas adornadas com círculos menores. Há três tronos ao redor dele, equidistantes, todos virados na minha direção. Em cada trono está uma figura alta vestida com as melhores sedas de ouro, o cabelo escondido atrás de um turbante tamourano. *A Tríade Dourada*. Estou na sala do trono tamourano, sentada diante de sua trinca de reis.

Pisco, afastando o resto de nebulosidade da minha mente, e olho rapidamente ao redor da sala. Soldados se agitam e se mexem cautelosamente com meu movimento. Imediatamente, por instinto, busco minha energia – os fios de medo e incerteza na câmara agora me chamam – e crio com uma teia de ilusões. A câmara cai em uma escuridão repentina, gritos enchem o ar, e um chicote de agonia se enrola em torno dos soldados tamouranos mais próximos a mim. Vários deles gritam. Mostro os dentes, apontando em seguida para os reis.

– Fique quieta, Adelina. – É a voz de Raffaele.

Eu me viro no chão, até que minhas correntes não me deixem mover mais, e o procuro. Ele está de pé ao lado de um dos tronos, com as mãos cruzadas nas mangas. Parece sério, mas sua expressão não tira nem um pouco de sua beleza. Seu cabelo está solto e liso esta noite, preto com fios de safira que captam a luz das velas. Exatamente como me lembro dele. Ele retribui meu olhar calmamente. As cores dos seus olhos mudam na luz.

Ao lado dele há vários arqueiros, suas bestas apontadas para mim.

– Desfaça suas ilusões – diz Raffaele. – Você está aqui à mercê do Rei Valar, do Rei Ema e do Rei Joza, os governantes do grande império de Tamoura. Levante-se, contenha seus poderes e dirija-se a Suas Majestades.

Minha raiva brota, embora eu saiba que Raffaele está certo. Meus poderes ainda são apenas ilusões – não poderei avançar rápido o bastante para evitar que aquelas bestas acertem seu alvo. Estarei morta em segundos. Pensamentos atravessam minha mente. Por que Raffaele me trouxe aqui? Por que ele ainda não me matou? Ele poderia tê-los deixado disparar as flechas sem me avisar.

E o pensamento mais urgente: se Violetta está aqui em Tamoura, por que ele não usou a habilidade dela contra mim? Por que não tiraram meus poderes?

Mas o que realmente me impede de atacar de novo é uma figura sombria a vários metros de Raffaele, os olhos treinados em mim e as mãos descansando sobre o cabo da adaga em sua cintura. Quando encontro o olhar de Enzo, a ligação entre nós puxa com tanta força que ofego. Nunca senti nossa conexão tão forte, tão *perversa*. Ele parece sentir isso também – mesmo daqui, posso sentir a contração em sua mandíbula, a mudança de seus músculos.

Os olhos de Enzo estão o mais escuro que eu já os vira. Eles não têm o brilho da vida que os olhos devem ter. São entorpecidos e profundos, desprovidos do

fogo escarlate que costumava preenchê-los, duros de tão vazios. Ele olha fixamente, como se mal me conhecesse. Não diz uma palavra. Estremeço novamente quando nossa ligação fica mais apertada, afrouxa e puxa novamente. Assim como durante nossa batalha nos céus, ele está tentando dominar meu poder. Contudo também sinto dor na ligação, entrelaçada com a minha própria energia. Enzo foi ferido na batalha, posso dizer.

Fico tensa de raiva. *Como você ousa tentar me controlar?*

Lentamente, libero minhas ilusões sobre os soldados e concentro minha energia dentro do meu peito, protegendo-a de Enzo. Vários soldados caem de joelhos, ainda trêmulos por conta da dor fantasma. Então estico cuidadosamente as duas mãos, para que Raffaele possa ver. Se ele está estudando a mudança de minha energia agora, saberá que eu não estou prestes a atacar.

*Mas eu não vou me curvar diante de uma potência estrangeira.* Meu olhar desliza para um dos reis, e fico satisfeita quando ele o retribui. Fico tentada a olhar para o restante da câmara outra vez, para encontrar os olhos dos outros dois reis, mas isso exigiria que eu me virasse no chão como uma mendiga. Não vou fazer isso aqui.

– Minha frota – digo em vez disso, erguendo meu queixo para o rei. – Minhas Rosas.

– *Choursdaem* – Raffaele traduz para o rei. – *Rosaem*.

O rei diz algo a Raffaele em resposta. Não entendo a maior parte, mas pesco um traço de zombaria junto ao meu nome.

Raffaele inclina a cabeça para o rei, depois se vira de novo para mim.

– A guerra continua enquanto conversamos, rainha Adelina – traduz. – Nossos exércitos estão numa trégua tênue, porque as suas forças sabem que você está sob nossa custódia. Outro de seus Rosas também está em nossas mãos. Ileso… por enquanto.

Outro prisioneiro. *Deve ser Magiano.* Afinal, era ele quem montava a balira comigo, e eu tinha ouvido sua voz mais cedo. Minha energia brilha de novo, e Raffaele me lança um olhar de advertência. Com grande dificuldade, engulo em seco e me controlo. A vida de Magiano depende de como me comporto.

– Parece que você foi traída por um de seus Inquisidores – diz Raffaele.

*Um dos meus*. O fato de Raffaele ter visto isso acontecer bem diante de seus olhos me deixa cega de fúria.

– Você plantou um rebelde entre os meus – disparo. – Não foi?

– Eu não precisei – responde ele. – Você teria perdido essa batalha.

– Não acredito em você.

A expressão de Raffaele permanece calma.

– Um de seus homens atacando você. Isso é incomum?

*Não. Não é incomum*. Tentativas anteriores começam a se acender em minha memória, mesmo enquanto tento em vão mantê-las afastadas. *Os rebeldes estão em toda parte.* Trinco os dentes. Vou esfolar esse traidor vivo.

O rei volta a falar enquanto Raffaele traduz:

– O que você faria, em nosso lugar? – O fantasma de um sorriso aparece nos lábios do rei tamourano. – Você mandaria nos decapitar, tenho certeza, e exporia as cabeças para nossos exércitos. Ouvi dizer que é o que você faz em outras cidades conquistadas. Talvez devêssemos fazer o mesmo, pendurar seu corpo dos mastros de nossos navios. Isso deve acabar com a guerra bem rápido.

A batida do meu coração acelera, mas me recuso a deixá-lo ver meu medo. Minha mente gira. Como vou me libertar daqui? Olho para Raffaele novamente. Que acordo os Punhais fizeram com Tamoura?

*E Violetta.*

– Onde está minha irmã? – exijo saber, a raiva fazendo minha voz tremer.

Raffaele dá um passo em minha direção.

– Ela está descansando.

*Ele quer dizer que ela não está passando bem.* Faço uma careta.

– Você está mentindo. Eu a vi com você na batalha.

– Ela não estava em condições de lutar com você – responde Raffaele. – Eu a levei comigo apenas para que você pudesse vê-la.

Então o motivo para Violetta ainda não ter tirado meus poderes é porque… ela está fraca demais para fazer isso?

– Você mentiu tantas vezes, Mensageiro – digo com calma deliberada. – Por que pararia agora?

– Pelo amor dos deuses, ela não merece isso – murmura Michel das sombras. Ele parece diferente do que me lembro, mais magro, o rosto fino, e seus olhos estão fixos em mim com um ódio ardente. – Cortem a cabeça dela e a mandem de volta para Kenettra. Joguem o resto de seu corpo no mar para os peixes. Ela sempre pertenceu ao Submundo. Talvez isso conserte tudo.

Franzo as sobrancelhas, surpreendida por palavras tão duras e pelo fato de elas virem do mesmo rapaz que uma vez elogiou minha ilusão de rosa. Ele gostava tanto de Gemma; qualquer amizade que ele pudesse ter por mim acabou no dia em que a fiz cair dos céus. A garota que eu costumava ser se remexe dentro de mim, tentando abrir caminho através da rainha das sombras para reavivar outras lembranças. Percebo que não consigo me lembrar do som da risada de Michel.

Raffaele não tira os olhos de mim. Para minha surpresa, os três governantes parecem estar esperando que ele fale. Depois de um breve momento de silêncio, ele dá um passo à frente.

– Há mil coisas que *poderíamos* fazer, com você aqui sob nossa custódia – diz ele. – Mas o que *vamos* fazer é deixá-la ir.

Eu pisco uma vez para ele.

– Me deixar ir? – repito, franzindo a testa, confusa.

Raffaele concorda com a cabeça.

Mais uma vez, ele está me manipulando. Nunca diz exatamente o que quer dizer.

– O que você realmente quer, Mensageiro? – pergunto bruscamente. – Fale claramente. Estamos em guerra. Sem dúvida você não espera que eu acredite que você e os tamouranos estão me libertando pela bondade em seu coração.

No silêncio, um dos reis se vira para Raffaele e ergue uma mão cheia de joias.

– Bem, Mensageiro – diz ele, sua voz ecoando na sala. – *Sa behaum*. – *Diga a ela*.

Raffaele se aproxima.

– Adelina – começa devagar –, estamos libertando você porque precisamos de sua ajuda.

Pensei que ele poderia dizer qualquer coisa, menos *isso*. Eu só posso olhar para ele com descrença. Então começo a rir e os sussurros se juntam a mim. *Você realmente deve estar ficando louca.*

Algo na expressão de Raffaele finalmente faz meu riso diminuir.

– Você está falando sério – digo, inclinando a cabeça em uma imitação simulada de seu gesto familiar. – Você deve estar desesperado para pensar que eu trabalharia com você e os Punhais.

– Você não terá muita escolha. A vida de sua irmã depende disso, assim como a nossa. – Ele acena com a cabeça para mim. – Como a *sua*.

*Mais mentiras.*

– Foi por isso que você me contou sobre ela? Por isso que quis que eu visse Violetta com você? Para que pudesse usá-la contra mim? – Balanço a cabeça para ele. – Cruel, até mesmo para *você*.

– Eu a acolhi – responde Raffaele. – O que *você* fez?

Como sempre, suas palavras parecem verdadeiras. *Isto é o que você queria, Adelina*, os sussurros me persuadem. *Você queria encontrar Violetta, por suas próprias razões. Agora você encontrou.*

Raffaele continua no silêncio:

– Sua irmã uma vez tirou alguns documentos meus do navio real beldaíno. Você se lembra do que eles diziam?

Ele está se referindo aos pergaminhos que Violetta me mostrou no dia em que me deixou. Que todos os Jovens de Elite estão condenados a morrer jovens, destruídos por dentro pelos nossos poderes. Como sempre, pensar em sua teoria me arrepia. Lembro-me do ferimento persistente de Teren, da sede constante de Sergio. De minhas próprias ilusões, saindo constantemente do meu controle.

– Sim – respondo. – E o que eles têm a ver comigo?

Raffaele olha para os governantes, um de cada vez. Eles assentem uma vez em silêncio, dando-lhe uma espécie de permissão não dita. Enquanto o fazem, os soldados tamouranos se aproximam de mim, de onde eles estavam guardando as bordas da sala. Enrijeço quando se aproximam. Raffaele inclina a cabeça para mim e começa a caminhar até a entrada da sala.

– Venha comigo – diz.

Enzo se mexe onde está, como se também fosse nos acompanhar, mas para quando Raffaele balança a cabeça.

– O poder dele afeta muito o seu – diz Raffaele. – Você precisa estar sozinha para isso.

Outros seguem em seu rastro. Sou posta de pé pelos soldados, desacorrentada do chão e conduzida. Saímos da sala e entramos num corredor, depois saímos dos recessos do palácio e descemos na direção da costa. A pressão em meu peito se alivia, e eu cedo a esse alívio quando paredes e colinas ficam entre o elo que me liga a Enzo. É uma noite escura; a única luz vem de dois feixes de luar espreitando através das nuvens. A tempestade que Sergio tinha conjurado sobre os oceanos já se dispersou, mas o cheiro de chuva ainda paira pesado no ar, e as plantas estão molhadas e brilhantes. Viro o pescoço, procurando. Em algum lugar lá fora nas ondas estão meus navios e Sergio. Eu me pergunto o que ele está pensando. Gostaria de saber para onde Magiano foi levado.

Seguimos até finalmente chegarmos ao litoral. Aqui, Raffaele vem até nós e murmura algo aos soldados. Eles me puxam para a água. Tenho um súbito pressentimento de que pretendem me afogar – é disso que se trata todo este ritual. Eu luto por um momento, mas não adianta.

Eu cambaleio para frente. Para minha surpresa, Raffaele vem ao meu lado. Agora estamos em areia molhada, e olho enquanto as ondas se dirigem para nós. A água e a espuma do mar sobem pela praia – prendo a respiração quando a água fria atinge meus pés. Raffaele a deixa correr pelas suas pernas também, molhando a barra de suas vestes.

Instantaneamente, sinto de novo. Eu tivera apenas um vislumbre rápido da escuridão estranha do oceano durante a batalha, e então tinha deixado isso de lado. Mas agora, com o mundo ao meu redor tranquilo o suficiente para que eu possa me concentrar, posso sentir a morte na água. O oceano recua e então avança novamente. Mais uma vez, envolve a metade inferior das minhas pernas. Mais uma vez, suspiro com a energia fria girando nas profundezas.

Raffaele olha para mim, seus olhos brilhando cores diferentes na noite.

– Você, mais do que ninguém, deve estar familiarizada com essa energia.

Franzo a testa. O sentimento faz meu estômago embrulhar, a incoerência daquilo me enjoando – mas, ao mesmo tempo, percebo que estou ansiosa por cada onda do oceano, na esperança de outra dose desta energia escura.

– Sim – digo automaticamente, quase contra a minha vontade.

Raffaele assente.

– Você se lembra do dia em que testei seus poderes pela primeira vez? – pergunta. – Lembro-me bem dos seus alinhamentos. Ambição e paixão, sim… mas, acima de tudo, medo e fúria. Você continua sendo a única pessoa que conheci nascida dos dois anjos que guardam o Submundo. Sua energia está ligada ao Submundo mais do que a de qualquer outro que conheço.

Este poder que eu sinto na água – esta é a energia do Submundo.

A expressão de Raffaele é grave.

– Os Jovens de Elite existem *apenas* por causa de um desequilíbrio entre os reinos mortal e imortal. A febre do sangue em si eram consequências causadas em nosso mundo por uma antiga ruptura entre esses reinos. Nossa existência desafia a ordem natural, desafia a própria Morte. A rainha Maeve ter trazido Enzo de volta só acelerou o processo. Há uma fusão dos dois reinos que está lentamente envenenando tudo em nosso mundo.

Eu estremeço. A água vem novamente, e fecho o olho, ao mesmo tempo repelida e atraída pela energia escura.

– A razão pela qual convenci os membros da família real de Tamoura a soltá-la, sob a condição de uma trégua – prossegue Raffaele, com os olhos focados no horizonte da noite –, é porque precisamos de sua ajuda para consertar isso. Tamoura já está sentindo os efeitos ao longo de suas costas. Se não fizermos algo logo, não somente todos os Jovens de Elite perecerão, mas também o mundo.

Olho para o horizonte, sem querer que Raffaele esteja certo. Claro que isso é ridículo.

– O que meus alinhamentos têm a ver com isso? – pergunto por fim.

Raffaele suspira e inclina a cabeça.

– Acho melhor levar você até sua irmã.

Eu tentei cada raiz, folha e remédio que conheço, mas nada funcionou em nenhum dos meus pacientes. Apenas dois sobreviveram, ambos com mãos descoloridas. Você mencionou um menino de seis anos com cicatrizes no rosto. Ele ainda vive?

- Carta de Dr. Marino Di Segna ao Dr. Siriano Baglio, 2 Juno, 1348

# Adelina Amouteru

Violetta.

Eu mal a reconheço.

Sua pele, antes morena, macia e bonita, parece cinza-pálida, e manchas roxo-escuras cobrem seus braços e suas pernas, se estendendo até seu pescoço. Seus olhos estão fundos por causa da doença, e seu corpo está muito mais magro do que eu me lembro. Ela se agita com a movimentação da gente entrando em seu quarto. Eu me pergunto se ela ainda pode sentir nossos poderes por perto.

Raffaele caminha para o lado dela, depois se senta cuidadosamente na beira da cama. Depois de um tempo, me aproximo também. Talvez essa não seja minha irmã, mas uma garota que eles confundiram com ela. Violetta não tem marcas. Ela não tem a pele pálida. Não pode ser ela. Eu me aproximo até estar olhando fixamente para seu rosto, estudando suas feições. Seu cabelo está úmido, a pele pontilhada de suor. Seu peito sobe e desce rapidamente, como se não conseguisse recuperar o fôlego.

*Olha o que eles fizeram*, os sussurros sibilam, e eu me viro para Raffaele.

– Você fez isso com ela – digo em voz baixa e sinistra. Minhas correntes tilintam. Os soldados enfileirados nas paredes do quarto de Violetta sacam suas bestas, as flechas clicando enquanto apontam para mim. – Essas contusões nos braços e nas pernas dela – paro e olho de novo para as marcas em minha irmã –, você mandou espancá-la, não foi? Você *está* usando Violetta contra mim.

– Você sabe que isso não é verdade – responde Raffaele. E mesmo que eu não queira acreditar nele, posso ver em seus olhos que ele está certo. Engulo em seco, tentando suprimir meu próprio medo e a repulsa pela aparência dela.

– Há quanto tempo Violetta está assim? – pergunto.

Eu esperava que ele não pudesse sentir a mudança na minha energia, mas ele inclina a cabeça para mim em um gesto sutil, familiar, um leve franzido em seus lábios.

– Quando lhe escrevi aquela carta, as marcas tinham aparecido na noite anterior.

Mal passou um mês.

– É impossível que ela tenha mudado tão rapidamente.

– Nossos poderes afetam cada um de nós de maneiras diferentes, muitas vezes agindo de modo oposto ao que nos dá força – responde Raffaele, permanecendo numa calma exasperante. – As habilidades de Violetta a mantinham imune às marcas da febre do sangue, assim como o poder de voar de Lucent a tornava leve e forte. Agora isso se inverteu. O encontro do mundo imortal com o nosso é venenoso.

Meu olhar retorna à Violetta. Ela se remexe, como se pudesse senti-lo, e enquanto a observo ela vira a cabeça no travesseiro em minha direção. Suas pálpebras tremem. Então ela abre os olhos por um momento, e eles se concentram em mim. Engasgo ao ver a cor de suas íris. Estão *cinza*, como se as cores ricas e escuras que sempre estiveram lá estivessem desaparecendo lentamente. Ela não diz nada.

Sinto uma onda de repulsa. Raffaele não pode sentir pena da condição de Violetta – sua compaixão sempre tem um preço, um pedido. *Porque precisamos de sua ajuda*, diz ele. Assim como precisava de mim quando eu era membro da Sociedade do Punhal e depois me expulsou quando eu já não lhe servia mais.

Então por que eu deveria ajudar um mentiroso e traidor? Depois de tudo o que os Punhais me fizeram passar, Raffaele realmente pensa que vou lutar pela vida deles só porque ele está usando a minha irmã morrendo contra mim? Eu sou a Loba Branca, Rainha das Terras do Mar – mas, para Raffaele, sou apenas útil de novo, e isso despertou seu interesse em mim mais uma vez.

Um dos outros Punhais fala antes que eu possa dizer qualquer coisa. É Lucent, e ela esfrega os braços incessantemente, como se tentasse afastar a dor.

– Isso é absurdo – murmura. – A Loba Branca não vai nos ajudar, nem mesmo por causa de sua irmã. Mesmo que o faça, ela vai nos trair, como sempre fez. Ela só se interessa por ela mesma.

Olho para ela, e ela retribui o olhar. Somente quando Raffaele lhe lança um aceno firme, ela desvia o olhar, cruza os braços e solta um grunhido. Raffaele se

vira para mim.

– Você conhece a lenda de Laetes, não é? O anjo da Alegria?

– Sim.

Os corredores da Corte Fortunata eram decorados com pinturas do belo Laetes caindo dos céus. Teren uma vez a recitou para mim, quando o confrontei na Torre da Inquisição e tirei Violetta dele. *Você se lembra da história de Denarius expulsando Laetes do céu, condenando-o a andar pelo mundo como um homem até que sua morte o enviou de volta aos deuses?* Isso me faz pensar em Magiano e seu alinhamento com a alegria, que Magiano provavelmente está em algum lugar nas masmorras agora, onde não posso alcançá-lo.

– As estrelas e os céus se movem em um ritmo diferente do nosso – explica. – Algo que acontece aos deuses não será sentido em nosso mundo por gerações. A queda da Alegria para o mundo mortal rompeu as barreiras entre o imortal e o mortal. Foi sua queda que causou as ondulações da febre do sangue que varreu a terra. E que deu origem aos Jovens de Elite. – Raffaele suspira. – O prateado inconstante do seu cabelo. As mechas de safira no meu. Meus olhos. São toques permanentes das mãos dos deuses sobre nós, bênçãos deles. E é o veneno que está nos matando.

O fantasma das palavras de Teren me volta com tanta força que sinto como se estivesse de pé novamente na Torre da Inquisição, olhando para seus olhos cor de gelo. *Você é uma aberração. A única maneira de curar a si mesma dessa culpa é expiá-la salvando seus colegas, também aberrações. Não devíamos existir, Adelina. Nós nunca devíamos ter existido.* E, de repente, sei por que Raffaele precisa da minha ajuda. Entendo antes que ele possa dizer.

– Você precisa da minha ajuda para fechar a brecha que se abriu entre nossos mundos.

– Tudo está conectado – diz Raffaele, uma frase que Enzo me disse uma vez quando estava vivo. – Estamos conectados ao local onde Laetes caiu, onde a imortalidade encontra a mortalidade. E, para corrigir o que deu errado, precisamos selar o lugar que nos deu origem, com os alinhamentos que cada um de nós carrega.

*Precisamos devolver nossos poderes.*

– Somos filhos dos deuses – conclui Raffaele, confirmando meu medo. – Somente nós podemos entrar no reino imortal como mortais.

– E se eu me recusar? – questiono.

A natureza tranquila de Raffaele sempre me acalmou e me irritou. Ele baixa os olhos.

– Se você não fizer isso – responde ele –, então, em questão de poucos anos, o veneno do mundo imortal matará tudo.

Olho para minha irmã. O corpo de Violetta, desmoronando sob o peso de seus poderes. Os ossos de Lucent se esvaziando. A sede eterna e a exaustão de Sergio. As feridas de Teren que nunca se curam. E eu. Minhas ilusões piorando, meus pesadelos dentro de pesadelos, os sussurros em minha cabeça. Mesmo agora, eles estão tagarelando, tagarelando, tagarelando.

– Não – digo. As vozes assobiam sobre o corpo de minha irmã. *Você não deve nada a ela*, rosnam, se agitando agora e saindo de suas cavernas.

Raffaele me observa.

– Você está ficando sem tempo – diz ele. – Ela não vai durar muito assim.

Olho para ele.

– E o que faz você pensar que me importo se ela morrer?

– Você ainda a ama. Posso sentir isso.

– Você sempre acha que sabe tudo.

– É? Você não a ama?

– Não.

Raffaele estreita os olhos.

– Então por que vir a Tamoura para encontrá-la? Por que perguntar por ela? Por que caçá-la em todo o mundo, enquanto conquista suas novas terras?

Nesse momento, os sussurros se transformam em gritos. *Porque ela não pode virar as costas para mim.*

Eu ataco com minhas ilusões tão de repente que os arqueiros ao longo das paredes nem têm tempo de reagir. Meus poderes se derramam sobre os outros como uma onda – facas no coração deles, se retorcendo, pontudas, rasgando – que

mal posso controlar. Eu mesma posso sentir a dor, como se ela tivesse se voltado contra mim também e procurado meu próprio coração. Lucent ofega em agonia, tropeçando para trás com os olhos arregalados, enquanto Raffaele agarra o peito com uma das mãos, empalidecendo. As bestas recuam.

– Depressa! – Raffaele consegue gritar.

Algo pesado me atinge. *Não uma flecha*, consigo pensar antes de ser derrubada no chão. Todo o ar sai de mim. Luto para respirar e, neste instante, meus poderes vacilam, se dispersando de meu controle. *Alguém conseguiu jogar uma rede*, percebo, tonta. Não, ela caiu do teto – Raffaele tinha adivinhado como eu poderia reagir. Mãos ásperas agarram meus braços e os puxam dolorosamente para minhas costas. Eu me esforço para reunir meu poder outra vez e atacar, mas os sussurros se tornaram tão altos e desnorteantes que eu não consigo me focar.

*Saia deste lugar e termine sua conquista,* incitam os sussurros. *Mostre a ele por que vai se arrepender do que fez a você.* Violetta se remexe, inquieta, em sua cama, alheia a nossa presença e perdida em seu próprio pesadelo.

*Eu odeio você*. Atiro o pensamento para ela, desejando que ela ouça. Penso em como ela foi covarde na nossa infância, incapaz de me proteger, e como tinha se virado contra mim antes de me deixar, tentando tirar algo que é meu por direito. Tento segurar essas imagens em minha cabeça quando Raffaele ordena que os soldados tamouranos me levem embora. No último ano me tornei muito boa em lembrar esses momentos, deixar que me fortaleçam – recontando as falhas de Violetta a fim de elevar meu poder a novos níveis.

Mas agora as imagens que inundam minha mente são de um tipo diferente. Vejo Violetta e eu correndo pela grama alta atrás de nossa antiga propriedade, nos escondendo à sombra de árvores gigantes nas tardes de verão. Violetta passando os braços ao meu redor em um chão iluminado pela lua, segurando-me enquanto eu soluçava por Enzo. E Violetta se curvando ao meu lado durante uma tempestade de trovões, tremendo. Suas mãos no meu cabelo, colocando flores entre as tranças.

Não quero ver isso. Por que eu não posso tirar isso de minha visão?

*Se ela morrer, você se perde.* Desta vez não é a voz dos meus sussurros… É minha própria voz. *Se você não for, você também morrerá*.

Quando os soldados me põem em pé, Raffaele dá um passo para perto de mim.

– Nós não devíamos existir, Adelina – diz ele. – E nunca mais existiremos. Mas não podemos levar o mundo conosco. – Ele sustenta meu olhar. – Não importa como ele nos prejudicou.

Então ele acena com a cabeça para os soldados. Tento atacar novamente, desta vez com Raffaele em meu campo de visão, mas alguma coisa atinge a parte de trás da minha cabeça e o mundo fica escuro.

# Raffaele Laurent Bessette

Quando Raffaele vai ver Violetta novamente naquela noite, ela está acordada e a febre baixou um pouco. Embora estivesse inconsciente enquanto Adelina estava na sala, parece que a presença de sua irmã havia oferecido a Violetta algum conforto, por menor que fosse. Algo que a ajudou a lutar contra a deterioração de seu corpo.

É o efeito oposto ao que Adelina parece ter sobre Enzo. Raffaele tinha deixado o príncipe andando de um lado para outro, inquieto em seus aposentos. A energia sombria que o cercava tinha crescido com a proximidade de Adelina, agitada e pronta para atacar.

– Ela nunca vai concordar – diz Lucent a Raffaele enquanto eles e Michel olham para o navio tamourano no porto, ainda movimentado com marinheiros embarcando a carga. – E, mesmo se concordar, como vamos viajar com a Loba Branca? Eu mal consigo suportar ficar perto dela. Você consegue?

– É uma pena que eu tenha ensinado a ela como concentrar suas ilusões – diz Michel. – Você viu o que aconteceu no quarto de Violetta. Ela atacou os soldados e até tentou matar *você*. – Ele acena para Raffaele. – Você mesmo disse que não é mais possível ajudá-la. O que o faz acreditar que uma viagem com ela vai dar certo?

– Eu não acredito – admite Raffaele. – Mas precisamos dela. Nenhum de nós se liga à fúria, e não seremos capazes de entrar no mundo imortal sem cada um dos alinhamentos dos deuses… não se as lendas forem verdadeiras.

– Isso pode ser apenas perda de tempo – diz Lucent. – Você está apostando suas fichas em uma teoria de algo que, de acordo com as lendas, aconteceu centenas de anos atrás.

– Sua vida depende disso, Lucent – responde Raffaele. – Tanto quanto a de qualquer um de nós. É tudo o que podemos fazer, e temos pouco tempo.

Michel suspira.

– Então, depende se Adelina acha que a vida *dela* depende disso também ou não.

Raffaele balança a cabeça.

– Se Adelina se recusar, teremos que forçá-la. Mas esse é um jogo perigoso.

Lucent parece pronto para responder, todavia neste instante um jovem guarda se apressa até eles. Em sua mão está um pergaminho recém-chegado.

– Mensageiro – diz, balançando a cabeça uma vez para Raffaele antes de lhe entregar o papel. – Uma nova pomba. É de Beldain, da rainha.

Rainha Maeve. Raffaele troca um olhar com Lucent e Michel, então abre a mensagem. Lucent permanece em silêncio, e seus olhos se arregalam enquanto olha para o papel com os outros.

Raffaele lê a mensagem. Então lê outra vez. Suas mãos tremem. Quando Lucent lhe diz alguma coisa, ele não ouve – em vez disso, a voz soa abafada, como se estivesse debaixo d'água, vindo de algum lugar distante. Tudo o que ele pode ouvir são as palavras escritas no pergaminho, tão claras quanto se Maeve estivesse de pé ao lado deles e dizendo pessoalmente:

*Meu irmão Tristan está morto.*

Raffaele olha de volta para o palácio. Uma onda de medo corre em seu corpo. *Não.*

– Enzo – sussurra ele.

E, antes que os outros possam chamá-lo de volta, ele se vira em direção ao palácio e corre.

Perdeu a vida com uma facada, sacrificando-se pelo bem de seu filho. Que descanse nos braços de Moritas, à deriva na paz eterna do Submundo.

- Epitáfio na lápide de Tu Sekibo

# Adelina Amouteru

Estou sozinha na minha cela na masmorra. As ilusões são inúteis se eu não tiver ninguém para afetar além de mim mesma, assim não faço nada além de me enrolar no chão enquanto os soldados estão do outro lado da parede, depois da porta de ferro. Fora do meu alcance. Diferente das masmorras de Estenzian, minha cela fica suspensa acima da cidade em um labirinto de torres em espiral que canalizam o vento através de suas passagens, como turbilhões. Há uma única janela acima de mim. Através dela, feixes fracos de luz da lua iluminam partes do chão onde agora estou encolhida. Fico muito quieta. O vento lá fora uiva, no mesmo tom dos sussurros na minha cabeça. Tento me balançar para dormir. Faz muitos dias desde a última vez que tomei as ervas para acalmar os sussurros, então posso sentir a loucura se aproximar rastejando outra vez, ameaçando assumir o controle sobre mim.

Desejo desesperadamente que Magiano estivesse comigo.

Algo range. *A porta da minha prisão*. Levanto a cabeça para olhar para ela. Os guardas, eles devem estar trazendo meu jantar cedo. Uma dor aguda espeta meu peito. Franzo a testa enquanto a porta se abre lentamente – e então percebo, de alguma forma, no último momento, que do outro lado da porta não estão os guardas, mas Teren e seus Inquisidores.

*Impossível. Ele é meu prisioneiro, preso nas masmorras de Estenzian*.

Sinto o coração bater na garganta. Pulo de pé, cambaleio para frente e tento fechar a porta. Mas não importa com quanta força eu me jogue contra ela, Teren entra pouco a pouco, até que eu possa ver seus olhos loucos e seus pulsos encharcados de sangue. Quando olho para longe e de volta dentro da cela, vejo o corpo de minha irmã deitado em um canto, o rosto pálido de morte, os lábios sem cor, os olhos fixos em mim.

Acordo com um salto. Lá fora, o vento uiva. Tremo contra as pedras do chão da minha cela – até que ouço a porta se abrir novamente. Outra vez, eu me apresso para ela numa tentativa de manter os Inquisidores do lado de fora. Mais

uma vez, eles me empurram para trás. Novamente, desvio o olhar e vejo Violetta morta no chão, os olhos voltados para mim. Acordo com um salto.

O pesadelo se repete de novo e de novo.

Finalmente, acordo com um suspiro terrível. O vento ainda está uivando do lado de fora da porta da prisão, mas sinto o assoalho frio debaixo de mim com uma solidez que me diz que devo estar acordada. Mesmo assim, não tenho certeza. Sento-me ereta, tremendo, enquanto olho em volta da minha cela. *Estou em Tamoura*, lembro. *Violetta não está aqui comigo*. *Teren está em Estenzian*. Minha respiração se condensa no ar iluminado pela lua.

Depois de um tempo, encolho os joelhos e os puxo até o queixo, tentando parar de tremer. No canto da minha visão, fantasmas de figuras com garras e cascos se movem nas sombras. Olho para o céu noturno através da janela gradeada e tento imaginar meus navios esperando por mim no mar.

*Apenas concorde com o pedido de Raffaele. Concorde em ajudar os Punhais.*

A indignação cresce em meu peito diante do simples pensamento de ceder às exigências de Raffaele. Mas se eu não fizer isso, ficarei impotente nesta cela, esperando que Sergio conduza meu exército a atacar o palácio. Se eu simplesmente disser que vou ajudá-los, eles terão que concordar com uma trégua e me deixar livre. Vão libertar Magiano. A ideia gira em minha mente, ganhando força.

*Raffaele traiu você muitas vezes no passado. Por que não usar isso como uma chance de traí-lo? Concorde. Apenas concorde. Então você pode atacá-los quando eles menos esperarem.*

Parece fácil demais para ser verdade, mas é a única saída para a prisão. Olho para cima e tento calcular quando a próxima troca de soldados se postará à minha porta.

As cordas puxam novamente, com força. Uma pontada de dor me atravessa. Aperto meu peito, franzindo a testa – isso foi o que senti no meu sonho, com a corrente me puxando para baixo. Mas meu pesadelo já acabou. Um súbito medo me atinge, e eu fecho bem os olhos. *Talvez eu ainda esteja em um pesadelo.*

O puxão novamente. Desta vez dói o bastante para fazer meu corpo estremecer. Olho para a porta. *O puxão vem de Enzo.* Agora reconheço o fogo de

sua energia, suas farpas em meu coração como as minhas no dele. *Algo está errado*. Quando o puxão acontece de novo, a porta range… E então se abre.

Os guardas não estão esperando ali. Em vez disso, é Enzo, envolto em sombras. Minha respiração fica presa na garganta. Seus olhos são poças de preto, completamente desprovidos de qualquer centelha de vida. Seu rosto é inexpressivo, seus traços aparentemente esculpidos em pedra. Meu olhar se dirige para seus braços. Eles estão expostos esta noite, uma massa de carne arruinada. Meu coração congela.

Raffaele o mandou aqui? Ele deve ter dito aos guardas que se afastassem para deixá-lo entrar. Olho para ele, sem saber o que fazer em seguida.

– Por que você está aqui? – sussurro.

Ele não responde nada. Nem sei se me ouviu. Em vez disso, continua a caminhar para frente. Seu andar parece desconexo, embora eu não consiga dizer exatamente o que parece estranho. Há algo… irreal nele, algo rígido e desigual, *desumano.*

Ele está segurando adagas em ambas as mãos.

*Ainda devo estar em um pesadelo.* Enzo estreita as piscinas negras de seus olhos. Tento forçar nossa ligação para ler seus pensamentos, mas desta vez não sinto nada, exceto uma escuridão que consome tudo. Vai além do ódio ou da fúria – não é uma emoção, mas a falta de toda e qualquer emoção e vida. É a própria Morte, estendendo-se através do corpo vazio de Enzo e me puxando para frente por meio dos fios de energia que nos unem. O toque é gelado. Eu estremeço, me pressionando com força contra a parede. Mas as garras frias da energia renovada de Enzo continuam a me alcançar, me puxando cada vez para mais perto, até que me agarram e apertam.

Minha energia treme. Os sussurros na minha cabeça explodem e rugem em meus ouvidos. Eu grito com a sensação irresistível. O controle que tenho sobre minha energia começa a diminuir, e os sussurros aos poucos assumem a voz de Enzo – e, em seguida, um novo tom, um tom do Submundo.

– O que você quer?

Eu me arrasto para trás no chão, puxado minhas correntes comigo, até que eu não possa ir mais longe. Enzo se aproxima de mim até que estamos separados por

nada mais que sua armadura e minhas vestes. Seus olhos sem alma me encaram enquanto ele embainha suas adagas. Suas mãos apertam as correntes que cercam meus pulsos e, em um momento que me lembra do dia em que ele me resgatou da fogueira, ele aquece as correntes até que elas se tornam brancas. Elas caem no chão com um ruído. Seus lábios se curvam.

– *Você tem algo que é meu* – murmura Enzo, com uma voz que não é sua. Ela ressoa no fundo de mim e imediatamente a reconheço como a voz de Moritas, falando através do Submundo.

*Ela veio atrás de Enzo.* A ligação entre nós se retesa e puxa novamente, fazendo-me gritar de dor. *Ela vai me matar para levá-lo de volta.*

– Por que você não pula, lobinha? – sussurra ele.

E, de repente, sinto o desejo de sair de minha cela, subir até a muralha e me atirar da torre. *Não.* O pânico vibra em minha mente enquanto minha energia gira em mim e Enzo ganha controle. Uma ilusão me envolve – não estou mais no topo desta torre, mas agarrando as mãos esqueléticas da própria deusa da Morte, pendendo desesperadamente enquanto flutuo nas águas do Submundo, tentando não me afogar. Mãos frias puxam meus tornozelos.

– Você pertence a este lugar – diz Moritas, seu rosto carrancudo inclinando-se para mim. *Sempre pertenceu*.

– Não me solte – imploro. As palavras saem silenciosas aos meus ouvidos. *Magiano!* Grito. Isto deve ser um pesadelo, mas não consigo acordar. Não pode ser real. Talvez ele esteja por perto e me salve da minha ilusão, como sempre faz.

*Magiano, me ajude!* Mas ele não está aqui.

Eu pisco, e agora estou de volta à torre da prisão, saindo pela porta entreaberta da minha cela para ficar nos degraus castigados pelo vento do lado de fora. Enzo vem atrás de mim enquanto sigo em frente. As mãos da Morte prendem meu coração através de nossa amarração, e o gelo de seu toque me queima. Fogos protegidos dentro de lanternas coloridas iluminam o caminho com pontos de luz. Aperto o olho na escuridão, depois viro meu rosto para onde a escada em espiral sobe, contornando minha cela. Dou um passo à frente, um após outro. Um espaço estreito entre as celas aparece, onde uma amurada estreita domina a paisagem noturna e, para além dela, o oceano. Eu me esforço para ver qualquer sinal de meus navios, mas está muito escuro. O vento deixa meus dedos dormentes.

Aproximo-me da amurada e agarro a borda com ambas as mãos. A ligação me empurra para frente, me incitando sobre a parede.

Os sussurros gritam mais alto que o vento. *Por que você não pula, lobinha?*

– Enzo!

Uma voz clara corta minha ilusão – o Submundo oscila, então desaparece em um turbilhão de fumaça. Estou de volta à torre, agachada na borda da amurada. Enzo se vira para ver Raffaele de pé na escada atrás de nós, com uma besta nas mãos. Ele está pálido, seu rosto retorcido pelo medo, os lábios apertados em uma linha firme. O vento chicoteia seu cabelo em um rio furioso, e seus mantos pálidos flutuam atrás dele em ondas de seda e veludo. Teria acordado, também, com a estranheza da energia de Enzo? Seu olhar corre em minha direção antes de retornar ao príncipe.

Raffaele levanta a besta mais alto. Ele não está apontando para mim.

– Enzo – diz novamente. Seus olhos brilham úmidos na noite. – Deixe-a.

No passado, Enzo teria vacilado. Seus olhos ficariam mais claros, as piscinas de escuridão sombria abririam caminho para aqueles que eu conheço tão bem, escuros e quentes, com traços brilhantes de escarlate. Mas mesmo a presença de Raffaele desta vez não faz nada para limpar a morte do olhar de Enzo. Não sinto absolutamente nada de Enzo em nossa ligação.

Antes que eu possa pensar em mais alguma coisa, Enzo se afasta de mim, pega uma adaga, e se joga em Raffaele. As mãos da Morte se afrouxam de meu coração por um instante, e eu recuo com horror da amurada. Raffaele faz uma pausa por um breve instante… Depois aperta a mandíbula e dispara a besta. A flecha atinge Enzo no peito. Ele tropeça, mas não cai. Raffaele levanta os braços para se defender, mas sua hesitação o prejudica. A força de Enzo está muito além da de qualquer humano. Ele agarra Raffaele pela garganta e o joga contra a parede. Raffaele solta um grito sufocado. O punhal de Enzo brilha no ar.

Eu não penso – apenas ajo. Estendo a mão através de nossa ligação e pego com força os fios da energia de Enzo. Então os puxo para mim.

Enzo solta um grunhido de irritação que mal soa humano. Ele vira seus olhos negros para mim outra vez. Mil pensamentos correm em minha mente. Os fios de sua energia que estou segurando são tão frios que parecem queimar minha

consciência, tão retesados que parecem prestes a se romper. Penso no momento em que Maeve o convocou do Submundo, como ela o prendera a mim. Agora a tensão das cordas de sua energia cortava minha mente.

*Este não é ele.*

Raffaele recarrega, reforça o aperto em sua besta e dispara de perto. A flecha atinge Enzo nas costas. Ele dispara novamente. Outra flecha. Enzo se curva, finalmente retardado pelo ataque, mas a expressão em seu rosto não muda. Sua atenção se volta para mim e, mais uma vez, sinto as mãos de Moritas através de nossa ligação.

*Eu ainda não sou sua*, penso em meio ao caos, resistindo a ela, desafiadora. A escuridão dentro de mim agita meu peito, lutando contra o poder de Enzo – ele estremece uma vez ao meu toque. Os degraus que nos rodeiam ficam negros e estão manchados de ilusões de sangue, e o céu acima de nós assume um matiz escarlate.

Mas não posso controlá-lo desta vez. Os olhos sem alma de Enzo se fixam nos meus – seus punhais brilham em minha direção.

Então, abruptamente, ele cai sobre um joelho. Sua cabeça se curva. Atrás dele, Raffaele abaixa a besta, e vejo uma última flecha enterrada nas costas de Enzo, a que o atingiu de verdade. O sangue pinga nas pedras sob nossos pés. Um suspiro baixo, difícil, emana dele enquanto seu segundo joelho cai, e as adagas caem de suas mãos fazendo barulho. A ligação entre nós treme violentamente e, por um instante, eu posso sentir a dor de suas feridas como se fossem minhas. Eu me ajoelho no chão diante dele, incapaz de desviar o olhar.

*Ele está morrendo.*

Não importa mais. O Enzo que conheci morreu há muito tempo.

Ele olha para mim. De repente, a escuridão em seus olhos parece desaparecer, substituída pelo familiar castanho quente de suas íris, os traços vermelhos, o brilho da vida. Tenho um vislumbre do seu velho eu ali, lutando através da escuridão do Submundo para me olhar uma última vez. É o mesmo olhar que ele me dava quando dançávamos.

Este é o verdadeiro Enzo.

– Deixe-me ir – sussurra. É a voz *dele*. É a voz que uma vez me confortou, me

deu força. E, enquanto tento absorver suas palavras, os últimos fios do elo que nos une se desenrolam de meu coração, me libertando.

Enzo cai. À medida que os últimos traços da minha vida e minha luz o deixam, ele parece ficar cinza, como se não pudesse mais conter as cores do mundo dos vivos. Ele vira a cabeça com fraqueza na direção do oceano. As piscinas negras em seus olhos finalmente desaparecem, e um nome sai de seus lábios. Ele o pronuncia tão baixinho que quase não entendo. Não é meu nome, mas o de outra garota, uma que ele conheceu e amou há muito tempo.

Então, ele fecha os olhos e fica estirado no chão. Seu corpo fica imóvel. Sei, sem dúvida, que ele se foi.

Raffaele não diz nada. Permanece contra a parede, os olhos fixos em Enzo. Então, puxa o corpo de Enzo para si e se inclina sobre sua cabeça. O silêncio continua. Avanço, tonta, indo me ajoelhar ao lado deles. Agora estou perto o suficiente para ouvir o choro silencioso de Raffaele. Ele não presta atenção em mim. Na verdade, é como se eu não estivesse aqui.

Depois de um longo momento, ele se afasta e levanta os olhos em tons de pedras preciosas para mim, as cores verde e dourada lavadas com lágrimas. Nós olhamos um para o outro. Posso ver a confusão em seu olhar tão claramente como ele deve vê-la no meu.

*Você não precisava me salvar.*

Estou tonta. Não sei o que fazer. A ausência de minha ligação com Enzo é um abismo, um vazio que senti pela primeira vez quando Teren tirou a vida de Enzo na arena de Estenzian. Por quanto tempo ele fez parte do meu mundo? Como tinha sido minha vida antes dele entrar nela? Tudo em que consigo pensar é que o estou perdendo de novo, só que já o perdi.

*Eu não estou pronta para morrer.*

Essa percepção me parece difícil. O terror que eu sentia ao me agachar contra a amurada faz com que eu trema incontrolavelmente, assombrando meus sentidos. Não, eu não estou pronta para morrer, e há apenas uma maneira de impedir que isso aconteça.

Enquanto o sol começa a nascer, vejo como Raffaele se curva sobre o corpo de Enzo, nós dois chorando o príncipe que ambos amamos.

Querida Mãe, estou com medo, pois há algo que ele não está me contando. Não se trata de nossa dívida, creio, nem de sua conversa com o rei. Mas isso o leva a ter terríveis ataques de mau humor à meia-noite.

*– Carta de Ilena de la Meria para sua mãe, a Baronesa de Ruby*

# Adelina Amouteru

Em primeiro lugar, tenho condições.

Eu irei com Raffaele e os Punhais em sua viagem – *se* eu puder levar minha própria tripulação e meu próprio navio. Navegar sozinha em um navio deles está fora de questão.

Magiano deve ser libertado, vivo e ileso.

Violetta fica comigo.

Esses são os meus termos.

Tamoura concorda em ficar conosco em troca de uma trégua. Ainda não terminei minhas conquistas, embora com Violetta de volta e nossa vida em jogo – com *minha* vida em jogo –, minha atenção tenha se afastado de jogar meu exército contra os tamouranos. Pode ser bom ter um aliado, para variar.

Raffaele e a Tríade Dourada concordam com todos estes termos. Então, um dia depois, soldados tamouranos me levam da minha cela para a casa de banho, onde duas criadas me lavam e amarram meu cabelo com sedas. Depois sou levada para um quarto de verdade no palácio, onde me enrolo na cama e não volto a me mexer até a tarde seguinte. Minhas mãos ficam acorrentadas, apertadas junto ao meu peito, como para preencher o novo vazio. Enzo tinha estado ligado a mim por tanto tempo e a força dessa conexão era tão persistente que sua ausência agora me deixa tonta, como se estivesse caindo no ar.

Em meu estado sonolento e meio acordado, posso ver um fantasma de Enzo caminhando ao nosso lado, uma ilusão que desaparece no instante em que tento me concentrar nele. Enzo se foi, voltou para o Submundo, que é o seu lugar. *Quando Violetta se juntará a ele?*, perguntam os sussurros. *Ou Magiano? Quando* você *vai?*

Finalmente, dias depois, Raffaele chega cercado por soldados. Eles me libertam. Meus pulsos se sentem estranhamente leves sem as correntes fazendo peso. Caminhamos lado a lado pelos corredores do palácio sem dizer uma

palavra. Algo parece diferente na energia entre nós agora… como se houvesse uma barreira levantada ou uma tensão aliviada, não tenho certeza. Não se engane – nós não confiamos um no outro, de jeito nenhum. Talvez Raffaele esteja brincando com minhas emoções, como muitas vezes o fez. Ele certamente seria capaz disso.

*Claro que ele está*, os sussurros disparam em mim. *Não seja tola. Ele vai esperar até que você dê as costas.*

Mas, pela primeira vez, foi fácil ignorar os sussurros. Há algo no sofrimento compartilhado que simplifica as coisas, que corta a discórdia. Mesmo se Raffaele estivesse me manipulando, a mudança podia ser genuína. Lembro-me do que ele me disse uma vez.

*Adelina, eu também o amava.*

E eu também.

Mantenho uma distância justa entre mim e Raffaele enquanto caminhamos. Ele parece fazer o mesmo, e não olhamos um para o outro quando descemos os grandes degraus dos portões principais do palácio de Tamoura, onde os cavalos nos esperam. De lá, cavalgamos sob um céu nebuloso que ameaça mandar mais chuva.

Vários dos meus navios kenettranos atracaram na baía oeste de Alamour. Há uma extensão larga das planícies aqui, pontilhada com arbustos do deserto e gramas baixas, o corte afiado das rochas alinhadas no horizonte onde a cidade começa. O sol nascente pinta uma névoa vermelha em toda a paisagem, fazendo a espuma do mar ficar vermelha e laranja. À beira-mar, as bandeiras dos meus navios tremulam ao vento. Sinto a carga no meu peito aliviar ao ver isso, e os sussurros se agitam alegremente. Já não sou uma prisioneira. Sou uma rainha outra vez.

A procissão fica mais lenta à medida que nos aproximamos. Agora posso ver minhas tropas alinhadas ao longo da costa, esperando por nós. As vestes brancas dos Inquisidores também parecem laranja e creme nessa luz do início do dia – e, na frente delas, Sergio espera, ainda com a armadura vermelho-escura das Rosas. Ao me ver, eles se endireitam.

A poucos passos das minhas tropas estão os soldados tamouranos, liderados por um dos três reis e flanqueados por Michel e Lucent. Então, vejo Violetta. Ela

está longe de mim, rodeada por uma patrulha de soldados tamouranos. Um deles, um enorme homem barbado, a carrega nos braços. Ela está acordada esta manhã, e mais alerta do que quando a vi pela primeira vez. Seus olhos estão focados em mim.

Não posso desviar meu olhar do dela. *O que ela está pensando enquanto me olha?* Uma estranha onda de alívio nasce em meu peito, rapidamente seguida por um golpe de raiva. Passei a maior parte de um ano levando minhas tropas a outros territórios, imaginando como seria encontrar Violetta escondida entre estranhos. Agora que a encontrei, ela olha para mim com cautela. Ela tem a capacidade de arrancar os poderes dos Punhais, mas escolhe não fazer isso. Marcas escuras percorrem seu pescoço, desaparecendo debaixo de suas vestes. A visão delas me lembra do que está acontecendo com ela, de por que estamos todos aqui. Isso me faz tremer.

Violetta me observa. Por um instante, acho que vai estender a mão para meus poderes e arrancá-los, como fez uma vez. Sinto uma súbita onda de pânico – mas então ela desvia o olhar. Não diz uma palavra.

Deixo escapar um pequeno suspiro. *Ela tem medo de você*, dizem os sussurros, mas também desvio o olhar.

Então vejo Magiano. Ele estava envolto sob uma túnica pesada, esperando com os tamouranos, mas agora me vê e desce do cavalo em que estava montado. Um sorriso espontâneo se abre em meu rosto e, instintivamente, viro o meu cavalo em sua direção. Ao meu lado, Raffaele observa em silêncio, sem dúvida, sentindo minhas emoções. Mas não me importo. Magiano está aqui. Mesmo de longe, posso ver seus lábios se curvarem, a alegria familiar em seu rosto.

Nossas procissões finalmente se encontram. Raffaele acena com a cabeça para as tropas tamouranas, e elas permitem que Magiano dê um passo à frente enquanto eu desço de minha própria sela. Mantenho as mãos entrelaçadas na minha frente enquanto ele se aproxima. Paramos prestes a tocar um no outro. Magiano parece estar bem, apesar de cansado, como todos nós. Suas longas tranças estão soltas hoje e ondulam na brisa.

– Bem, Majestade – diz ele, o tom de brincadeira de volta à sua voz. – Parece que eles a pegaram.

– E a você – respondo, incapaz de conter meu próprio sorriso.

Raffaele é o primeiro que se apresenta, completamente desprotegido, e acena para Sergio.

– Olá, Criador da Chuva – diz ele.

Sergio olha para ele com frieza.

– É um prazer vê-lo novamente, Mensageiro.

Raffaele olha para nós, depois para ele.

– Os tamouranos decidiram libertar sua rainha. Temos algumas coisas para discutir.



Naquela noite, enquanto nossa frota permanece ancorada, Raffaele junta-se a Sergio, Magiano, Lucent e a mim para uma reunião em meus aposentos reais.

– Vamos ter que fazer essa viagem juntos – diz Raffaele. Sua expressão é sombria, mas a voz permanece calma e serena. – Mas não podemos fazer isso se não confiarmos uns nos outros. – Seu rosto endurece outra vez. – A confiança virá lentamente, para ambos os lados. Nós damos um pouco; vocês dão um pouco.

– E quem vai nesta jornada? – pergunta Magiano, inclinando-se para frente como se para me proteger.

Lucent reage a seu gesto com outro, voltando-se para Raffaele.

– Todos os Jovens de Elite do mundo estão alinhados com os deuses de alguma forma – responde Raffaele, cruzando as mãos nas costas. A luz laranja das velas cintila contra suas vestes. – O grupo de Jovens de Elite que vai conosco deve compreender todos os doze deuses. Se faltar um alinhamento que seja, não teremos a combinação de energia necessária para alcançar além do mundo mortal. O contato com a imortalidade poderia nos sobrecarregar. Seria fatal.

As pedras preciosas. A maneira como Raffaele testou cada um de nós. A lembrança volta a mim – como ele me rondou lentamente, observando minha energia acender a pedra da noite e o âmbar, diamante, roseita e veritium. O que ele tinha encontrado em minha irmã? Ele também deve tê-la testado. Ele também testou Sergio há muito tempo, quando ainda era membro dos Punhais. Quem irá conosco?

Raffaele olha para mim. Seus olhos, brilhantes e com cor de pedras preciosas,

mel-dourado e verde-esmeralda, parecem ver direto através de mim.

– Eu me lembro das suas vividamente, Adelina – diz ele. – Medo e fúria. Ambição. Paixão. Sabedoria. Cinco dos doze. – Ele acena com a cabeça para mim. – Sua irmã também se alinha com o medo.

*Medo*. Não estou de todo surpresa. O medo é de fato algo que Violetta e eu compartilhamos desde que éramos crianças.

– Além disso, ela se alinha com alegria e empatia, com felicidade e sensibilidade.

Alegria. Sensibilidade. Eu penso nas piruetas infantis de Violetta, no seu riso, na maneira como costumava trançar meu cabelo com cuidado. Ela é todas essas coisas; não duvido de Raffaele nem por um segundo. Meu coração dói quando penso nela. Violetta está descansando agora em sua câmara no navio. Ela ainda não me disse uma palavra.

– Quais são os seus? – Sergio pergunta a Raffaele, incapaz de manter a aversão afastada de sua voz. – Você nunca os mencionou.

Raffaele lhe dá um ligeiro aceno de cabeça.

– Sabedoria – responde. – E beleza.

Claro. Sergio resmunga, não querendo reconhecer as palavras de Raffaele enquanto ele continua:

– Contando com o alinhamento de Lucent com o tempo, temos nove dos doze deuses. Sergio, seus alinhamentos são repetições desses, como os de Michel. Então precisamos encontrar outros com os três alinhamentos restantes, a morte, a guerra e a ganância. – Ele faz uma pausa e olha para Magiano. – Eu gostaria de fazer com você o mesmo teste que fiz com os Punhais.

Magiano cruza os braços, de repente indignado, mas então cede a um olhar meu. Raffaele gesticula para ele, que se levanta da mesa relutante e se posta de pé no chão no meio da sala.

– Suponho que você não ia acreditar em mim se eu apenas adivinhasse meus alinhamentos para você – murmura Magiano.

Raffaele pega uma bolsa contendo uma série de pedras brutas, não lapidadas, exatamente como tinha feito uma vez comigo. Põe calmamente as doze pedras em

um círculo ao redor de Magiano. Este permanece imóvel, o corpo rígido. Posso sentir uma nota de medo sobre ele, uma nuvem de cautela diante das intenções de Raffaele, mas ele não se move. Quando Raffaele termina, ele caminha em torno de Magiano uma vez, vendo qual das pedras responde à sua energia. Depois de um tempo, três das pedras começam a brilhar.

Diamante, um branco pálido. Prásio, um verde sutil. E safira, um azul tão profundo como o oceano.

Raffaele começa a convocar cada uma das pedras de Magiano, da mesma forma que ele havia convocado as lembranças do meu passado quando me testou. Era por isso que Magiano tinha tanta preferência por safiras, por que tentou roubar todo um tesouro delas no passado, por que queria tão desesperadamente o pingente do Rei da Noite?

Magiano estremece ligeiramente enquanto Raffaele acessa a primeira de suas memórias. Gostaria de saber o que Raffaele vê e, por um momento, gostaria de ver esse vislumbre no passado de Magiano também. Magiano reage a cada um dos testes de Raffaele, mas permanece calmo durante todo o exercício. Eles enfim chegam à última pedra, o prásio verde pálido.

De repente, Magiano reage e sai do círculo. Ele está tremendo todo – a minúscula nota de medo pairando sobre ele explodiu em uma chuva de faíscas, o suficiente para agitar meu próprio poder. Raffaele recua.

– Fique longe de mim – Magiano dispara para ele.

Eu nunca o vi tão chateado. Passa por mim, sem olhar, se lança para além da mesa e vai se colocar diante da vigia, olhando para o oceano da meia-noite. Franzo o cenho e meu coração tenta alcançá-lo. Sua reação me lembra tanto de quando Raffaele finalmente chamou o medo e a fúria em mim, desencadeando uma tempestade de energia e memórias feias. O que ele desenterrou em Magiano?

– Cuidado, Mensageiro – digo, estreitando os olhos para Raffaele. – Nossa aliança não é tão sólida a ponto de eu não matar você se feri-lo.

No silêncio que se segue, Raffaele suspira e cruza os braços novamente. Ele retribui meu olhar.

– Não consigo controlar como ele responde aos seus alinhamentos. Magiano alinha-se com alegria e a ambição. E ganância. Ele precisa vir conosco, se estiver

disposto. – Ele não menciona mais nada sobre o teste ou a reação de Magiano.

Deixo escapar um suspiro curto, aliviada por ter Magiano comigo nesta viagem. Começo a perguntar o que Raffaele deve ter visto, mas paro logo. Vou falar com Magiano sobre isso mais tarde. Alegria, ambição, ganância. Dez dos doze agora.

– Precisamos de um alinhamento com Moritas e com Tristius – responde Raffaele. – Com a morte, para a mortalidade da humanidade, e com a guerra, para a eterna selvageria do coração.

Guerra e morte. Sei imediatamente que não encontraremos essas características nos Jovens de Elite entre nós, se elas já não existem em mim.

– A rainha Maeve – diz Lucent com a voz calma, olhando de lado para Raffaele. – Ela vai se alinhar com Moritas.

Um silêncio desconfortável. Pelas expressões de todos, posso dizer que sabemos que Lucent está certa, mesmo sem o teste de Raffaele; Maeve, cujo poder a conecta com a própria morte, é, sem dúvida, uma filha de Moritas. Contudo, ela vai viajar com o nosso grupo, comigo, que destruí sua frota não faz muito tempo?

– E a guerra? – pergunta Raffaele. – O que fazemos quanto a isso?

Lucent balança a cabeça.

– Isso, eu não sei.

De repente, percebo uma coisa. Isso me atinge com tanta força que me deixa ofegante. Raffaele olha em minha direção.

– O que foi? – pergunta.

*Eu sei.* Tenho uma certeza absoluta e ardente de qual Jovem de Elite se alinha com o deus que falta. Mas ele não é meu aliado – nem de ninguém. E ele está esperando acorrentado em Kenettra.

– Teren Santoro – respondo, virando-me para Raffaele. – Ele vai se alinhar com a guerra.

# Magiano

Na primeira lembrança, o menino tinha sete anos. Quando perguntou à sua sacerdotisa qual era seu nome, ela lhe disse que ele não precisava de nome. Ele era o Menino de Mensah, um dos jovens *malfettos* escolhidos para viver no templo Mensah em Domacca, e este era o único nome de que ele precisaria.

Ele seguiu atrás da sacerdotisa e observou enquanto ela lhe mostrava o jeito certo de amarrar e matar uma cabra no altar em frente ao templo. Ela foi gentil e paciente com ele, e o elogiou por empunhar a faca de forma correta. Lembrou-se de olhar para a carne com desejo, querendo poder comê-la para preencher o vazio de seu estômago. Mas os *malfettos* nos templos domaccanos tinham que ser muito pouco alimentados. Isso os mantinha acordados e alertas, fazendo com que seus sentidos estivessem sempre à espreita, à procura de comida. Quando ele perguntou por que tinha que ser assim, a sacerdotisa lhe disse gentilmente que era para fortalecer sua ligação com os deuses, para que os sacerdotes pudessem se comunicar através dele.

Na segunda lembrança, o menino tinha nove anos, e a marca escura em seu lado agora descia em curva do início de suas costelas até o osso de seu quadril. Ele se tornara amigo da Menina de Mensah, a segunda jovem *malffeto* do templo, e os dois brincavam juntos quando os sacerdotes não estavam ali. Eles se esgueiravam para os pomares ou assustavam as cabras em um frenesi. Ela brincava com as longas tranças dele, amarrando-as em desenhos elaborados.

Um dia, quando ambos estavam particularmente famintos, roubaram pêssegos da taça de frutas deixada diante de um dos altares. Oh, como eram *gostosos*! Maduros, carnudos e explodindo de tanto suco. Eles riam e passeavam quando os sacerdotes estavam ocupados. Afinal, havia três altares, e eles podiam circular entre eles. Tornou-se um hábito entre a menina e o menino, e eles ficaram bons nisso – até o dia em que roubaram não um fruto cada, mas dois. Naquela noite, o menino viu sua sacerdotisa murmurando sobre ele para três outros sacerdotes no templo. Então foi buscá-lo, o arrastou para fora da cama e ordenou que os outros o prendessem. Ele gritou quando ela murmurou versos suaves para ele e enfiou a

lâmina na ponta de sua marca.

Na terceira lembrança, o menino estava prestes a completar doze anos. A menina o encontrou e contou-lhe sobre Magiano, uma vila de pescadores ao longo do rio Vermelho de Domacca. Ela lhe contou sobre um barco que partia uma vez por semana para as Ilhas Ember, carregado de especiarias. *Você vai me encontrar lá? Esta noite?*, perguntara a ele. Ele assentiu, ansioso para ir com ela. Ela segurou suas mãos e sorriu, dizendo-lhe: *Não importa o que aconteça, nós olhamos para frente. A alegria está lá fora, além dessas paredes*.

Naquela noite, ele envolveu algumas frutas e tâmaras em um cobertor e saiu do templo. Estava quase cruzando os portões quando ouviu os gritos da menina vindo de perto do altar. Ele se voltou, desesperado para salvá-la – mas já era tarde. O menino e a menina de Mensah não precisavam de nomes porque seriam sacrificados aos doze anos, o número sagrado.

Então ele fez a única coisa que podia. Fugiu do templo enquanto os sacerdotes o procuravam e não parou de correr até chegar à aldeia de Magiano. Lá, se amontoou na escuridão com a carga até que o barco chegou. Enquanto navegava para o amanhecer, fez duas promessas.

Primeira: ele sempre teria um nome, e esse nome seria Magiano.

E segunda: não importava o que acontecesse, levaria a alegria com ele. Quase como se ele estivesse *a* carregando.

Se um navio consegue vencer os mares tempestuosos a caminho das Ilhas Ember para as Terras do Céu, ele se encontrará velejando nas águas mais calmas, tão calmas que ele pode correr o risco de encalhar.

*- Trecho dos diários do Capitão Morrin Vora*

# Adelina Amouteru

As manhãs seguintes nascem cinzentas enquanto as últimas nuvens da tempestade de Sergio persistem no céu. Navegamos por cinco dias antes de chegarmos às Cataratas de Laetes, que separam as Terras do Sol das Terras do Mar. Então seguimos o abismo por mais um dia até que chegamos ao ponto onde o oceano se fecha de novo, e aqui finalmente contornamos a borda. As baliras voam de vez em quando pela boca aberta do abismo – tão majestosas quanto me lembro –, mas elas também parecem esgotadas, o voo mais lento, o brilho do corpo translúcido um pouco mais escuro. Olho para a água caindo no abismo. Parece tão estranha quanto quando saímos, uma misteriosa cor quase negra, como se os matizes da vida estivessem sendo sugados de suas profundezas.

Embora Violetta e eu estejamos no mesmo navio, e embora Sergio a visite constantemente todos os dias… ela nunca pergunta por mim. Eu certamente não pretendo ir até ela, para lhe dar o prazer de me repelir. Todavia cada vez que Sergio sai de sua cabine, estou lá esperando, vigiando. Toda vez, ele olha para mim e balança a cabeça.

Não consigo dormir esta noite. O silêncio do mar aberto é alto demais, dando muito espaço para os sussurros em minha mente. Tomei duas canecas da bebida de ervas e eles ainda tagarelam, suas vozes me despertando do meu sono repetidamente até que enfim desisto e saio de meus aposentos.

Ando sozinha para o convés. Mesmo os marinheiros que cuidam dos mastros estão dormindo a esta hora, e os mares são tão calmos que mal consigo ouvir a ondulação da água batendo contra o casco do navio. Não muito longe de nós navega o navio tamourano transportando Raffaele e os Punhais, onde agora brilham lanternas espalhadas pela noite. Meu olhar vai de seu navio até o céu. É uma noite clara. Estrelas pontilham a escuridão acima, constelações familiares de deuses e anjos, mitos e lendas de muito tempo atrás, camadas e camadas tão grossas que o céu brilha com elas. O oceano reflete sua luz esta noite, de modo que estamos navegando através de um mar de estrelas.

Meu olho se fixa numa constelação que compreende meio círculo e uma longa linha. A Queda de Laetes. Se o que Raffaele nos disse é verdade, então não vamos durar muito neste mundo com nossos poderes. Não importa o que aconteça, se nossa viagem for bem-sucedida ou se perecermos ao longo do caminho, deixarei este mundo impotente. Os sussurros na minha cabeça recuam violentamente com esse pensamento. Minhas mãos apertam e se afrouxam contra a grade. Tenho que encontrar um modo de evitar esse destino – deve haver um caminho que me permita viver e preservar o que me faz forte.

*Você ainda pode virar as costas para eles. Você pode…*

O som de passos me faz girar. Na fraca luz das tochas, percebo que Violetta se aproxima de mim, uma capa pesada enrolada nos ombros. Ela parece esquelética e doente, com os olhos fundos, mas está sozinha. Ela congela quando me mexo.

– Adelina – diz.

É a primeira palavra que ouço dela desde que me deixou, há meses. Até mesmo sua voz soa diferente agora – frágil e rouca, como se pudesse quebrar a qualquer momento. Hostil. Distante.

Eu me enrijeço e dou as costas para ela.

– Você está acordada – murmuro. Depois de tanto tempo, essas são as únicas palavras que consigo pensar em dizer em troca.

Ela não responde imediatamente. Em vez disso, aperta mais o manto em torno de si, aproxima-se da grade e olha para o céu noturno.

– Sergio disse que você foi a Tamoura para me encontrar.

Fico quieta por um longo momento.

– Eu fui por muitas razões. Uma delas por acaso tinha a ver com você e um boato de que você estava lá.

– Por que você queria me encontrar? – Violetta vira o rosto do céu para mim. Quando não respondo, ela franze a testa. – Ou você só se lembrou de mim quando sua invasão não deu certo?

O gelo em sua voz me surpreende. Suponho que não deveria.

– Eu queria lhe dizer para voltar a Kenettra – respondo. – Que é seguro para você lá, e que o que eu fiz…

– Você queria me *dizer* para voltar? – Violetta ri um pouco e balança a cabeça. – Eu teria recusado, se você me encontrasse em circunstâncias diferentes.

Os sussurros me dizem para não me preocupar com suas palavras, que elas não têm sentido. Mas a alfinetada delas ainda me dói.

– Olhe para você – murmuro. – Novamente pensando em como é nobre.

– E você? Dizendo a si mesma que está melhorando esses países sobre os quais marcha… achando que está fazendo algo de *bom*…

– Eu nunca pensei isso – disparo, cortando-a. – Eu faço isso porque *quero*, porque eu *posso*. Isso é o que todos *realmente* fazem quando ganham poder e o chamam de altruísmo, não é? Eu só não tenho medo de admitir. – Suspiro e desvio o olhar outra vez. Meio que espero que Violetta comente minha explosão, mas ela não o faz.

– Por que você queria me encontrar? – Violetta pergunta novamente, sua voz calma.

Eu me inclino pesadamente contra a grade, procurando uma resposta honesta.

– Eu durmo mal quando você não está por perto – murmuro por fim, irritada. – Há… vozes que me distraem quando estou sozinha.

Violetta aperta os lábios.

– Não importa. Aqui estou, e aqui está você. Está feliz agora? – Ela deixa passar outro instante de silêncio entre nós. – Raffaele me disse que tenho delirado há semanas, e que só acordei depois que você chegou.

Ela diz isso com amargura, como se não quisesse admiti-lo. Mas isso me faz olhar para ela outra vez, estudando sua expressão enquanto tento descobrir o que ela realmente pensa. Contudo ela não diz mais nada. Gostaria de saber se suas palavras significam que lamentou minha ausência, que talvez também ficasse acordada à noite, olhasse para o lado de sua cama e ponderasse por que eu não estava lá. Eu me pergunto se seu sono é cheio de pesadelos.

Espero que ela saia do meu lado e volte para seus aposentos. Mas, por alguma razão, ela decide ficar no convés comigo, nenhuma de nós disposta a pedir desculpas, cada uma tentando decifrar as mensagens escondidas nas palavras da outra, sem querer passar a noite sozinhas. Então, esperamos juntas, enquanto nos movemos silenciosamente pelas estrelas.

Quando chegamos ao porto de Estenzian, minha frota kenettrana cercou nossos navios de ambos os lados e meus Inquisidores nos guiam para o porto. Violetta está quieta esta manhã. Ela voltou a me ignorar, e fico satisfeita em fazer o mesmo. Magiano permanece ao meu lado e olha, com a testa franzida, para o porto que se aproxima. Mesmo que sua postura seja calma, posso sentir a corrente de medo escondida sob ela. Ele se inclina ligeiramente em minha direção.

– Se Teren não for o que precisamos…

– Ele é. – Endireito minhas costas e levanto a cabeça. Este é o coração do meu império. Aqui, sou uma rainha novamente, e eu não vou ser questionada.

– Teremos que assistir a mais uma rodada dos testes de Raffaele. – Magiano faz uma careta e eu me pergunto o que ele deve ter revisitado durante seu teste.

Nuvens pesadas cobrem a cidade enquanto nos dirigimos ao palácio. Até o ar está sufocante hoje, algo como uma tarde úmida, porém mais escura, mais insidiosa, os sinais de um tipo diferente de tempestade. Os Punhais viajam atrás de nós, guiados por uma patrulha de soldados tamouranos. Eles também estão inquietos. *Você pode matar todos eles aqui*, os sussurros me dizem, impacientes. *Eles estão em seu país, cercados por seus Inquisidores. Por que você não age, lobinha?*

Eu deveria. Parte de mim se anima com a ideia de ver a traição no rosto de Raffaele. Mas, em vez disso, eu os guio para o palácio e para as masmorras. Enquanto nos aproximamos da câmara de Teren, Raffaele parece retardar seus passos, como se o próprio ar ao nosso redor o esgotasse. Ele deve ser capaz de sentir o turbilhão escuro da energia de Teren, e seu efeito está pesando sobre ele.

Ao seu lado está Violetta. Ela parece cansada do tempo passado no convés ontem à noite, porque não consegue ficar em pé sozinha esta manhã. Sergio a carrega. Ele faz isso sem muito esforço, enquanto Violetta se agarra a ele como se fosse desmoronar. Pelo menos ela está acordada. Eu me forço a olhar para longe dela.

Quando chegamos à porta da masmorra de Teren, Sergio afasta os guardas postados de ambos os lados.

– Não – diz a eles quando começam a nos seguir, como normalmente fariam. – Nós iremos sozinhos.

Os guardas trocam um olhar hesitante, mas Sergio apenas lhes faz um gesto sombrio. Ele baixa a cabeça e não os desafia.

Entramos na câmara.

Sergio tinha mandado avisar, antes da nossa chegada, que os Inquisidores a postos dentro da masmorra deviam sair hoje. Assim, a câmara está vazia, os sons da água do fosso amplificados pela ausência deles. A única figura ali dentro está agachada no centro da ilha rochosa, suas vestes esfarrapadas da prisão espalhadas ao redor dele em um círculo. Ele olha para cima quando entramos. Suas olheiras parecem ainda mais profundas do que me lembro, dando-lhe um olhar assombrado. O sangue seco cobre seus pulsos, e quando me aproximo posso ver a aparência mais brilhante, mais molhada de sangue fresco também.

– Você tem certeza que quer fazer isso? – pergunta Magiano enquanto nos reunimos na borda do fosso. – Você pode falar com ele daqui, não pode?

– Posso – respondo, embora ambos saibamos a verdadeira resposta. – Mas não podemos viajar com alguém que precisa ser separado de nós por correntes e um fosso.

Magiano não discute. Em vez disso, aperta de leve minha mão. Seu toque envia uma faísca de calor através de mim.

Raffaele olha para Violetta. Olho para minha irmã descansando contra os ombros de Sergio. Ela se agita, o rosto cinza, pálido, então deixa Sergio ajudá-la a ficar de pé com cuidado. Sua energia oscila enquanto ela se aproxima de mim, e uma nuvem de medo paira sobre ela. Não posso dizer se seu medo é por causa de Teren, de mim ou dos dois. Ainda assim, ela não se afasta. Volta sua atenção para Teren, fecha a mão em um punho, e *puxa*.

Os olhos de Teren se arregalam. Ele solta um suspiro agudo, depois se curva, as mãos agarrando a rocha sob ele. Eu recuo mesmo enquanto assisto a isto. Conheço bem o sentimento – é como se o ar tivesse sido repentinamente sugado de meus pulmões, e os fios que compõem meu corpo são puxados até que ameaçam arrebentar. Teren solta um gemido baixo, depois nos encara de novo com ódio nos olhos.

Violetta abaixa o braço e respira fundo. Ela está tremendo um pouco; a luz da lanterna aqui destaca o tremor de suas vestes. *Será que ela ainda tem força suficiente para usar seu poder?*

– Ele está pronto – sussurra.

Sergio baixa a ponte de corda que nos levará pelo fosso. Teren observa nossa aproximação, seus olhos primeiro em mim, depois em Raffaele. Seu olhar se demora no rosto do Mensageiro. Olho de relance para Raffaele, procurando uma reação em sua expressão, mas, fiel à sua formação de acompanhante, ele retomou um estado de calma, seu medo agora escondido sob um véu de aço. Ele sustenta o olhar de Teren. Se notou as feridas no pulso, não dá para perceber.

– Bem, Vossa Majestade – diz Teren em seu habitual tom de provocação, dirigindo-se a mim sem tirar os olhos do rosto de Raffaele. Um pequeno sorriso brinca em seus lábios, enviando um frio pela minha espinha. – Você trouxe um inimigo mútuo desta vez. Seu gosto no que diz respeito à tortura parece ter evoluído.

– Ele está até mais amigável do que me lembro – murmura Magiano do outro lado do fosso.

Não digo nada. Em vez disso, espero até nos reunirmos a poucos metros dele, acomodando-nos a uma distância segura que Teren não pode cobrir com suas correntes.

Os olhos de Teren me encontram de novo.

– Por que ele está aqui? – pergunta em voz baixa.

Viro-me para Sergio e aceno com a cabeça.

– Solte-o.

A surpresa cintila no rosto de Teren. Ele se enrijece quando Sergio se aproxima, uma das mãos apoiada no punho de sua espada, e se inclina para os pulsos de Teren. Sergio torce uma chave nos grilhões. Eles estalam e caem no chão.

Eu me preparo. Teren avançou para mim a última vez que o visitei nas masmorras – ele pode fazer isso outra vez, mesmo sem seus poderes. Mas, em vez disso, apenas fica de pé e olha para mim.

– O que você quer agora, lobinha? – diz.

Na margem do fosso, Magiano se remexe. Eu posso sentir seu mal-estar, e minha energia o alcança. Deixo isso me fortalecer. Já menti para Teren antes; posso fazer isso de novo.

– Você sempre odiou a existência dos Jovens de Elite, não é, Teren? – pergunto. – Você não quis sempre nos ver destruídos, levados para o Submundo?

Teren não responde. Ele não precisa, é claro, todos sabem suas respostas para essas perguntas.

– Bem – respondo –, eu acho que os deuses podem conceder seu desejo, afinal.

O sorriso misterioso de Teren desaparece.

– Não brinque com os deuses, Adelina – diz.

– Quer ouvir mais?

Teren me olha com desprezo. Ele dá um passo mais perto, perto o suficiente para que, se quisesse, pudesse estender a mão e agarrar meu pescoço.

– E eu tenho escolha?

– Podemos ir embora, é claro. Você pode voltar para suas correntes. Você pode se encolher aqui por toda a eternidade, sem nunca mais ver a luz do dia nem nunca morrer. Isso também é parte do seu poder, não é? Forte e invencível demais para morrer e acabar com seu próprio sofrimento? Que ironia. – Inclino a cabeça para ele. – Então, quer ouvir mais?

Teren continua a olhar.

– Sempre fazendo joguinhos – diz por fim.

Olho para Raffaele.

– Você vai ter que confiar em nós por um momento.

Teren ri disso. Balança a cabeça.

– O que a confiança alguma vez importou para qualquer um de vocês?

No entanto, quando Raffaele caminha à frente para posicionar suas pedras preciosas em um círculo largo em torno de Teren, ele não reage. Observa, olhando cada uma das pedras. Quando Raffaele termina, ele recua e cruza os braços. Estico meu pescoço, também, de repente curiosa. Quais lembranças Raffaele verá no passado de Teren? Com o que ele se alinha?

E se, no fim, ele não se alinhar com o que precisamos?

A câmara fica em silêncio. Raffaele franze as sobrancelhas, concentrado, quando estuda cada uma das pedras. Enquanto olhamos para a escuridão, três

das pedras assumem um brilho sutil. Uma delas é branca, que reconheço instantaneamente como diamante, ambição; então, um azul forte e brilhante; por fim, um escarlate tão intenso que a pedra parece estar sangrando. Solto a respiração. Reconheço o brilho azul – é o mesmo que um dos meus próprios alinhamentos –, o alinhamento com Sapientus, para sabedoria e curiosidade. Mas o escarlate…

Quando Raffaele estende a mão, Teren endurece e depois ofega. Seus olhos tornam-se desfocados, como se ele estivesse revivendo uma lembrança – então ele estremece, fecha os olhos bem apertados e se afasta. Assisto, fascinada, lembrando meus próprios testes. Nunca vi Teren vulnerável desta forma antes, sua mente aberta não só para outra pessoa, mas para um inimigo. Uma e outra vez, Raffaele estende a mão e, de novo e de novo, Teren se encolhe e se afasta dele. *Ambição. Sabedoria. E…*

De repente, ele solta um grunhido e avança para Raffaele, que se afasta depressa enquanto Sergio se posta entre eles. Sua espada é sacada antes que eu possa piscar. Ele bate com força no peito de Teren com o punho da espada, em seguida, o empurra rudemente para trás. Teren tropeça e cai de joelhos. Eu espero, o coração na boca, enquanto Teren permanece lá com cabeça baixa. Ele está respirando com dificuldade. Não diz nada.

Raffaele está pálido agora. Ele balança a cabeça, confirmando o que já imaginávamos.

– Rubi – diz, sua voz ecoando na masmorra. – Para Tristius, filho do Tempo e da Morte. – Seu olhar vaga até mim. – O anjo da *Guerra*.

Suspiro novamente. Teren tem o alinhamento que nos faltava.

– Por que vocês estão aqui? – sibila Teren. Todas as sugestões de sua natureza provocante desapareceram agora, substituídas pela raiva crua. – O que vocês querem? *O que vocês querem?*

Dou um passo para ele e me curvo até o nível dos seus olhos.

– Teren – digo baixinho. – Há algo acontecendo com o mundo. Com você, comigo, com todos aqui. O Submundo imortal está penetrando no mundo real, envenenando tudo nele. – Explico o que Raffaele me contou, o veneno nas águas escuras, as baliras agonizantes, suas feridas que agora se curam mais devagar do que nunca. – Acreditamos que somos os únicos que podem deter isso. Os Jovens

de Elite. E você se alinha com o mundo imortal de uma maneira que ainda precisamos. – A cabeça de Teren permanece curvada e, de alguma forma, uma parte de mim sente dor ao compreendê-lo. O que Raffaele tinha trazido de volta de seu passado? – Quero que você venha conosco.

Teren solta um riso fraco. Ele levanta a cabeça, e prendo a respiração enquanto seus olhos incolores encontram os meus, janelas cheias de loucura e tragédia.

– Temos uma história desagradável juntos, lobinha – diz ele. – O que faz você pensar que tenho qualquer interesse em ajudá-la?

– Da última vez que trabalhamos juntos, havia outro obstáculo no caminho – respondo.

Teren se inclina para frente. Ele está tão perto que posso sentir sua respiração contra a minha pele.

– O único obstáculo é você – diz ele. – Nós só podemos ser inimigos.

Suprimo meu ódio por ele.

– Quando nos conhecemos, você me disse que eu merecia voltar às águas do Submundo. Que todos os Jovens de Elite são aberrações, que nunca deviam caminhar neste mundo. – Estreito meu olho para ele. – Mas diga-me, Teren. Se você é um demônio, e eu sou um demônio, aberrações aos olhos dos deuses, então por que os deuses me deram o trono de Kenettra? Por que eu dirijo as Terras do Mar, Teren, e todos os exércitos caem diante de mim? Por que, Teren, os deuses continuam me recompensando?

Teren olha para mim.

– Você nasceu filho de um Inquisidor-chefe – digo. – Durante toda a sua vida lhe ensinaram que você é inferior a um cão, e você acreditou. Até a mulher que amou dizia que você não era nada. Ela virou as costas para você, de um modo que me faz parecer inocente em comparação. – Então levanto a cabeça e olho diretamente para ele. – E se você estiver errado? E se os deuses o enviaram, e também o restante de nós, não porque não devíamos existir, mas porque *sempre* devíamos existir?

– Não é possível – responde Teren com calma. Mas ele não responde à minha pergunta.

– É possível que os deuses tenham nos criado para salvar o mundo, em vez de

destruí-lo? – pressiono, sabendo as palavras que o enfraquecerão. – É possível que eles tenham nos criado para consertar algo quebrado, para que possamos um dia nos sacrificar?

Teren fica em silêncio.

– Então – diz ele finalmente –, você quer que eu me junte a vocês nesta busca para consertar a ruptura entre os mundos? Por que eu faria isso?

– Porque precisamos de você – respondo. – E você ainda é o Jovem de Elite mais forte que conheço.

Sem aviso, Teren avança e pega meu pulso com uma de suas mãos. Seu aperto é de ferro, doloroso, incansável. Inspiro rapidamente ao seu toque. Sergio tira metade da espada da bainha; Magiano solta um alerta agudo.

– Eu poderia matar você agora mesmo, Adelina – sussurra Teren. – Eu poderia quebrar cada osso em seu corpo, poderia transformá-los em pó, e não há nada que seus homens possam fazer para me deter. Deixe que lhe provem que os deuses não estão do seu lado. Você ainda é a mesma garotinha trêmula que amarrei na fogueira naquela manhã.

Meu ódio por Teren ferve, escuro e agitado, falando mais alto que o meu medo e a dor em meu pulso. Atrás de mim, a energia de Magiano se agita. Olho fixamente para Teren.

– E, ainda assim, aqui estou diante de você. *Sua rainha*.

Minhas palavras suscitaram dúvidas nele – há uma luz em seus olhos que eu nunca vi antes. Ele está se perguntando se eu poderia estar certa. E eu *estou* certa, não estou? Os deuses me abençoaram. Eles livraram este mundo do rei kenettrano que nos desprezou, depois de sua rainha que nos usou e manipulou. Os deuses puseram no trono uma menina nascida de um pai que a desejava morta. Eles pouparam minha vida repetidamente. Eles me deram tudo.

*E você afastou sua irmã. Assassinou um homem que amou. Você é uma carcaça vazia. Nada. Os deuses lhe deram um poder que está matando você.*

– Teren, vamos entregar nossos poderes de volta aos deuses. Consertaremos o mundo abrindo mão de nossas aberrações. É a única forma, e é o único mantra que você sempre seguiu. – Digo isso como se eu também estivesse tentando me persuadir a participar desta jornada, como se não temesse perder meu poder, se

ainda não estivesse tentando evitar o inevitável. – Não tenho outro motivo para ficar ao lado de Raffaele. Nem você. – Respiro fundo. – Isso é o que você sempre quis.

Teren me observa por um momento. Sua expressão muda de um extremo para o outro, estabelecendo-se finalmente num olhar que não consigo entender. Há uma luz lá, atrás de sua loucura, um brilho de algo que o atrai. *Foi isso que você sempre quis, não foi, Teren?*, penso.

Ele me solta. Sergio afrouxa o aperto em sua espada, e os outros na câmara voltam a se mexer. Eu relaxo, soltando minha respiração, tentando manter a compostura. Meu coração martela no peito.

Teren me dá um sorriso lento.

– Veremos quem está certo, mi Adelinetta – diz.

# Teren Santoro

Na primeira lembrança, Teren tinha sete anos.

Ele estava com uniforme de aprendiz da Inquisição, uma túnica cinza simples e calças, um aluno treinando para se juntar às capas brancas que seu pai comandava. Seu cabelo estava cortado e limpo, e seus olhos ainda tinham a cor do oceano. Ele está em uma fileira com uma dúzia de outros, olhando para uma multidão de jovens aprendizes reunidos em um pátio do palácio, cercados por altas estátuas dos doze deuses e anjos. Seu pai se dirigia a todos. Teren estava ereto, com a cabeça erguida. Ele era o único filho do Inquisidor-chefe de Kenettra, e isso o tornava melhor do que os outros – assim dizia seu pai.

– Nossa ordem sempre existiu para proteger a coroa de Kenettra – dizia seu pai –, para proteger a superioridade do nosso povo acima de todos os outros e para proteger a pureza de nossa herança. Jurando sua vida à ordem da Inquisição, vocês prometem dedicar-se para sempre à família real e proteger o trono com sua vida.

Teren sentiu seu peito inchar de orgulho. A Inquisição era o exército mais estimado do mundo – e seu líder os conduzia. Ele esperava que, um dia, pudesse parecer tão régio quanto seu pai, com sua armadura e capa de Inquisidor-chefe.

– Nós travamos uma guerra nobre contra aqueles que são impuros. Lembrem-se disso, e sigam com isso em mente: Protejam seu país, custe o que custar, não importa o sacrifício.

Teren fechou os olhos e respirou fundo, interiorizando aquelas palavras. *Uma guerra nobre contra aqueles que são impuros.*

– Teren Santoro. – Seu pai estava chamando seu nome agora. – Venha para a frente.

Teren não precisava de um segundo chamado. Saiu imediatamente de sua fileira e caminhou para a frente. Quando chegou a seu pai, o homem acenou com a cabeça para que ele se ajoelhasse, entregou-lhe sua primeira espada e lhe disse

para olhar para a multidão. Teren obedeceu. Os outros aprendizes, que receberam espadas de treino, de madeira, em vez da espada de aço de Teren, seguiram seu exemplo e se ajoelharam. Teren inclinou a cabeça e fechou os olhos quando seu pai leu o juramento da Inquisição.

Ele era puro. Superior. E seguiria os passos do pai.



Teren tinha onze anos na segunda lembrança.

A febre de sangue tinha varrido Kenettra mais cedo naquele ano, então seus olhos não eram mais de um azul puro como o oceano, mas pálidos, tão pálidos que eram desumanos, uma completa falta de cor. Ele se levantou com a cabeça inclinada e o coração pesado diante da pira funerária sobre a qual estava o corpo de seu pai. O fogo se espalhava agora do leito para a roupa do falecido Inquisidor-chefe. Teren permaneceu em silêncio enquanto as chamas rugiam. Seu pai havia ficado doente depois dele, mas, ao passo que Teren tinha conseguido sobreviver, a febre do sangue matara seu pai em apenas dois dias.

Teren sabia que a culpa era dele. Tinha que ser. Os deuses não cometiam erros, e ele sabia que havia sido marcado pela febre por uma razão.

Mais tarde naquela noite, Teren saiu de suas câmaras e fugiu para o templo do palácio. Lá, nos recessos escuros e nas poças de luz de velas, ele se ajoelhou diante dos deuses e soluçou. A doutrina da Inquisição ensinou especificamente que os sobreviventes da febre do sangue eram aberrações, uma punição dos deuses.

Ele era um demônio agora. O que ele tinha feito? Sussurrou para o chão do templo enquanto se ajoelhava. Diante dele estava uma estátua de São Sapientus, o deus da Sabedoria. *Por que meu pai? Por que você não me levou também?*

Ajoelhou-se ali por três dias, até que ficou sedento e morrendo de fome. *Quão longe eu caí*, pensou repetidamente, até que o pensamento parecia embutido em seu próprio ser. *Eu já fui superior – e agora não sou nada. Meu pai morreu por minha causa. Lixo. Imundo.*

De repente, em um ataque de desespero, Teren agarrou o punho de sua espada e sacou-a. Era a mesma espada que seu pai lhe dera no dia em que se juntou à Inquisição como aprendiz. Ele pegou a espada, pôs sua lâmina contra um de seus pulsos e cortou com toda a força que podia. Ele gritou com a pancada de dor. O sangue brotou instantaneamente de sua pele.

Mas então… a ferida se fechou. Teren *viu* de perto, observou com a boca aberta quando um lado da carne cortada se juntou com o outro, fechando-se. A dor desapareceu.

Teren piscou ao ver isso. Então, tentou cortar o pulso outra vez.

E, outra vez, o sangue brotou da ferida – antes de ela se fechar.

*Não pode ser.* Teren tentou algumas vezes mais, apertando os dentes com a dor e depois com horror, a dor desaparecendo quase instantaneamente. Cortou-se cada vez mais frenético, tentando derramar mais sangue. Mas não conseguia. A cada vez, a ferida curava-se tão certamente como se nunca tivesse acontecido.

Por fim, Teren atirou a espada para longe. Ele caiu aos pés de Sapientus, chorando. Não podia sequer acabar com sua vida. Ele foi amaldiçoado para sempre pela febre do sangue.

Ficou no templo por mais um dia. E depois outro. Alguns amigos, outros jovens aprendizes, vieram vê-lo. Ele os afastou, recusando-se a responder a suas perguntas. Não queria dizer-lhes a razão pela qual não falaria com eles – porque ele não era mais um igual, mas um cão que ousava falar com um homem. Ele não queria falar porque estava apavorado com o poder horrível e secreto que a febre do sangue lhe deixara.

A pergunta o perseguia todas as noites em que ele permanecia no templo. Por que os deuses o deixariam sobreviver à febre do sangue, marcado e desonrado, e depois tirariam sua capacidade de acabar com sua vida? Para que o queriam aqui? Por que o forçavam a ficar?

Em sua última noite no templo, ele socou o chão, frustrado. Para seu choque, o mármore do chão rachou sob os nós de seus dedos, deixando cem linhas irregulares na pedra. Teren olhou fixamente, congelado. Ergueu a mão ao luar, observando que seus nós dos dedos tinham cicatrizado e não havia restado nenhuma marca ou lesão.

Os deuses haviam feito dele uma aberração – e então lhe deram uma força quase invencível.

*Talvez tenham me castigado por uma razão*, pensou Teren. Ajoelhou-se em silêncio diante de Sapientus pelo resto daquela noite, pensando. Na manhã seguinte, deixou o templo.

Teren tinha dezesseis anos na terceira lembrança.

Embora o legado de seu pai o protegesse do castigo, ele havia sido expulso da Inquisição por ser uma aberração, mas isso não o impedia de permanecer fiel à coroa, tentando sempre encontrar uma maneira ou outra de provar que ele queria dedicar o pouco valor que tinha para servir ao trono, para servir aos deuses.

Assim, ele patrulhava sozinho, ajudando secretamente a Inquisição a erradicar *malfettos* sem se deixar descobrir. Ele seguia aqueles de quem suspeitava pela cidade, observando-os falar e rir com suas famílias. Sempre que encontrava um *malfetto*, arrastava-se à sua porta à noite e a marcava com o símbolo da Inquisição. Os inquisidores não sabiam que ele fazia isso, mas deviam ficar gratos por sua espionagem secreta.

Então, uma tarde, encontrou um boticário.

Era uma loja pequena e encantadora, dirigida por um velho de cabelos brancos e sua filha alegre, uma bela garota tamourana, com um sorriso fácil e a risada contagiante. Teren passava por lá várias vezes por semana para vê-los anotar os pedidos dos clientes. Alguma coisa na garota chamou sua atenção. Seu nome era Daphne. Às vezes, Teren a via entregar encomendas na cidade. Ela pegava tantos caminhos sinuosos que ele sempre a perdia nas ruas movimentadas. Quando ela voltava para o boticário à tarde, Teren se perguntava onde ela havia se enfiado.

Até ouvir um boato sobre um grupo chamado Sociedade do Punhal, uma suposta equipe de *malfettos* demoníacos com poderes assustadores que não eram deste mundo. Aparentemente, Daphne usava a loja de seu pai como um lugar para criar pastas que cobririam marcas de *malfettos*. Ela ajudava os Punhais e outros a pintarem suas marcas. Teren achava que Daphne era a responsável por manter os Punhais escondidos.

Uma noite, Teren seguiu Daphne quando ela deixou a loja do pai e se dirigiu à Universidade de Estenzian. O que uma garota estava fazendo na rua a uma hora dessas? Ela sumiu por um longo tempo na universidade, mas Teren finalmente a encontrou em um beco estreito. Ela estava conversando com uma figura encapuzada e lhe entregou uma pequena mochila.

Teren a delatou imediatamente. Vários dias depois, a Inquisição veio buscar Daphne. Eles a arrastaram para a Torre da Inquisição, não muito longe do cais – e,

mesmo que ele não pudesse ver o que aconteceu com ela, sabia o que esses soldados faziam nas masmorras quando queriam tirar informações de alguém.

Daphne deveria queimar na fogueira. Mas ela não viveu o suficiente para sair das masmorras.

Mais tarde, Teren foi convocado pelo rei de Kenettra e pela jovem rainha, Giulietta. Teren se ajoelhou diante dos tronos enquanto o rei elogiava sua lealdade por identificar um traidor no meio deles. O rei o reintegrou à Inquisição, dizendo ao povo que Teren não tinha uma marca, afinal. Que ele não era um *malfetto*.

Naquele momento, Teren soube. Soube por que os deuses haviam escolhido mantê-lo vivo, por que tinham lhe tirado a opção de morrer.

Ele era uma aberração enviada para livrar o mundo das aberrações, para impedir esses demônios de corromper o reino de Kenettra. Ele tinha a intenção de expiar seus pecados protegendo tudo o que era puro e bom.

Esta era sua razão de viver.

Esta era a razão, e agora os deuses lhe deram uma chance de provar.

Eu sou o vento, calmo, feroz e profundo. Eu sou a alma da vida, o uivo das tempestades, o sopro do sono.

- Imodenna, o Grande, *de Sir Elias Mandara*

# Adelina Amouteru

Quando embarcamos em nosso navio, Teren ainda está acorrentado. Confiamos nele apenas no que diz respeito a ter concordado em nos acompanhar, mas sabemos que isso não o impedirá de nos atacar enquanto dormimos. Então ele continua sendo nosso prisioneiro, cercado por guardas em todos os momentos. Enquanto navegamos, partindo do porto de Estenzian, ele é o único que permanece abaixo do convés, acorrentado a seu beliche. Fico na proa do navio e tento não pensar em sua presença debaixo de nós. Navegando ao nosso lado está o navio tamourano de Raffaele, deslizando em sincronia sobre as ondas. Magiano sobe e desce o mastro principal com sua facilidade habitual. Da costa, ainda posso ver Sergio no cais com uma tropa de Inquisidores atrás dele, nos observando partir.

Ele tinha beijado Violetta antes de sairmos. Foi a primeira vez que o vi finalmente agir seguindo os sentimentos sutis que sempre demonstrou por minha irmã. Agora Violetta está na popa, seus olhos fixos no pontinho que é Sergio no cais. Com a ajuda de seus mercenários, ele vai comandar o exército enquanto eu estiver fora. Ainda assim, não posso deixar de me preocupar. E se ele falhar? E se eu retornar ao meu império arduamente conquistado apenas para descobrir que houve uma revolta – ou que ele me abandonou?

*Todo mundo te abandona*, zombam os sussurros alegremente. Seu veneno acaricia meus pensamentos. *É melhor você abandonar primeiro.*

– Estamos navegando para o nordeste – diz Raffaele na primeira noite, enquanto nos reunimos em torno da mesa de jantar. Ele tinha atravessado para nosso navio por uma prancha, para se encontrar conosco. Violetta fica perto dele, enquanto tento manter a maior distância possível entre nós. – Levará várias semanas se seguirmos o caminho mais curto, enquanto as gaivotas do norte migram.

– Como você sabe para onde ir? – pergunto. – Você mencionou a origem dos Jovens de Elite. Onde é isso?

Raffaele corre um dedo pela mesa, desenhando uma linha invisível que representa a fronteira das Terras do Céu e do mar, e indica um ponto ao norte da costa.

– No norte de Amadera, no fundo da cadeia de montanhas. – Ele olha para nós, um de cada vez. – O Escuro da Noite.

– Como nos mitos? – pergunta Magiano, com a boca cheia de carne seca. Também já ouvi as lendas, e agora levanto uma sobrancelha para Raffaele.

Ele assente, os fios de seu cabelo sedoso deslizando sobre o ombro enquanto prossegue:

– Há quatro lugares onde os espíritos ainda vagam – diz, citando um livro antigo. – O Escuro da Noite coberto de neve, o paraíso esquecido de Sobri Elan, os Pilares de Vidro de Dumon e a mente humana, aquele reino eternamente misterioso onde os fantasmas caminharão para sempre.

– Dizem que o Escuro da Noite é um vestígio dos deuses – acrescenta Lucent. – É uma terra sagrada. Os sacerdotes fazem peregrinações para lá.

– Se você estudar a cronologia dos mitos – continua Raffaele –, verá que as primeiras menções ao Escuro da Noite coincidem com a queda de Laetes do céu. É conhecido como um lugar sagrado, sim. – Ele acena com a cabeça para Lucent. – Creio que foi criado pela ruptura entre o mundo imortal e o mortal. É um lugar de noite eterna, não destinado aos mortais. Os sacerdotes que você mencionou, Lucent, visitam as terras ao redor. Mas não *entram* de fato no Escuro da Noite. Não há relatos sobre o que há dentro desse lugar.

Uma terra mitológica, nosso destino baseado puramente nas previsões de Raffaele.

– Você acredita que é um lugar onde só os Jovens de Elite podem entrar – respondo.

Raffaele assente.

– É uma terra de deuses.

– E a Rainha Maeve vai nos encontrar no caminho? – pergunta Magiano. Ele está sentado ao meu lado, sua mão tocando a ponta da minha. – Assim que entrarmos nas Terras do Céu?

Raffaele olha para ele.

– Vamos encontrá-la na passagem entre Beldain e Amadera.

– Depois de nosso último confronto? – Magiano estala a língua. – Tem certeza que ela vai querer se juntar a nós? Difícil acreditar que a rainha beldaína nos deixe passar ilesos por seu território depois que destruímos toda a sua frota… muito menos se sentar em um cavalo ao nosso lado por semanas.

– Nosso sucesso é de interesse de Maeve – responde Raffaele friamente.

Enquanto Magiano dá de ombros, eu olho para o mapa. Kenettra é uma nação pequena vista daqui, assim como as outras nações das Terras do Mar. As Terras do Sol, incluindo Domacca e Tamoura, parecem se estender indefinidamente. Ainda mais vasto do que todas elas é o mar, a grande divisão entre o mundo vivo e o Submundo.

A extensão do meu próprio poder de repente parece insignificante. Nossa jornada fracassará e nós pagaremos por ela com nossa vida.



No dia seguinte, navegamos na penumbra de um amanhecer escuro. O oceano adquiriu uma cor estranha de azeviche. Da escotilha de minha cabine, vejo nuvens se empilhando uma sobre a outra até que parece nunca ter existido céu, e ouço um grunhido baixo de trovão ecoando de algum lugar distante. Se Sergio estivesse a bordo, ele poderia ter nos contado sobre essa tempestade que se aproximava – e ter feito algo a respeito. Mas esta não é uma tempestade que escolhemos ter. Foi criada pelos deuses.

Meu estômago revira enquanto o navio corta as ondas. Um fio de medo escorre pela minha espinha e os sussurros se agitam. *O Submundo está chamando você para casa, Adelina.*

Quando subo a escada até o convés, o céu ficou ainda mais escuro. Olho para o horizonte e vejo que há raios se estendendo ao longo da borda do céu. O trovão continua rugindo. Magiano está ajudando dois tripulantes a amarrarem barris e fixarem os canhões. Suas vestes hoje são de um linho grosso, um manto pesado sobre uma túnica escura, calças e botas, e suas tranças estão amarradas em um nó alto da cabeça.

– Ainda estamos à frente da tempestade – diz ele quando me aproximo. – Mas

seus braços alcançam longe. Se tivermos sorte, vamos nos afastar antes que a pior parte nos atinja.

Perscruto o horizonte em busca de qualquer sinal de terra, mas não vejo nada, exceto nuvens escuras agitadas. Essa tempestade é diferente daquela que enfrentamos enquanto lutávamos contra os tamouranos, na qual eu podia conjurar imagens que despertavam terror nos soldados contra os quais lutávamos. Porém, de que valem as ilusões quando o inimigo é a própria natureza? Da água, ouço ecoar outro lamento das baliras. Há um bando nadando a alguma distância de nós, seguindo na direção oposta à da tempestade.

– Onde está Violetta? – pergunto. – Você a viu esta manhã?

– Ela não subiu. – Magiano acena com a cabeça para a escada. – Você também deveria ficar embaixo do convés. Posso cuidar de tudo aqui. A tempestade pode ser violenta.

*Talvez ela esteja morta,* os sussurros cacarejaram. *Problema resolvido. Agora você pode finalmente ficar livre de seu tormento.*

Gotas pesadas de chuva começaram a cair. Balanço a cabeça, tentando afastar um borrão de ilusões incontroláveis, e me viro para descer a escada. À medida que o ar se torna mais pesado, os sussurros ficam mais altos, até gritarem em meus ouvidos. O medo da minha tripulação paira no vento, alimentando minha energia até que eu sinta que meu peito está prestes a explodir. No canto do navio, meu pai se inclina contra o peitoril de madeira e me encara com olhos selvagens. Engulo em seco e baixo o olho. Minhas ilusões não podem me dominar agora, não aqui.

Os primeiros pingos de chuva se transformam em torrentes. Da gávea, um dos nossos tripulantes grita:

– Amarrem-se!

Enquanto tropeço em direção à escada que conduz ao deque inferior, vislumbro o navio de Raffaele se lançando contra as ondas, quase perdido nas águas que borrifam do mar. Mal consigo me manter na escada. No nível mais baixo, lanternas balançam nos corredores estreitos e eu acho que ouço gritos vindos do chão. Faço uma pausa. Os sussurros em minha mente estão inquietos – mas aquilo soava real. Ainda assim, não consigo ter certeza de nada. Caminho mais pelo corredor até chegar à minha porta. Aqui, tudo parece abafado e

distante, além do uivo do vento lá fora e do estrondo do oceano contra a madeira.

Chego à porta de Violetta, bato uma vez, entro.

Ela se remexe na cama, mas não olha para mim. Só de olhar sei que ela está com febre, suas pálpebras trêmulas, o cabelo escuro úmido e emaranhado contra sua cabeça. Suas marcas destacam-se proeminentemente ao longo do pescoço e dos braços, azuis e roxas e pretas. Ela murmura alguma coisa baixinho. Mesmo inconsciente, ela se move, inquieta, quando o trovão ruge lá fora.

*Ela está piorando*, percebo enquanto estou de pé diante dela. Raffaele tinha pensado que talvez a proximidade comigo retardasse sua deterioração… Mas agora ela parece ainda mais frágil do que quando a vi pela primeira vez em Tamoura. Observo por um momento enquanto ela vira na cama, a testa lisa de suor, e então me sento e acaricio sua mão com meus dedos.

E se ela não conseguir nem chegar à origem, para nos ajudar a completar nossa jornada?

*Você está perdendo seu tempo aqui*, dizem os sussurros.

Um barulho alto sacode os assoalhos. Eu me assusto e olho para a porta. Não parecia ter vindo do convés, mas do nosso corredor. Espero ouvir a passagem das botas da Inquisição, um grupo de vozes – mas, em vez disso, o navio cai de novo em silêncio.

Franzo o cenho. Por um momento, quero ignorar, mas me levanto e saio do lado de Violetta. Volto para o corredor de lanternas balançando.

Não há ninguém aqui.

Eu aperto minha cabeça e me apoio contra a parede. Tudo ao meu redor parece estar se movendo e, apesar de minhas tentativas de me concentrar, as paredes e o chão se confundem, e o chão e o ar também, as luzes das lanternas se esfumando em rostos e formas. Os sussurros se transformam em gritos. Aperto a mão contra a orelha, como se isso pudesse abafá-los, mas só piora, bloqueando o som do oceano quebrando e enfatizando minhas ilusões enlouquecidas.

*Pense em Magiano.* Lembro-me de sua mão no meu pulso naquele corredor escuro no palácio, a luz refletida contra sua pele na casa de banho. Então obrigo minha respiração a ficar regular. Um, dois, três. As garras cravadas em minha mente param, mesmo que só por um momento, e o chão e as paredes entram em

foco novamente. O som de ondas e gritos de homens voltam a se fazer ouvir no convés superior.

Então, outro baque.

Vem do deque abaixo. Onde Teren está preso.

Um sentimento de pavor rasteja em meu estômago. Algo aconteceu – posso sentir. Hesito por um instante, me perguntando se minhas ilusões sairão de controle outra vez. Porém, o mundo parece estável o bastante, e os sussurros diminuíram para um murmúrio. Sigo em direção à escada do convés inferior e então começo a descer. O navio balança violentamente, fazendo-me tropeçar no último degrau. Um trovão abafado soa do lado de fora. A tempestade está piorando rapidamente.

O fim do corredor está escuro como breu e, enquanto o navio desliza, uma lanterna apagada rola pelas tábuas, o vidro quebrado. Procuro, hesitante, com meu poder. Há medo aqui, o medo que vem com a dor. Ao caminhar mais para perto, percebo que há duas formas deitadas no chão, uma delas imóvel, a outra gemendo baixinho. Os guardas a postos para vigiar Teren.

A porta de Teren está aberta.

Meu coração pula, aterrorizado, e sinto a pulsação latejar na garganta. *Ele está solto*, penso, bem na hora em que um trovão ensurdecedor sacode o navio. Eu dou meia-volta e me apresso para a escada. Minha nuca formiga, o pânico aumentando enquanto me pergunto se Teren está escondido nas sombras. Mas eu sei que ele não está mais aqui embaixo.

Eu subo a escada depressa e disparo pelo corredor de nossos outros quartos.

– Violetta? – grito enquanto corro. – Magiano! Teren sumiu!

Ninguém responde. Enquanto o navio aderna, fazendo as lanternas ao longo das paredes balançarem descontroladamente, eu me apresso para a escada que leva ao convés e começo a subir. Aonde Teren iria, em uma tempestade como esta? Não podemos perdê-lo. Precisamos dele nesta jornada. Nós…

Ouço o zumbido de uma lâmina cortando o ar antes mesmo de vê-la. Algo – o destino, meus instintos – me salva, e eu me esquivo no último instante. Um punhal se enterra profundamente na madeira da escada. Olho para trás e vejo um dos meus Inquisidores me atacando, dentes à mostra. *Um rebelde.*

Jogo os braços para cima e lanço uma ilusão de invisibilidade sobre mim. Sumo da vista e corro para fora de seu caminho. O Inquisidor apunhala o ar vazio, então pisca em confusão e gira ao redor. Agora também está com medo, e seu terror alimenta minha força.

– Mostre-se, demônio! – grita ele.

Meu coração bate forte. Então… outro rebelde, exatamente como o que me atacou durante nossa batalha. Trinco os dentes e lanço uma ilusão de dor para ele. Mas minha concentração vacila e eu fico à vista por uma fração de segundo. É suficiente para que o Inquisidor me veja. Ele atira outra adaga em mim, mesmo enquanto uiva de dor por causa de minha ilusão.

Eu passo escondida por ele e começo a subir a escada. Ele tinha sido um dos guardas que pus do lado de fora da porta de Teren? Ele o havia liberado, pensando que Teren me mataria? Teria sido leal a Teren durante seus dias como Inquisidor-chefe?

O homem avança para mim de novo. Reajo às cegas, agarrando a adaga presa na madeira, e então giro e o ataco. Minha lâmina atinge sua carne. Os olhos do homem se arregalam e ele abre a boca. Olha para o meu rosto marcado por um instante, depois cai aos meus pés.

Outra tentativa de assassinato.

Aperto a adaga em uma das mãos e luto para chegar ao convés. Um vento gelado sopra com a chuva. Congelo e olho para o céu para ver as nuvens pairando tão baixas que parecem poder tocar a gávea, tão negras e ameaçadoras que me sinto como se estivesse olhando para a boca aberta da própria Morte.

– Adelina! – grita um Magiano encharcado, perto da proa do navio, onde se pendura desesperadamente ao cabo das velas.

Ele está apontando na direção em que o navio de Raffaele deve estar. Frenética, olho ao redor do convés. Tudo parece um borrão – uma massa de tripulantes cinzentos lutando contra a tempestade, água por toda parte. Eu giro, como se o homem que tentou me matar pudesse estar atrás de mim.

– Teren! – grito de volta para Magiano. – Ele sumiu! Ele…

No momento em que as palavras saem da minha boca, eu o vejo. Sob o brilho de um raio, vejo Teren caminhando na direção de Magiano. Os pulsos de Teren

ainda estão presos em correntes e, enquanto ele se move, elas tilintam ruidosamente. Um suspiro me escapa. *Não*. Grito outra vez e me preparo para atacar com minha energia, mas uma onda enorme bate do lado do navio e cambaleio com o impacto. Uma corda se solta de algum lugar e acerta Magiano com força na lateral do seu corpo – em sua marca que nunca cicatriza.

Magiano se curva em agonia e perde o equilíbrio. Suas mãos agarraram os cabos. Salto para o convés bem na hora em que Teren o alcança. *Teren vai matá-lo*. A ideia me atravessa como um relâmpago – e meus poderes crescem, rugindo para a superfície quando encaro Teren.

Mas Teren pega a corda – e a joga para Magiano com todas as suas forças. Apesar da dor, Magiano consegue pegá-la. Ele balança de volta para o mastro e bate na viga com um baque suave, por pouco evitando ir ao mar. Ele se encolhe no convés, segurando a lateral do corpo.

Tiro a água do olho. Teren acabou de salvar a vida de Magiano?

Ao mesmo tempo, outra onda estoura no convés, inundando-o. Ela joga um dos meus Inquisidores no mar. Tropeço e caio de joelhos. Diante de mim, Teren perde o equilíbrio e cai. Eu me apresso. Em algum lugar no vendaval, Magiano grita para mim.

– Adelina… não!

A água arremessa Teren por sobre o peitoril. *Nós precisamos dele* é tudo que consigo pensar. *Precisamos de Teren se quisermos viver*. Chego ao peitoril e olho para baixo para ver Teren agarrado à lateral do navio. Suas correntes batem ao vento. Ele olha para cima e me vê.

*Deixe que ele se afogue,* dizem os sussurros. *Deixe o Submundo levá-lo. Deixe-o afundar. Ele merece.*

Eu hesito, tremendo pelo esforço de ouvir as vozes. Ele *merece*. Por um momento, o pensamento cresce em minha mente e os sussurros vibram como se tivessem vencido. O rosto de Teren se mexe e muda, ondulando com uma ilusão fora de controle, mudando de um rosto humano para o de um demônio irreconhecível, o monstro debaixo de sua pele.

Então me lembro de por que estamos aqui. Estico a mão, fecho-a com firmeza em volta de seu pulso, e puxo com o máximo de força que consigo. Teren sobe

lentamente, um passo de cada vez. Seus olhos refletem o relâmpago e a chuva torrencial. *Quando ele estiver de volta a bordo*, penso, *precisaremos proteger seus aposentos com mais rigor.*

– Cuidado! – grita alguém. Olho para cima a tempo de ver Magiano pular em minha direção. Mas é tarde demais – um instante depois, uma onda atinge a lateral do navio como um atirador e sou lançada por cima do peitoril. Tudo o que vejo é uma precipitação de céu negro e mar. Magiano ainda está parado no convés, o braço estendido para mim. Então ele some de vista enquanto a chuva e os respingos do oceano passam por mim. Olho para baixo e vejo o oceano escuro se aproximando.

*O Submundo veio te buscar*, gritam os sussurros.

Então bato na água. E o oceano me engole.

Disse o homem ao sol: "Como eu desejo que você pudesse brilhar sua luz em cada dia da minha vida!" Disse o sol ao homem: "Mas só com a chuva e com a noite você poderia reconhecer o valor da minha luz."

*- Poema domaccano, traduzido por Chevalle*

# Adelina Amouteru

O mundo está ensurdecedor e silencioso. Claro e escuro. Penso ver Caldora nas profundezas, suas longas e monstruosas barbatanas cortando a água. O trovão soa abafado por debaixo dessas marés negras. Eu flutuo por um tempo, incerta de onde estou ou se estou mesmo viva. A corrente me arremessa, estou submersa, e meu coração lateja em meus ouvidos. Eu luto para respirar.

Subo à superfície arquejando. Chuva e água do mar se derramam em minha boca aberta. Eu engasgo, tusso e procuro o navio. Ele se agiganta atrás de mim. Tento nadar em sua direção, mas outra onda me engole e sou jogada de volta. Consigo emergir novamente, só para ver o navio afastando-se mais.

– Magiano! – grito. – Violetta!

Contudo minha voz se perde na tempestade. Outra onda me atinge e afundo para as profundezas mais uma vez.

*Não vou morrer aqui. Não assim.* O pensamento se torna uma batida de tambor que me enche de raiva, e a raiva me fortalece. Obrigo meus membros a continuarem se agitando, forço minha cabeça acima da água mais uma vez. A tempestade ruge com sua fúria acima de mim – raios brilham entre as nuvens e a chuva cai como lençóis sobre mim. Sou engolida por outra onda e, cada vez que volto à superfície, o navio parece mais distante. Começo a perder a sensibilidade em meus membros. A energia do Submundo escorre sob minha pele e desce pela minha garganta. Monstros parecem nadar neste mar, suas grandes silhuetas negras emolduradas pelo azul profundo, que parece se estender para sempre.

*Ele sentirá minha falta?* Imagino o rosto de Magiano, contorcido de medo enquanto me observava cair no mar. Ele está em segurança?

*Violetta vai sentir minha falta?*

Então, uma mão. Os dedos são ásperos, as unhas se cravam em minha carne, o aperto tão forte que acho que meus ossos vão se quebrar. Abro a boca para gritar, mas o esforço é silencioso no mar. Através da escuridão, vislumbro olhos

selvagens, brancos, loucos e um brilho de cabelo louro. *Teren.* É Teren na água, lutando ao meu lado para subir, me puxando pelo braço.

Nós rompemos a superfície no meio da tempestade. Eu arquejo, engasgando com a água do mar – através de uma neblina embaçada de chuva, vejo nosso navio adernando a várias dezenas de metros de distância. Dos mastros, Magiano aponta, ordenando que os outros nos procurem nas águas. *Estou aqui*. Tento acenar, mas o mar engole meu braço.

– Não é invencível afinal, lobinha? – grita Teren.

Ilusões escurecem o mundo ao redor. Estou lutando para respirar na Torre da Inquisição e Teren segura sua espada pressionada contra minha garganta. Ele vai me matar; ele vai me abrir com sua espada. Uma onda de terror selvagem se aloja em minha garganta – e eu entro em pânico, lutando para me afastar dele.

Teren resmunga e só aperta meu braço com mais força. Tenho uma vaga consciência do oceano que nos rodeia. Outra onda bate contra nosso corpo, e água do mar invade minha boca. Eu cuspo. *Ele está afogando você*, gritam os sussurros. Qualquer outra pessoa teria me largado em um mar tão feroz, mas Teren – ainda de posse de seus poderes – consegue ficar preso a mim como um grilhão.

– Solte-me – gaguejo, lutando cegamente contra Teren. O cheiro penetrante de sangue enche de repente minhas narinas, e percebo que é de seus pulsos, espalhando um tom de escarlate ao nosso redor. Em algum lugar à frente, a silhueta do nosso navio se aproxima. Estamos chegando perto.

– Eu gostaria de poder fazer isso – dispara Teren, respingando veneno. – Não há nada que eu gostaria mais de ver do que você no Submundo, Adelina.

Suas palavras provocam minha fúria. *Ele nunca teve a intenção de terminar esta viagem com você*. Teren aperta meu braço com tanta força que eu grito de dor. Ele está nos puxando para o navio, seu rosto em uma determinação sombria.

Então o ouço gritar:

– Mas não vou.

*Mas não vou*. Minha fúria vacila, transformando-se em perplexidade.

Estamos muito perto do casco de nosso navio agora, tão perto que Magiano nos vê. Posso ouvi-lo gritar mais alto que o vento, seu braço apontando para onde estamos. Teren acena de volta para eles e enquanto a tripulação se agita no

convés, sinto um súbito movimento na água abaixo de mim. Um turbilhão o afasta e, por um instante, uma cratera se forma no mar ao nosso redor. O vento nos suspende. Assustada, olho na direção do navio de Raffaele, que surge atrás do nosso. Lucent está em cima dos mastros, braços estendidos em nossa direção. O vento fica mais forte, e o mundo desvanece à medida que somos elevados mais e mais alto, por cima do peitoril do convés do navio, um funil de água do mar chovendo no navio ao subirmos.

Então caímos. Bato no convés com força suficiente para perder o ar. Teren finalmente solta meu braço, e subitamente me sinto mais leve sem seu aperto de ferro em mim. Inquisidores se aglomeram ao nosso redor. Magiano, ainda segurando o lado ferido de seu corpo, grita por cobertores. No meio deles, vejo o rosto de Violetta. Braços quentes envolvem meu pescoço frio, e sou puxada para a frente, assustada, em um abraço. Seu cabelo cobre meu ombro.

– Achei que tínhamos perdido você – diz ela, e eu me pego passando os braços em volta de minha irmã em retorno, antes mesmo de perceber o que estou fazendo.

Ao meu lado, Inquisidores cercam Teren, forçando seus braços nas costas novamente. Ele me olha com o rosto encostado contra o chão. Seus lábios ainda estão torcidos em um sorriso torto. Seus olhos pulsam com algo instável.

Olho para ele, tentando compreender o que ele fez. *Salvou Magiano de cair ao mar*. *Depois* me *salvou*. Ele está levando esta missão a sério, por mais que nos odeie.

– Talvez da próxima vez – me diz com aquele sorriso – você não tenha tanta sorte.

Laetes não tinha nem uma única moeda em seu nome - mas isso não importava. Tal encanto exalava, tal alegria trazia a cada transeunte que conhecia que o convidavam a entrar em suas casas, lhe davam pão e guisado, protegiam-no de ladrões e vagabundos, passando pela fronteira entre Amadera e Beldain sem danos.

- Queda e Ascensão de Laetes, *por Étienne de Ariata*

# Adelina Amouteru

O Inquisidor traidor era um novo recruta de Dumor. Depois de uma dica de Teren e de uma breve caçada a bordo do navio, Magiano trouxe todos os membros da nossa tripulação diante de mim no convés superior, onde eles estremeceram e se enrijeceram aos meus pés. Magiano quase nunca tem um semblante de raiva fria em seu rosto – mas tinha nessa ocasião, as pupilas de seus olhos tão fendidas que pareciam agulhas.

Eu poderia matar essa tripulação, se eu quisesse. Eu poderia ter seu sangue cobrindo o convés deste navio ao anoitecer.

Mas não posso me dar ao luxo de fazer uma coisa dessas. Não haveria pessoas suficientes para guiar o navio, nem para nos proteger, se eu me livrar de todos eles. Então, em vez disso, mostrei-lhes o cadáver do aspirante a assassino. Então ordenei que fosse lançado ao mar sem cerimônias.

– Que isso seja um aviso para aqueles de vocês que ainda querem me desafiar – falei, a cabeça erguida. – Alguém mais?

Apenas o silêncio me recebeu, seguido pelos sussurros na minha cabeça. Eles pareciam estar se divertindo.

*É só uma questão de tempo, não é, Adelina, antes de pegarem você.*



É estranho ver o oceano tão calmo esta noite, quando apenas horas antes nossos navios tinham sido quase devorados pelas ondas.

Sento-me encolhida em uma cadeira, enrolada em cobertores, mesmo depois de ter tomado o banho mais quente possível, tremendo com uma caneca de chá amargo. Para minha irritação, minha mente continua em Violetta. Depois de sua súbita exibição emocional no convés, ela voltou ao seu silêncio habitual, tensa na minha presença, embora tenha me lançado um olhar preocupado antes de se retirar para seus aposentos. Não sei o que fazer com isso, mas estou cansada demais esta noite para pensar no assunto. Agora só vejo Magiano, perto da

escotilha mais próxima, enquanto Teren está encolhido em sua cadeira, silenciosamente comendo sua ceia.

Ele ainda tem correntes nos pulsos e dois Inquisidores ao lado – todavia as correntes não restringem muito seus movimentos, permitindo que ele coma livremente. Seus pulsos também estão enfaixados com pano limpo e há um cobertor em torno dele. Parece praticamente ileso, apesar de nossa provação no oceano. Suponho que seus poderes ainda não o tenham abandonado.

– Por que você me salvou? – pergunto a Teren, minha voz quebrando o silêncio.

– Provavelmente pela mesma razão que aquela Punhal salvou nossa vida. A Caminhante do Vento, não foi? – Teren não se preocupa em erguer os olhos do prato enquanto fala. É sua primeira refeição quente e digna em muito tempo, e ele parece a estar saboreando.

– E qual é a razão?

– Como você disse, só estou aqui para realizar os desejos dos deuses. E serei condenado se suas ações tolas tornarem esta viagem sem sentido.

*Deixe que ele a mantenha segura.* Meus sussurros estão surpreendentemente calmos esta noite, talvez subjugados pelas ervas que Magiano misturou ao meu chá. Aceno com a cabeça para Teren.

– Tirem as correntes dele – ordeno aos Inquisidores de pé ao seu lado.

– Vossa Majestade? – responde um deles, piscando.

– Preciso repetir? – rosno. O Inquisidor empalidece com meu tom, então se apressa para cumprir minha ordem. Teren me olha enquanto suas correntes caem, aterrissando com um forte baque no chão. Então ele dá uma risadinha. O som é familiar, e aguça minha memória.

– Confiar em mim – murmura Teren – é um jogo perigoso, mi Adelinetta.

– Estou fazendo mais do que isso – respondo. – Pelo resto desta viagem, *você* será meu guarda pessoal.

Com isso, os olhos de Teren brilham de surpresa e raiva.

– Não sou seu lacaio, *Majestade*.

– E eu não sou Giulietta – rebato. – Você poderia ter me matado a bordo do

navio, quando se libertou. Você poderia ter me afogado no oceano. Mas não fez nada disso. E isso torna você mais confiável do que minha própria tripulação. É claro que não posso confiar em todos os meus homens, e, pelo menos desta vez, temos os mesmos objetivos. Assim, pelo resto desta viagem, *você* será meu guarda pessoal. Isso atende aos interesses de nós dois.

A menção de Giulietta, como sempre, parece atingir Teren. Ele se encolhe, depois volta para a comida.

– Como quiser, Majestade – responde. – Suponho que veremos como nos saímos juntos.

Eu respiro fundo.

– Tudo isso acabará logo – digo. – E o seu dever para com os deuses será cumprido.

Teren pousa seu prato. Trocamos um olhar demorado.

Finalmente, ele se levanta da cadeira e se vira para um dos Inquisidores. O homem engole em seco enquanto Teren pega a bainha de sua espada e a arranca do cinto. Teren olha para Magiano, depois para mim.

– Vou precisar de uma arma – murmura, erguendo a espada no ar antes de sair da cabine.

Não percebo como sua presença me deixa tensa até que sai do cômodo. Meus ombros relaxam em sua ausência.

– Eu vou ficar de olho nele – diz Magiano, se aproximando e oferecendo sua mão para eu me apoiar enquanto me levanto. – Um ato heroico não torna um homem digno de confiança. E se ele decidir virar sua espada contra você?

Sigo Magiano para fora da cabine principal e viro no corredor em direção a nosso quarto.

– Você não pode me vigiar o tempo todo – respondo, cansada. – Confiar em Teren é melhor do que me deixar à mercê de qualquer outro rebelde que possa estar a bordo.

Magiano aperta os lábios, mas não discute. Seus olhos buscam meu rosto, parando por um instante em minha cicatriz. Suas tranças estão amarradas em uma confusão grossa, despenteadas de exaustão, e a luz das lanternas do corredor

realça o brilho dourado em seus olhos.

– Você não está bem esta noite – diz ele baixinho.

Antes que eu possa responder, os sussurros sibilam novamente, lutando contra o chá de ervas, e eu esfrego as têmporas numa tentativa de aliviar minha dor de cabeça.

Magiano pega minha mão e me leva para dentro de meus aposentos.

– Venha – diz ele.

Sigo-o até a cama, onde me sento com cautela, enquanto ele vai à escrivaninha, acende uma vela e me prepara outra xícara de chá. Do lado de fora da minha escotilha, uma estranha lamentação ecoa pelo oceano. Permaneço imóvel na cama por um tempo e escuto. É um som baixo e persistente, como o murmúrio de um fantasma no vento, e, enquanto continuo a ouvir, sinto-o vindo da direita, debaixo das ondas. Minha energia treme com o chamado, mesmo que algo pareça familiar, até conhecido, aos meus ouvidos. Este é um som do Submundo.

As sombras nos cantos dos meus aposentos parecem se dobrar e mudar, mesmo com Magiano a poucos metros de distância. Devo estar alucinando de novo, minhas ilusões saindo do controle. As sombras se transformam em formas com garras e dentes, minúsculos globos oculares vazios e, enquanto observo, as formas vão se focando até que seus rostos assumem as características de pessoas há muito desaparecidas. Elas lutam para rastejar para fora das sombras e para o luar que pinta os pisos. Eu me afundo mais na cama, tento ignorar o som lá fora, e puxo meus cobertores até o queixo. Tenho que encontrar uma maneira de recuperar o controle sobre os fios da minha energia. Tento respirar profundamente – inspirando e expirando.

O lamento lá fora enfraquece, depois ganha força, e em seguida enfraquece novamente. Depois de um tempo, mal posso ouvi-lo. As sombras contra as paredes perdem suas formas ameaçadoras, estabelecendo-se em uma escuridão plana.

– Adelina – murmura Magiano. Eu nem sequer tinha notado que ele se aproximara e sentara na beira da minha cama. Estende uma caneca para mim.

Eu a pego, aliviada.

– Você ouviu o lamento? – pergunto.

Ele se inclina e olha cuidadosamente para fora da escotilha, sua mão apoiando seu lado marcado. Se as luas fossem novas hoje, o oceano seria uma massa negra, refletindo apenas um céu cheio de estrelas. Mas hoje à noite as nuvens de tempestade desapareceram, a água está iluminada e, quando olhamos, vejo espirais de água criadas por um bando de baliras nadando.

– Nunca ouvi um uivo assim antes – digo enquanto elas passam.

– Eu as ouvi há várias noites – responde Magiano. – Raffaele me disse que ouviu também, quando chegou a bordo do nosso navio. É o som de uma balira agonizante envenenada por esta água.

Suas palavras apertam meu coração. Olho pela escotilha outra vez para ter uma visão dos últimos animais nadando por ali, até que não reste nada além de triângulos de ondulações em seu rastro. *Deixe-as morrer,* dizem os sussurros. *Quando tudo estiver feito, você pode virar as costas para eles. Para todos. Fuja com seus poderes. Você não pode desistir deles.*

Sim, eu poderia fazer isso. Vou esperar até chegarmos ao encontro de Amadera e Beldain, e começar a navegar em direção ao norte. Então Magiano e eu podemos voltar para Kenettra. Balanço a cabeça, franzindo a testa, e bebo mais um gole do chá de ervas. Violetta voltaria comigo? Posso partir sem ela? Abandonarei os outros? Fico imóvel, concentrando meus pensamentos em seguir com este plano. Imagino-me voltando para meu país e para meu trono. Eu me obrigo a ficar feliz com isso.

Imagino Raffaele e Lucent, que salvaram minha vida, e depois Teren, que se voltou contra todas as crenças que ele tem para fazer o que pensa ser certo.

Magiano olha para mim. Seu corpo está pressionado contra o meu, sua pele quente e cheia de vida.

– Eu tenho medo – finalmente sussurro para ele. – Todos os dias, acordo pensando se este será ou não o último dia em que vou viver na realidade. – Eu olho para ele. – Ontem à noite, meu pesadelo voltou. Durou mais tempo do que nunca. Mesmo agora, quando você estava de pé tão perto, eu podia ver as sombras nos cantos, estendendo suas garras em minha direção. Mesmo neste exato momento. Minhas ilusões estão ficando mais fortes, saindo completamente do meu controle. – Faço uma pausa enquanto os sussurros me repreendem por falar contra eles.

*Este garoto vai trair você, assim como todos os outros. Ele está aqui pela bolsa de ouro que você lhe dá. Ele vai desaparecer no instante em que você chegar a terra, indo procurar melhores companheiros.*

– Então é melhor encontrarmos uma forma de consertar isso – responde Magiano, seu olhar voltado para mim. Suas palavras soam como brincadeira, mas sua voz é grave, o rosto sério. – Não vai ser assim para sempre.

Nenhuma resposta me vem aos lábios. Depois de um tempo, descanso minha mão sobre a dele.

– Você ainda está com dor.

– É só minha velha ferida agindo de novo – responde ele rapidamente. – Mas estou decaindo mais lentamente do que você, meu amor. Posso aguentar.

– Deixe-me ver – murmuro baixinho. – Talvez você precise enfaixá-la.

Primeiro, Magiano se afasta; mas quando lhe lanço um olhar aguçado, ele suspira e cede. Ele se desloca um pouco para virar as costas para mim, e então levanta a mão e puxa a camisa sobre a cabeça, expondo o tronco. Meu olhar vai direto para a enorme marca na lateral. Ela se estende da parte inferior das costas até a parte de cima de seu peito. Mordo o lábio. Hoje à noite, parece inchada, vermelha e irritada da pancada no mastro.

– Talvez Raffaele possa dar uma olhada amanhã – digo, franzindo a testa. Meus pensamentos voltam-se para os sacerdotes da infância de Magiano, os que fizeram essa ferida tentando cortar a marcação em sua pele. A imagem faz minha raiva ferver.

– Estou bem. Não se preocupe.

Encontro seu olhar. Ele parece vulnerável e gentil, com suas pupilas redondas e escuras.

– Magiano, eu… – começo a dizer, então paro, insegura.

Mesmo depois dos beijos que trocamos, de nosso encontro na casa de banho, nunca confessei meus sentimentos por ele. *Não, garota tola. Ele só usará isso contra você.* Mas decido continuar:

– Talvez não voltemos dessa viagem. Nenhum de nós. Podemos todos acabar com nossas vidas quando chegarmos ao fim disso, e nunca saberemos se nosso

sacrifício melhorou alguma coisa.

– *Vai* melhorar – responde Magiano. – Não podemos simplesmente morrer, não sem tentar. Não sem lutar.

– Você realmente acredita nisso? – pergunto. – Por que estamos fazendo isso, afinal? Para preservar minha própria vida e a sua… mas o que o mundo já fez por nós para merecer nosso sacrifício?

As sobrancelhas de Magiano arqueiam por um momento, então ele se inclina para mais perto.

– Nós existimos porque este mundo existe. É uma responsabilidade nossa, não importa se alguém vai ou não se lembrar. – Ele acena com a cabeça para mim. – E eles vão. Porque vamos voltar e nos certificar disso.

Ele está perto o suficiente agora para que eu possa sentir sua respiração contra meus lábios.

– Você é tão cheio de luz – digo depois de um momento. – Você se alinha com a alegria, e eu com o medo e a fúria. Se você pudesse ver meus pensamentos, certamente se afastaria. Então por que ficaria comigo, mesmo que voltássemos para Kenettra e retomássemos nossa vida?

– Você me pinta como um santo – murmura ele. – Mas eu me alinhei com a ganância só para evitar isso.

Mesmo agora, ele consegue fazer meus lábios tremerem em um sorriso.

– Estou falando sério, Magiano.

– Eu também. Nenhum de nós é santo. Eu vejo sua escuridão, sim, e conheço sua luta. Não vou negar. – Ele toca meu queixo com uma das mãos. A esse gesto, os sussurros parecem se assentar, indo para longe, onde não posso ouvi-los. – Mas você também é passional, ambiciosa e leal. Você é mil coisas, mi Adelinetta, não apenas uma. Não se reduza a isso.

Olho para baixo, sem saber o que sentir.

– Nenhum de nós é santo – repete Magiano. – Todos nós podemos fazer melhor.

*Todos nós podemos fazer melhor*. Eu me inclino para ele. Cada fibra do meu corpo anseia manter este garoto seguro, sempre.

– Magiano… – começo a dizer. – Eu não quero deixar este mundo sem nunca ter estado com você.

Magiano pisca uma vez. Ele procura meu rosto, como se tentasse entender o verdadeiro significado de minhas palavras.

– Estou com você agora – cochicha.

– Não – digo calmamente, levando meus lábios aos dele. – Ainda não.

Magiano sorri. Ele não diz nada. Em vez disso, se inclina para a frente e cobre o espaço entre nós, pressionando os lábios nos meus. A luz em sua energia inunda meu interior, afastando para longe as sombras escuras e substituindo-as por calor. Mal consigo respirar. Arquejo quando ele toca minhas costas e me puxa mais forte para ele. Seu movimento me faz perder o equilíbrio, e eu caio para trás na cama, trazendo-o comigo. Magiano cai em cima de mim. Seus beijos continuam, seguindo a cavidade do meu pescoço. Seus dedos puxam as cordas do meu corpete e elas se soltam. Ele o puxa por cima da minha cabeça e o joga aos pés da cama. Minha pele está nua contra a dele, e percebo que estou tremendo.

Magiano faz uma pausa por um momento para me olhar, procurando um sinal de minhas emoções. Observo seu rosto na escuridão.

– Fique comigo – sussurro. – Esta noite. Por favor. – As palavras ditas em voz alta de repente me assustam, e eu me afasto, me perguntando se eu deveria ter me aberto a ele assim. Mas a ideia de dormir sozinha, cercada por minhas ilusões, é demais para suportar.

Ele toca meu cabelo com uma das mãos, alisa os fios, olha para o lado esquerdo do meu rosto. Beija a cicatriz com delicadeza. Seus lábios tocam minha testa, depois minha boca. E então, como se ele me entendesse melhor do que qualquer pessoa no mundo, cochicha:

– Isso vai tornar esta noite um pouco menos escura.

Naquela noite, ele sonhou com um lugar cheio de pilares, branco-prateado, chegando até o céu. E naquela manhã os soldados de seu inimigo atravessaram os portões internos.

- *Trecho do* Réquiem dos Deuses, *vol. XVII, traduzido por Chevalle*

# Adelina Amouteru

Nenhum sussurro se esconde em minha mente. Minha energia é muito tranquila. Não tenho pesadelos. Remexendo-me quando a pálida luz do amanhecer entra em meus aposentos através da escotilha, eu meio que espero que a noite passada não tenha sido apenas uma ilusão… Mas Magiano ainda está aqui, sua pele macia e morena pressionada contra a minha, sua respiração suave e ritmada no sono.

Eu me estico contra ele, um sorriso genuíno nos lábios. O ar é frio, e eu gostaria de poder ficar aninhada para sempre sob estes cobertores grossos. As lembranças da noite juntos ainda permanecem, a respiração quente de Magiano no meu pescoço, ele sussurrando meu nome, sua inalação aguda. Quando o conheci naquela noite em Merroutas, ele parecia uma figura misteriosa, invencível, um garoto selvagem com um cabelo bagunçado e um sorriso de mercúrio. Agora, parece tranquilo. Vulnerável. Seus dedos permanecem entrelaçados com os meus, segurando firme mesmo enquanto dorme. Observo seus longos cílios. Por um momento, me pergunto o que ele viu nas memórias que Raffaele descobriu durante seu teste.

Todos os dias, avançamos mais para o norte. Todos os dias, o ar fica mais frio. Logo tenho que colocar uma capa pesada e botas resistentes a cada vez que subo para o convés. Magiano parece desconfortável aqui, neste clima gélido. Seu sangue é mais fino que o meu, e sua ascendência das Terras do Sol se faz mostrar em sua carranca profunda.

Esta manhã, quando vemos as primeiras sugestões de terra no horizonte, ele se junta a mim no convés com dois mantos bem apertados ao redor de seu pescoço. Seu braço roça o meu.

– Por que a origem dos Jovens de Elite não pode ser em um paraíso tropical? – reclama.

Mesmo agora, olhando para este oceano sombrio, escuro, tenho que sorrir diante de suas palavras. Ele compartilhou meus aposentos todas as noites desde a

primeira vez juntos e, como resultado, os sussurros ficaram mais silenciosos nas últimas semanas. Mas agora que nos aproximamos das Terras do Céu, as vozes voltaram com força.

– Chegaremos a Beldain hoje, pelo menos. Ficarei feliz de voltar a pisar em terra firme – afirmo.

Magiano resmunga. Pergunto-me de que pobre soldado ele roubou a segunda capa.

– Pequenas vitórias – concorda.

Ali perto está Teren, que observa a terra se aproximando sem uma palavra. Ele não nos causou nenhum problema durante as semanas em que ficou sem correntes e, fiel à sua nomeação, se manteve perto de mim, uma das mãos sempre no punho de sua espada. No entanto, as novas bandagens brancas em torno de seus pulsos estão vermelhas novamente. Suas feridas são persistentes.

Um barulho de vozes atrás de mim chama minha atenção. Violetta fala em sussurros com Raffaele enquanto se sentam juntos em pilhas de carga, apontando para a faixa de terra crescendo diante de nossos olhos. Eu os observo por cima do ombro. Raffaele juntou-se a nós logo após meu acidente ao mar e tem estado conosco desde então. Violetta aos poucos relaxa perto de mim, desde aquela noite, mas ainda mantém distância e confia em Raffaele mais do que em mim. Ela se inclina pesadamente contra ele e treme, seus lábios secos e rachados. Sua voz está mais fraca do que nunca, e suas bochechas estão fundas demais agora, resultado de seu parco apetite. Vê-la faz minha energia se agitar sombriamente, não com raiva, mas com tristeza.

Queria que fosse a mim que ela procurasse para confortá-la.

– Você disse que os beldaínos nos encontrariam aqui com suas próprias tropas – grito para Raffaele. – Não vejo bandeiras beldaínas em nenhum dos navios no horizonte. – Faço uma pausa para acenar para o porto que se aproxima. – Alguma notícia da rainha Maeve?

– Ela estará aqui – responde Raffaele. Como Magiano, ele tem um ar de infelicidade, e se enrola mais em seu manto pesado. Ele não deve ter gostado de passar semanas em Beldain na última vez em que fugiu para cá. – Mas temos que sair rapidamente desta cidade.

– Que cidade é esta?

– Laida, uma das cidades portuárias mais populosas de Amadera. – Raffaele junta seu cabelo preto em um rolo grosso em um ombro. – Rumores dizem que os Saccoristas têm uma base aqui e podem estar esperando por você.

Sorrio amargamente para ele, então teço uma ilusão de seu rosto sobre o meu. Raffaele pisca de surpresa por um momento antes de se acomodar em seu mar de calma.

– Eles podem ter dificuldade de me encontrar – respondo.

Raffaele me dá um sorriso apertado em troca.

– Não subestime seus inimigos, Majestade – diz ele.

Arqueio uma sobrancelha para ele. Com a minha raiva se remexendo, os sussurros despertam. *Ah, sim. Você sabe disso melhor do que ninguém, não é?*

– Isso é uma ameaça, Raffaele?

Minhas palavras trazem um silêncio teimoso entre nós. Raffaele balança a cabeça, então me lança um olhar grave.

– Você está procurando conflitos nos lugares errados, Majestade – responde.

Não digo nada. Em vez disso, me volto para o mar e tento controlar minhas emoções. Ao meu lado, Magiano pressiona a mão em meu braço. *Fique firme*, parece dizer. Mas mesmo ele não pode manter os sussurros ao longe para sempre.

Talvez eu esteja piorando, assim como Violetta.

O porto está cheio de navios de todas as cidades e nações, e suas bandeiras formam um arco-íris na baía, refletido nas águas. Nossas próprias bandeiras estão escondidas sob uma ilusão, imitando uma bandeira amaderana, e, para meu alívio, ninguém parece nos dar atenção. Quando nossos dois navios atracam, respiro fundo e olho para o cais movimentado. O sal do mar e o cheiro de sangue e peixe impregnam o ar. As gaivotas circundam o céu acima de nós, mergulhando para buscar as tripas jogadas na água. Grupos de homens com barba pesada carregam o que parecem martelos afiados pendurados nas costas e rolos de cordas em torno dos ombros. Mulheres de pele e saia grossa se amontoam ao longo dos vários píeres, cozinhando ensopados em pequenas fogueiras. Elas seguram tigelas e moedas amaderanas, gritando em uma língua estranha que não

consigo entender. As pessoas aqui são grandes e robustas, tão pálidas que sardas destacam-se em sua pele. Apenas Lucent se mistura completamente, e Teren parece aceitável com seus olhos claros e cabelos louros. Mesmo que meus Inquisidores e companheiros não estejam vestidos com sedas kenettranas, atraímos alguns olhares para nossas figuras mais magras, de pele mais escura.

*Você está em terra inimiga,* os sussurros me lembram. *Você se lembra das histórias das guerras civis de Amadera? Quando o povo aristano conquistou os salanos, levaram tudo com eles: suas joias; sua honra; e seus filhos, às vezes diretamente do útero. O que eles vão fazer com* você, *quando descobrirem quem você é?*

Raffaele afirma que Maeve vai nos encontrar aqui, mas ainda não há sinal da rainha beldaína e de seus homens. À medida que descarregamos alguns de nossos suprimentos em um cavalo, teço mudanças em minha aparência – clareio minha pele, pontilho meu nariz com sardas, enrolo meus cabelos, escondo minha cicatriz. Responder rispidamente a Raffaele não significa que não levo suas palavras a sério. Se os Saccoristas estiverem aqui, então encontrarão uma maneira de nos procurar na cidade. Quando termino meu disfarce, trabalho em alterar a aparência de Magiano, Raffaele e Violetta.

– Deixe os outros – diz Magiano calmamente para mim quando nos preparamos para deixar os píeres. Ele sutilmente gesticula para onde nossos Inquisidores e soldados tamouranos esperam. – Vamos continuar daqui para encontrar a rainha Maeve.

Ele tem razão, é claro – ter uma patrulha de soldados atrás de nós chama muita atenção, mesmo em uma movimentada cidade portuária. Eu concordo com a cabeça.

– Vamos sozinhos – respondo.

Mas, à medida que avançamos com os Punhais, eu me vejo temendo o ar aberto às minhas costas. Os sussurros só alimentam minha paranoia, fazendo silhuetas negras aparecerem e sumirem na multidão. *Você é caçada aqui, lobinha. Como se sente sendo a presa?* Apenas saber que Teren anda ao meu lado me lembra de que ele está, pelo menos, pronto para me defender. Magiano também está por perto.

Trinco os dentes e sigo Raffaele. Deixe-os vir. Já cortei gargantas antes, e posso fazer isso de novo.

Violetta está fraca demais para andar por muito tempo, então a primeira parada que fazemos é para comprar um cavalo para ela. Ela descansa suas costas de olhos fechados. Clareio o cabelo dela até que a ilusão dele pareça vermelha. Ela está tão doente agora que sua pele é quase tão pálida quanto a de um nativo das Terras do Céu. Ela não se mexe enquanto nós caminhamos para dentro da cidade.

Magiano cheira o ar enquanto passamos por altos prédios de pedra de cal, com janelas minúsculas cobertas de cortinas.

– Você está sentindo esse cheiro? – pergunta.

Estou. Cheira a ovos cozidos, bem como algo picante e azedo, como uma planta triturada que uma vez comi nos portos de Dalia, em Kenettra. Meu estômago ronca. De repente estou cansada das semanas de carne seca e pão velho a bordo do navio.

– Cheira a café da manhã – respondo, virando na direção dos aromas. – O que cairia bem.

Magiano sorri para mim. Ao fazer isso, seu rosto de repente se transforma em um diferente – o de meu pai, escuro e sorrindo, as linhas duras de suas rugas profundas e proeminentes. Eu suspiro, depois me viro e fecho o olho. *Agora não*, repreendo-me enquanto minha energia incendeia-se com o medo. Não posso perder o controle de minhas ilusões no meio desta rua lotada.

– Você está bem? – murmura Magiano. Quando reúno coragem para me virar para ele outra vez, voltou a ser ele mesmo.

Meu coração bate fraco em meu peito. Endireito meus ombros e tento esquecer as imagens.

– Não se preocupe – digo. – Estou impaciente para encontrar os beldaínos.

Ali perto, Violetta franze o cenho, preocupada, mas não diz nada. Raffaele diminui o ritmo para caminhar ao meu lado. Ele balança a cabeça na direção em que a cidade enfim termina.

– Suas ilusões – diz ele. – Para nos disfarçar. Estão esgotando você, não é?

A energia em meu peito tensiona enquanto continuamos seguindo pela cidade. Gostaria que não houvesse tantas pessoas aqui. As constantes mudanças de seu movimento, cores e formas tornam difícil manter a ilusão sobre mim e os outros.

– Eu vou ficar bem – murmuro para Raffaele.

– Estamos perto da origem, chego a sentir sua ligeira atração. Lembre-se, tudo está interligado. – Ele balança a cabeça e franze o cenho. – Essa energia perturbará todas as nossas. Seja cuidadosa.

Só agora vejo que há certa tensão no rosto de Raffaele também, como se a fonte de sua exaustão não fosse apenas a nossa viagem. Olho em volta, me perguntando quem mais está sentindo os efeitos. Magiano parece estar bem, além de seu humor azedo, mas o rosto de Violetta parece esgotado, e Lucent está estranhamente silenciosa.

Enquanto seguimos, continuo a afastar pedaços de ilusões. O céu parece escurecer, e um peso paira sobre a cidade. Rostos mascarados aparecem e desaparecem de becos estreitos por que passamos, o brilho de prata me lembrando de como eram os Punhais antigamente. Os sussurros se agitam, surgindo nos cantos das ruas e nas sombras das varandas.

*Por que não abandona essa jornada, Adelina?*, dizem eles. *Volte para Kenettra. Volte e governe seu império.* Desvio meu olhar e tento manter a concentração à minha frente. *É uma boa ideia*. Afasto o pensamento da mente. Estamos todos cansados, e quanto mais cedo pudermos ter uma boa noite de descanso, mais forte nos sentiremos pela manhã. Talvez Maeve nos encontre até lá.

Mas e se ela não nos encontrar? E se ela enviar tropas para nos atacarem? E se ela não tiver interesse em se unir a nós nesta jornada? Raffaele deve acreditar nela de boa-fé, que ela virá porque ama Lucent, mas isso é tudo. Olho para o meu lado onde Lucent anda em silêncio. E se essa é a forma de Maeve buscar vingança pelo que fiz à sua marinha, retirando-se e tornando nossa jornada inútil?

*Isso é o que eu faria, se fosse ela. Então por que ela não escolheria isso também?*

Saímos da estrada principal e descemos por um caminho estreito com degraus, seguindo ao redor de uma colina em direção à taverna. À medida que passamos por um pequeno beco transversal, os rostos mascarados aparecem e desaparecem. Ao meu lado, Magiano franze o cenho, enrijece e estica o pescoço para o beco para dar mais uma olhada.

– Você viu alguma coisa? – pergunto.

Magiano assente, seu olhar ainda no beco pelo qual passamos.

– Um brilho prateado – diz depois de um momento. – Como uma máscara. – Ele encontra meu olhar. Meu estômago revira.

Não era apenas uma ilusão criada por mim.

De repente, Raffaele para. À nossa frente há várias pessoas de pé, bloqueando o caminho. Mesmo que minhas ilusões permaneçam no lugar, parecem reconhecer que não somos locais. O líder deles sai da multidão. Este homem não parece ser das Terras do Céu – sua pele é marrom-clara, e seus olhos são profundos e escuros. Ele ergue uma faca em uma das mãos.

– Então – diz. – Uma trupe estrangeira que atravessa nosso território.

Os sussurros aumentam em minha cabeça.

– Não queremos problemas, senhor – consigo dizer, mantendo o queixo erguido e a voz calma, trabalhando para manter estáveis as ilusões que teci sobre nosso rosto.

O homem acena com a cabeça para mim.

– De onde você é?

*Mate-o. Faz tanto tempo. Vai ser tão fácil.* As vozes são persuasivas. Eu poderia envolvê-lo em agonia agora, fazê-lo acreditar que estou arrancando seu coração do peito. Mas não posso me dar ao luxo de fazer isso aqui, não sem saber se há mais deles além desta rua estreita, e não com Violetta tão doente.

Magiano me salva de responder, mostrando ao homem um sorriso cheio de dentes brancos.

– De um lugar muito mais amigável do que esta cidade, posso lhe garantir – declara. – Você cumprimenta todos os estrangeiros que passam com facas? Isso deve tomar muito do seu tempo.

O olhar do homem se aprofunda, mesmo quando ele nos olha em dúvida. Raffaele se junta a Magiano.

– Temos uma amiga que está muito doente – diz ele, acenando com a cabeça para Violetta. – Pode nos dizer onde fica a estalagem mais próxima?

O homem permanece em silêncio. Mais de seus homens vieram atrás de nós agora, pessoas que eu tinha tomado como vendedores de peixes e transeuntes, reunidos nos degraus para bloquear o caminho por onde viemos. Há medo no ar,

aguçado e sombrio, gritando para mim – e eu tenho fome de gritar de volta, agarrar os fios ao nosso redor e tecer. A ilusão da minha aparência vacila por um instante.

O homem estreita os olhos para mim.

– Eles disseram que você estaria disfarçada, Loba Branca. Sabemos que você é a rainha Adelina de Kenettra.

Pisco em falsa surpresa.

– O quê? – respondo, mantendo minha voz surpresa. – Nós viemos de Dumor para…

O homem me interrompe com uma risada.

– Dumor – responde. – Você quer dizer de um de seus estados fantoches.

Magiano desembainha duas de suas armas. Suas pupilas se estreitaram em fendas e seu corpo está tenso. Perto de Raffaele, Teren está de pé com a espada meio esticada, pronto para atacar. Pela primeira vez, estou grata por tê-lo conosco.

*Não faz sentido arrastar isso por mais tempo. Basta.*

– Deixe-nos passar – digo, avançando. Minha raiva está começando a crescer e essa energia se torna minha defesa. – E vamos poupar a vida de seus homens.

O grupo se agita. O líder saca uma segunda faca do cinto. Sob sua fachada de coragem, posso sentir as marés de terror. Ele está com medo de morrer hoje.

– Pelas Terras do Mar – sussurra. – Pelas Terras do Sol.

Então ele dá um aceno de cabeça, e seus homens avançam sobre nós de ambos os lados.

Magiano se move tão rápido que mal o vejo pular para a luta. Suas adagas brilham, prateadas, na luz. Diante de nós, Teren se joga sobre dois dos primeiros homens com um grunhido furioso, desencadeando sua raiva reprimida sobre eles. Ele os corta facilmente.

– Ande! – Raffaele dispara, nos apressando. Nós avançamos enquanto Teren abre uma brecha. Mas a rua estreita continua se enchendo de mais pessoas, forçando-nos a parar outra vez. Quantos deles há aqui? Eles devem estar esperando nossa chegada há meses. O cavalo de Violetta pula no meio do caos,

solta um guincho e a derruba de suas costas. Lucent a pega – por pouco – com uma cortina de vento. Violetta cai nos degraus e, instintivamente, eu a empurro para trás de mim e a protejo contra a parede. Ela está acordada agora, seu corpo tremendo como uma folha.

Um dos homens se agarra a ela, mas Lucent ataca com a espada, cortando-o no estômago. Diante de nós, Teren abre o caminho, ignorando o crescente número de pessoas chegando. Lâminas o atingem, cortando sua carne, mas ele parece não notar os ferimentos, seu corpo pouco a pouco, com esforço, tenta curar cada golpe. Agora fica evidente que ele se cura bem mais devagar do que me lembro. Atrás de nós, Magiano salta contra a parede do prédio e se retorce no ar, cortando um homem na garganta e outro no peito. O cheiro de sangue e medo enche os meus sentidos, e sinto as vozes se alimentando na escuridão, cada vez mais altas, fortalecendo-me mesmo enquanto me afastam do que posso controlar. Cambaleio para a frente, tentando evitar a onda de ilusões que ameaçam me dominar. Os sorrisos de nossos atacantes se tornam esqueléticos, suas formas monstruosas. Suas mãos estendem-se como garras, como se fossem árvores mortas em uma floresta, e de repente estou lutando contra seu controle, tentando respirar. *Continue andando. Isso não é real.* Digo a mim mesma repetidamente. Teren nos faz avançar em meio à luta e, atrás de nós, Magiano os mantém afastados. Tento me concentrar neles. Temos de encontrar uma forma de sair desta rua.

Então, à nossa frente, Raffaele tropeça. Ele faz uma careta de dor, então cai de joelhos.

Lucent corre para seu lado. Enquanto observo, ela agarra seu braço e tenta ajudá-lo a ficar de pé – mas ele se encolhe, aperta a cabeça e tropeça novamente. Fica de joelhos, agachado de dor, seus cabelos caindo sobre seus ombros como um lençol preto.

Seu medo é um cobertor sobre ele, e minha energia se move em sua direção. Olho ao nosso redor. Há muito caos aqui para eu fazer todos nós desaparecermos atrás de uma cortina de invisibilidade, e eu quero poupar meu poder – mas já posso ver dois dos atacantes olhando para Raffaele, enfraquecido. Se eu não escondê-lo agora, ele não vai sobreviver a esta luta.

Concentro minha energia em Raffaele. Então teço a invisibilidade sobre ele, que desaparece. Eu me apresso para ele e Lucent enquanto lâminas brilham ao nosso redor. Quando os alcanço, passo um dos braços de Raffaele pelo meu

ombro e o ajudo a se levantar. Magiano olha em nossa direção de onde está bloqueando um atacante.

Alguns passos à frente, Teren de repente recua quando um grupo ataca de uma vez. Um deles consegue passar por Teren. Nós estamos invisíveis agora, mas mesmo que o atacante não possa nos ver, agita sua lâmina em um arco em nossa direção. Tudo o que consigo é ter um vislumbre de sua máscara prateada.

Uma flecha canta através do ar, vinda dos telhados. Atinge nosso atacante diretamente na garganta. Ele congela no meio do movimento, atordoado, e então deixa cair sua arma e estende a mão em vão, para apertar o próprio pescoço. Enquanto olho, ele cai para trás nos degraus.

Mais flechas cortam o ar, vindas dos telhados. Cada uma delas encontra seu alvo. Perscruto os telhados até ver um borrão de armadura passando. Atrás de nós, Magiano solta um grito animado – num piscar de olhos, ele saltou para uma das placas penduradas na frente de uma porta e se balançou para a frente, lançando um punhal nos atacantes.

Quando olho para cima e vejo outra figura dançando pelos telhados, finalmente vislumbro uma jovem alta com tranças no alto da cabeça, os fios meio negros e meio louros, agachada com um cotovelo apoiado no joelho. Ela tem um arco esticado para trás e apontou na direção de um de nossos atacantes. Dispara a flecha.

A rainha beldaína finalmente chegou.

Mais e mais soldados aparecem nos telhados. Os Saccoristas, agora reconhecendo a bandeira de seus homens, começam a se separar na confusão. Vários dos guardas de Maeve aparecem no fim da rua. A visão deles parece ser a última gota para os Saccoristas. Alguém grita uma ordem para recuar, e os atacantes remanescentes se dispersam, deixando cair suas armas e correndo. Teren continua a lutar, mas a batalha já terminou. Os atacantes somem tão rapidamente quanto apareceram, até que tudo o que resta na rua são os caídos.

Tiro a ilusão de todos nós. Perco as forças e de repente Raffaele parece esmagadoramente pesado. Magiano corre para o nosso lado e toma o corpo de Raffaele em seus braços. Minha atenção se volta para Violetta. Ela ainda está agachada contra a parede onde a deixei, enrolada em uma bola apertada e parecendo estar se concentrando em ficar consciente. Ando até lá e estendo a mão

para ela.

Violetta vira o rosto para mim. Um pouco do medo persistente e da distância em seus olhos que definiram nossas últimas semanas juntas desapareceu, substituídos por um vislumbre familiar. É uma luz da qual me lembro da época em que ela costumava caminhar ao meu lado através de Merroutas, quando éramos a única companhia que precisávamos no mundo.

Os sussurros ainda assombram o ar ao meu redor, mas me recuso a ouvi-los, deixando-os de lado. Violetta pega minha mão e eu a ajudo a levantar. Ela se inclina contra mim, mal conseguindo ficar de pé.

– Teren – digo, quando ele se aproxima de nós. Há cortes em sua túnica e manchas de sangue em sua armadura, mas, fora isso, ele parece ileso. Ele lança um olhar frio para Violetta, então a ergue sem esforço em suas costas, sem dizer uma palavra.

– Temos um acampamento – grita Maeve para nós dos telhados. Um pó preto pesado delineia seus olhos, e uma faixa de pintura de guerra dourada cobre suas faces. – Vocês todos parecem que precisam de um descanso.

Vejo Maeve procurando por mim de onde está, e, quando nossos olhos se encontram, nos encaramos por um longo momento. Eu enrijeço – há um ar de incerteza pairando em torno dela em minha presença. Penso na última vez em que olhamos uma para a outra, quando ela me observou invocar o poder de Enzo para destruir uma quantidade devastadora de sua frota. Mesmo agora, posso imaginar as chamas rugindo ao nosso redor.

Ela se endireita e balança a cabeça na direção da cidade.

– Meus homens nos levarão até lá. – Então ela desaparece sobre a borda do telhado.

A tragédia segue aqueles que não podem aceitar seu verdadeiro destino.

- Crime e Castigo na Amadera Reunificada, *de Fiennes de Marta*

# Adelina Amouteru

A rainha Maeve está mais magra do que me lembro, e seu rosto endureceu nos meses desde nosso último encontro. A Jovem de Elite que se alinha com a morte. Com meu ar cansado, as bochechas fundas e o olhar duro, imagino que ela pensa o mesmo quando olha para mim. Ela e seu batalhão percorreram as montanhas de Karra, a extensão tortuosa de vulcões mortos há muito tempo que separa Beldain de Amadera, e montaram um acampamento de tendas de pele de ovelha aqui nos arredores de Laida, onde a humanidade termina e começa um horizonte completamente cercado por montanhas cobertas de gelo. As tochas iluminam os trechos de neve entre as barracas do acampamento. O ar tornou-se frio e cruel, perpassando pelo meu material de equitação. Quando a noite pinta a paisagem desoladora de azul e púrpura, a rainha beldaína atravessa as poças de lama no caminho de sua barraca até a nossa, ladeada por seus soldados.

Eu me pergunto pelo que ela passou desde que nos enfrentamos no mar, e qual seria o estado de sua marinha. Uma parte de mim calcula se vale a pena invadir Beldain no futuro ou não. Sem dúvida, ela quer fazer o mesmo com Kenettra – mas nós duas mordemos nossa língua agora enquanto ela se aproxima. Ela faz um gesto de saudação para mim.

– Partimos ao amanhecer – diz ela para mim. – Se sua irmã não acordar, carregue-a.

Eu retribuo sua saudação, mesmo que meus sussurros sibilem. Este é o mais próximo que chegaremos da civilidade.

– Estaremos prontos.

Maeve passa por mim sem responder. Eu me viro e a vejo desaparecer dentro de nossa barraca. *Mostre-lhe o que você pode fazer, e então ela vai respeitá-la.* A rainha de Beldain e eu podemos ser aliadas forçadas por agora, mas haverá um tempo depois disto quando todos voltaremos para nosso lado, voltaremos a ser inimigos.

Atrás de seus soldados caminha Magiano. Quando ele me vê, tira seu manto e o joga em torno de meus ombros. Eu relaxo quando isso bloqueia a força do

vento. O calor de Magiano impregnado no manto contra o meu corpo é relaxante.

– Não consegui convencê-lo a entrar na tenda – diz ele, gesticulando por cima do ombro enquanto cristais de gelo caem de suas tranças. A alguma distância das tendas, onde a terra se desfaz na escuridão das montanhas, posso ver uma figura loura solitária ajoelhada ao vento, a cabeça abaixada em oração. Teren.

Ponho a mão no braço de Magiano.

– Deixe-o ficar – respondo. – Ele vai falar com os deuses até se sentir reconfortado. – Mas meu olhar permanece em Teren por mais um momento. Será que ele, assim como Raffaele, sente agora o puxão da origem dos Jovens de Elite chamando de algum lugar no fundo das montanhas? Posso sentir uma pulsação no fundo da minha mente agora, um nó de poder e energia em algum lugar além do que posso ver.

Magiano suspira, exasperado.

– Eu disse aos homens de Maeve para ficarem de olho nele – diz. – Não chegamos até aqui para perdê-lo para um congelamento. – Então se vira e anda ao meu lado enquanto voltamos para nossa barraca.

Está quente lá dentro. Lucent se senta a um canto, fazendo uma careta enquanto envolve seu braço em um pano quente. Feriu o pulso outra vez durante a batalha, mas, quando me pega olhando, ela rapidamente desvia o olhar. Ali perto, Raffaele levanta-se de sua cadeira e inclina a cabeça na direção de Maeve. A rainha fica perto da entrada da tenda, seu corpo se virou inconscientemente na direção de Lucent, seus olhos na cama de Violetta.

Até mesmo à luz da lanterna, Violetta ainda parece mortalmente pálida. Suas pálpebras vibram de vez em quando, como se estivesse perdida em um pesadelo, e um brilho de suor cobre sua testa. Suas ondas escuras de cabelo se espalharam pela capa dobrada sob sua cabeça.

– Há neve vindo do norte – alerta Maeve, quebrando o silêncio. – Quanto mais tempo ficarmos aqui, mais arriscaremos ficar sem nossas rotas. Os corta-neve já estão indo para as montanhas.

– Corta-neve? – pergunta Magiano.

– Homens enviados para a neve. Eles quebram a neve em pequenas avalanches controladas, a fim de evitar avalanches maiores. Você provavelmente os viu na

cidade, com suas picaretas de gelo. – Maeve acena para Raffaele. – Mensageiro. – Ao mencionar o nome dele, seu rosto duro suaviza um pouco. Estou surpresa com a pontada de inveja que sinto, por Raffaele poder atrair tão facilmente os outros para si. – Você está bem agora?

– Melhor – responde Raffaele.

– O que aconteceu? – pergunto. – Nós vimos você congelar… cair de joelhos.

Os olhos em tons de pedras preciosas de Raffaele captam a luz, brilhando uma dúzia de tons diferentes de verde e dourado.

– A energia ao meu redor foi esmagadora – explica. – O mundo se tornou um borrão. Eu não conseguia pensar, nem respirar.

*A sensação o sobrecarregou*. O poder de Raffaele é sentir todo e qualquer fio de energia do mundo, tudo que se conecta com tudo o mais. Deve ser assim que os poderes de Raffaele estão se deteriorando, o equivalente às minhas ilusões espontâneas, fora de controle, às marcas horríveis de Violetta e aos frágeis ossos de Lucent. A menos que possamos ter sucesso em nossa missão, seu poder será sua ruína, como o restante de nós.

Eu sei pelo olhar no rosto de Raffaele que ele está pensando no mesmo que eu, mas ele só dá a Maeve um sorriso cansado.

– Não se preocupe. Estou bem.

– Parece que você encontrou nosso grupo em viagem exatamente no momento certo – diz Magiano para Maeve.

No silêncio que se segue, Lucent se levanta, estremecendo, e se dirige à abertura da barraca.

– Devemos todos descansar um pouco, então – murmura. Ela hesita um instante quando passa por Maeve. Um vislumbre de uma expressão um tanto solitária, saudosa, atravessa seu rosto, mas nada além disso, e, antes que Maeve possa reagir, Lucent sai da tenda e desaparece.

Maeve a observa ir, depois a segue. Seus soldados saem em seu rastro.

Raffaele encontra meu olhar e senta-se de volta em sua cadeira.

– Sua irmã está ficando mais fraca – diz ele. – Nossa proximidade com a origem da queda de Laetes intensificou nossas conexões com os deuses, e está

devastando nosso corpo. Ela não vai aguentar muito mais tempo.

Olho para o rosto de Violetta. Ela franze as sobrancelhas, como se estivesse ciente da minha presença perto dela, e eu me pego pensando em quando, uma vez, ficamos lado a lado em camas idênticas, atingidas pela febre do sangue. De alguma forma, a doença nunca nos deixou.

Olho para Magiano, depois para Raffaele.

– Deixe-me a sós com ela um momento – digo.

Agradeço a Magiano por seu silêncio. Ele aperta minha mão uma vez, depois se vira e sai da tenda.

Raffaele me encara, a dúvida estampada no rosto. *Ele não confia em você sozinha com ela. É isso que você inspira, lobinha, uma nuvem de suspeita.* Talvez seja isso que sua expressão significa – ou talvez seja culpa, algum indício persistente de pesar por tudo o que aconteceu entre nós, tudo o que poderia ter sido evitado. Independentemente do que signifique, desaparece na próxima respiração. Ele aperta o fecho de seu manto, cruza as mãos dentro das mangas e se move em direção à abertura da barraca. Antes de sair, ele se vira para mim.

– Permita-se descansar – diz. – Você vai precisar, mi Adelinetta.

*Mi Adelinetta.*

Minha respiração fica presa; os sussurros silenciam. A lembrança volta, clara como água, de uma tarde há muito tempo, quando me sentei com ele perto de um canal estenziano e o ouvi cantar. Com a lembrança vem uma onda de alegria melancólica, seguida de uma tristeza insuportável. Eu não tinha percebido quanto senti falta desse dia. Quero pedir-lhe para esperar, mas ele já saiu. Sua voz parece permanecer no ar, porém, palavras que eu não ouvia dele havia anos… E em algum lugar, no fundo do meu peito, se agita a presença de uma garota enterrada há muito tempo.

Na cama, Violetta solta um suave gemido e se remexe, rompendo o tumulto de meus pensamentos. Eu me inclino para mais perto dela. Ela respira profundamente, ríspida, e então seus olhos se abrem.

Seguro a mão dela, entrelaçando meus dedos aos dela. Sua pele é escaldante ao toque, escurecida por marcas sobrepostas e, através dela, posso sentir o vínculo de sangue entre nós, fortalecido por nossos poderes de Elite. Seus olhos

vasculham o quarto, confusos, e então vagam até meu rosto.

– Adelina – sussurra ela.

– Estou aqui… – começo a responder, mas ela me interrompe e fecha os olhos.

– Você está cometendo um erro, Adelina – diz ela, sua cabeça agora virada para o lado.

Eu pisco, tentando entender o que ela quer dizer – até que percebo que está falando em um estado febril, e talvez nem tenha consciência de onde está.

– Eu quero voltar – sussurra ela. – Mas seus Inquisidores estão procurando por mim em todos os lugares. Eles desembainharam as espadas. Acho que você deve ter ordenado que me matem quando me encontrarem. – Sua voz estala de secura, rouca e fraca. – Eu quero ajudar você. Você está cometendo um erro, Adelina. – Ela suspira. – Eu também cometi um erro.

Agora eu entendo. Ela está me contando o que aconteceu depois que fugiu do palácio, depois que minhas ilusões me dominaram e ela se virou contra mim – depois que *eu* me virei contra *ela*. Um nó se forma na minha garganta. Sento-me na cadeira de Raffaele, e então me inclino para ela outra vez.

– Eu ordenei a meus soldados que a trouxessem de volta – murmuro. – Ilesa. Procurei você por semanas, mas você já tinha me deixado para trás.

A respiração de Violetta soa superficial e instável.

– Peguei um navio para Tamoura, à primeira luz – sussurra. Sua mão aperta a minha.

– Por que você se juntou aos Punhais? – Eu soo amarga agora, e minhas ilusões cintilam, pintando ao meu redor uma cena dos dias após Violetta ter saído de meu lado pela primeira vez. Como me sentei no trono, segurando a cabeça, recusando bandejas de ceia dos criados. Como evoquei a escuridão sobre os céus de Kenettra, bloqueando o sol por dias. Como eu queimei pergaminhos no fogo depois que minhas patrulhas da Inquisição me escreveram, uma após outra, dizendo que não conseguiram encontrá-la. – Como você pôde?

– Eu segui a energia de outros Jovens de Elite pelo mar – murmura Violetta em transe. O suor goteja pelo lado de seu rosto enquanto ela se move inquieta novamente. – Eu segui Raffaele, e o encontrei. Ele me encontrou. Ah, Adelina… – Ela silencia por um momento. – Eu achei que ele poderia ajudá-la. Implorei a ele

de joelhos, com o rosto colado ao chão. – Seus cílios estão molhados agora, mal contendo as lágrimas. Debaixo das pálpebras, seus olhos movem-se inquietos. – Eu implorei a ele todos os dias, mesmo quando ouvimos que você enviou sua nova marinha para invadir Merroutas.

Minha mão aperta mais forte a de Violetta. *Merroutas*, eu pedira aos meus homens. *Domacca. Tamoura. Dumor. Atravessem os mares, arrastem os não marcados de suas camas, tragam-nos para as ruas diante de mim.* Minha fúria ardia, dia após dia.

– Eu não conseguia encontrar você – disparo, irritada com as lágrimas que brotam em meus olhos. – Por que não me mandou uma pomba? Por que não me avisou?

Violetta está em silêncio por um longo momento, perdida em seu mundo de febre. Seus olhos se abrem de novo, vazios e cinzentos, perdendo a cor, e me encontram.

– Raffaele diz que você está perdida para sempre. Que você não pode ser ajudada. Acho que ele está errado, mas ele derrama lágrimas por você e balança a cabeça. Estou tentando convencê-lo. – Seus sussurros se tornam urgentes. – Acho que vou tentar amanhã outra vez.

Estico a mão e furiosamente seco minhas lágrimas.

– Eu não entendo você – sussurro de volta. – Por que tem que continuar tentando?

Os lábios de Violetta tremem de esforço.

– Você não pode endurecer seu coração para o futuro apenas por causa de seu passado. Você não pode usar a crueldade contra si mesma para justificar a crueldade com os outros. – Seu olhar cinzento desliza para baixo, se afastando de meu rosto e repousando sobre a lanterna que queima perto da abertura da barraca. – É difícil. Eu sei que você está tentando.

*Toda a minha vida, eu tentei proteger você.*

O quarto fica borrado atrás da minha cortina de lágrimas.

– Me desculpe – sussurro.

Minhas palavras flutuam no ar, tranquilas e persistentes. Diante de mim, Violetta suspira e suas pálpebras se fecham outra vez. Ela murmura mais alguma

coisa, mas é baixo demais para que eu possa ouvir. Aperto sua mão, sem saber o que estou segurando, esperando que ela vá acordar e me reconhecer não em um delírio febril, não em um pesadelo, mas aqui ao seu lado. Fico muito tempo depois de sua respiração se normalizar. Finalmente, quando a lanterna se consumiu tanto que a tenda está quase coberta de escuridão, ponho minha cabeça na cama dela e escuto o vento uivar até que o sono enfim, misericordiosamente, me reivindica.

# Maeve Jacqueline Kelly Corrigan

Maeve ouve Lucent chamando por ela, mas só quando chega à entrada de sua tenda Lucent finalmente a alcança. Maeve se vira para encarar sua antiga companheira. Na frente de sua tenda, os guardas pessoais da rainha põem as mãos no cabo de suas espadas, os olhos seguindo os movimentos de Lucent.

Maeve hesita ao ver os graves olhos de Lucent. Elas tinham rompido seu relacionamento havia um ano, nas falésias brancas de Kenettra. Deveria ter deixado para lá; afinal, Lucent lhe dissera então que não concordaria com os desejos de Maeve. *Não posso ser sua amante*, tinha dito. Então por que Lucent parece tão desesperada para falar com ela agora?

– Pois não? – diz Maeve friamente. A garota parece doente, e a visão de sua pele macilenta e membros doloridos torce o coração de Maeve.

Lucent hesita, de repente insegura sobre o que dizer. Ela passa uma das mãos pelos seus cachos louro-avermelhados, então se apressa em fazer uma reverência para Maeve.

– Você está bem? – pergunta finalmente, a voz vacilando.

– *Você* está? – Maeve devolve. – Você está horrível, Lucent. Raffaele mencionou em sua última carta que você estava… sofrendo.

Lucent balança a cabeça, como se sua saúde não fosse importante.

– Ouvi falar do que aconteceu – responde. – Tristan. Seu irmão. – Ela inclina a cabeça novamente, e o silêncio se arrasta.

Tristan. É por isso que ela está aqui. A fraqueza de sua voz quebra a determinação de Maeve, e ela se pega menos defendida, mesmo contra sua vontade. Como sentiu falta da presença de Lucent, quão rapidamente tinham se separado novamente depois da última batalha contra Adelina. Ela vira a cabeça e acena uma vez para seus guardas. Com um barulho de armadura, eles se afastam e deixam as duas sozinhas.

– Ele nunca devia ter ficado tanto tempo – responde Maeve depois de um

instante. Ela afasta a imagem dos olhos mortos de seu irmão, a natureza estúpida de seu ataque. Não era ele, é claro. – Ele já estava no Submundo.

Lucent estremece e olha para longe.

– Você ainda se culpa – continua Maeve, mais gentil agora. – Mesmo depois de todo esse tempo.

Lucent não diz nada, mas Maeve sabe o que deve estar passando por sua cabeça. É a memória do dia em que Tristan morreu, quando os três decidiram ir caçar juntos nos bosques de inverno.

*Tristan se afastara do lago. Ele sempre tivera medo da água.*

Maeve fecha os olhos e, por um instante, volta a reviver o momento – Lucent, desajeitada e rindo, arrastando Tristan para a frente pelo mato para ver o cervo que ela havia rastreado para eles; Tristan, olhando para o cervo que tinha chegado à metade do lago congelado; Maeve, ajoelhando-se silenciosamente, erguendo o arco para mirar. Estavam muito longe da criatura. *Um de nós terá que se aproximar*, sugerira Maeve. E Lucent tinha incitado e encorajado Tristan.

*Você deveria ir.*

Elas brincavam no gelo com frequência, sem qualquer acidente. Assim, finalmente, Tristan pegou seu arco e flecha e rastejou de barriga sobre o lago congelado. Eles brincaram com a morte mil vezes, mas esse dia teria um resultado diferente. Havia uma rachadura em um ponto fatídico. Talvez os cascos dos cervos fossem a causa, pois o peso da criatura tornava o gelo instável, ou talvez o inverno não estivesse frio o bastante para congelar totalmente o lago. Talvez fossem as mil vezes que eles enganaram a morte, todas voltando para eles.

Eles ouviram o gelo quebrar um instante antes de Tristan cair. Deu apenas para ele olhar para as duas antes de afundar na água sob seus pés.

– Foi minha culpa – diz Maeve. Ela estende a mão, prestes a levantar o queixo de Lucent, e então para. Em vez disso, dá a Lucent um sorriso triste. – Eu o trouxe de volta. – Olha para baixo. – Não posso mais alcançar o Submundo. O toque dele vazou para o mundo mortal, sua dura presença como gelo em meu coração. Meu poder vai me matar, se eu decidir usá-lo de novo. Talvez – acrescenta em voz baixa –, parte de tudo isso seja minha punição por desafiar a deusa da Morte.

Lucent a observa por um longo momento. Faz tanto tempo assim desde que

eram jovens? Maeve se pergunta se esta será a última viagem que farão juntas, se todas as previsões de Raffaele se realizarão, se eles entrarão nos caminhos da montanha e nunca mais voltarão.

Por fim, Lucent se inclina.

– Se todos nós devemos ir – diz ela, com os olhos fechados –, então fico honrada em seguir com você, Vossa Majestade.

Então ela se vira para sair.

Maeve estende a mão e pega o braço de Lucent.

– Fique – determina ela.

Lucent congela. Seus olhos se arregalam para a rainha. Maeve pode sentir o calor subir em suas bochechas, mas não desvia o olhar.

– Por favor – acrescenta, mais calma. – Só hoje. Só desta vez.

Por um momento, parece que Lucent vai se afastar. As duas permanecem paradas no lugar, nenhuma delas disposta a se mover primeiro.

Então Lucent dá um passo em direção à rainha.

– Só desta vez – repete.

Toda a minha riqueza, poder, territórios, força militar… Nada disso importa agora. Ela se foi, e com ela eu irei.

*– Última carta do rei Delamore ao seu general*

# Adelina Amouteru

Nuvens cinzentas cobrem o céu na manhã seguinte, avisos claros de neve, estendendo-se até o horizonte. Enquanto Maeve leva dois cavaleiros à frente para verificar o caminho, eu me sento com Magiano, mastigando tiras de carne seca e pão duro. Junto de uma fogueira ali perto, Raffaele senta-se com sua capa apertada em volta do corpo, falando em voz baixa com Lucent. Teren permanece sozinho, ignorando todos nós.

Magiano está de mau humor, sem dúvida por causa do frio e da escuridão. Sem a sua alegria, me pego afastando os sussurros na minha cabeça com mais frequência do que nunca, lutando para me manter sã. *Vocês se perderão na neve e na selva,* dizem eles. *Vocês nunca vão voltar*. Ao meu lado, Violetta permanece inconsciente, tremendo incontrolavelmente, debaixo de uma pilha de peles e cobertores. Por mais difícil que seja vê-la assim, fico feliz que esteja tremendo. Significa que ainda está viva. Estendo a mão e a repouso nas peles.

– Do jeito que vai – murmura Magiano, arrancando-me dos meus pensamentos –, não voltaremos a ver o céu azul até deixarmos este lugar. – Ele vira os olhos para o céu e solta um suspiro alto e triste. – O que eu não daria por um pouco do calor e da alegria de Merroutas.

Maeve e seus cavaleiros regressam quando estamos terminando o nosso desjejum.

– Os caminhos estão cobertos de gelo – diz ela, enquanto carregamos nossos cavalos. Ela cruza olhares com Lucent por um momento, e algo não dito corre entre elas. – Mas fora isso estão limpos. Os corta-neve já passaram.

Percebo que a rainha tocou brevemente a bota de Lucent antes de se dirigir para sua montaria. Há uma nova proximidade entre elas.

Ali perto, Magiano e Raffaele me ajudam a acomodar Violetta em uma maca atrás de dois dos cavalos de Maeve. Ela se remexe, inquieta, enquanto fazemos isso, murmurando algo que não consigo entender. Suas marcas parecem mais escuras agora, quase pretas, como se Moritas estivesse lentamente arrastando seu

corpo para o Submundo. Trinco os dentes ao ver isso.

Magiano me observa enquanto estou ao lado da maca de Violetta.

– Ela vai conseguir – diz ele, colocando a mão em meu braço, mas posso ouvir a dúvida em sua voz.



À medida que nos aproximamos dos caminhos que conduzem às primeiras montanhas, os vales estreitos começam a canalizar o vento, que corta nossa face e atravessa por cada brecha de nossa roupa. Amarro meu capuz apertado sobre minha cabeça e tento puxar meu manto para cobrir a metade inferior do meu rosto. Mesmo assim, minha respiração congela contra o pano, criando uma camada de geada branca. Com o vento, vêm os sussurros, uivando em meus ouvidos a cada rajada. Suas palavras são tão confusas que não consigo entender o que eles estão dizendo, mas fazem meu coração disparar, até que meus ombros se afundam de exaustão. De vez em quando, acho que vejo silhuetas escuras em pé nas fendas das montanhas, nos observando com olhos cegos. Só posso vê-las pelo canto do olho – quando viro a cabeça, elas desaparecem. Magiano continua a franzir o cenho para o céu.

– É impressão minha ou o céu está ficando mais escuro? – Ele acena para as nuvens. – As nuvens não estão ficando mais grossas… parece que o dia está passando mais rápido do que deveria.

Olho para cima também. Ele tem razão. O que devia ser a luz de um sol do meio-dia escondido atrás das nuvens parece já o pôr do sol. As sombras no vale se aprofundam enquanto seguimos, estendendo-se ao nosso redor em formas obscuras, e as cordilheiras que nos rodeiam se tornam mais íngremes. O caminho sob os cascos de nossos cavalos estala por causa do gelo.

Perco a noção de quantas horas viajamos neste estranho crepúsculo. Todos nós ficamos em silêncio. Monto atrás da maca de Violetta para que eu possa vigiá-la. De vez em quando, ela abre os olhos, cinzentos e inquietos, mas nunca parece se concentrar em nada nem em ninguém. É como se ela já tivesse ido para outro lugar.

*Ela ainda está aqui*, digo a mim mesma. Contudo os sussurros em minha mente agora parecem o vento, afogando meus pensamentos, e minha exaustão e preocupação se estabelecem em uma batida frenética em meu coração. Deve ser

assim que a proximidade da origem está me afetando.

Naquela noite, que parece cair prematuramente, nós paramos em uma depressão que nos protege parcialmente dos elementos. O vento está furioso nesta passagem estreita, tornando impossível para nós montar um acampamento adequado. Nossos cavalos também estão apáticos, encolhidos juntos para se aquecer, perto da fogueira que acendemos.

– Vai anoitecer cada vez mais cedo nos próximos dias – diz Raffaele enquanto todos nos reunimos ao seu redor. Ele desenha uma linha curva na terra com uma vareta, e depois mostra vários pontos ao longo dela, incluindo a nossa localização. – Estamos chegando mais perto. – Ele indica um ponto no alto do caminho, aninhado entre duas montanhas. – O Escuro da Noite.

Raffaele fala com calma e graça, como sempre faz, mas sua voz denuncia, involuntariamente, uma corrente de dúvida. Minha mão permanece sobre os cobertores de pele de Violetta, que se agita inquieta em seu sono febril. Estamos indo em direção a um reino conhecido apenas em lendas e contos populares. O que acontecerá quando chegarmos?

– As leis de nosso mundo podem se deformar lá – diz Raffaele após um momento. – As coisas podem não ser como parecem. Precisaremos ter cuidado. – Ao dizer isso, ele olha na minha direção. – Eu sinto a atração deste lugar. Vocês sentem?

Assinto. Ao meu redor, os outros fazem o mesmo. Meu olhar se dirige para onde Teren está sentado, a uma curta distância, com o manto aberto, aparentemente alheio ao frio. Ele está afiando sua espada e suas facas metodicamente. Meus sussurros estão ficando mais fortes, enquanto um ar de escuridão parece pairar em torno de Magiano. Violetta está enfraquecendo, e os sentidos de Raffaele estão sendo dominados por fios de energia de todas as direções. O que Teren deve sentir aqui, tão perto da origem? Será que essa jornada o aproximará ainda mais da loucura?

Antes de nos acomodarmos para descansar à noite, peço a Maeve que ponha sentinelas extras ao redor de Teren. Mesmo assim, ainda me vejo despertando em horários estranhos e olhando na direção dele, sem saber se vou vê-lo me atacar.

No dia seguinte, o amanhecer parece nunca chegar. Em vez disso, o mundo só se ilumina no crepúsculo que tínhamos experimentado no dia anterior, deixando

a paisagem assustadora em sua escuridão. Flocos de neve começaram a cair, polvilhando tudo ao nosso redor com uma camada branca. Magiano dorme apertado contra mim, um braço sobre meus ombros. Meus sussurros estão altos esta manhã, inquietos e rugindo sem parar. Quando olho para trás, não vejo nada além do rastro de nossas pegadas que desembocam nas montanhas solitárias. Vejo o mesmo à frente. Pelo canto do olho, ilusões de silhuetas escuras continuam a pairar, meus próprios fantasmas se recusam a me deixar em paz.

Eu sacudo a neve fresca do meu cabelo, então me levanto com cuidado para não acordar Magiano. Estico meus membros doloridos. Apenas algumas sentinelas postadas junto de Maeve também estão acordadas, paradas a alguma distância, a atenção fixa no terreno sombrio que nos rodeia. Eu olho ao redor, percebendo que, se eu quisesse, poderia eliminar todos eles neste momento de fraqueza.

*Faça isso.*

Os sussurros estão tão fortes esta manhã que quase sigo suas ordens. Franzo a testa, balanço a cabeça e aperto as têmporas com as mãos. Por que de repente estão tão insistentes? Devemos estar muito perto do Escuro da Noite. Tentando ignorá-los, esfrego as mãos e decidido dar uma volta pelo acampamento. Teren não está em sua área de dormir – isso faz o pânico percorrer meu corpo antes de eu notá-lo de pé vários passos atrás das sentinelas, seu rosto inclinado para o céu, em oração. Eu o observo por um curto período, então me dirijo para onde Violetta está dormindo.

Quando chego perto de sua cama, ajoelho ao lado dela. Seu cabelo escuro está congelado em cachos, e sua pele pálida parece quase congelada também. Está muito frio aqui para ela; precisamos encontrar peles extras. Ela pode ficar com as minhas antes que precisemos parar novamente, mas mesmo assim não tenho certeza se isso será suficiente.

– Violetta – cochicho, tocando gentilmente seu ombro.

Ela não se mexe.

Hesito, tiro uma de minhas luvas e toco o seu rosto com as costas da mão. Sua pele está gelada. Nenhuma respiração quente vem dela.

Os sussurros me cercam, mas eu os expulso violentamente. Sem dúvida ela está respirando – isso deve ser uma ilusão. Estou criando um pesadelo para mim

mesma outra vez. Vou acordar várias vezes até Magiano me despertar deste sonho. Eu a sacudo de novo, desta vez com mais força.

– Violetta – digo, mais alto. Minha voz chama a atenção de Raffaele ali perto. Ele se senta e olha na minha direção. Então seus olhos vão para Violetta. A expressão imediata em seu rosto confirma meus piores medos.

Não. É impossível – eu adormeci ontem à noite vendo o subir e descer ritmado de seu peito. Ela estava murmurando algo que eu não conseguia entender. Gotinhas de suor salpicavam sua testa, e sua pele estava quente ao toque. Isso não é real. Eu a sacudo novamente, minhas mãos agarrando seus ombros com força.

– Violetta! – grito.

Desta vez, todos os outros acordam e as sentinelas olham para mim, mas não me importo. Continuo sacudindo Violetta até que sinto as mãos de alguém em mim, forçando-me a parar. É Raffaele. Ele se ajoelha ao meu lado, seus olhos no corpo imóvel de Violetta. A tristeza em seu rosto despedaça meu coração de novo.

– Você pode reanimá-la? – pergunto a ele.

– Vou tentar – murmura Raffaele, mas o modo como fala me diz o que eu desesperadamente não quero ouvir.

*Tudo ficará bem. Vou acordar disso, quantas vezes precisar, até que eu volte à realidade. A ilusão desaparecerá, como sempre acontece, e passarei outra manhã com Violetta.*

Agora Maeve se levanta também, assim como Lucent e Magiano, e se dirigem para mim.

– Majestade – digo a ela. É a primeira vez que me dirijo a ela corretamente. – Você se alinha com Moritas. Pode trazê-la de volta, se necessário.

Eu olho para Raffaele.

– Acorde-a – digo com raiva, minha voz uma ordem agora.

– Adelina – murmura Magiano.

A mão de Raffaele aperta o ombro frio de Violetta. Ele levanta a mão e a põe, em concha, sobre bochecha dela. Gostaria de saber se ele está fazendo sua mágica nela, o puxão suave de sua energia sobre as cordas do coração dela, talvez a agitando com seu toque calmante. Fico agachada enquanto ele está ali, meu olhar

fixo no rosto de Violetta, esperando que seus olhos cinzentos se abram.

– Adelina – Magiano diz outra vez. Sua mão toca a minha, e a aperta com firmeza.

Maeve balança a cabeça.

– Ela se foi – diz calmamente, curvando a cabeça.

– Então, traga-a de volta – disparo. A escuridão em mim sobe das profundezas do meu peito. – Eu vi você fazer isso.

Maeve me encara com olhos frios.

– Eu não posso.

– Mentira – digo estridente. – Nós precisamos dela. Não podemos entrar no Escuro da Noite sem ela. Eu…

Olho para o lado, onde Teren ainda tem o rosto voltado para o céu. Ele é o único de nós que não se reuniu aqui em um círculo. O ruído caótico dos sussurros agora explode em um redemoinho ao meu redor. *Ele*, dizem, suas vozes se fundindo com a minha própria voz. *Teren a matou. Ele é a única explicação – você sabia que ele não era confiável.*

– Você – digo, tremendo com toda a raiva e escuridão em meu coração. Teren abaixa a cabeça e se vira para encontrar meu olhar. – Isto é coisa *sua*.

Neste momento, não vejo meu ex-prisioneiro. Não vejo o homem que me salvou de me afogar no mar agitado. Tudo o que vejo é o Inquisidor-chefe que certa vez riu de mim com seus venenosos olhos brancos, que roubou Violetta de mim e a usou contra mim. Os sussurros repetem as velhas ameaças de Teren, palavras que ele uma vez cuspiu com uma lâmina pressionada em minha garganta. *Você tem três dias.* Sua voz sarcástica ecoa através do tempo. *Se voltar atrás em sua palavra, vou atirar uma flecha no pescoço da sua irmã, e ela vai sair pela parte de trás do seu crânio.*

Ele a matou quando estávamos todos dormindo. Raffaele tinha avisado que poderíamos nos comportar de maneira diferente aqui, que nossos poderes poderiam ser instáveis. Teren sempre quis que Violetta morresse para que ele pudesse me ferir. O mundo inteiro ao meu redor agora se torna escarlate com a minha fúria. *Foi ele.*

Teren olha para mim, inexpressivo.

– Adelina. – A voz de Magiano soa novamente, mas ele parece distante.

A energia escura em mim explode, se libertando.

Lanço uma ilusão de dor em Teren. *Sua pele arrancada, seu coração puxado do peito, seus olhos sangrando nas órbitas. Eu vou destruí-lo.* Os outros parecem desaparecer de minha vista – tudo o que posso ver diante de mim é Teren caindo de joelhos ao meu ataque. Corro para ele. O caminho de montanha onde estamos se torna preto e escarlate; silhuetas demoníacas se elevam da neve, suas presas à mostra. Eu aperto a ilusão em torno de Teren com fúria e puxo uma adaga do meu cinto. Então o ataco.

Teren mostra os dentes – está com a espada nas mãos antes que eu possa piscar. Ele a balança na minha direção em um arco brilhante. Eu giro para um lado e reforço o aperto de minha ilusão nele. Teren solta um grito de dor enquanto minha ilusão o cobre em uma rede. Eu o golpeio com minha adaga, mas sua mão dispara para cima e agarra meu pulso. Sua força, mesmo em agonia, quase quebra meus ossos. Estremeço e me desvencilho de seu aperto – minha adaga cai no chão com um barulho. Mal consigo enxergar direito através das minhas ilusões. Estou cercada por silhuetas e noite, capas brancas e fogo.

Então um garoto de olhos dourados e tranças escuras aparece na minha frente. Entre mim e Teren. Suas pupilas estão estreitadas em fendas pretas, e sua mandíbula, cerrada com determinação. Ele caminha em minha direção sem medo.

– Adelina, pare! – diz.

– *Saia. Do. Meu caminho!*

Eu o chicoteio com minhas ilusões, mas ele estreita os olhos, levanta o braço e as tira do caminho. Elas se dissipam numa nuvem de fumaça à minha volta. Ele continua vindo em minha direção.

– Adelina, *pare*.

*É Magiano. Magiano. Pare.* O nome é uma pequena luz, mas está lá, e eu me agarro a ela na tempestade ao meu redor. Hesito quando ele me alcança e me puxa para um abraço rígido.

– Ele não matou Violetta – Magiano está sussurrando. – Pare. Pare. – Sua mão aninha a parte de trás da minha cabeça.

Minha força me deixa depressa. O mundo à nossa volta se acende, as silhuetas dos demônios desaparecem. Teren se agacha diante de mim sobre um joelho, apoiando-se pesadamente contra a espada, respirando com dificuldade. Seu olhar pálido está fixo no meu. Olho para longe dele e me concentro nos braços de Magiano segurando-me com força. *Teren não matou Violetta*.

*Mas ela se foi. É tarde demais.*

Começo a chorar. Minhas lágrimas congelam em meu rosto. Em minha exaustão, me afasto de Magiano e cambaleio de volta para onde o corpo de Violetta jaz no chão frio. Os outros observam em silêncio quando caio de joelhos. Pego minha irmã em meus braços, afastando seu cabelo duro de seu rosto, repetindo seu nome sem parar até que se torne um eco constante em minha mente. Uma nota de angústia me escapa entre os soluços. Tenho uma visão da noite em que fugi da nossa casa, quando unimos nossa testa. Faço isso agora, descansando minha testa sobre a dela, e a balanço para frente e para trás, implorando-lhe mais uma vez, em vão, para não me deixar.

É o mais sagrado dos lugares, onde as estrelas brilham contra a rocha e o crepúsculo nunca termina. Seja cauteloso, pois os peregrinos podem ser tão atraídos pelo seu poder que podem se perder por completo.

– Caminhos mapeados das Montanhas Karra, *vários autores*

# Adelina Amouteru

Se Violetta tivesse morrido em Kenettra, teríamos enterrado suas cinzas no labirinto de catacumbas embaixo da cidade. Mas aqui, nos caminhos gelados das Montanhas Karra, sem madeira suficiente para criar uma pira funerária e o chão congelado demais para cavar, só podemos cobri-la sob um monte de pedras, viradas na direção de nossa pátria. Antes de fazer isso, cobri seu corpo com seu manto e me curvei para tocar seus cabelos. Quão brilhosos e escuros eram seus cachos, quanto eu os invejava quando éramos crianças – agora parecem desbotados, como se sua luz tivesse partido deste mundo junto com minha irmã.

Devíamos ter andado mais rápido. Eu deveria ter discutido menos com Raffaele quando negociava em Tamoura. *Eu deveria ter sido mais gentil*. Os sussurros me perseguem com estas palavras e, desta vez, não os faço parar.

Os outros estão ao meu lado, as mãos cruzadas dentro das mangas. Até Teren está aqui, com o rosto vazio. Sem dúvida ele não chora por minha irmã, mas, para minha surpresa, não diz isso em voz alta. Ele parece perdido em seu próprio mundo, fazendo orações silenciosas aos deuses. A cabeça de Raffaele está curvada de dor, e seus olhos estão úmidos de lágrimas.

– O que vamos fazer agora, Mensageiro? – murmura Maeve, sua mão descansando no cabo de sua espada. É a pergunta que todos nós temos em mente. – Nós a perdemos. Tudo isso é inútil?

Raffaele não responde imediatamente. Talvez, para variar, ele *não* saiba a resposta. Em vez disso, continua a olhar para o monte de pedras, as mechas de seu cabelo sendo sopradas em seu rosto. A pergunta está entorpecida em minha própria mente. Deixo os sussurros girarem ao meu redor, sua presença muito familiar agora.

*A culpa é sua. É sempre culpa sua*.

– Nós prosseguiremos – responde Raffaele finalmente. E nenhum de nós diz nada diferente. É tarde demais para voltar agora, mesmo que não seja possível entrar no nosso destino, depois de termos chegado tão longe.

Eu deveria ter ouvido Violetta, todos aqueles meses atrás. Quando ela tentou tirar meus poderes, eu deveria ter deixado. Talvez ela ainda estivesse viva, se eu tivesse feito isso. Talvez pudéssemos ter agido mais cedo, de alguma forma. Talvez pudéssemos ter tido mais tempo juntas. A culpa se instala como um peso no meu peito.

Eu deveria ter escutado, contudo isso não importa mais. Nada disso parece importar mais.

À medida que os soldados começam a acumular mais pedras aos seus pés, retiro uma faca enfiada no cinto, estendo a mão e corto uma mecha do cabelo de Violetta. O calor da minha mão derrete o gelo nos fios. Eu a entrelaço com uma mecha de meu próprio cabelo prateado, observando o contraste por um momento, pensando nas tardes preguiçosas quando ela costumava trançar meu cabelo. *Eu amo você, Adelina*, ela costumava dizer. As lágrimas secas em meu rosto racham quando eu me mexo.

Ficamos o máximo que podemos, até que por fim Maeve nos manda seguir. Olho para trás e tento manter a lápide de Violetta à vista, até que ela desaparece em uma curva.

Uma manhã se mistura a outra. O crepúsculo torna-se mais escuro a cada dia, e a neve agora é constante. Ninguém atravessa nosso caminho. É como se estivéssemos viajando à margem do mundo. Nossa viagem decorre em longos silêncios, nos quais nenhum de nós se sente disposto a falar. Até Magiano anda silenciosamente ao meu lado, sua expressão sombria. A energia deste terreno nos puxa para a frente, nos chamando. Vejo ilusões durante a noite e durante os dias de crepúsculo, essas visões espantadas apenas pela luz de nossas fogueiras. Às vezes, o fantasma de Violetta anda ao lado do meu cavalo. Seu cabelo escuro não se move no vento, e suas botas não deixam impressões na neve. Ela nunca olha para mim. Nosso caminho torna-se estreito, se ramificando em uma dúzia de caminhos diferentes a cada poucas horas, cada um conduzindo profundamente para outro conjunto de montanhas. Sem a orientação de Raffaele, não tenho dúvidas de que nos perderíamos aqui no frio.

Então, um dia, paramos na frente da entrada de uma caverna.

É uma entrada sinistra, cheia de pedras irregulares, conduzindo à total e absoluta escuridão. Ainda assim, nunca teríamos encontrado este lugar sem a

força de sua energia. Aqui, posso sentir a presença tangível do poder pulsante que nos chama, a força dele como mil fios que puxam contra todos os músculos do meu corpo.

– Temos que ir sozinhos – diz Maeve enquanto trota ao nosso lado. – Meus homens, eles não podem nos seguir por esse caminho.

Ela acena com a cabeça para nossos cavalos, alguns dos quais têm finas gotas de sangue escorrendo de suas narinas. Seu sofrimento fica pior quanto mais perto chegam da entrada. Meu próprio garanhão se recusa a dar outro passo. Olho para trás, para as tropas de Maeve. Eles também relaxam. Nunca pensei em como uma energia tão poderosa capaz de afetar cada um dos Jovens de Elite pudesse acabar afetando também homens comuns, mas agora posso ver no rosto deles. Alguns têm um brilho de suor frio na pele, enquanto outros parecem pálidos e fracos. Eles chegaram o mais longe que puderam. Se eles entrarem nesta caverna conosco, morrerão.

Maeve desce do seu cavalo e acena para um de seus soldados.

– Leve-os de volta com você – orienta ela.

O soldado hesita. Atrás dele, os outros se remexem também.

– Você será deixada em um deserto congelado, Vossa Majestade – responde ele, olhando para nós. – Você… você é a rainha de Beldain. Como vai voltar?

Maeve encara com um olhar duro.

– Nós vamos encontrar o nosso caminho – diz ela. – Se você se juntar a nós, não vai sobreviver. Isso não é um pedido. É uma ordem.

Mesmo assim, o soldado demora um pouco mais. Eu me pego olhando com desejo e inveja, amargura e tristeza. Será que algum de meus soldados em Kenettra seria tão fiel a mim? Eles me seguiriam por amor, se eu não usasse o medo contra eles?

Finalmente, ele balança a cabeça e a abaixa.

– Sim, Majestade. – Põe a mão sobre o peito, então se ajoelha na neve diante dela. – Vamos esperar por você no final da passagem. Não sairemos até vermos você voltar. Não nos peça para deixá-la por completo, Majestade.

Maeve assente. Sua dura compostura se quebra, o único momento que vi isso

acontecer. De repente ela parece muito jovem.

– Muito bem – responde.

O soldado se levanta e grita uma ordem para as tropas. Eles saúdam sua rainha antes de girar com seus cavalos, voltando pelo caminho que seguimos até ali. Fico em silêncio, observando-os partir. Meus soldados algum dia me saudariam com honra?

Quando o som dos cascos se torna um ruído fraco, Maeve retorna para se juntar a nós na entrada da caverna. Não importa quanto eu me esforce para olhar para ela, não consigo ver nada além de preto – é como se não houvesse nada do outro lado, e nós cairíamos se entrássemos. Raffaele fica na borda e fecha os olhos. Ele respira fundo, depois treme. Ele não precisa falar para eu saber o que vai dizer. Posso sentir a atração. *Todos* nós podemos.

O Escuro da Noite fica no final desta caverna.

Teren tira sua espada e uma faca longa, enquanto Lucent e Magiano fazem o mesmo. Eu fico perto de Magiano quando começamos a entrar. A ausência de Violetta é um vazio ao meu lado. Se ela estivesse aqui, eu lhe diria para se manter perto de mim. Ela me daria um aceno de cabeça. Mas ela não está.

Então eu me viro para enfrentar a escuridão sem ela e entrar. Estou com medo de me perguntar se seremos capazes de sair.

Não consigo ver nada a princípio, e isso me faz hesitar a cada passo. Nossos passos ecoam na escuridão, junto com o som do metal raspando de vez em quando contra a pedra. Os outros devem estar usando suas espadas como guia pela parede da caverna. O ar está amargamente frio aqui e cheira a algo antigo – sal, pedra e vento. Engulo em seco uma e outra vez, tentando me impedir de pensar que as paredes estão caindo sobre nós. Se ao menos eu pudesse enxergar – *se ao menos eu pudesse enxergar.* Meu antigo medo da cegueira agora ganha vida, assumindo uma forma própria nessa escuridão, e acho que posso ver os olhos de monstros aqui, seus olhares fixos em mim.

*Você nunca vai sair daqui,* os sussurros cantam, satisfeitos com o meu terror crescente. *Você vai viver na escuridão para sempre, exatamente como merece.*

Dou um salto quando a mão de alguém, quente e calejada, toca a minha.

– Você está bem.

A voz de Magiano brilha na escuridão como um farol, e eu me viro para ele. *Você está bem. Você está bem.* Obrigo os sussurros na minha cabeça a repetirem isso e, aos poucos, o mantra me dá a força para dar um passo após outro.

Depois do que parece ser uma eternidade, minha visão enfim começa a se ajustar. Posso ver os sulcos sutis da pedra no teto da caverna, vários metros acima, e de dentro dos sulcos surge um fraco brilho azul-gelo. Lentamente, conforme a caverna entra mais em foco, posso ver o brilho emanando de quase cada fenda no teto. Meus passos ficam mais lentos enquanto tento obter uma visão melhor daquilo.

A luz vem de milhões de pequenos grânulos de gelo pendentes. Eles brilham e cintilam, pulsando em um padrão, e parecem aumentar a intensidade quando passamos. Por um momento, esqueço o medo e fico parada ali, incapaz de desviar o olhar da sua beleza.

– Fadas do gelo – diz Raffaele, sua voz ecoando para nós de algum lugar à frente. – Pequenas criaturas do norte. Elas devem ter acordado com a ondulação do nosso movimento no ar. Eu vi descrições sobre elas nos relatos dos sacerdotes em suas peregrinações aqui. Este é o lugar que os viajantes adoram como o Escuro da Noite, mas não vão além.

O brilho ilumina o nosso caminho, levando-nos ao longo de uma trilha pintada por poeira de estrelas.

Minutos passam. Horas. Em algum momento, sinto a leve ardência de uma brisa fria contra meu rosto. Devemos estar perto da saída da caverna. Eu fico tensa, me perguntando o que há do outro lado. O fantasma de Violetta me acompanha, entrando e saindo das sombras, desbotado e cinzento. O vento fica firme, até que fazemos uma curva na caverna e nos pegamos olhando para uma saída.

Prendo a respiração diante do mundo cintilante de neve além dela.

Eu ouvi os mitos sobre este lugar, o Escuro da Noite. Mas estou de pé diante dele agora, olhando para um mundo intocado, mágico. Esta é a entrada que liga o nosso mundo ao dos deuses. E não podemos entrar sem o alinhamento de Violetta, seu vínculo com a empatia.

Raffaele para na entrada e estende a mão, hesitante. Ele estremece, e eu também – a energia além desta entrada é esmagadora, um milhão de fios para

cada um no mundo mortal, algo tão intenso que temo que possa me esmagar se eu me atrever a entrar. Quando os sacerdotes procuram este lugar, é aqui que eles param? Sentam-se sob a luz das fadas do gelo e admiram os grânulos congelados que pendem na caverna? Talvez os meros mortais nem sequer saibam que esta entrada existe. Talvez a energia aqui seja tão forte que se perde neles.

Raffaele permanece ali por um longo momento, pairando entre um espaço e outro. Então olha para nós. *Ele vai atravessar.*

– Nós já somos fantasmas – sussurra.

Abro a boca, querendo detê-lo, mas depois a fecho. Ele está certo, como sempre. Se é assim que devemos terminar, então que seja. Raffaele respira profundamente, e eu estudo sua silhueta nesta luz azul, este reino mágico, delineado em um halo como se fosse a última vez. Magiano balança a cabeça e pega minha mão. Maeve e Lucent estão juntas. Teren olha para a frente sem medo.

Há um espaço ao meu lado onde Violetta teria ficado. Sem ela, tenho menos medo de morrer. Sem ela, o mundo é muito mais escuro.

Raffaele atravessa. E nós o seguimos.

Diz-se que o Escuro da Noite só pode ser acessado por aqueles que conhecem e sofreram a verdadeira perda - que só através da sobrevivência da tal agonia um mortal pode entender o que é pôr os pés em um reino dos deuses.

- Contos de viajantes ao Escuro da Noite, *compilado por Ye Tsun Le*

# Adelina Amouteru

Minhas botas afundam na neve fresca que parece intocada por quilômetros. Uma floresta de árvores congeladas se avulta ao nosso redor, seus galhos nus cobertos de um espesso manto branco. O que nos congela onde estamos, porém, é a visão das três luas no céu noturno. Elas são enormes, douradas e frias, cobrindo metade dele, tão grandes que sinto como se eu pudesse esticar a mão e roçar os dedos em suas superfícies de mármore. Um lençol de estrelas cobre o céu, as constelações incrivelmente brilhantes. *Estamos perto do céu aqui.* Enquanto olho, uma cortina verde-claro dança contra as estrelas, ondulando, aparecendo e desaparecendo em completo silêncio. Nunca vi uma noite como esta. É como se o reino dos deuses estivesse chegando para nos cumprimentar, e nosso mundo mortal estivesse ansioso.

– Deuses. – Magiano suspira ao meu lado.

*Nós entramos, afinal.*

Como isso é possível? Não deveríamos ter entrado. Isso deveria ter nos matado. Ao meu lado, Raffaele olha em assombro.

Quando olho por cima do ombro, percebo Teren. Como o restante de nós, ele está congelado no lugar. Seus olhos claros estão arregalados, e sua boca, aberta. Há lágrimas em seus olhos, e traços congelados em seu rosto. Posso ouvi-lo sussurrando uma oração enquanto observa emocionado com a beleza desta entrada dos deuses.

Seguimos nosso caminho pela neve intocada. A atração da origem é uma batida constante, guiando cada um de nós. A neve estala baixinho sob nossas botas. Eu tremo no frio. Os sussurros na minha cabeça explodem em vozes caóticas a cada passo que dou, ficando mais altos quanto mais perto da origem chegamos. Tento mais uma vez mantê-los afastados, mas pouco a pouco eles começam a sobrepujar o silêncio em torno de mim, até que não consigo ouvir nem mesmo nossos passos ou nossa respiração. Os sussurros falam coisas sem sentido agora, em uma língua muito antiga, que não entendo. As árvores nesta floresta

parecem borrar e mudar cada vez que eu pisco. Eu esfrego meu olho, tentando manter o foco.

De vez em quando, algo pisca na minha visão. Uma forma, uma figura, não tenho certeza. Outras vezes, vejo casas abandonadas, cobertas de neve e vidros quebrados. Na mesma hora, balanço a cabeça e afasto isso da minha mente, dizendo a mim mesma para me concentrar. Posso controlar minhas ilusões. Este é o *meu* poder, mesmo que estejamos no reino dos deuses.

Outra forma corre entre as árvores e desaparece. Eu paro a fim de procurá-la. Não adianta – já se foi. Olho para Magiano.

– Há algo na floresta – sussurro.

Ele franze a testa, depois olha para os espaços entre as árvores.

E neste momento eu paro. Meu olhar vai até as árvores. Fico congelada onde estou. Ao meu lado, Magiano se vira e me dá um olhar alarmado.

– O quê? – pergunta.

Mas não posso responder. Tudo o que posso fazer é olhar para os corpos mortos pendurados nas árvores.

Eles pendem dos galhos ao nosso redor, pendurados em cordas pelo pescoço. Os corpos e rostos são cinza, e, quando olho horrorizada, começo a reconhecer cada um deles. O mais próximo de mim é meu pai. Seu peito é esquelético como sempre, afundado, e gotas de sangue mancham a neve branca embaixo. Perto dele está Enzo, os cabelos de um escarlate profundo, escuro, o pescoço quebrado, as mesmas gotas de sangue debaixo do seu corpo balançando. Atrás, está Gemma, seu rosto familiar ainda meio coberto por sua marca roxa. Há o Rei da Noite de Merroutas, que cortei com uma espada. Dante, o rosto contorcido de dor. Há guardas da Inquisição que matei, soldados de terras estrangeiras que conquistei e rebeldes que executei por ousarem desafiar meu governo. E há minha irmã, minha última vítima.

Estão todos aqui, seus olhos abertos e focados em mim, seus lábios rachados, expressões solenes. Os sussurros na minha cabeça tornam-se um rugido, e percebo que as vozes sempre foram deles, as vozes daqueles que matei, crescendo e crescendo ao longo dos anos à medida que mais pessoas morriam.

*Que loba? Você é uma cordeirinha.* Esse sussurro era a voz de Dante.

*Tão facilmente derrotada*. Enzo.

*Os mortos não podem existir neste mundo por conta própria*. Gemma.

*Você não vai embora até eu dizer que pode ir.* O Rei da Noite de Merroutas.

*Vá em frente. Termine o trabalho.* Meu pai.

Todo esse tempo, as vozes eram os sussurros dos mortos, crescendo em número, me provocando, me assombrando, me levando à loucura por seu sangue que manchava minhas mãos.

Cambaleio para trás com um arquejo. Magiano corre para me pegar antes que eu caia na neve.

– Adelina! – exclama ele. Os outros param e olham para mim também. – O que está acontecendo? O que você está vendo?

– Eu vejo todos – eu soluço. – Enzo. Gemma. Meu pai. Minha irmã. Estão todos aqui, Magiano. Oh, deuses, eu não posso fazer isso. Não posso continuar.

Meus joelhos cedem e eu afundo, ainda incapaz de desviar meu olhar da visão. *Isso não é real,* tenta dizer minha parte racional. *É tudo uma ilusão. Apenas uma ilusão. Apenas um pesadelo. Isso não é real.*

Só que é real. Todas essas pessoas *realmente* estão mortas. E estão mortas por minha causa.

– Não me faça entrar lá – sussurro, agarrando-me aos braços de Magiano enquanto ele se inclina sobre mim.

Raffaele se aproxima e se ajoelha na neve ao meu lado, enquanto, mais adiante, Maeve, Lucent e Teren observam. Raffaele pega uma das minhas mãos. Enquanto eu luto para recuperar o controle sobre o meu poder, ele começa a usar o seu. Posso sentir seus fios se entrelaçando em meu coração, buscando o pânico e o medo dentro de mim e os afastando suavemente. Meu olhar desesperado vai dos corpos pendurados ao belo rosto de Raffaele, sua pele morena, seu cabelo preto emoldurado pela neve, o gelo que reveste seus longos cílios, o verde e dourado de seus olhos.

– Respire, mi Adelinetta – sussurra. – Respire.

Tento fazer o que ele diz. Raffaele não é Violetta – ele não pode me salvar de meu poder. Mas lentamente, pouco a pouco, sua tranquilidade começa a suavizar

as marés furiosas de energia no meu peito que ameaçam me enlouquecer. Sinto a energia se acalmar e, com ela, os corpos começam a desaparecer. Parecem fantasmas, translúcidos e flutuantes. Então eles se tornam muito fracos, e não posso mais vê-los. Minha respiração se condensa no ar. Meus membros estão fracos, como se eu estivesse nadando há horas. Eu me apoio pesadamente em Magiano.

Finalmente, Raffaele para. Ele parece exausto demais, como se fosse mais difícil usar aqui sua magia contra a minha. Respiro fundo, depois aceno e me afasto de Magiano.

– Eu estou bem – digo, tentando me convencer. – A energia aqui me sobrecarrega.

Raffaele assente uma vez.

– Ela me puxa também – diz gentilmente. – Em um milhão de direções diferentes. Este não é um lugar fácil de estar, um reino entre nós e os deuses.

Lucent caminha até mim e me oferece a mão. Olho, surpresa. Quando a pego, ela me ajuda a ficar de pé. Ao seu lado, Maeve acena para mim uma vez. Há algo iluminando seu rosto, um súbito reconhecimento.

– Sua irmã – diz ela. – Você disse que a viu lá, como uma ilusão. Um fantasma dos mortos.

– Sim – sussurro.

– Então é por isso – murmura Maeve. – Claro.

Ela olha para Raffaele.

– Você disse que todos os nossos alinhamentos com os deuses deviam estar no reino imortal para que pudéssemos estar aqui.

Maeve olha para mim.

– Conseguimos entrar sem os alinhamentos de Violetta.

– Porque a alma dela *já* está no mundo imortal – conclui Raffaele, compreendendo. Seu olhar suaviza, e se dirige a mim. – No Submundo.

*Ela já está aqui*, percebo. E, de alguma forma, este pensamento espalha uma onda selvagem de esperança pelo meu corpo. *Ela já está aqui. Talvez eu possa vê-la outra vez.*

– Não podemos estar longe. A atração continua ficando mais forte – diz Maeve, afastando-se pelo caminho coberto de neve da floresta.

Todos os outros também sentem isso; não estou sozinha. *Não estamos longe. Estamos quase lá*. Repito para mim mesma, deixando que me conforte e acalme minha energia. Não estamos longe de Violetta, onde ela nos espera no reino de Moritas.

Os outros se distanciam, e começo a andar atrás deles. Magiano fica ao meu lado, sua mão agora entrelaçada com a minha. Tento me concentrar no calor que vem dele. Estou com muito medo de olhar para a copa das árvores, com medo de ver os corpos pendurados de novo. Tenho medo que desta vez eu possa ver corpos daqueles ainda vivos, aqueles que ainda podem morrer.

À medida que avançamos, as luas parecem se mover no céu, se aproximando cada vez mais, crescendo cada vez mais, até parecerem que vão nos tocar. Elas vão se alinhar, percebo, cada uma se sobrepondo à outra, quando chegarmos à entrada do ponto da origem. Nos cantos da minha visão, formas escuras ainda correm pela floresta, desaparecendo quando tento olhar diretamente para elas. Agarro os fios em meu peito e depois tento segurar o mais forte que posso, a fim de parar de tecer inconscientemente. As figuras vacilam e desaparecem por um tempo. Mas não vão embora por completo.

Enfim, à nossa frente, Maeve e Teren diminuem o ritmo. Através da floresta e da noite, um fino raio de luz brilha em uma clareira. Sou a primeira a ver. Ela brilha contra a casca das árvores, e ao fazer uma curva o feixe se intensifica, lavando a paisagem terrestre em uma luz etérea azul-esbranquiçada. Estreito o olho. As árvores ficam esparsas, depois terminam por completo. Saímos em uma enorme clareira de neve. A partir daqui, podemos ver um vale profundo cercado de cordilheiras íngremes e pontudas, com florestas selvagens em cada lado.

No meio deste vale está a fonte da luz azul-esbranquiçada, um feixe estreito que parece estar se derramando de outro reino.

Ao mesmo tempo, a atração de energia que tenho sentido nos últimos dias, de repente, se intensifica uma dúzia de vezes, enviando uma punhalada de dor no meu peito que me faz lembrar do modo como Enzo tinha me puxado. Eu suspiro. Os outros também – eles devem ter sido afetados de maneiras semelhantes. Magiano geme e segura a cabeça, enquanto Raffaele se aproxima e se encolhe. À

nossa frente, Maeve cai de joelhos, enquanto Teren enterra a espada na neve e se inclina contra ela. Minhas ilusões disparam, enviando faíscas de silhuetas escuras dançando pela neve ao nosso redor.

Esta é a origem, o ponto onde Laetes desceu do céu para se tornar mortal, onde a energia do mundo imortal rasgou originalmente, infiltrando-se em nosso mundo, onde o Escuro da Noite se formou ao redor dela, torcido pela energia divina. Onde a história dos Jovens de Elite começou. Mesmo sem Raffaele, posso sentir a energia que emana deste lugar, feita de fios de todos os deuses – Guerra e Sabedoria, Medo e Fúria, Ambição e Paixão.

Fico mais perto de Magiano, toco seu braço e me movo na direção de Raffaele. Quando faço isso, algo pisca nas florestas do vale. A princípio, acho que devem ser minhas ilusões novamente. Formas escuras, silhuetas que parecem monstros.

Só que Teren também se vira para olhar para elas. Ele levanta sua espada ao mesmo tempo que Maeve.

– O que é isso? – pergunta ele.

Quando as palavras saem de sua boca, uma das sombras sai da floresta e entra na clareira. Faz um ruído agudo, trincando os dentes. Eu recuo, horrorizada. A criatura não tem olhos, apenas duas órbitas vazias onde eles poderiam ter estado, e uma boca larga cheia de presas. Ele avança em quatro patas, deixando impressões na neve intocada. Em seu rastro paira um manto de fúria, uma energia tão sombria e vil que me deixa doente. Atrás dele vem outro. Então, um terceiro. Eles saem de todos os cantos da floresta, lambendo os beiços.

– Eles são atraídos pela nossa energia – sussurra Raffaele, com os olhos arregalados.

*Monstros*, os sussurros dos mortos me dizem. *Monstros do Submundo.*

Olho para trás, para o caminho por onde viemos. Mais sombras se agitam nas florestas atrás de nós. De repente eles estão em toda parte, atraídos pelos nossos poderes. O trincar de seus dentes ecoa através das árvores.

*Corra*.

Corremos para o feixe de luz. Nosso movimento súbito faz com que várias das criaturas virem suas cabeças em nossa direção – elas farejam o ar, então abrem a boca para revelar presas afiadas. Elas correm.

Minha respiração se torna suspiros ofegantes enquanto o ar gelado queima meus pulmões. Na minha frente, Lucent tropeça na neve – eu estendo a mão e a pego antes que ela caia. Maeve avança na nossa frente, deixando algum espaço entre ela e Teren, e gira sua espada. Seus olhos se estreitam em fendas. Ela mostra os dentes, levanta a arma enquanto uma das criaturas se aproxima e a balança em sua direção.

A criatura rosna e se aproxima dela. A espada de Maeve atinge sua mandíbula aberta, cortando profundamente cada lado de sua boca. A criatura grita – o som é ensurdecedor. Um arrepio de fúria e medo ondula em meu corpo com o ataque. É como se Maeve tivesse me cortado junto com a criatura. Maeve também se encolhe.

*Nós duas nos alinhamos com o Submundo.* Essas criaturas *são* monstros do reino imortal, são uma parte de nós, conectadas a nós.

Maeve golpeia a criatura novamente. Desta vez, acerta seu lado e a derruba na neve. Ali, ela se contrai, enquanto Maeve continua a correr.

– Depressa! – grita. Atrás dela, a criatura começa a se levantar de novo.

Teren corre para nosso outro lado. Enquanto corremos entre as árvores em direção ao feixe azul, ele ataca duas criaturas que vêm para nós pela direita. Seu ataque é tão poderoso que corta o pescoço da primeira criatura, decapitando-a, antes de penetrar profundamente no peito da segunda. A primeira cai se contorcendo na neve, derramando sangue negro em todas as direções, enquanto a segunda grita e se agita. Eu suspiro com a onda da dor de sua morte, tropeço, e seguro meu pescoço. Lucent faz o mesmo. Maeve cambaleia para nós, nos levanta, e gesticula para continuarmos. Corremos mais rápido.

Magiano se afasta do meu lado. Ele gira para enfrentar uma criatura rosnando atrás de nós, saca dois punhais, e os enterra profundamente no rosto da criatura. Outra onda de dor me atravessa. Ele puxa as lâminas. Continuamos correndo enquanto a criatura desmorona, gritando.

Eu alcanço o vale primeiro. Aqui, as árvores são tão próximas que parecem formar um labirinto que leva ao centro do ponto de origem. Enquanto corremos, olho entre os troncos e vejo meu reflexo em pequenos blocos de gelo na neve, fugaz e distorcida. Meu rosto é pálido, meus cabelos uma onda prateada. Pareço em pânico.

– Cuidado! – grito para Raffaele quando uma criatura vem em nossa direção pelo labirinto de árvores. Ele salta para trás a tempo de a criatura mostrar o rosto entre um tronco dividido. Ela rosna e estende as patas para nós através da abertura estreita, os dentes estalando. Raffaele tropeça para trás e cai na neve. Uma espada surge do nada para cortar a criatura quase pela metade. É Teren, ambas as mãos segurando o cabo de sua espada firmemente, de pé sobre Raffaele como um guardião estranho. Mais criaturas saltam para ele. Teren as golpeia, forçando-as a recuar. Outra criatura morre por sua espada.

– *Ande* – Teren dispara para Raffaele por sobre o ombro. – Não me faça salvar você de novo.

Raffaele não precisa de um segundo aviso. Ele pula e continua correndo para o feixe de luz. Eu faço o mesmo. Atrás de nós, Teren saca uma faca longa e apunhala mais uma criatura.

Em seguida, outra pula na nossa frente, aterrissando profundamente na neve. Ela vira suas órbitas cegas para nós e sorri com a boca cheia de presas. Ao meu lado, Lucent se levanta com dor e trinca os dentes, então empunha sua própria espada e ataca a criatura. Os sussurros explodem na minha cabeça, e quase consigo entender o que a criatura quer. Ela se concentra em mim.

*Mate-os*, diz.

Um tremor ondula pelo meu corpo. A criatura dá um passo à frente. *Não*, penso em resposta.

*Você é uma de nós. Não precisa deles para visitar o Submundo. Você pertence a ele. É a sua casa.*

O veneno dos sussurros escorre profundamente em minha mente. Volto-me para Raffaele, e meus pensamentos se enchem com um súbito fluxo de ódio. Ele deve ver a mudança na minha expressão, porque de repente se afasta de mim. Os olhos de Lucent se arregalam.

– Não, Adelina! – ela grita. Aperto meus punhos.

*Não*, eu penso, agarrando-me ao grito de Lucent. *Não.*

A criatura rosna. Avança para mim – apenas para se espetar na espada de Lucent. Ela tinha se movido para a minha frente tão depressa que nem a vi. A criatura grita, mesmo quando um espasmo de dor dispara através de mim em

seus gemidos agonizantes. Lucent arranca a lâmina do peito com um grunhido de esforço, e com Raffaele corremos em torno de seu corpo.

Estamos muito perto da origem agora. Só que mais criaturas surgem de todos os lados, suas formas esbranquiçadas se aproximando do raio de luz e atrás de nós. Continuamos a correr. À nossa frente, um grupo de criaturas rodeia a luz e vira seus rostos horríveis em nossa direção. Maeve aparece, mostra os dentes e se lança para elas – busco dentro de mim energia para tecer uma nuvem de ilusões ao redor dela e dos outros, tentando torná-los tão invisíveis quanto consigo. Há muitos de nós em movimento. Não consigo sustentar a ilusão, mas é o suficiente para lhes dar alguma cobertura.

Então, de algum lugar, surge Teren. Sua respiração está pesada, seus olhos selvagens de fúria, sua boca torcida em um sorriso largo. Suas espadas estão cobertas de sangue negro, enquanto suas próprias roupas estão manchadas de vermelho. Ele encontra meu olhar, então se vira para encarar as criaturas. Com um rugido, as ataca.

As criaturas se aglomeram em torno dele – mas mesmo assim não conseguem derrubá-lo. Ele ainda luta como uma fera, enquanto o restante de nós se reúne junto à origem. A luz é tão brilhante aqui que preciso proteger meu olho dela. Viro-me de novo para Teren. Uma das criaturas afunda sua mandíbula em seu ombro – ele solta um rugido de agonia. No mesmo momento, gira e crava a lâmina fundo no pescoço da criatura. Eu estremeço. A criatura tira as presas do ombro dele com um grito. Lanço minha energia na direção de Teren, tentando impedi-lo de sentir a dor.

Magiano passa por mim, junto com Maeve.

– Nos dê um pouco de cobertura! – ele grita para mim. Olha para os outros. – Continuem!

Antes que eu lhe diga para parar, ele se foi, correndo para onde Teren está tentando afastar os monstros. Ele desembainha seus punhais e arremessa um para uma criatura que agarra as costas de Teren. Ao mesmo tempo, Maeve puxa uma flecha de sua bainha e a aponta para uma segunda criatura que se prepara para atacar Teren. Ela dispara. Ambos os ataques atingiram seus alvos. As criaturas gritam e caem para trás – mas outras continuam a vir. Em meio a tudo isso, Teren luta como um demônio. Demoro um momento para perceber que ele está rindo.

Ele fecha os olhos.

– Os deuses falam! – grita ele enquanto as criaturas o rasgam. E, um instante depois, um dos monstros afunda as suas garras afiadas nas costas dele, com as unhas pretas saindo em seu peito.

Eu estremeço, atordoada. Maeve solta um suspiro, enquanto Magiano congela. Então eles se movem de novo, correndo na direção de Teren – mas os olhos dele estão arregalados, a boca aberta. O sangue escorre pelos cantos de seus lábios. Seu corpo tenta se curar ao redor das garras da criatura, mas elas permanecem enterradas em seu coração. Ele treme. Tenho um vislumbre dos momentos agonizantes de Enzo, seguido pela lembrança das últimas respirações de Giulietta.

Magiano se atira na criatura ainda esmagando Teren. Ele é forte o suficiente para derrubá-la – ele está canalizando o poder de Teren. Eu puxo com mais força, tentando lançar uma ilusão de dor sobre as criaturas. Eles gritam, mas minha ilusão não pode derrubá-las. Maeve balança a espada para a criatura que Magiano tinha acabado de atacar – sua lâmina corta o braço do monstro. Enquanto a criatura se contorce, Teren cai. Antes mesmo de seu corpo atingir a neve, sei que ele não vai conseguir. Um zumbido bloqueia o som em meus ouvidos. Mal consigo acreditar, mas Teren ainda está sorrindo. Seus olhos estão virados em minha direção.

Há um momento de silêncio. Ficamos parados, atordoados, diante da visão.

Maeve e Magiano rolam cuidadosamente Teren de costas, enquanto eu me apresso alguns passos à frente para vê-lo. Ele está fraco, sua respiração lenta e superficial. Seus olhos estão se fechando. A ferida em seu peito está se curando, mas não rápido o bastante.

– Teren – digo, inclinando-se sobre ele.

Seus olhos se abrem por um momento. Ele tem dificuldade de focar em qualquer um de nós, e em vez disso seu olhar acaba descansando em algum lugar no céu noturno.

– Agora estou perdoado – ele murmura, tão baixinho que acho que o entendo mal.

Espero que seu peito se levante novamente, mas não.

Eu me pego olhando para a neve, me esforçando para lembrar dos nossos primeiros encontros – como ele me amarrara à estaca e desejara que eu queimasse, como tinha ameaçado minha irmã e tirado a vida de Enzo, como, mesmo depois disso, ele continuou a atormentar *malfettos* e Jovens de Elite, como eu o levei à loucura a ponto de tirar a vida de sua própria amante. Eu sei, sem dúvida, que ele merecia morrer.

Então, por que estou triste? Levanto a mão e sinto lágrimas em meu rosto. Por que me importo com o que acontece com ele? Eu o mantive prisioneiro, o odiava e torturava. Eu devia estar feliz neste momento, ao ver seu sangue correndo pela neve, o branco vago e sem vida de seus olhos.

Teren está morto, e não sei por que choro por ele.

*Eu matei e destruí também. Eu feri*. Talvez sempre tenhamos sido iguais, como ele costumava me dizer. E agora que ele se foi sinto uma súbita onda de exaustão, uma dor libertadora. Sua morte marca o fim de um longo capítulo em minha vida.

*Ele estará no Submundo. Esperando por nós.*

Os monstros na floresta ainda estão chegando. Maeve e Magiano correm para a luz. Eu os sigo, confusa, o mundo ainda calmo em torno de mim, a neve embaçada. Com as criaturas nas nossas costas, se aproximando rapidamente, e a cegante luz azul-esbranquiçada à frente, desvio meu olhar dele, respiro fundo… E entro ao mesmo tempo que os outros.

MEDINA: Eu já cheguei? É este, verdadeiramente, o oceano do Submundo?

FORMIDITE: Fala, criança, porque estás nas portas da morte.

MEDINA: Ó deusa! Ó anjo do Medo! Não suporto olhar para você.

- Oito Príncipes, *de Tristan Chirsley*

# Adelina Amouteru

A energia me inunda. Preenche todas as brechas na minha mente e no meu corpo, fios de poder de cada deus – Medo, Fúria, Prosperidade e Morte, Empatia e Beleza, Amor, Sabedoria e Tempo, Alegria, Guerra e Ganância. Eu sinto tudo de uma vez. Ela queima meu interior com sua intensidade pura e, por um instante, acho que não vou ser capaz de suportar. Quero gritar. *Onde estão os outros?* Não consigo ouvir a voz de Magiano ou os gritos de Raffaele. Não consigo sentir nada além da luz e da energia.

Tento abrir meu olho e, nesse instante, acho que vejo um vislumbre do paraíso além do céu, e das águas profundas abaixo dos oceanos mortais.

Pouco a pouco, a luz começa a desaparecer. O ar esfria novamente, mas é diferente dos ventos no Escuro da Noite. É um frio que penetra profundamente em meus ossos, um entorpecimento que se aninha perto do meu coração e o envolve em um casulo de gelo. Hesitante, abro o olho. O mundo ao meu redor é nebuloso e cinza. Eu reconheço esse cinza. É o Submundo.

Sob meus pés está a sensação de água fria. De um lado meu está Magiano. Do outro, Raffaele, então Maeve e Lucent. Entramos no mundo dos deuses.

Embora o oceano do Submundo se espalhe aos nossos pés, não afundamos na água. Em vez disso, ficamos sobre ela, como se estivéssemos sem peso. Quando olho para a água, percebo que nem uma única ondulação perturba sua superfície. Um espelho do eterno céu cinzento ao seu redor, o reino entre os céus e a terra, o espaço onde você não está nem aqui nem lá; a água é escura, quase negra, mas completamente transparente. Muito abaixo desliza a silhueta de criaturas enormes, as mesmas que vi inúmeras vezes em meus pesadelos do Submundo. Só que agora estamos aqui.

*Adelina.*

O sussurro ecoa ao nosso redor, reverberando profundamente em meu coração. É uma voz que conheço bem. Olho para cima, ao mesmo tempo que todo mundo. Lá, a alguma distância, uma figura pálida, com longos cabelos pretos,

caminha na superfície do oceano, se aproximando de nós. Enquanto ela vem, eu sou incapaz de me mover. Os outros permanecem congelados no lugar. Um calafrio se aloja em meu peito.

*Adelina*. Então ela sussurra os nomes dos outros também. *Vocês não pertencem a este lugar. Vocês são do mundo dos vivos.*

Formidite. O anjo do Medo. Ela veio para nos reivindicar.

Seus cabelos se arrastam por todo o oceano, estendendo-se além do horizonte, de modo que o mar atrás dela não passa de um campo de fios escuros. Ela tem o corpo de uma criança, mas esquelético. Seu rosto é sem traços, como se a pele estivesse esticada firmemente sobre ele, e ela é mais branca do que mármore. De repente, me lembro da primeira vez que a vi em meus pesadelos, à noite, logo após Raffaele ter me testado para a Sociedade do Punhal.

Eu me curvo quando ela se aproxima de nós e os outros fazem o mesmo. Raffaele é o primeiro a dirigir-se a ela, olhando para baixo, para a água.

– Santa Formidite – diz. – Guardiã do portão para o Submundo.

Nós murmuramos nossas próprias saudações a ela.

Sob suas camadas de pele, ela parece sorrir para ele. *Volte ao mundo mortal.*

– Estamos aqui para salvar aqueles como nós – responde Raffaele. Ele deve ter medo dela, como todos tememos, mas sua voz permanece firme e suave, implacável. – Estamos aqui para *salvar* o mundo mortal.

O sorriso de Formidite desaparece. Ela se inclina em nossa direção. O meu medo cresce, e meu poder cresce junto, ameaçando me destruir. Ela olha primeiro para Raffaele, depois se vira para Maeve. Algo em Maeve atrai seu interesse. Ela se aproxima da rainha beldaína, então inclina a cabeça no que só pode ser descrito como curiosidade. *Você tem um poder, pequena. Você tirou almas do reino de minha mãe e as levou de volta para os vivos.*

Maeve abaixa a cabeça. Posso ver sua mão tremendo visivelmente contra o cabo da espada.

– Perdoe-me, Santa Formidite – diz ela. – Recebi um poder que só posso dizer que foi dos deuses.

*Fui eu que a deixei entrar*, Formidite responde. *Você aprendeu, desde então, eu sei,*

*que há consequências em canalizar os poderes dos deuses.*

– Por favor, nos deixe entrar – pede Maeve. – Precisamos consertar o que fizemos.

Imóvel, Formidite espera. Olha para Lucent, depois para Raffaele. *Filhos dos deuses,* diz. E então ela olha para mim.

O medo em meu peito. Formidite dá mais um passo à frente, até que sua figura se ergue sobre mim e lança uma sombra suave no oceano. Ela estende a mão ossuda para baixo e toca gentilmente na minha bochecha.

Eu não consigo controlar meu poder – uma ilusão de escuridão explode por toda parte, silhuetas de braços fantasmagóricos e olhos vermelhos, visões de noites chuvosas e dos olhos selvagens de um cavalo, de um navio de guerra ardendo e longos corredores de palácio. Cambaleio para trás, afastando-me de seu toque.

*Minha filha,* diz Formidite. Seu sorriso estranho e sem traços volta. *Você é minha filha*.

Estou hipnotizada pelo seu rosto. O medo pululando dentro de mim me faz delirar.

Formidite fica em silêncio por um momento. As chamadas fantasmagóricas das criaturas das profundezas ecoam até nós, como se tivessem sido trazidas à vida pela nossa presença. Finalmente, ela acena uma vez para nós. Quando olho de novo para baixo, as formas das criaturas estão mais próximas da superfície, e elas se aglomeram. Meu coração acelera. Eu sei o que isso significa, e o que está nos esperando sob a superfície. O anjo gêmeo de Formidite.

A água abaixo de nós cede. Eu caio nas profundezas, e minha cabeça submerge. O mundo se enche com o som de estar debaixo d'água. Por um instante, estou cega na escuridão, e busco instintivamente por Magiano. Por Raffaele. Por Maeve e Lucent. Não encontro ninguém. As silhuetas de criaturas enormes deslizam ao meu redor em um círculo. Enquanto continuo a afundar, tenho um vislumbre do rosto de uma das criaturas.

Sem olhos, magro, monstruoso, com presas. Abro a boca para gritar, mas só saem bolhas. *Eu não consigo respirar*. A energia do Submundo me puxa para baixo, puxando forte no meu peito, e não tenho escolha senão segui-la.

Uma das criaturas desliza perto do meu rosto. É a própria Caldora, o anjo da Fúria. Ela abre suas mandíbulas para mim, e um eco baixo, assustador, reverbera através da água. Mesmo que eu não possa ver os outros, posso sentir sua presença. Não estou sozinha aqui.

*Siga-me,* dizem os pensamentos de Caldora, penetrando em minha mente. Ela se vira, e sua longa cauda escamosa faz um laço na água. Eu nado cada vez mais fundo com ela.

*Siga-me, siga-me.* O silvo de Caldora se torna ritmado na água. Sua voz se mistura aos meus sussurros, formando uma estranha harmonia. A água torna-se cada vez mais escura, a pressão cresce e não consigo enxergar mais nada, nem Caldora nadando à minha frente, nem as silhuetas de outras criaturas que assombram as águas. É apenas um espaço profundo, preto, sem fim, em todas as direções, até a eternidade.

Eu afundo no reino da Morte.

Quão nobre deve ser, a dor de Moritas,
guardando para sempre as almas silenciosas,
julgando uma vida e escolhendo levá-la.

- Vida, morte e renascimento, *por Scholar Garun*

# Adelina Amouteru

Não lembro o que aconteceu nem como cheguei. Tudo o que sei é que estou aqui, parada à margem de uma terra plana e cinzenta, cujas bordas são alinhadas pela superfície silenciosa e imutável do oceano do Submundo. É calmo como um lago.

Olho para cima. Onde o céu devia estar há, em vez disso, o oceano, como se eu estivesse de cabeça para baixo no céu, olhando para ele.

Eu me viro para encarar a terra. Tudo é pintado no mesmo tom de cinza. O pulso da morte bate ao meu redor, o silêncio tocando ritmado em meus ouvidos. Eu me flagro observando uma paisagem plana cheia de milhares, milhões, *incontáveis* pilares de vidro. Os pilares são iridescentes e brancos.

Cada um tem a forma de um quartzo e a cor da pedra da lua, uniformemente espaçados, formando linhas perfeitas estendidas até o horizonte, tão altas que se perdem de vista. Cada pilar parece brilhar com uma fraca luz branca prateada, uma tonalidade que os distingue claramente do cinza uniforme no resto deste lugar. Quando me aproximo do primeiro pilar, vejo algo dentro dele, suspenso no espaço da pedra. É difícil distinguir a forma, embora pareça longa e turva. Eu ando até o pilar e ponho a mão nele.

Há um homem lá dentro.

Minha mão se afasta, como se o pilar estivesse gelado. Eu pulo para trás. Os olhos do homem estão fechados, e sua expressão é pacífica. Algo em seu rosto parece atemporal, congelado para sempre no auge de sua vida. Eu o estudo um pouco mais.

De repente percebo: *esta é sua alma*.

Eu me afasto e olho em volta para as colunas que se estendem até onde posso ver. Cada um desses pilares é o último lugar de repouso de uma alma do mundo mortal, os restos daquela pessoa muito depois de carne e osso terem sido reivindicados pela terra. Esta é a biblioteca de Moritas, todos os que já existiram.

Minhas mãos começam a tremer. Se este é o lugar onde todas as almas dos

mortos reside, então é também onde vou encontrar minha irmã.

Olho ao meu redor, procurando os outros. Levo um longo momento para notar o feixe de luz iluminando meu corpo, como se me marcando como um momento de vida neste mundo de mortos. Quatro outros feixes estão espalhados no meio deste labirinto de pilares lustrosos, seu brilho distinto contra o pano de fundo de prata e cinza. Eles parecem muito distantes, cada um de nós separado dos outros pelo que parece uma quantidade infinita de espaço.

Todo mundo entra no reino da Morte sozinho.

Através desta paisagem misteriosa vem um sussurro. Ele permeia cada espaço vazio, ecoando até o oceano no céu. Há uma escuridão rastejando para a frente, algo maior do que qualquer coisa que já vi, uma nuvem negra que se estende do céu para o mar. Ela se agita adiante.

*Adelina.*

É Moritas, a deusa da Morte. Eu sei, sem dúvida, que esta é a sua voz.

*Você veio negociar comigo, Adelina.*

– Sim – respondo em um sussurro. – Eu vim… nós viemos… para curar a ruptura entre seu mundo e o nosso.

*Sim, os outros.* A nuvem se eleva diante de mim. *Sua energia imortal tem feito falta em nosso reino há muito tempo.*

*Meus poderes,* começo a dizer, mas as palavras falham na minha língua. Mesmo agora – mesmo depois de seguir todo esse caminho. Os sussurros na minha cabeça se agitam, com raiva por eu considerar desistir deles. *Se aproxime, Adelina*, ordena Moritas.

Eu hesito. A nuvem à minha frente é um emaranhado terrível de curvas negras, em formas de monstros. O terror paralisa meu corpo. Eu andei em florestas no meio da noite. Eu viajei através da escuridão das cavernas. Mas entrar na própria Morte…

*O medo é sua espada.*

Minha espada, minha força. Eu dou um passo após outro. A nuvem se agiganta, mais perto ainda. Dou outro passo, e então estou dentro dela, consumida por inteiro.

Ando em uma terra de neblina negra e pilares prateados. Dentro de cada estrutura perolada, uma pessoa paira no sono eterno, e sobre ela posso ver um leve reflexo de mim mesma espiando, me perguntando como sua vida mortal costumava ser. Meu coração bate ritmado no peito. Sou grata por senti-lo, por saber que não estou morta aqui. Um murmúrio flutua pela névoa de vez em quando, a voz de Moritas, chamando por mim. Eu a sigo, mesmo que não saiba onde está me levando. Passo uma fileira de pilares atrás da outra. Seu brilho luminoso reflete contra a minha pele. Eu ando até perder a conta de quantas linhas passei, e quando olho por cima do ombro, na direção pela qual cheguei, não consigo ver nada além de fileiras desses pilares ao redor.

Estão os outros vagando por seus pesadelos de pilares, procurando por mim? De vez em quando, vejo figuras fantasmagóricas caminhando pelos corredores entre as pedras da lua também, figuras que nunca posso olhar diretamente. Talvez sejam almas perdidas, fantasmas. Talvez Moritas esteja falando com os outros, um por vez.

*Adelina.*

Moritas soa mais próxima agora. Volto para o caminho à minha frente – e então paro. O rosto dentro do pilar mais perto de mim, seus olhos fechados e sua expressão pacífica, pertence à ex-rainha de Kenettra. Giulietta. Seu cabelo escuro parece flutuar dentro da coluna de pedra da lua, e seus braços nus estão cruzados sobre o peito. Eu dou um passo hesitante em direção a ela.

Não há sinais de feridas em seu corpo, nenhuma evidência da espada de Teren cortando seu peito. Ela é intocada, preservada para sempre no Submundo. Eu estudo seu rosto de uma maneira que nunca fiz quando ela estava viva. Ela era bonita. *Enzo parecia muito com ela.*

Continuo andando. Então percebo que os pilares mais próximos agora são todos de pessoas que conheci.

Há soldados da Inquisição. O Rei da Noite de Merroutas está aqui, suas sobrancelhas não mais sulcadas de raiva. Dante paira próximo também. Há Gemma, a marca roxa se estendendo em seu rosto pacífico. Sussurro uma oração enquanto passo por ela, pedindo-lhe perdão e então me forço a seguir, reconhecendo um rosto após outro. Paro por um momento diante de Teren, que agora permanece enclausurado em seu próprio pilar, braços cruzados sobre o

peito, perdido para a noite eterna. Nunca o vi tão sereno, e eu me pego torcendo para que ele tenha finalmente encontrado alguma paz.

E há Enzo. Paro diante de seu pilar. Ele parece que está só dormindo, seu rosto calmo e sem falhas. Seus braços ainda carregam as queimaduras que sempre teve, sua pele arruinada e cicatrizada. Permaneço ali por um longo momento, como se talvez ele fosse acordar se eu olhasse bastante. Mas ele não acorda.

Finalmente, continuo. Os rostos parecem se borrar ao meu redor.

Paro novamente quando encontro minha mãe, que está sepultada ao lado do meu pai. Faz tanto tempo que não a vejo que quase não a reconheci – mas Violetta era exatamente igual a ela jovem. Meus lábios se abrem ligeiramente, e meu peito se aperta em tristeza. Coloco a mão contra a superfície fria do pilar. Se me concentrar o suficiente, sinto como se pudesse ouvir sua voz, seu canto suave e doce, uma música de que me lembro de quando eu era muito pequena. Posso me lembrar de suas mãos sobre sua barriga inchada, posso me lembrar de me perguntar quem sairia dela. Olho para ela por um longo tempo, talvez por uma eternidade, antes que eu possa enfim seguir em frente.

Não me preocupo em olhar para meu pai. Procuro alguém muito mais importante.

Então, a encontro. *Violetta*.

Ela é linda. Impressionante. Seus olhos estão fechados, mas, se eles pudessem se abrir, sei que eu estaria olhando fixamente para olhos castanhos familiares, não os cinzentos inanimados que teve no fim da vida. Estendo a mão para ela, porém a pedra da lua bloqueia o meu caminho – e eu tenho que me contentar em pressionar minha mão contra a superfície, olhando para o rosto de minha irmã ali dentro. Meu rosto está molhado de lágrimas. Ela está aqui, no Submundo. Posso vê-la outra vez.

*Adelina.*

Desvio meu olhar. E lá eu vejo. Sei instantaneamente que foi para isso que nós viemos.

No centro desta paisagem de pilares iridescentes está uma laje escura, uma coluna preta no meio das pedras da lua. Ela corta o ar e o céu, tão alta que não vejo o fim, e, ao seu redor, há um redemoinho de névoa escura, uma ferida que se

estende do Submundo, pelo mundo mortal, até os céus. As palavras de Raffaele me voltam em uma lembrança. Este é o corte – a antiga ruptura – que abriu o mundo imortal para o mortal, quando Alegria desceu à Terra como um ser humano e depois atravessou de novo o submundo. Este pilar preto é onde Alegria foi enterrado depois de sua morte humana, antes de retornar aos céus. Onde surgiu a febre do sangue. Mesmo aqui, posso sentir o poder das trevas, sua injustiça. Lembro-me da sensação de uma mesa de madeira debaixo do meu corpo, do gosto nos meus lábios de conhaque que o doutor prescreveu para minha doença, o som dele vindo para o meu quarto quando eu tinha apenas quatro anos, segurando uma faca quente sobre meu olho infectado, mesmo quando gritei, chorei e implorei para que ele não fizesse aquilo.

Esta é a origem da febre que tocou cada uma de nossa vida. Quanto mais me aproximo, mais escuro fica o espaço atrás do pilar, até que tenho a sensação de que caminho diretamente para um mundo de noite, sendo engolida por esse nevoeiro.

Chego ao pilar. Quando o faço, a escuridão disforme muda, transformando-se na numa figura alta, escura e elegante, seu corpo envolto em vestes de névoa, um par de chifres altos se retorcendo sobre a cabeça. Ela me fita com olhos negros. Abro a boca para dizer algo, mas nada sai.

Moritas, a deusa da Morte.

*Minha filha*, ela diz. Seus olhos negros se concentram em mim. Sua voz é profunda e poderosa, um som que ecoa através da paisagem e dentro do meu peito, uma vibração tão antiga que dói em meus ossos. *Os filhos dos deuses.* De seus dois lados, outras figuras agora aparecem, altas e silenciosas. Reconheço Formidite, com seus longos cabelos negros e rosto sem traços. Caldora, as barbatanas enormes e monstruosas.

Então, um homem vestido com manto de ouro e joias. Denarius, o anjo da Ganância. Fortuna, deusa da Prosperidade, coberta de brilho e diamante. Amare, deus do Amor, de tirar o fôlego. Tristius, anjo da Guerra, com sua espada e escudo. Sapientus, deus da Sabedoria. Aevietes, deus do Tempo, e Pulchritas, anjo da Beleza. Compasia, anjo da Empatia.

Laetes, anjo da Alegria.

Os deuses e deusas estão todos aqui, para reivindicar seus filhos.

– Moritas – sussurro, a palavra mal fazendo som ao sair de meus lábios. Meu poder borbulha em sua presença, ameaçando destruir meu corpo mortal e fragilizado.

*Vocês nunca deveriam ter usado nossos poderes,* diz ela. *Temos observado do reino imortal como sua presença mudou o mundo mortal.*

Moritas abaixa a cabeça e fecha os olhos. Ao meu lado, os outros agora se materializam na neblina negra. Raffaele, Lucent, Maeve. Magiano. Quero dar um passo à frente, desesperada para ir até eles, até *ele*… Mas tudo o que posso fazer é olhar. Eles também parecem estar em transe.

– O que você quer para consertar isso? – sussurro. Eu sei a resposta, contudo, por alguma razão, não consigo dizer.

Moritas abre os olhos novamente. Sua voz ecoa em uníssono com seus irmãos. *Seus poderes. Abram mão deles, e todos serão devolvidos ao reino dos vivos. Entreguem-nos a nós, e o mundo será curado.*

Para consertar o mundo, temos que devolver nossos poderes. Seremos os últimos Jovens de Elite.

Os sussurros rugem na minha cabeça, agarrando-se, enganchando profundamente em minha carne. *Não*. Eu grito de dor. *Como você se atreve*, eles rosnam. *Depois de tudo o que fizemos por você. Como se atreve a pensar em viver sem nós? Você não pode sobreviver sem nossa ajuda. Você esqueceu como se sente quando somos tirados de você? Você não se lembra?*

Eu lembro. A memória de Violetta arrancando meu poder agora me atinge com tanta força que eu dou um passo instável para trás. Parece cem vezes pior do que eu me lembrava – como se alguém tivesse rasgado meu peito e o deixado oco, fechado um punho em torno do meu coração pulsante e tentado arrancá-lo. Estremeço com a dor. É insuportável.

*E para quê? Para proteger o resto do mundo? Você não lhes deve nada; você os governa. Volte ao seu palácio e continue seu reinado.*

É uma oferta tentadora.

– Eu não posso fazer isso – digo a Moritas enquanto minha voz vacila. – Eu não posso lhe entregar meu poder.

*Então você vai morrer aqui.* Moritas ergue os braços. *Se oferecer seu poder*

*voluntariamente, pode sair de nosso reino e voltar para o seu mundo mortal, viva. Seus poderes não podem retornar com você. Cada um de vocês deve fazer isso.*

Cada um de nós. Se todos desistirmos de nossos poderes, seremos capazes de retornar ao mundo dos vivos.

A paisagem ao nosso redor está envolta na escuridão. Eu respiro fundo, enchendo-me com ela, e tremo com a sensação. O poder dentro de mim, toda a escuridão que já senti e toda a escuridão que alguma vez fui capaz de invocar não são nada em comparação ao poder da escuridão da deusa da Morte. Moritas maneja um milhão, um bilhão de fios infinitos de uma só vez, e sob a terrível influência de seu poder, posso ver de uma só vez todo o sofrimento que ocorreu desde o início dos tempos. As visões me engolem.

Vejo as explosões que criaram o mundo, o grande oceano que existia antes que os deuses criassem a terra. Há a descida de Alegria para o mundo mortal, e a primeira propagação da febre do sangue. Ela varre as aldeias, cidades e reinos, infectando os vivos com seus toques de imortalidade, matando muitos, deixando cicatrizes em alguns amaldiçoados… Dando poderes imortais a uns poucos. Ouço os gritos e os gemidos de terror de Kenettra. Vejo os *malfettos* que queimam na fogueira, e depois os Jovens de Elite, que lutam. Eu *me* vejo.

Vejo a escuridão que o mundo infligiu sobre nós, e nós sobre eles.

*Pobre criança*, diz Moritas. Ao lado dela, as formas de Caldora e Formidite me observam em silêncio. *Você morreria com a escuridão presa em suas mãos?*

*Não.* Eu me abraço e olho para trás desesperadamente, como se alguém pudesse vir me salvar. *Violetta*. Ela tinha me apoiado, no passado. Nós nos amamos, no passado.

Moritas inclina a cabeça na minha direção com curiosidade. *Você está presa à sua irmã.*

E então algo me ocorre. Nós tivemos que entrar no reino dos mortos com *todos* os nossos alinhamentos, juntos, mesmo aqueles que haviam perecido no caminho. Teren. Violetta. Se devolvermos nossos poderes aos deuses, então recebemos nossas vidas em troca, podemos sair deste reino imortal e retornar aos vivos. Isso significa… se desistirmos de nossos poderes, se eu desistir do meu, que todos nós que viemos oferecer nossos poderes podemos retornar ao mundo mortal? Que até Teren viveria de novo?

Que *Violetta* poderia voltar? *Isso traria minha irmã de volta?*

A cena muda de novo. Sou uma criança, andando de mãos dadas com Violetta. Estou deitada na cama, perdendo minha luta com a febre do sangue. Assisto ao meu cabelo mudando de cor, clareando, ficando prateado. Vejo meu rosto cheio de cicatrizes, me vejo quebrando o espelho em um milhão de pedaços. Então vejo meu futuro. Sou rainha de Kenettra, governante do mar, do sol e do céu. Sento-me sozinha no trono, olhando para meu império. A visão desperta minha ambição e os sussurros na minha cabeça murmuram. *Sim, é isso que você quer. Isso é tudo que você sempre quis.*

Mas então me vejo curvada no chão de mármore da sala do trono, soluçando, cercada por ilusões que não posso apagar. Olho, horrorizada, enquanto expulso minha própria irmã da sala, seguro uma faca contra sua garganta e ameaço sua vida. Vejo-me atacando Magiano, ordenando sua execução depois que ele tenta me impedir de me ferir. Eu me vejo soluçando, desejando poder desfazer o que eu fiz. Vejo como me tranco em meus aposentos, gritando para as ilusões que me prendem com suas longas garras pretas me deixarem em paz. Fico trancada para sempre, louca e aterrorizada, até que, finalmente, uma noite, tenho meu pesadelo mais uma vez.

Acordo para o horror dele, repetidamente, apenas para me perder em outra camada do sonho. Corro até a porta, tentando em vão manter a escuridão lá fora. Eu acordo, e faço a mesma coisa outra vez. Grito pedindo ajuda. Acordo. Empurro inutilmente a porta, que se entreabre. Acordo. E o ciclo recomeça e recomeça – só que desta vez não consigo me livrar dele. Eu não consigo acordar na realidade. Em vez disso, continuo até que finalmente não consigo mais manter a porta fechada e ela se abre. Do outro lado está uma escuridão interminável, a boca escancarada do Submundo, a Morte vindo me buscar. Tento mais uma vez fechar a porta, mas a escuridão entra. Ela mostra seus dentes para mim. Então avança e, mesmo enquanto tento me proteger, ela me rasga em pedaços e devora minha alma.

Esta seria a minha vida.

Penso na pilha de pedras que tivemos de deixar para trás nas montanhas. Lembro-me da sensação do corpo da minha irmã embalado em meus braços, de eu soluçar em seu cabelo congelado, dizendo-lhe repetidas vezes que sinto muito, implorando a ela que não me deixasse.

*Se eu der meus poderes à deusa da Morte, se todos fizermos isso, então, talvez, ela me devolva minha irmã.* Violetta poderia viver novamente; talvez todos possamos sair daqui. A possibilidade é fugaz, mas está lá e envia um tremor de esperança selvagem através de mim. *Ela poderia viver. Eu posso, pelo menos, desfazer este erro. Posso consertar o que quebrei entre nós.*

*E eu posso me salvar.*

Lentamente, eu me levanto. Ainda tenho medo, mas ergo a cabeça. Os sussurros na minha cabeça de repente começam a uivar. Eles me chamam, me implorando para não os deixar, sibilando em mim por minha traição. *O que você está fazendo!* Eles gritam. *Você se esqueceu? As mãos de seu pai batendo em você? Seus inimigos rindo de você? A fogueira ardendo? Esta é a vida sem poder.*

Fico firme contra o ataque deles. Não, essa não é minha vida sem poder. Minha vida sem poder será caminhar pela multidão sem escuridão puxando meu coração. Será ver Violetta no mundo dos vivos, sorrindo de novo. Será montada na parte de trás de um cavalo com Magiano enquanto subimos outra montanha, à procura de aventura. Será uma vida sem esses sussurros na minha cabeça. Será uma vida sem o fantasma do meu pai. Será uma *vida*.

Olho para Moritas. Então alcanço profundamente dentro de mim, agarro os fios que se entrelaçaram em torno de meu coração desde que eu era criança. Eu os retiro. E renuncio a eles.

Os sussurros gritam.

Ao mesmo tempo, vejo – de alguma forma, *vejo* – os outros fazerem o mesmo. Vejo Magiano oferecendo seu poder de mímica ao mundo imortal; vejo Raffaele sacrificando sua conexão; vejo Lucent devolvendo seu domínio do vento; vejo Maeve desistindo de seu direito ao Submundo.

O mundo à minha volta irrompe. O poder disso me joga no chão. Prendo a respiração e grito com a dor do meu poder sendo arrancado de mim. A escuridão gira e os sussurros de repente são ensurdecedores. Eles gritam em meus ouvidos, sua dor é minha. Enrolo-me para me proteger.

Então, de repente, eles cessam. Os sussurros que me perseguiram por tanto tempo. Cada palavra, cada silvo, cada garra. Cada fio de escuridão que se enrolava nos cantos do meu peito.

Partiram.

Uma sensação penetrante, de fúria, tristeza e alegria, preenche meu coração, substituindo o vazio. Eu busco, mas não há nada na outra extremidade. Sem fios para puxar. Eu não sou mais uma Jovem de Elite.

*Vá*, diz Moritas, a voz dos outros deuses ecoando a dela. *Retorne ao mundo mortal com os outros. Você ainda não pertence a este lugar.*

Aperto meu peito, assustada com o vazio em meu coração. Nós estamos indo para casa.

Então vejo, através dos restos quebrados do pilar escurecido, a figura de minha irmã. Violetta. Ela ainda está presa em sua tumba opalescente, seu rosto pacífico na morte, seus braços cruzados sobre o peito. Ela paira ali à minha frente. Estendo a mão para ela. Espero que ela volte à vida.

Mas Violetta não acorda. Minha ansiedade oscila. Neste silêncio esmagador, espero desesperadamente que ela abra os olhos.

Moritas olha para mim de novo. Mal consigo vê-la através da neblina negra e agitada.

*Seu tempo no Submundo ainda não chegou, Adelina*, diz ela. *Ao desistir de seu poder, eu lhe ofereço sua vida de volta.* Ela se vira para Violetta. *Mas o tempo dela no mundo mortal é passado.*

Minha euforia desaparece. Violetta já morreu. Moritas não vai desistir de sua alma. Ela não vai voltar à superfície com a gente.

– Por favor – sussurro, voltando-me para a deusa. – Deve haver algo que eu possa fazer.

Moritas olha para mim com seus silenciosos olhos negros. *Uma alma deve ser substituída por uma alma.*

Para que Violetta viva, devo sacrificar algo que não me dê vantagem.

Para que Violetta viva, devo dar a Moritas minha vida.

*Não.* Eu me afasto, cambaleando para trás. Todas as coisas que tenho visto para o meu futuro, tudo o que posso ter. Penso em Magiano, em rir com ele, nele sorrindo para mim e me puxando para perto. Nunca vou fazer isso de novo, se eu desistir da minha alma. Nunca caminharei pelas ruas com a mão em seu braço ou

ouvindo a música do seu alaúde. Meu coração se torce em agonia. Não vou ver outro nascer do sol, ou outro pôr do sol. Não voltarei a ver as estrelas, ou sentir o vento contra o meu rosto.

Balanço a cabeça. Não posso ficar no lugar da minha irmã.

E ainda assim…

Eu me pego olhando para a figura sem vida dela, selada para sempre. Eu sei, com convicção ardente, que, se Violetta tivesse vindo conosco nesta viagem, nunca hesitaria em oferecer sua vida pela minha.

Eu matei e machuquei. Eu conquistei e saqueei. Fiz tudo em nome dos meus próprios desejos, tenho feito tudo na vida por causa do meu egoísmo. Sempre tomei o que eu queria, e isso nunca me trouxe felicidade. Se eu voltar para a superfície, sozinha, vou me lembrar para sempre deste momento, do momento em que decidi escolher minha própria vida contra a de minha irmã. Isso vai me assombrar, mesmo com Magiano ao meu lado, até a morte. O que vi para mim no meu futuro é um futuro que não posso ter, não com o passado que criei. É uma ilusão. Nada mais.

Talvez, depois de todas as vidas que tomei, minha expiação seja devolver a vida de uma pessoa.

Estendo a mão instintivamente para minha irmã. Levanto-me, caminho para ela através da névoa, e ponho a mão contra o pilar branco-prateado.

Ela abre os olhos.

– Adelina? – sussurra, piscando. E tudo o que eu posso ver à minha frente é a irmãzinha que costumava trançar meu cabelo, que cantava para mim e choramingava debaixo da escada, que enfaixava meu dedo quebrado e vinha a mim quando o trovão rugia lá fora. Ela é minha irmã, sempre, mesmo na morte, mesmo além.

Meu coração se torce novamente quando penso no que estou fazendo, e eu engasgo um soluço. *Ah, Magiano. Vou sentir falta de todos os dias que nunca teremos, todos os momentos que nunca compartilharemos. Perdoe-me, perdoe-me, perdoe-me.*

Abro a boca. Quero dizer a minha irmã que sinto muito, por não ter podido salvá-la nas montanhas, por não tê-la ouvido, por não ter dito a ela mais vezes que eu a amava. Estou pronta para dizer mil palavras.

Mas não digo nenhuma delas. Em vez disso, falo:

– O acordo está feito.

Um leve brilho circunda Violetta. O pilar some. Ela respira fundo, tomando uma grande lufada de ar. Ela está *viva*. Posso até sentir as batidas de seu coração, a vida que isso dá a ela, que a permeia como uma onda, dando cor à sua pele e luz aos seus olhos. Ela balança a cabeça, depois se estica para pegar minha mão enquanto me ajoelho ao lado dela.

– O que aconteceu? – murmura ela. Olha ao redor. Atrás dela paira a forma de Moritas, esperando pacientemente por mim.

*O acordo está feito.*

Violetta puxa minha mão.

– Vamos – diz, seus dedos enrolados firmemente em torno dos meus.

Mas já posso sentir a fraqueza invadindo meu corpo. Meus ombros se curvam. Eu me esforço para inspirar novamente. Ao meu redor, os fios de escuridão, uma vez amarrados ao meu corpo, ancoram profundamente no chão cinzento, e, quando tento empurrá-los, é como se cada um tivesse perfurado minha carne, um milhão de ganchos em um milhão de lugares. A morte já veio para mim.

– Eu não posso – sussurro para ela. – Como assim? – Violetta franze a testa para mim, sem entender. – Aqui, deixe-me ajudá-la – continua, curvando-se para mim, passando um de seus braços ao redor de meus ombros e tentando me erguer. Sua força só intensifica o puxão dos fios, e eu grito quando lanças de dor me atravessam.

– Estou presa aqui, Violetta – murmuro. – É minha barganha com Moritas.

Os olhos de Violetta se arregalam. Ela olha a iminente escuridão ao redor, a imagem imponente de Moritas silenciosamente nos observando. Então Violetta se volta para mim. *Agora* ela entende.

– Você trocou sua vida pela minha – diz. – Você veio aqui por *mim*.

Balanço a cabeça. Não, eu vim aqui por mim. Esse foi meu objetivo desde o começo, me salvar sob o pretexto de salvar o mundo. Passei a vida inteira lutando pelo meu bem-estar e meu poder, destruindo para ter isso. Eu queria viver. *Ainda* quero viver.

Contudo não quero viver como vivi.

Violetta agarra meus ombros. Ela me sacode uma vez, com força.

– Eu estava destinada a ir! – grita. – Eu estava fraca, morrendo. Você é a rainha das Terras do Mar, você tinha tudo à sua frente. Por que fez isso? – As lágrimas brotam em seus olhos. São iguais aos de nossa mãe, tristes e amáveis.

Sorrio para ela, fraca. A escuridão pulsa, esperando por mim, e os fios me amarrando para baixo continuam a puxar.

– Está tudo bem – sussurro, tirando a mão de Violetta do meu ombro e apertando-a na minha. – Está tudo bem, irmãzinha, está tudo bem.

Violetta vira o rosto para Moritas em desespero.

– Devolva-a – diz. Um soluço distorce suas palavras. – Por favor. Não é para ser assim… eu não devo viver. Deixe-a. Não quero voltar ao mundo mortal sem ela.

Mas Moritas apenas fica em silêncio, observando. O acordo está feito.

Violetta chora. Ela baixa os olhos para mim, então enrola seu corpo no meu, puxando-me para ela. Eu estendo a mão e a envolvo em meus braços, e, aqui na névoa, nós nos abraçamos. Minha força diminui; mesmo o ato de me agarrar a Violetta parece exigir todo o meu esforço, mas eu me recuso a soltá-la. As lágrimas rolam pelo meu rosto. Percebo que estou morrendo e me agarro mais apertado a Violetta. *Nunca mais verei a superfície. Nunca mais verei Magiano.* Posso sentir meu coração se partir e eu de repente estou com medo.

*O medo é sua espada.*

– Fique comigo – murmuro. – Só por um tempo.

Violetta assente contra meu ombro. Ela começa a cantarolar uma velha canção, uma canção conhecida, que eu não ouço há muito tempo. É a mesma canção de ninar que eu costumava cantar para ela quando éramos pequenas, a que Raffaele certa vez cantara para mim nas margens de um canal em Estenzian, a história de uma donzela do rio.

– As primeiras Luas de Primavera – ela sussurra. – Você se lembra?

Eu lembro. Era uma tarde ensolarada, e puxei Violetta pelos campos de grama alta e dourada que percorriam a terra atrás de nossa casa. Ela ria, perguntando-

me repetidamente aonde eu a estava levando, mas eu apenas ri e pressionei um dedo nos meus lábios. Segui nosso caminho até chegarmos a um acentuado afloramento de rocha que dominava o centro de nossa cidade. À medida que o sol lançava tons de roxo, rosa e laranja pelo céu, nós rastejamos de barriga até a beira da pedra. Faíscas de cor e luz dançavam nas ruas da cidade abaixo. Era a primeira noite das Luas de Primavera, e os foliões começavam a aparecer. Vimos com prazer os primeiros fogos de artifício iluminarem o céu, estourando em grandes explosões de todas as cores do mundo, o som nos ensurdecendo com sua alegria.

Lembro-me do nosso riso, da forma como demos as mãos, o sentimento não expressado entre nós de que estávamos, por um momento, livres do domínio do nosso pai.

– Irmãs para sempre – declarou Violetta, com sua voz baixa e jovem.

*Até a morte, mesmo na morte, mesmo além.*

– Eu te amo – diz ela, segurando-me ferozmente enquanto minha força morre.

*Eu também te amo*. Eu me inclino contra ela, exausta.

– Violetta – murmuro. Sinto-me estranha, delirante, como se a febre tivesse me envolvido num sonho. As palavras saem, fracas e etéreas, de alguém que me faz lembrar de mim mesma, mas não posso mais ter certeza de que ainda estou aqui.

*Eu sou boa?*, estou tentando perguntar a ela.

Lágrimas caem dos olhos de Violetta. Ela não diz nada. Talvez já não possa me ouvir. Sou pequena neste momento, estou diminuindo. Meus lábios mal conseguem se mexer.

*Depois de uma vida de escuridão, quero deixar para trás algo que seja feito de luz.*

Suas duas mãos cobrem meu rosto. Violetta olha para mim com um ar de determinação, e então me puxa para si e me abraça.

– Você é uma luz – responde gentilmente. – E, quando você brilha, brilha forte.

Suas palavras estão começando a ficar baixas, e ela está começando a desaparecer. Ou talvez seja eu que estou desaparecendo. Os sussurros em minha mente somem agora, deixando meu interior silencioso, mas não sinto falta deles. Em seu lugar, há o calor dos braços de Violetta, a batida do coração que posso ouvir em seu peito, o conhecimento de que ela vai deixar este lugar e voltar para

os vivos.

*Por favor*, sussurro, e minha voz sai tão baixa quanto a de um fantasma. *Diga a Magiano que eu o amo. Diga a ele que sinto muito. Que sou grata.*

– Adelina – diz Violetta, alarmada enquanto continua a desaparecer. A sensação dela está diminuindo. – Espere. Não posso…

*Vá*, digo gentilmente, dando-lhe um sorriso triste. Violetta e eu olhamos uma para a outra até que mal posso vê-la. Então ela desaparece na escuridão, e o mundo ao meu redor se desvanece.

Sinto o chão frio sob minha bochecha. Sinto as batidas do meu coração morrendo. Sobre mim, a figura iminente de Moritas inclina-se para me envolver em seu abraço, cobrindo-me em um manto misericordioso de noite. Eu respiro devagar.

*Algum dia, quando eu não for nada além de poeira e vento, que lendas contarão sobre mim?*

Outra respiração lenta.

Outra.

Um suspiro final.

# Violetta Amouteru

Há uma antiga lenda sobre Compasia e Eratosthenes. Enquanto Violetta se agacha, chorando, sobre a alma moribunda de sua irmã, ela pensa nisso.

Adelina tinha contado essa história quando eram muito pequenas, numa tarde ensolarada nos jardins de sua antiga casa. Violetta se lembra de ouvir contente enquanto trançava os cabelos prateados da irmã, desejando que seu próprio cabelo fosse tão bonito, grata e culpada por não ter que suportar as consequências disso. Há muito tempo, Adelina tinha dito, quando o mundo era jovem, o deus Amare criou um reino de pessoas que ingratamente viraram as costas para ele. Machucado e furioso, Amare invocou o relâmpago e o trovão, e empurrou os mares para afogar o reino sob as ondas.

Mas ele não sabia que sua filha, Compasia, o anjo da Empatia, tinha se apaixonado por Eratosthenes, um menino do reino. Somente Compasia ousou desafiar o Santo Amare. Mesmo quando seu pai afogou a humanidade em suas inundações, Compasia alcançou seu amante mortal e transformou-o em um cisne. Ele voou alto, acima das águas da inundação, acima das luas, e então ainda mais alto, até que suas penas se transformaram em poeira de estrelas.

Todas as noites, quando o mundo estava silencioso e só as estrelas estavam acordadas, Compasia descia dos céus à Terra, e a constelação do Cisne de Compasia se transformava de novo em Eratosthenes; e, juntos, os dois andavam pelo mundo até que o amanhecer os separava outra vez.

Violetta não sabe por que pensa nessa história agora. Mas, como Adelina fez um acordo com Moritas por sua vida, Violetta também se encontra ajoelhada aos pés de Compasia, sua própria deusa, implorando pela irmã que certa vez a expulsara, que a golpeara, que, no entanto, lutara e ferira por ela. Ela encontra-se sonhando com a noite em que estavam juntas, navegando através de um mar e céu de estrelas.

Violetta alinha-se com Compasia, o anjo da Empatia. E ela própria faz um acordo.

Eu sou morte. E através da morte entendo a vida.

*– Carta do General Eliseo Barsanti à sua esposa*

# Adelina Amouteru

Há uma luz pequena e singular em algum lugar ao longe. É brilhante e azul-clara, algo que lembra a cor que eu tinha visto quando entramos no reino imortal através da origem. É a luz da imortalidade, uma luz dos deuses, uma estrela entre bilhões no céu. Percebo que estou ansiando por ela, lutando contra a noite, a fim de alcançar essa faísca de calor. Posso ver, por um momento, o mundo além do nosso, os céus, as estrelas que queimam ao meu lado.

Em algum lugar na escuridão, ouço vozes. São diferentes de todas as vozes que já ouvi – claras como água, poderosas e profundas, tão insuportáveis em sua beleza que tenho medo de que possam me deixar louca. Acho que falam meu nome.

À medida que me aproximo do feixe, ele se divide em várias cores. Vermelho e ouro, âmbar e preto, azul-profundo e verde-pálido de verão. Eles se reúnem em torno de mim em círculos de cor, até que parece que eu estou no chão e as cores me rodeiam em um círculo.

Os deuses.

*Adelina,* um deles diz. Sei que é Compasia, o anjo da Empatia. *Houve outro acordo*.

*Eu não entendo,* respondo. Eles são tão altos, e eu, tão pequena.

Há um sentimento de luz sob meu corpo, de vento e estrelas. A desintegração da minha forma. Então, o céu.

*Você entenderá*.

# Raffaele Laurent Bessette

Há um clarão brilhante de luz, e um zumbido que reverbera para fora da origem. Raffaele cai de joelhos. O mundo gira em torno dele – a neve, os monstros e a floresta se misturam em um só – e, por um momento, ele não pode se mover. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Através de seu olhar borrado, ele vê os monstros parando seus ataques, os corpos curvados, as mandíbulas fechadas, e suas órbitas sem olhos viradas para outro lado. Eles parecem confusos, como se algo tivesse tomado sua energia e os tivesse deixado como cascas vazias. Um deles tropeça para a frente, soltando um gemido baixo. Então cai. Quando faz isso, seu corpo se desintegra em pequenos fragmentos de preto, espalhando-se pela neve como vidro quebrado.

O mesmo acontece com outra criatura, e outra. Os monstros que pareciam imbatíveis agora se desintegram em pedaços. Raffaele olha para baixo, em direção à origem. O feixe de luz – a fusão dos mundos mortal e imortal – desapareceu.

Raffaele respira fundo e tenta organizar seus pensamentos. Tudo parecia um sonho, uma série de acontecimentos pintados sobre tela. O que tinha acontecido? Ele se lembra de cair pelas profundezas de um oceano morto no Submundo, chegando às imensas costas de outro mundo. Havia um número infinito de pilares branco-prateados que se estendiam eternamente no céu cinzento, e uma névoa negra que envolveu tudo ao seu redor, os cachos de neblina se curvando perto de seus pés, antecipando sua morte.

Ele se lembra de ter visto sua mãe e seu pai dormindo, envoltos em pedra da lua. Viu velhos companheiros e amigos da Corte Fortunata. Viu Enzo. Ajoelhou-se aos pés de cada um deles, chorando. Havia a visão de luzes distantes, seus outros companheiros que ele não conseguia alcançar. Os deuses e deusas se reuniram diante dele, com sua luz brilhante e suas vozes esmagadoras.

Acima de tudo, ele se lembra de ter agarrado seu coração e cortado sua conexão com o mundo imortal, devolvendo seu poder aos deuses.

Teria *realmente* acontecido? Raffaele se esforça para se sentar na neve. Ele

estende a mão. Pega apenas o ar frio, e seus dedos nada tocam. Há um vazio em seu peito agora, uma leveza, e quando ele estende a mão para seus fios de energia percebe que eles se foram. É como se uma parte dele tivesse morrido, permitindo que o resto dele vivesse.

O Escuro da Noite está estranhamente silencioso. Tudo o que resta é a neve e a floresta, os restos de criaturas lentamente desaparecendo, afundando em branco. O tempo flutua. Sua visão se aguça. Finalmente, Raffaele encontra força para se levantar. Ao seu redor estão os outros. Ele vê Lucent primeiro, sacudindo a neve de seus cachos, e, ao lado dela, Maeve, apoiando-se em sua espada enterrada na neve. Magiano se agacha, apertando a cabeça. Eles devem estar sentindo o mesmo vazio que Raffaele sente agora, todos tentando em vão alcançar os poderes que sempre tiveram ao alcance da ponta dos dedos. Por instinto, Raffaele estende a mão para sentir suas emoções… Mas tudo o que ele sente é a mordida do frio.

É estranha esta nova realidade.

– Acabou – sussurra Maeve primeiro. Ela fecha os olhos, respira fundo e levanta a cabeça para o céu. Há uma expressão estranha em seu rosto, uma que Raffaele compreende instantaneamente. É um olhar de dor. De paz.

– Onde está Adelina?

É a voz de Magiano agora. Ele olha ao redor freneticamente, tentando encontrá-la. Raffaele franze a testa. Tinha visto Adelina, tinha certeza disso. Seus cabelos prateados, brilhando na neblina negra; seus cílios brancos, o rosto marcado; seu queixo, sempre erguido. Ela estava no Submundo com eles. Raffaele examina a paisagem, um nó apertando em seu estômago, enquanto Magiano chama por ela novamente.

*Lá está ela.*

Há uma menina se mexendo ali perto, seu cabelo é coberto de prata e branco como a neve, e cai em seu rosto. Raffaele sente um alívio imediato ao vê-la – até que ela levanta a cabeça.

Não, não é Adelina. É *Violetta*, com a neve escondendo a cor de seus cabelos escuros. As marcas que haviam manchado sua pele desapareceram, e a cor voltou a suas bochechas. Ela balança a cabeça, piscando, e olha em volta. Seus olhos estão vermelhos de chorar, mas ela está aqui, *viva*.

Raffaele só pode olhar em silêncio. *Impossível*. Como ela veio para cá?

*Onde está Adelina?*

Magiano já se pôs de pé e está abrindo caminho pela neve em direção a ela.

– Violetta – chama ele. Seus olhos estão arregalados, as pupilas dilatadas. Ele parece não acreditar no que está vendo. Então ele a abraça, levantando-a da neve. Violetta faz um som de surpresa. – O que aconteceu? Como você está…?

*Impossível*, Raffaele repete para si mesmo. Como Violetta voltou do Submundo? Ela não se parece com Enzo quando Maeve o trouxe de volta, com poças pretas em seus olhos e uma energia sobre ele que parecia a morte. Não, Violetta parece saudável e viva, até mesmo radiante, como era quando Raffaele a conheceu. Ele quer vibrar, alegrar-se por seu retorno…

… mas a expressão dela lhe diz que é melhor não.

Magiano a põe no chão e a segura pelo braço. Ele franze a sobrancelha para ela.

– Como você está aqui? – pergunta ele. – Onde está Adelina?

Violetta retribui o olhar dele com um ar insuportável em seus olhos. Nesse momento, o sorriso de Magiano vacila. Ele a sacode uma vez.

– Onde está Adelina? – pergunta novamente.

– Ela fez um acordo com Moritas – diz ela finalmente, sua voz falhando.

Magiano franze a testa, ainda sem entender.

– Todos nós fizemos um acordo com Moritas – responde. – Eu estava lá no Submundo… *nós* estávamos lá, com os deuses e deusas. – Ele olha para onde Maeve e Lucent estão, ainda aturdido, e faz uma pausa para erguer a mão. Ele a vira. – Foi como arrancar uma camada do meu coração.

Violetta olha para o céu. Ela não consegue suportar os olhos de Magiano.

– Não – diz. – Adelina trocou sua *vida*.

Mesmo quando a verdade atinge Magiano, ele não ousa dizer isso em voz alta. Em vez disso, todos ficam paralisados na neve, tentando entender o peso das palavras de Violetta, esperando que ela esteja errada e que Adelina de alguma forma saia da floresta e se junte a eles. Mas ela não sai.

Magiano dá um aceno imperceptível com a cabeça, então solta Violetta. Ele

lentamente desliza para se sentar na neve.

A primeira vez que Raffaele viu Adelina foi numa noite de tempestade que mudou sua vida e, de fato, o mundo. Ele se lembra de olhar por uma janela em seu alojamento em Dalia para ver uma menina de cabelos prateados brilhantes, conjurando uma ilusão de escuridão como ele nunca tinha visto. Ele se lembra do dia em que ela chegou ao seu quarto em Estenzian, quando Enzo ainda estava vivo e ela ainda era inocente, e a maneira como olhou para ele com seu olhar incerto e ferido. Ele se lembra de seu teste, e o que ele disse a Enzo naquela noite. Foi há muito tempo. Como ele a julgara mal.

Raffaele olha ao redor da clareira, procurando uma última figura. Ele olha para cima e para baixo, esperando por pegadas na neve ou sombras na margem da floresta. Ele deseja ainda poder sentir a energia dos vivos, identificar onde ela está. Mas, mesmo assim, sabe que chegaria à mesma resposta que os outros.

Adelina se foi.

Depois que ela se foi, prendi sua espada no meu cinto,
passei seu manto sobre meus ombros,
levei seu coração em meus braços, e, de alguma forma, continuei.

- A Jornada dos Mil Dias, *de Lia Navarra*

# Violetta Amouteru

Meu nome é Violetta. Eu sou a irmã da Loba Branca, e sou a que voltei.

É uma viagem tranquila de volta através das passagens de Karra. Raffaele tinha dito que o tempo nos reinos imortais passa de forma diferente do tempo em nosso próprio mundo. O que parecia um relâmpago para nós foram meses para os soldados de Maeve – mas mesmo assim eles ficaram esperando fielmente por ela durante todo esse tempo. Observo enquanto ela sorri e cumprimenta suas tropas, enquanto elas a cumprimentam de volta. Raffaele está com o restante de nós, sua expressão solene e sóbria. Nosso retorno não foi fácil.

Há um espaço vazio entre mim e Magiano que nos aflige muito, um silêncio prolongado que nenhum de nós pode quebrar. Andamos sem falar. Olhamos sem ver. Comemos sem paladar. Quero lhe dizer algo, me aproximar dele nas noites ao redor de nossa fogueira, mas não sei o quê. Que diferença faria? Ela se foi. Tudo o que posso fazer é virar os olhos para o céu, para a frente, procurando minha irmã. O tempo pode ser diferente aqui, mas minha deusa me fez uma promessa. Um acordo nosso. Eu procuro e busco nos céus até que o sono me reivindique, até que eu possa procurar novamente na noite seguinte, e na seguinte. Magiano me observa em silêncio quando faço isso. Porém, não pergunta o que eu estou procurando e não suporto dizer a ele. Tenho medo de aumentar suas esperanças.

Uma meia-noite estrelada, quando finalmente começamos nossa viagem de volta a Kenettra, encontro Magiano sozinho no convés, com a cabeça inclinada. Ele se move, então olha para longe enquanto eu me aproximo.

– O navio está muito quieto – murmura, como se eu tivesse perguntado por que ele está acordado. – Preciso de algumas ondas para dormir direito.

Eu balanço a cabeça.

– Eu sei – respondo. – Você está procurando por ela também.

Ficamos de pé por um momento, olhando para as estrelas espelhadas nos

mares calmos. Eu sei por que Magiano não olha para mim. Eu o lembro dela.

– Eu sinto muito – sussurro, depois de uma longa pausa.

– Não sinta. – Um sorriso pequeno e triste toca seus lábios. – Ela escolheu.

Eu me afasto dele para estudar as constelações de novo. Elas estão particularmente brilhantes esta noite, visíveis mesmo quando as três luas pendem em um triângulo grande e dourado. Encontro o Cisne de Compasia, a delicada curva de estrelas que se destacam na escuridão como uma lanterna. Eu me ajoelhei aos pés da minha deusa, implorando com uma voz sufocada pelas lágrimas, e ela me fez uma promessa. Não fez? *E se nada disso for real? E se eu tiver sonhado?*

Então, Magiano se endireita ao meu lado. Seus olhos se concentram em algo distante.

Eu também olho. E finalmente vejo o que eu estava esperando.

Lá, proeminente no céu… está uma nova constelação. É composta de sete estrelas brilhantes, alternado azul e laranja-avermelhado, formando um delgado par de voltas que se alinham com Cisne de Compasia.

Minhas mãos cobrem minha boca. Lágrimas brotam em meus olhos.

Quando Compasia teve piedade de seu amante humano, ela o salvou do mundo afogando e o pôs no céu, onde ele se tornou poeira de estrelas.

Quando Compasia teve pena de *mim*, ela se inclinou para dentro do Submundo, tocou o ombro de Moritas, e lhe pediu perdão. Então Compasia tomou minha irmã em seus braços e a pôs no céu, onde ela, também, virou poeira de estrelas.

Magiano olha para mim, os olhos arregalados. Parece que, de alguma forma, ele já sabe.

– Minha deusa me fez uma promessa – sussurro.

Só agora percebo que nunca o vi chorar antes.

Nas histórias, Compasia e seu amante humano desciam todas as noites das estrelas para andar pelo mundo mortal, antes de desaparecer com o amanhecer. Então, juntos, olhamos para o céu, esperando.

Ao longo de alguns meses, a cor dos brilhantes olhos dourados de Magiano se torna mel. Suas pupilas permanecem redondas, imutáveis. Os fios de safira de Raffaele se tornam pretos como corvos, misturando-se ao resto do cabelo. Seus olhos em tons de joia, um da cor do mel sob a luz do sol, viram um par idêntico de verde-esmeralda. O cabelo de Maeve, metade preto e metade dourado, gradualmente se torna um louro-claro. As unhas de Michel, antes listradas profundamente de preto e azul, mudaram para a cor da carne. Os olhos de Sergio passam de cinza para castanhos. E as linhas escuras que circulavam o braço de Lucent desbotam, mais e mais claras, até que um dia desaparecem por completo.

Os Jovens de Elite foram o raio de luz num céu tempestuoso, a escuridão fugaz antes do amanhecer. Nunca existiram, nem jamais existirão novamente. Em Estenzian, Kenettra e no resto do mundo, os últimos toques da febre do sangue e do mundo imortal desaparecem, deixando pouca diferença entre os marcados e os não marcados. Mas não se pode realmente esquecer. Eu posso ouvi-lo em nossas vozes, o som de uma outra era, as memórias de tempos mais sombrios, quando o poder imortal andou no mundo.

Seis meses depois de regressarmos a Kenettra, quando o crepúsculo cai sobre o dia, paro nos jardins do palácio para ver Magiano balançando dois pacotes de lona sobre a parte traseira de um cavalo. Ele faz uma pausa quando me vê. Depois de uma breve hesitação, inclina a cabeça.

– Vossa Majestade – diz ele.

Cruzo as mãos na minha frente e me aproximo dele. Eu sabia que esse dia chegaria, embora não pensasse que ele iria embora tão cedo.

– Você pode ficar, você sabe… – começo a dizer, sabendo que minhas palavras serão em vão. – Haverá sempre um lugar para você no palácio, e as pessoas o amam. Se há algo que você queira, diga-me, e será seu.

Magiano ri um pouco e balança a cabeça. As faixas de ouro em suas tranças tilintam musicalmente.

– Lucent já voltou a Beldain com sua rainha. Talvez seja minha vez agora.

*Lucent*. Do outro lado dos oceanos, a rainha Maeve decretou que sua sucessora seria sua sobrinha, a filha recém-nascida de seu irmão Augustine. Assim, finalmente, ela estava livre para se casar com Lucent, devolvendo a Caminhante do Vento à sua pátria-mãe, que a tinha exilado por tanto tempo.

– Sempre fui um vagabundo – acrescenta Magiano no silêncio. – Eu fico impaciente aqui no palácio, mesmo em tão boa companhia. – Ele faz uma pausa, e seu sorriso amolece. – É hora de partir. Há aventuras esperando por mim.

Vou sentir falta do som de seu alaúde, de sua risada fácil. Mas não tento persuadi-lo a ficar. Sei de quem ele sente falta, de quem nós dois sentimos; eu o vi caminhando sozinho no jardim ao pôr do sol, empoleirado nos telhados à meia-noite, de pé no cais ao amanhecer.

– Os outros… Raffaele, Sergio… eles vão querer vê-lo antes de partir – digo.

Magiano acena com a cabeça.

– Não se preocupe. Vou me despedir. – Ele estende a mão e a coloca no meu ombro. – Você é boa, Majestade. Imagino que Adelina poderia ter governado como você, em uma vida diferente. – Ele estuda meu rosto, como costuma fazer agora, procurando um vislumbre de minha irmã. – Adelina gostaria de vê-la carregando essa tocha. Você será uma boa rainha.

Abaixo a cabeça.

– Tenho medo – admito. – Ainda há muita coisa partida, e tanto para consertar. Não sei se consigo fazer isso.

– Você tem Sergio ao seu lado. Você tem Raffaele como conselheiro. É uma equipe formidável.

– Para onde você vai? – pergunto.

Com isso, Magiano abaixa a mão e vira os olhos para o céu. É um hábito agora que meus olhos também se voltem para o céu instintivamente, para onde as primeiras estrelas começaram a surgir.

– Eu vou segui-la, é claro – diz Magiano. – Conforme o céu noturno se mover. Quando ela aparecer do outro lado do mundo, eu estarei lá, e, quando ela voltar aqui, eu também voltarei. – Magiano sorri para mim. – Esta despedida não é para sempre. Verei você de novo, Violetta.

Eu retribuo seu sorriso, então dou um passo adiante e passo os braços em volta de seu pescoço. Nós nos abraçamos apertado.

– Até a volta, então – sussurro.

– Até a volta.

Então nos separamos. Deixo Magiano sozinho para se preparar para a viagem, com as botas já viradas na direção em que a constelação de Adelina aparecerá no céu. Espero que, quando ele voltar, ela volte com ele, e possamos nos ver outra vez.



A lenda é contada por reis e vagabundos, nobres e camponeses, caçadores e fazendeiros, os velhos e os jovens. A lenda vem de todos os cantos do mundo, mas não importa onde seja contada, a história é sempre a mesma.

Um garoto a cavalo, vagando à noite, nos bosques, nas planícies ou ao longo das margens. O som de um alaúde flutua no ar da noite. No alto estão as estrelas de um céu claro, uma luz tão brilhante que ele estende a mão, tentando tocá-las. Ele para e desce do cavalo. Então espera. Espera até exatamente à meia-noite, quando a mais nova constelação no céu aparece.

Se você está em silêncio e não desvia o olhar, pode ver a estrela mais brilhante da constelação cada vez mais forte. Ela se ilumina até que ofusca todas as outras estrelas no céu, até que parece tocar o chão, e então o fulgor se vai, e em seu lugar está uma garota.

Seu cabelo e cílios são pintados de prata e uma cicatriz cruza um lado de seu rosto. Ela se veste com sedas das Terras do Mar e um colar de safira. Alguns dizem que, uma vez, ela tivera um príncipe, um pai, uma sociedade de amigos. Outros dizem que ela já foi uma rainha má, uma criadora de ilusões, uma jovem que trouxe a escuridão sobre as terras. Outros, ainda, dizem que uma vez teve uma irmã, e que ela a amava muito. Talvez tudo isso seja verdade.

Ela caminha até o garoto, inclina a cabeça para ele e sorri. Ele se inclina para beijá-la. Então a ajuda a subir no cavalo, e ela cavalga com ele para um lugar distante, até que não podem mais ser vistos.

Estes são apenas rumores, é claro, não mais do que uma história para ser contada ao redor da fogueira. Mas é *contada*. E assim eles vivem.

– *A Estrela da Meia-Noite*, um conto popular

# Agradecimentos

Frequentemente me perguntam se Adelina foi inspirada em alguém, e sempre fico um pouco envergonhada de admitir que – embora Adelina e eu tenhamos circunstâncias de vida muito diferentes – ela é absolutamente inspirada em mim mesma. Minhas histórias são todas um pedaço de quem eu fui e quem eu sou. São o que lamento ser, o que me orgulho de ser, e como quero ser mais. Então Adelina sou eu. Ela é uma lembrança de todas as vezes que fiquei irritada ou triste, amarga ou desiludida, e todas as vezes que as melhores pessoas em minha vida me tiraram disso com paciência e bondade.

Não vou mentir – essa série foi de longe a coisa mais difícil que já escrevi. Quero agradecer às muitas pessoas na minha vida que me ajudaram neste caminho, profissional e pessoalmente:

A minha agente e campeã, Kristin Nelson – obrigada por viajar sempre ao meu lado, desde aquela primeira conferência de escritores há muitos anos! Adelina não existiria na sua forma final sem a sua intervenção precoce; sou eternamente grata por conhecer você. Ao meu incrível editor e amigo Jen Besser, obrigada por sempre orientar minha garota Adelina, mesmo em seus momentos mais sombrios. Você é uma inspiração em mil sentidos. Para Kate, editora extraordinária, não posso exagerar o quanto estou grata por toda a sua atenção e percepção! Para a minha copidesque genial Anne, você é o oposto de Jon Snow – você sabe tudo, especialmente como colocar um sorriso no meu rosto. Para Marisa, não sei como você sempre consegue fazer tanto, mas você faz, e eu não posso lhe agradecer o suficiente por isso. Às inimitáveis, incansáveis e poderosas equipes Putnam, Penguin e Speak, minhas editoras internacionais, minha maravilhosa, *maravilhosa* agente de cinema Kassie Evashevski, meu incrível produtor Isaac Klausner e a equipe Temple Hill, a comunidade de livrarias e bibliotecários e professores e todos os que levam histórias a tantas mãos quanto possível, que lutam todos os dias para derrubar as barreiras: obrigada. Eu devo a vocês mais do que posso dizer.

Obrigada, querida Amie, por ler os primeiros rascunhos deste livro e por ser

uma amiga incrível, sempre, sem questionar. Onsenmosis!! Para JJ, meu primeiro amigo de escrita, sou eternamente grata por seu incentivo, sua inteligência e seu jeito incrível. Para Tahereh e Ransom, obrigada por seu riso e calor, pelos encontros temáticos e pela bondade infinita. Para Leigh: algumas pessoas simplesmente iluminam o ambiente, e você é assim; obrigada por sempre saber exatamente como me animar e me fazer rir. Para Cassie, Holly, Sarah, e Ally: lembro-me de lutar com as águas enlameadas deste projeto junto com todas vocês, e sou eternamente grata por sua ajuda, sabedoria, perspicácia, e hilariante sagacidade (e dramas coreanos). A Sandy… acho que você deve ter visto o *primeiro* rascunho dos *Jovens de Elite*; obrigada por todas aquelas primeiras palavras (e por ser incrível). Para Kami, Margie e Mel: vocês definem o bem neste mundo. Tenho muito orgulho de conhecer todas vocês, e sou inspirada por vocês todos os dias.

A meu marido, Primo: eu te amo por cada momento maravilhoso. Para minha mãe, Andre, e minha família, por seu apoio e amor. Para os meus amigos, sem os quais eu não sei o que faria. Eu me lembro a cada momento como tenho sorte.

Finalmente, aos meus leitores: muito, muito, muito obrigada por me acompanharem nessa viagem, e pelo presente de contar histórias para vocês.

Título original
THE MIDNIGHT STAR
THE YOUNG ELITES NOVEL

*Copyright* © 2016 *by* Xiwei Lu

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico
ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem
e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com a
G.P. Putnam's Sons, uma divisão da Penguin Young Readers Group,
um selo da Penguin Group (USA) LLC, uma empresa da Penguin Random House Company.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8o andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
SOFIA SOTER

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

MARIA FERNANDA SLADE

Edição digital: agosto, 2017.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são
produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma ficcional, e qualquer
semelhança com pessoas reais, vivas ou não, empresas comerciais,

companhias, eventos ou locais é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L949e

Lu, Marie

A estrela da meia-noite [recurso eletrônico] / Marie Lu ; tradução Rachel Agavino. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2017.

recurso digital (Jovens de elite ; 3)

Tradução de: The midnight star: the young elites novel

ISBN 978-85-7980-350-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Agavino, Rachel. II. Título III. Série.

16-38649 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

# A Autora

Marie Lu nasceu na China e mudou-se ainda criança com a família para os Estados Unidos. Formou-se na Universidade do Sul da Califórnia e começou a trabalhar como programadora na indústria de videogames. Hoje é escritora em tempo integral. Nas horas vagas, gosta de ler, desenhar e jogar *Assassin's Creed*. Ela mora em Los Angeles, na Califórnia, com o namorado, um Chihuahua sem pedigree e dois cachorrinhos da raça Welsh Corgi Pembroke.

*Leia também de Marie Lu*

JOVENS DE ELITE

SOCIEDADE DA ROSA

LEGEND

PRODIGY

CHAMPION